

NOTICIÁRIO

# TORTUGA

EDIÇÃO 454 . ANO 53 . NOV/DEZ 2007

2008

## 2007, o ano de MUDANÇAS



Guido Gatta,  
uma vida dedicada à Tortuga

Exclusivo: Entrevista com  
Reinhold Stephanes

Exemplos de sucesso  
no Oeste da Bahia

05

06

## EDITORIAL

## Realizações e mudanças – para melhor!

2007 foi, sem dúvida, um ano de muitas conquistas para a Tortuga. Conquistas, inovações e trabalho. Os valores que acompanham a empresa há 53 anos foram renovados, fortalecidos.

Nas páginas seguintes, mostramos um pouco do que realizamos neste ano e damos uma pequena idéia do que há por vir em 2008.

Também aproveitamos a última edição do ano do Noticário Tortuga para fazer uma justa, não, justíssima homenagem a um pioneiro, que com muito suor e empenho ajudou a construir a nossa empresa: Guido Gatta.

Este ano também marca a reformulação deste Noticário Tortuga. Aliás, foi sua segunda grande mudança. A primeira ocorreu quando ele deixou de ser encarte da Revista dos Criadores e ganhou autonomia.

Agora, além do formato, o Noticário Tortuga conta com novas seções, como a de "Casos" e aquela que reverencia pioneiros e colaboradores que se destacaram na Tortuga através dos tempos. É o caso do Guido Gatta.

Faz parte deste novo Noticário Tortuga a inserção de reportagens e matérias que influenciaram fortemente os diversos segmentos da pecuária brasileira, em diferentes momentos. A publicação está, assim, ajudando a contar a história do campo.

Outra característica da revista é a publicação de Especiais, que contemplavam as peculiaridades regionais. Finalizada essa etapa, o Noticário Tortuga volta à sua linha tradicional, cuja vocação sempre foi e é levar aos pecuaristas, técnicos e estudantes informações atualizadas sobre genética, nutrição, sanidade, manejo e administração, além de temas como agronegócio, meio ambiente, bem-estar animal e legislação rural, entre outros.

Somando-se a tudo isso, voltamos a publicar o Noticário Tortuga, em espanhol, para os clientes do Paraguai.

## Caros amigos da Tortuga,

Mais um ano chega ao fim. E este, particularmente, nos dá uma incrível sensação de dever cumprido e satisfação. Em 2007, muitas foram as conquistas da Tortuga, incluindo premiações por desempenho e certificação por qualidade. Sem contar os novos produtos, as pesquisas, os investimentos...

Dois prêmios, em particular, nos enchem ainda mais de orgulho. Especialmente porque eles foram dados por vocês, que reconhecem a Tortuga como uma das melhores empresas para trabalhar!

Espero que gostem dessa última edição de 2007 e que estejam conosco também no Ano Novo.

Boa leitura,

**MAX FABIANI**  
Presidente da Tortuga



## CARTAS &amp; E-MAILS

## Televisão

A reportagem Paixão Univetelisa, publicada na edição 452 do Noticário Tortuga, virou matéria da Rede Globo de Televisão. Equipe do canal EPTV Sul de Minas (Globo - Varginha) esteve na fazenda de Valdir Gonçalves Teixeira e dona Aida, produzindo matéria sobre os irmãos Ricardo e Leonardo.

**EDUARDO VALIAS**

Supervisor técnico-comercial

São Gonçalo do Sapucaí (MG)

## Qualidade editorial 1

Sou zootecnista e leitor assíduo do Noticário Tortuga e gostaria de parabenizá-los pela excelente qualidade das matérias veiculadas. É dizer da minha satisfação pela ênfase dada por essa empresa aos profissionais da zootecnia, colocando a categoria no devido lugar de destaque na pecuária, perante a sociedade brasileira. Um grande abraço e muito sucesso.

**CARLOS ROBERTO RIBEIRO LEAL**  
Barra de Santa Rosa (PB)

## Qualidade editorial 2

Gostaria de parabenizar pelas ótimas reportagens do Noticário Tortuga de forma técnica e ampla. Espero sempre receber a revista para melhor recomendar aos pecuaristas e levar a maneira correta do manejo.

**ENDERSON JANEY DE O. SOARES**  
Uberlândia (MG)

## Qualidade editorial 3

Venho parabenizá-los pelo excelente trabalho e informações que vocês fornecem ao produtor rural por meio do Noticário Tortuga e dos produtos da empresa. Todos são ótimos para o produtor e para os seus animais. Quanto ao material e reportagens do Noticário, estão cada vez melhor.

**IDERALDO L. FERREIRA**  
Lavras (MG)

## Ajuda importante

Gostaria de parabenizá-los pelo excelente trabalho da Tortuga. Sou professora de avicultura numa escola agrícola e sempre recomendo este Noticário para consulta e leitura aos meus alunos. Fiquei encantada com o artigo "Capacitação para valorizar os profissionais" e me interessei em conhecer as granjas Santa Maria, do Espírito Santo.

**ANA JULIA R. DO SACRAMENTO**  
Pitangui (MG)

## MERCADO

	Dezembro 2006	Dezembro 2007
Boi Gordo (@)	R\$ 52,49	R\$ 76,89
Suíno (@)	R\$ 40,50	R\$ 52,00
Frango Vivo (kg)	R\$ 1,20	R\$ 1,65
Ovos Bco Ext. (30 dz)	R\$ 38,70	R\$ 41,70
Leite B (litro)	R\$ 0,56	R\$ 0,78
Leite C (litro)	R\$ 0,49	R\$ 0,71
Milho (saca)	R\$ 21,00	R\$ 29,50
Soja (saca)	R\$ 29,80	R\$ 42,00

Fonte: Canal Tortuga. Preço ao produtor: Base São Paulo. US\$ = R\$ 1,76



EDIÇÃO 454  
NOV/DEZ 2007

### Boi Gordo (dólares por arroba)

	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007
JAN	23,03	24,11	20,13	23,28	20,98	18,94	16,28	21,01	21,93	22,02	25,07
FEV	23,84	23,95	16,95	22,53	20,00	19,17	16,15	19,74	22,77	23,72	26,06
MAR	24,60	24,25	17,15	22,10	19,15	18,75	16,53	20,30	21,85	23,83	27,49
ABR	24,52	24,10	18,59	21,62	19,40	18,53	18,11	20,65	22,09	23,94	27,48
MAI	24,41	23,08	18,12	20,48	17,85	16,93	18,20	19,71	22,84	22,58	29,23
JUN	24,20	23,38	17,28	21,56	17,47	15,84	18,72	19,81	22,82	21,33	30,07
JUL	24,99	23,68	18,60	21,96	17,00	14,63	19,44	20,10	22,78	24,60	32,11
AGO	24,37	23,90	17,53	23,21	17,43	16,07	19,65	21,17	22,45	26,92	30,11
SET	24,23	25,40	18,70	21,20	16,09	15,26	20,52	20,76	22,72	28,55	35,07
OUT	25,45	23,56	20,31	23,16	17,51	14,71	20,96	21,00	25,27	26,85	34,07
NOV	24,38	24,30	21,76	21,56	18,08	16,49	20,94	22,66	25,79	24,83	37,72
DEZ	25,13	23,64	22,59	20,88	19,04	16,25	22,05	22,05	22,80	24,66	43,19

## NESTA EDIÇÃO

04 ENTREVISTA COM O MINISTRO  
REINHOLD STEPHANES

06 HOMENAGEM A GUIDO GATTA

08 O ANO DA TORTUGA

18 O BALANÇO DAS ATIVIDADES  
PRODUTIVAS

02 EDITORIAL

02 CARTAS & E-MAILS

03 MERCADO

26 QUALIDADE

30 FOCO

32 PANORAMA

32 TECNOLOGIA

### NOTICÁRIO

## TORTUGA

Noticiário Tortuga é o veículo de comunicação oficial de Tortuga Cia. Zootécnica Agrária, publicado desde 1954.

#### COORDENAÇÃO TÉCNICA

Paulo César de Macedo Martins (CRMV-MG 1431)

#### PRODUÇÃO EDITORIAL

Texto Assessoria de Comunicações

JORNALISTA RESPONSÁVEL

Altair Albuquerque (MTB 17.291)

#### EDITOR

Márcio Mingardo

#### REDAÇÃO

Victor Hugo Alves e Vivian Sousa

#### COLTOS

Texto Assessoria de Comunicações

#### Arquivo Tortuga

#### DEGRAMAÇÃO

Ronaldo Albuquerque

TRABALHO 30 MIL EXEMPLARES

#### Fale com a Redação:

E-MAIL: IMPRENSA@TEXTOSASSessorIA.COM.BR

TELEFONE: (11) 2198-1488



NUTRIÇÃO E SAÚDE ANIMAL

TORTUGA CIA. ZOOTÉCNICA AGRÁRIA  
AV. BRIG. FARIA LIMA, 2.066 - 1º ANDAR  
SÃO PAULO (SP) - CEP 01452-905  
TELEFONE: (11) 2117-7900 - FAX: (11) 3816-6122  
E-MAIL: NOTICIARIO@TORTUGACOM.BR  
SAC: 0800 011 6262  
[www.noticiariotortuga.com.br](http://www.noticiariotortuga.com.br)

## ENTREVISTA

## “Conjuntura é favorável para as CARNES BRASILEIRAS EM 2008”

*Reinhold Stephanes, ministro da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, festeja o final de 2007, “um ano de recuperação de muitas commodities agrícolas, em especial das carnes”. O desafio, ele diz, é manter as mesmas condições em 2008. Mas, os indicadores mais importantes apontam para cenário de bons preços e fortalecimento das exportações das proteínas animais. Nesta entrevista exclusiva ao Noticiário Tortuga, Stephanes faz um panorama do ano que se encerra e aponta os caminhos para os próximos meses.*

**Noticiário Tortuga** – O agronegócio brasileiro encerra 2007 com crescimento expressivo em setores importantes, tanto da produção animal quanto na agricultura. Que análise o senhor faz do ano?

**Reinhold Stephanes** – 2007 foi um ano bom, que fica marcado principalmente pelo crescimento da produção em diversos setores do agronegócio nacional e, o que é mais importante, muito deles registrando incremento nos seus índices de produtividade. O clima ajudou bastante, os preços no mercado internacional registraram importante melhora e, como consequência, elevaram-se também as cotações das commodities no mercado interno. A única preocupação no que tange à produção recai sobre o baixo volume de chuvas registrado em algumas regiões produtoras, decorrência do fenômeno La Niña, o que atrasou a estação de monta na pecuária de corte, por exemplo. De maneira geral, salvo a questão climática, os indicadores macroconjunturais mostram cenário positivo para 2008, com estabilidade de preços e demanda crescente. Alguns aspectos, entretanto, continuam preocupando o governo, como o endividamento do produtor rural, questão que precisa ser melhor equacionada. Mas, de uma maneira geral, as coisas estão indo muito bem.

**Noticiário Tortuga** – Se olharmos retrospectivamente, os últimos anos foram de verdadeiro calvário para a pecuária brasileira, que enfrentou uma das mais sérias

crises da história. Já em 2007 o cenário foi melhor, com o boi gordo se valorizando, as exportações crescendo e o criador animado e apostando no futuro. A que o senhor atribui essa reviravolta na atividade?

**Reinhold Stephanes** – Em primeiro lugar, o Brasil está abrindo cada vez mais suas fronteiras comerciais para mercados no mundo inteiro. Mais do que isso, está conseguindo convencer o consumidor de que a carne produzida nas fazendas brasileiras tem qualidade e segurança alimentar. Além disso, o mundo está demandando mais proteína animal. Países que até há pouco tempo não entravam nas estatísticas de consumo hoje já registram participação importante. O aumento do nível de renda da população mundial está levando à expansão do consumo de carnes em geral. Isso é excelente para nós. Veja os resultados das exportações do complexo carnes, chegando a US\$ 12 bilhões/ano, um recorde fantástico. Além disso, a alta nos preços dos principais insumos está tornando a produção animal, em países que trabalham basicamente com regime intensivo, cada vez mais onerosa. O Brasil tem custo de produção baixo, pois produz o “boi verde” e tem avicultura e suinocultura altamente tecnificadas. Confio que o mercado vai se firmar ainda mais e continuar com bons patamares de crescimento.

**Noticiário Tortuga** – A suinocultura também voltou a crescer em 2007, puxada pela retomada das exportações. O Brasil tem condições de tornar-se um player

ainda mais importante no mercado internacional? Que condições internas favorecem o nosso país?

**Reinhold Stephanes** – O ano não começou muito bem para a produção de suínos, fato que, felizmente, foi revertido no decorrer do ano. No balanço de 2007, pode-se dizer que o resultado foi positivo e com novas perspectivas se abrindo, o que é muito bom para o País. O mercado russo, que já é o maior importador de carnes do Brasil, deverá importar ainda mais carnes de suínos em decorrência da recente reabertura das exportações. Além disso, temos a China, outro mercado de potencial gigantesco, que, apesar de também ser exportadora de carnes suína e a maior produtora do mundo, enfrenta problemas com a oferta interna. Enviamos uma missão à China para discutir esse assunto e ver se ela se abre para o suíno brasileiro. Ao mesmo tempo, estamos abrindo diálogo com Japão e México. Olhando para dentro da cadeia produtiva brasileira, não existe país no mundo que reúna as condições favoráveis do Brasil. São vários os fatores que contribuem para o sucesso da produção, como clima, água e infra-estrutura, que são extremamente eficientes e respondem com muita rapidez. Nos casos específicos dos setores de aves e suínos, o que mais auxilia é a integração da cadeia, pois produzimos desde os insumos básicos até os produtos finais.

**Noticiário Tortuga** – A avicultura é uma atividade pujante, cujos resultados em

produção, consumo e exportação têm sido espetaculares. Qual sua projeção para a atividade no cenário global de valorização das carnes magras?

**Reinhold Stephanes** – De fato, a cadeia de produção avícola é muito mais dinâmica. A demanda é maior, ela se adapta com muita rapidez e até certo ponto é mais fácil de ser administrada. No que se refere ao consumo mundial da carne de frangos, os indicadores apontam para um futuro bastante promissor, com crescimento espetacular. A tendência é que a atividade continue crescendo muito. Existe interesse mundial pela carne de frango, por ser barata, boa e saudável.

**Noticiário Tortuga** – O Brasil conquistou o reconhecimento da OIE, sobre localidades na região Norte, mais precisamente nos Estados do Pará, Rondônia, Acre e Amazonas, como área livre de febre aftosa com vacinação. A Rússia acaba de retomar as importações de carne suína e bovina do Brasil. Qual sua análise sob o aspecto sanitário da produção animal brasileira?

**Reinhold Stephanes** – O Brasil exporta carne para 180 países espalhados pelos cinco continentes. Muitos desses países são extremamente exigentes, como é o caso dos mercados da União Europeia, Estados Unidos e a própria Rússia, que exigem carnes com padrão de qualidade e segurança alimentar muito elevados. Forçado por regras cada vez mais rígidas de controle sobre a produção agropecuária, o Brasil tem não só se adaptado às normativas, como tem melhorado muito sua capacidade de se adequar ao mercado mundial. No controle sobre os focos de febre aftosa, tivemos avanço extraordinário e acredito que, dentro de poucos anos, nosso país terá condições de atender qualquer mercado, com qualquer tipo de exigência. Não existe nenhum fato relatado, em qualquer um dos países para os quais a carne brasileira é exportada, de inconvenientes causados por problemas de contaminação.

**Noticiário Tortuga** – Qual sua avaliação da visita da missão europeia que esteve no Brasil em novembro e dos últimos ajustes em termos de rastreabilidade, trânsito de animais e abate de bovinos?

**Reinhold Stephanes** – O modelo de rastreabilidade imposto ao Brasil é baseado nas condições de criação de países de clima temperado e, por isso, o sistema tem mais dificuldades de ser implantado aqui. Agora,

já que é uma exigência do mercado, o produtor brasileiro tem de se adequar. Na prática, isso significa que só fará parte do mercado externo quem tiver capacidade de se organizar e atender às exigências. Só para se ter uma idéia da necessidade de se controlar a produção, em 2007 estiveram no Brasil representantes da Rússia, China e União Europeia, consumidores históricos da carne brasileira, mas que nos últimos anos, por motivos diversos, mostraram insatisfação com o nosso produto. O saldo das visitas é extremamente positivo. Das três missões, apenas os europeus ainda mantêm restrições, por conta, justamente, da rastreabilidade e da Guia de Trânsito Animal (GTA). E isso vale para todos os participantes da cadeia de produção, da agroindústria – que terá de agir conforme pedem os protocolos de gestão da produção – ao pecuarista, que precisa manter controle total sobre a fazenda com ferramentas de acompanhamento eletrônico sobre identificação e rastreabilidade animal. Ele terá de emitir registros dos animais e guia de trânsito eletrônico, provando que os dados são de acordo com o Sisbov.

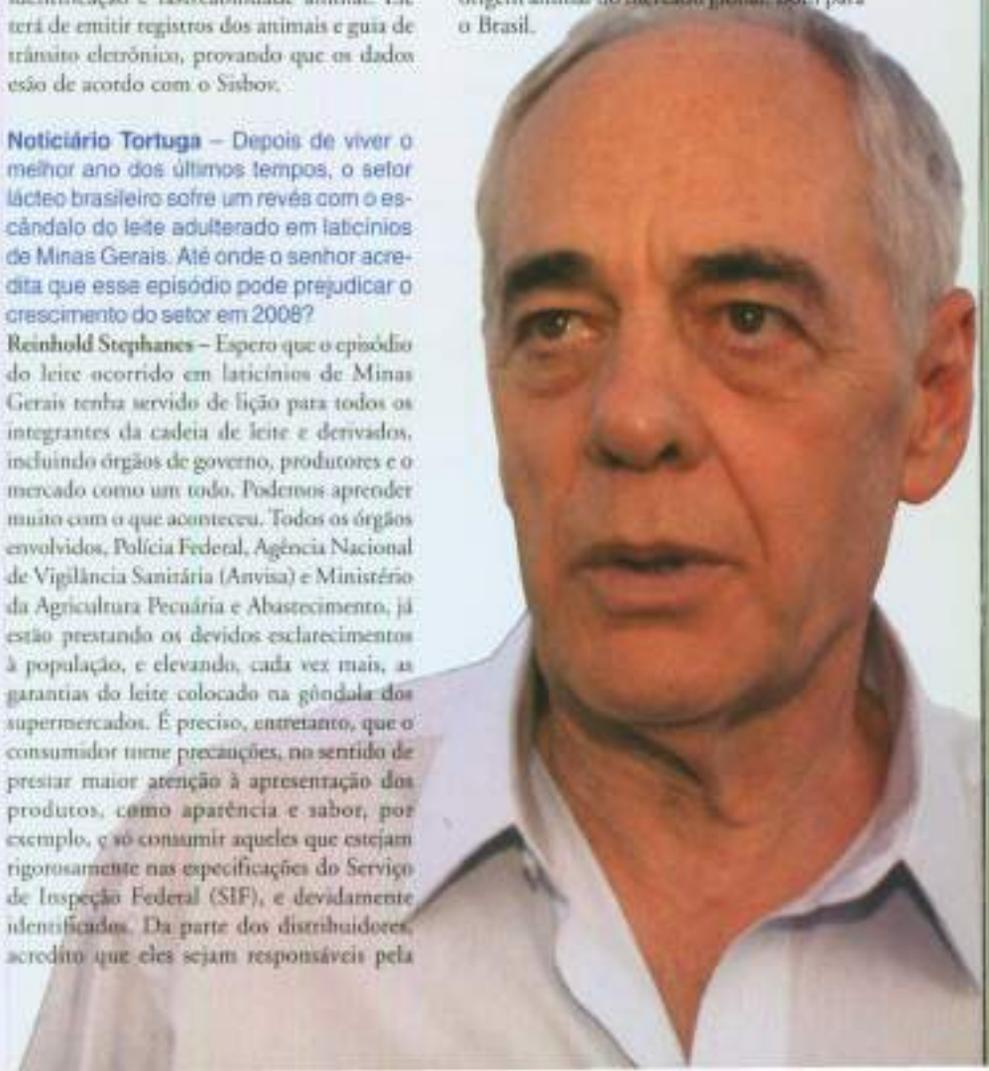
**Noticiário Tortuga** – Depois de viver o melhor ano dos últimos tempos, o setor lácteo brasileiro sofre um revés com o escândalo do leite adulterado em laticínios de Minas Gerais. Até onde o senhor acredita que esse episódio pode prejudicar o crescimento do setor em 2008?

**Reinhold Stephanes** – Espero que o episódio do leite ocorrido em laticínios de Minas Gerais tenha servido de lição para todos os integrantes da cadeia de leite e derivados, incluindo órgãos de governo, produtores e o mercado como um todo. Podemos aprender muito com o que aconteceu. Todos os órgãos envolvidos, Polícia Federal, Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) e Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento, já estão prestando os devidos esclarecimentos à população, e elevando, cada vez mais, as garantias do leite colocado na gôndola dos supermercados. É preciso, entretanto, que o consumidor tome precauções, no sentido de prestar maior atenção à apresentação dos produtos, como aparência e sabor, por exemplo, e só consumir aqueles que estejam rigorosamente nas especificações do Serviço de Inspeção Federal (SIF), e devidamente identificados. Da parte dos distribuidores, acredito que eles sejam responsáveis pela

qualidade do produto colocado no varejo, sob pena de sofrer as sanções do Código de Defesa do Consumidor. Enfim, é preciso que toda a cadeia ofereça melhores garantias. Agora, foi um ano bom, porque o mesmo movimento que levou para cima o preço dos demais produtos do agronegócio ajudou a elevação dos preços do leite e dos derivados lácteos.

**Noticiário Tortuga** – As exportações de proteínas animais nunca tiveram desempenho tão positivo como em 2007. O que esperar de 2008 sob a ótica do mercado externo?

**Reinhold Stephanes** – Se houver produção disponível, certamente o volume de exportação será crescente. Isso pelo fato de a demanda mundial por proteínas animal estar aquecida e continuar crescendo, motivada pelo aumento de renda em países emergentes, além da própria carência de produtos de origem animal no mercado global. Bom para o Brasil.



HOMENAGEM

*Uma vida dedicada à*

# TORTUGA



*Guido Gatta deixou a empresa há pouco mais de um ano. Mas é inesquecível. Suas histórias, sua vivência, sua experiência e seus feitos ajudaram a construir a imagem e a força da Tortuga. Ele é um exemplo.*

*Apreciar um bom vinho, viajar quando dá vontade – de preferência, longe dos feriados –, curtir os filhos e os netos, comer uma boa música, fazer ginástica para manter a forma, namorar quando dá vontade. A combinação dessas coisas parece (e é) a recompensa ideal para quem já escalou muito suor, enfrentou jornadas sofridas e pesadas e conquistou tudo, ou quase tudo, o que a vida pode oferecer de bom.*

*Am 75 anos de idade, Guido Gatta é um guerreiro em descanço. E com razão. Afinal, ele já fez muito na vida. Somente de Tortuga, foram 52 longos anos. “Longa vida, passaram assim, ô”, diz sorridente.*

*O sorriso largo e fácil, aliás, é uma característica que o acompanha desde sempre. Mas que a fala mansa de hoje não onta a segurança, a contundência e a rigidez dos tempos passados, quando era preciso desbravar fronteiras e levar o nome da Tortuga para rincões distantes, inóspitos.*

*Histórias ele tem muitas para contar. Algumas trágicas, como acidentes pelas estradas ingremes. Outras divertidas e muitas românticas. Afinal, bem apesado, o nosso senhor Gatta de hoje, causou furor em muitos corações. “Até encontrar Edinéia, aquela que seria minha esposa por 40 anos”, apressa-se a dizer.*

*O italiano Guido Gatta chegou ao Brasil em 1954, no mesmo ano em que outro imigrante, Fabiano Fabiani, fundou a Tortuga. E Guido veio ao País a convite de Fabiani e com a finalidade de trabalhar na empresa.*

*No início, a Tortuga era muito diferente do que é hoje. Atualmente, é uma pujante organização com quase 800 colaboradores, presença em 17 países e uma lista de conteúdos de produtos para pequenos, médios e grandes animais. “Em 1954, eram Fabiano Fabiani, eu e outros poucos colegas, como o Lair e o Camilo, companheiros de longa jornada”.*

*A equipe era pequena e os desafios, imensos: “Tínhamos um país todo para desbravar. A meu favor, o comando do mestre e muita boa vontade”, lembra Gatta, que recorda também o primeiro cargo: assistente técnico do presidente, Fabiano Fabiani. “O nome do cargo era porre-pore, mas eu era na verdade um ‘faz tudo’”. Eu vendi, visitava clientes, viajava pelo País”, ri Guido.*

*Poucas pessoas converteram tão de perto com Fabiano Fabiani quanto Guido Gatta. Até por isso, ele relembra com saudade do chefe linha dura, mas de coração imenso: “Guido, esse país é nosso”, dizia. “Fabiano enxergava pelo menos uma década à frente. Era um visionário e um empreendedor”.*

*Com Fabiano Fabiani à frente da pesquisa e dos produtos, cumpria a Guido Gatta desbravar*

*o Brasil. A ele, foi confiada a montagem da equipe de campo. A medida que ele avançava para a dentro, avançava a Tortuga.*

*Passado quase 54 anos do início de atuação da Tortuga, a atual estrutura comercial segue o mesmo parâmetro, com gerências regionais, equipes próprias e parceiros comerciais. “Fomos inovadores nessa estrutura de vendas. Depois, muitas empresas copiaram, mas ainda chegam a Tortuga já estada presente. Esse é um dos fatores que ajudam a explicar a impressionante força da nossa marca”, ressalta Guido Gatta.*

*Os anos foram passando, a empresa crescendo e ganhando novos funcionários e Gatta avançando na hierarquia interna. Seu trabalho no campo, na montagem das equipes de venda, lhe rendeu a diretoria de vendas. Chegou a vice-presidente e encerrou a trajetória na Tortuga como diretor de marketing, em 2006.*

*Guido Gatta é reconhecido como um pioneiro em muitas áreas de atuação do agronegócio. Para muitos, ele é o pai do marketing rural no Brasil. Sim, porque ele é um dos fundadores e maiores incentivadores da Associação Brasileira de Marketing Rural, que mais recentemente agregou o termo ‘Agronegócio’ à sua marca, tornando-se ABMRA.*

*Ele também inovou no relacionamento com os clientes e criou o Livro de Ouro, com depoimentos espontâneos de criadores, colhidos individualmente. Uma relíquia, que ajuda a contar a história rural do País.*

*Internamente, deu forma ao troféu Tataruga, para reconhecer os campos de venda. Também é na criação dos TBIs (Treinamentos Básicos de Integração), uma espécie de curso técnico intensivo. Aliás, eram nos TBIs que Guido Gatta, reconhecido por todos como de olho apurado para reconhecer o potencial dos novos contratados da Tortuga, batia o martelo sobre quem ficava e quem saía.*

*“Uma última mensagem”, eu lhe peço. Guido Gatta chama a cozinheira Amélia, com ele há 40 anos, pensa um pouco e dispara: “Crisis foram feitas para ser revólver e para diferenciar os vencedores. Na Tortuga, parei não por uma ou duas, mas por 12 crises. Em todas, o trabalho e somente o trabalho foi o responsável pela superação”.*

*Motivou-me e fui além: “Senhor Gatta, e o que dizer para as novas gerações, que estão agora em posse-chaves da Tortuga”. Nessa ele foi rápido e direto: “A história da Tortuga é marcada pela inovação. Sempre olhamos para frente. Não se pode perder o foco nessa característica. No mais, o de sempre: trabalhar, trabalhar, trabalhar”. Simples não é?*

O ANO DA TORTUGA

# BRASIL

*de ponta a ponta*

EM 2007, MAIS UMA VEZ, A TORTUGA ESTEVE PRESENTE NO DIA-A-DIA DO PRODUTOR RURAL BRASILEIRO DO OIAPOQUE AO CHUI, COM FORTE ATUAÇÃO NA PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS, MARCA REGISTRADA DA EMPRESA E FILOSOFIA PASSADA GERAÇÃO APOS GERAÇÃO. HÁ 53 ANOS, COM EQUIPE DE CAMPO DE MAIS DE 500 PROFÍSSIONAIS, DISTRIBUÍDOS EM 17 DIFERÊNCIAS REGIONAIS, A TORTUGA TEM NA EXTENSÃO RURAL O PONTO FORTE DO SEU TRABALHO. PARA ISSO, A EMPRESA REALIZA AS MAIS VARIADAS AÇÕES, ENVOLVENDO DIRETAMENTE OS SEUS PARCEIROS COMERCIAIS E CLIENTES.

*Dez tópicos para identificar a Tortuga como uma empresa voltada para a satisfação das necessidades dos seus parceiros, dos seus funcionários e dos países onde está presente.*

**1** A Tortuga é uma empresa dinâmica. E essa definição é comprovada pela multiplicação de ações e iniciativas, de Norte a Sul do País, como mostra a reportagem "Brasil de ponta a ponta".

**2** A Tortuga é uma empresa jovem. As vésperas de completar 54 anos de existência, a empresa mantém o ímpeto dos adolescentes na busca do conhecimento, das realizações e do sucesso.

**3** A Tortuga é uma empresa global. Presente em 17 países, prepara suas baterias para intensificar a atuação e levar para a América Latina os conceitos que a fazem ser líder em nutrição e saúde animal no Brasil.

**4** A Tortuga é uma empresa pioneira. Em sua história, criou e desenvolveu uma série de tecnologias e de serviços, que ajudam a fortalecer a produção animal no País.

**5** A Tortuga é uma empresa inovadora. Todos os anos, dezenas de novos produtos são levados ao campo, resultado do trabalho incansável de uma grande equipe de técnicos.

**6** A Tortuga é uma empresa à frente do seu tempo. Seu trabalho hoje visa desenvolver os insumos necessários para o sucesso dos produtores em, no mínimo, cinco anos.

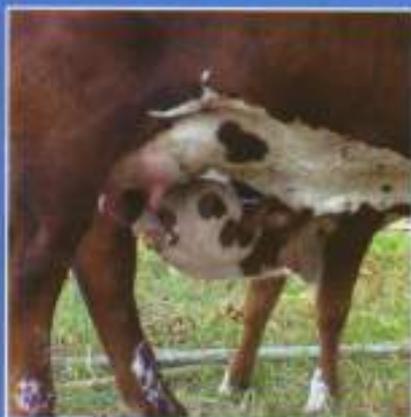
**7** A Tortuga é uma empresa certificada. Em 2007, recebeu a certificação nível 3 do Programa *Feed & Food* (gestão do alimento seguro), a mais alta referência em segurança alimentar do País.

**8** A Tortuga é uma empresa ótima para trabalhar. Palavra da consultoria internacional *Great Place to Work*, que pesquisou, consultou e identificou a Tortuga como uma das 100 melhores organizações do Brasil para os funcionários. Isso não é tudo. O jornal *Valor Econômico* (SP), selecionou a Tortuga como uma das melhores empresas para atuar também!

**9** A Tortuga é uma empresa preocupada com a responsabilidade social. Prova disso é a criação do Instituto Tortuga, instituição que abrigará todas as iniciativas de âmbito social da organização.

**10** A Tortuga é a melhor empresa de Nutrição e Saúde Animal do País. Nunca, em sua história, a Tortuga foi tão reconhecida pelo mercado. Os vários prêmios confirmam isso: Anuário de Agronegócio da revista *Exame* (SP), Anuário de Agronegócios da revista *Globo Rural* (SP), *Top of Mind* da revista *Rural* (SP), *Pop List* do jornal *O Popular* (GO), *Melhores e Maiores* da revista *Exame* (SP) e *A Granja do Ano* da revista *A Granja* (RS).

## O ANO DA TORTUGA

*Região Sul: mais proximidade com os parceiros*

Partindo do extremo Sul do País, lá pertinho da fronteira com o Uruguai, a Tortuga encerrou o ano com crescimento significativo, além do fortalecimento da sua atuação. Na região Sul, este fato contribuiu decisivamente para o bom resultado da empresa no Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná.

Segundo Luis Biacchi, um dos gerentes da Tortuga no Rio Grande do Sul, uma das

ações da empresa com melhor resultado foi a implantação do sistema único de atendimento, que envolve toda a equipe, incluindo os representantes de vendas, "que normalmente estão mais próximos dos clientes", destaca.

Biacchi resalta que, a partir dessa ação, surgiram cursos de aprimoramento em vendas, sistema de troca de informações entre as regiões e lançamento de projetos regionais, os quais "motivaram os representantes e os aproximaram ainda mais da empresa". Outras iniciativas que deram resultados positivos e que devem ser ampliadas são a criação de novas unidades demonstrativas, realização de dias de campo e a efetiva participação nas exposições e demais eventos regionais.

"Para 2008, a intenção da Tortuga é fortalecer a atuação em regiões com grande potencial e subdividir áreas para ampliar a abrangência. Tudo com a finalidade de continuar expandindo a marca e prestando serviços", afirma Biacchi.

Ainda em terras gaúchas, Estado que reúne uma das maiores diversidades produtivas do agronegócio brasileiro, o gerente da Tortuga de Porto Alegre Erich Fuchs explica que 2007 foi marcado por muitas mudanças no setor primário, dando ao produtor melhores condições de investimento, em razão dos ajustes de preços nos diversos segmentos (leite, carne, suínos, aves posturas e corte).

Nesse sentido, a prioridade da Tortuga é estar sempre atenta às necessidades específicas de cada atividade e atender aos clientes não só com produtos, mas sim com a melhor assistência possível, para que eles possam obter o melhor custo-benefício. "Estamos com uma equipe muito bem capacitada para fornecer retaguarda à linha de produtos e dar o suporte necessário aos nossos clientes no dia-a-dia", informa o gerente Erich Fuchs.

Em Santa Catarina, Estado que se caracteriza pela grande concentração das integradoras nos setores de aves e suínos e que nos últimos anos desenvolve pecuária de leite bastante moderna, o foco da Tortuga também é levar produtos que facilitem a vida do produtor, visando produtividade com eficiência. "Investimos em treinamentos e renovamos a equipe, buscando profissionais qualificados para o mercado", aponta Carlos Bonatto, gerente da unidade de vendas da Tortuga, em Chapecó (SC).

Subindo um pouco mais no mapa, a equipe da Tortuga no Paraná, comandada pelo zootecnista Fábio Jamus, realizou mais de 40 dias de campo e aproximadamente 90 palestras e encontros com produtores rurais. Segundo Jamus, a Tortuga sempre busca sair na frente quando o assunto é nutrição animal. "Ficamos muito honrados e nos sentimos prestigiados por crescer junto com os criadores", complementa o gerente, que fala com entusiasmo do trabalho técnico oferecido aos clientes pela equipe de 50 técnicos e representantes locais.



## Região Sudeste: *no campo, ao lado dos produtores*

Na região Sudeste, onde estão concentradas, além da sede administrativa, na capital paulista, duas modernas fábricas (suplementos minerais e saúde animal), a Tortuga mantém cinco unidades de vendas. Próximo à região do Pontal do Paranapanema, extremo Oeste do Estado de São Paulo, fica a gerência de Oswaldo Cruz, que teve 2007 marcado por eventos importantes nos segmentos de pecuária de corte e leite.

Entre as ações da Tortuga na região, José Carlos de Oliveira Ramos, gerente da Univen Oswaldo Cruz, destaca o acompanhamento de projetos intensivos de produção. "Com o pecuarista tendo de produzir cada vez mais em menor área, o programa de nutrição da Tortuga, com minerais orgânicos de alto valor nutricional, torna-se imprescindível para obtenção de maior produção de carne e leite", destaca Ramos.

Segundo ele, outro mercado importante que vem merecendo a atenção da Tortuga no Oeste paulista é o confinamento. "A entrada da cana-de-açúcar e, em menor escala, do eucalipto nas propriedades paulistas fez o pecuarista intensificar suas áreas a fim de produzir mais", comenta Ramos.

Essa também é a opinião do gerente da Univen São Paulo (SP), Adriano Moulin, que enxerga enorme potencial ainda reprimido na pecuária paulista para ser explorado. Profissionalismo, segundo Moulin, é a palavra que sintetiza a atuação da Tortuga no Estado. "Em 2007, ampliamos nossas ações nos segmentos de aves, suínos e leite, com a contratação de novos técnicos, melhorando a prestação de serviços aos produtores. Para 2008, novamente concentraremos todos os esforços nos nossos clientes", explica Adriano.

Entre as ações destacadas por ele está o 1º simpósio sobre Confinamento realizado em Araçatuba (SP), que reuniu centenas de

pessoas, e também os dias de campo de corte e leite nas unidades demonstrativas do Grupo Nelore Mocho Noroeste, na região de Araçatuba e do Sítio São Valentin, em Auriflâma, ambas no interior do Estado. "Realizamos ações que mostram a Tortuga como parceira do produtor, que além de oferecer suplementos minerais de qualidade, leva informações, resultados e presta serviços por meio da assistência de seus técnicos e de programas de valorização dos clientes. Enfim, mostramos que a Tortuga é a solução para os pecuaristas" declara José Carlos Ramos.

No âmbito das entidades que representam o setor pecuário no interior paulista, a gerência de Oswaldo Cruz marcou presença em diversos eventos realizados pela Coordenadoria de Assistência Técnica Integral (CATI), Sindicatos Rurais e SEBRAE (SAI), no sentido de difundir novas tecnologias, como gestão pecuária, manejo sanitário, nutrição animal, qualidade de leite e rotina de ordenhas. Ao todo, foram mais de 50 palestras, que reuniram, em média, 50 produtores cada. "Essas ações geraram resultados significativos", afirma Ramos.

A gerência de Vitória (ES), que abrange os Estados do Espírito Santo e Rio de Janeiro, manteve o mesmo ritmo de crescimento do ano anterior e fechou com vendas 16% maiores na linha nutrição. Os destaques foram os suplementos minerais voltados ao



## O ANO DA TORTUGA

período de seca, produtos da linha leite, eqüinos e aves de postura, aponta Wyllian Gaede Mariano da Silva gerente de vendas da Univen Vitória. Em termos da participação efetiva da Tortuga na mineralização dos rebanhos de Espírito Santo e Rio de Janeiro, os resultados apontam crescimento de 26% e 6%, respectivamente.

Entre as ações que fizeram a diferença para o bom ano da Tortuga na região, o destaque ficou por conta da contratação de representantes comerciais autônomos, para atuar em localidades antes sem acompanhamento técnico da empresa. Além disso, a constante capacitação da equipe comercial e técnica marcou o ano, além do trabalho feito em conjunto com instituições, que também buscam o crescimento do agropênjio regional.

Para 2008, novas contratações estão programadas para se somar ao corpo de técnicos e representantes que já atuam na região e, com isso, melhorar ainda mais o atendimento dos clientes. "Nossa prioridade é ficar ainda mais próximos dos nossos clientes, mantendo saudável relação comercial, que seja favorável para a Tortuga e para os parceiros", finaliza.

Deixando os litorais Capixaba e Carioca, rumo às montanhas de Minas Gerais, o que muda não é apenas a paisagem. No

Estado que concentra grandes rebanhos de pecuária de corte, leite e que tem as atividades de suinocultura e avicultura comercial em franca expansão, o crescimento da Tortuga, em 2007, foi muito bom, avalia Elmo Perdomo, gerente da Unidade de Vendas, baseada na capital Belo Horizonte.

"Em 2007, aumentamos nossa força no campo e contratamos novos profissionais", explica Perdomo, adiantando a ampliação da base de empresas representantes em 2008: de 54 para 60. Além disso, a equipe terá três técnicos para atuar nos mercados de pecuária de corte e leite, dois promotores técnicos (suinocultura) e um técnico em avicultura. "Com isso, esperamos atender melhor nossa clientela e nos posicionarmos com mais contundência no mercado", diz.

As ações de maior destaque em Minas Gerais foram o treinamento de balconistas de lojas parceiras e equipes de peões de fazendas, palestras técnicas e participações em simpósios e seminários, contratação de novos representantes comerciais e técnicos de campo, foco nas grandes propriedades leiteiras (importante segmento de mercado) e conquista de fábricas de rações, além de manter olhar especial para confinamentos e crescimento em produtos de seca, objetivando a conquista de novos clientes em ambos.



## Região Centro Oeste: atuação focada nos resultados

Subindo rumo ao Centro-Oeste brasileiro, região que concentra a maior população bovina do País, o cenário mercadológico no Mato Grosso do Sul apresentou-se com maior força em 2007, após a crise desencadeada pelo aparecimento, em 2005, dos casos de febre aftosa, em municípios do Sul do Estado. A retomada da confiança dos órgãos internacionais que cuidam da sanidade e segurança alimentar fez renascer o ânimo na pecuária. Esse cenário positivo do Estado motivou a retomada nos investimentos e, com isso, a Tortuga teve um ano excelente no Estado, com aumento significativo de participação de mercado, enfatiza José Roberto Bruno, gerente da Unidade de Vendas de Campo Grande (MS).

Bruno chama a atenção para o lançamento de novas tecnologias e diz que a satisfação dos clientes com os produtos da empresa tem sido cada vez maior. "Fato que aumenta nossa responsabilidade de continuar em busca do crescimento ao lado dos nossos clientes", afirma.



Atualmente, a Tortuga mantém 62 empresas representantes e 18 técnicos de ciências agrárias no campo no Mato Grosso do Sul. São agrônomos, médicos veterinários e zootecnistas, que realizam um grande trabalho de extensão rural para apoiar os pecuaristas em suas decisões e orientar o uso das tecnologias da empresa, evidenciando assim os resultados que ela proporciona aos seus parceiros. "Pelo retorno que recebemos do mercado e os resultados obtidos, temos convicção de que estamos no caminho certo", avalia José Roberto Bruno.

Para 2008, a gerência da Tortuga no MS pretende manter a linha de trabalho, visando transmitir cada vez mais segurança aos clientes. As empresas agropecuárias tendem a selecionar fornecedores que transmitem previsibilidade garantida quanto aos produtos e serviços prestados e a Tortuga é sinônimo disso, com tecnologia e qualidade. "Nosso compromisso é com resultados sustentáveis para nosso cliente e, para isso, vamos continuar com seriedade, muito trabalho, investimentos em tecnologia e estrutura de serviços para estar cada vez mais perto dele", garante Bruno.

Em Goiás, a Tortuga teve grande avanço no mercado e chegou ao maior patamar da história da empresa naquele Estado. Um dos avanços foi o fortalecimento da linha de minerais orgânicos, registrando forte crescimento. De acordo com o gerente da Tortuga no Estado, Marcelo Teodoro Van Lieshout, isso mostra que o produtor goiano está preocupado em melhorar os resultados, buscando tecnologia e qualidade. Assim, segundo ele, podem-se visualizar novos tempos para a pecuária goiana. "Algo para o qual a Tortuga está pronta há muito tempo", atesta.

Um dos destaques da atuação da Tortuga na região foi a ampliação do número de palestras realizadas em todo o Estado, que pulou para 60, em 2007. Lieshout acredita que o melhor dessa ação é sempre levar informações pertinentes à produtividade, além de mostrar as van-



tagens da utilização dos produtos da Tortuga. "Nada melhor do que a relação direta entre cliente e empresa", diz. Outras ações importantes da Tortuga no Estado foram os dias de campo e a realização de palestras para alunos das faculdades de zootecnia, agronomia e medicina veterinária.

Em 2008, a Tortuga investirá fortemente na qualificação das suas equipes em Goiás. O grande diferencial será a presença de técnicos por segmentos. "Por exemplo, em Goiás teremos técnicos para gado de corte, confinamento, gado leiteiro e suinocultura. Dando assim, cada vez mais qualidade de atendimento aos nossos parceiros", informa Lieshout.

A Tortuga também teve um ano muito bom no Mato Grosso. E um ponto de apoio desse resultado foi o aumento do corpo técnico promovido ainda em 2006. Durante 2007, a gerência da Tortuga na região, sediada em Cuiabá, realizou importantes ações associadas com eventos técnicos, como mesas-redondas, dias de campo, palestras técnicas, treinamentos de peões, além da participação dos eventos da área, como exposições, bienais, encontros técnicos.

"Essas ações ocorreram em todas as supervisões, com aumento significativo da equipe Tortuga no cenário da pecuária do Estado", afirma Júlio Capilé Guedes, supervisor técnico de vendas da Tortuga em Cuiabá, ressaltando que os treinamentos ocorridos em cada reunião de representantes analisaram e levaram mais

confiança "ao nosso prestador de serviço, de maneira que tenha as respostas às questões do produtor e o atenda da melhor forma".

"Temos as ferramentas para continuar crescendo em 2008, associadas às condições favoráveis do Estado", prevê Guedes. Entre as principais metas da empresa para 2008 está a construção da Central de Distribuição no Mato Grosso, que certamente aumentará a eficiência da logística da empresa, e o aumento nas ações técnicas com grandes eventos, quando a Tortuga poderá mostrar suas alternativas a um maior número de produtores.

Virando a bússola um pouco mais em direção ao Norte, está a gerência Mato Grosso-Norte, que abrange a região médio-norte do Estado, Norte e Noroeste, com supervisões nos municípios de Sinop, Alta Floresta e Juína. Segundo Carlos Augusto A. Shiguhara, gerente da Tortuga na região, merece destaque a ampliação da equipe, com contratações de supervisor e técnico, além de representantes de vendas.

Esse fortalecimento da equipe proporcionou a melhoria da atuação no nível gerencial e comercial. "Assim, buscamos a ocupação maior do mercado, com presença consistente, tanto no grande como no pequeno cliente", aponta Shiguhara, frisando que com a divisão das supervisões e com a ampliação, também, do quadro de representantes autônomos, a Tortuga dá apoio ainda melhor à equipe de representantes e fica mais perto do mercado e dos clientes.

Os projetos futuros da gerência para a região incluem nova ampliação do corpo de atuação e também a melhoria da visibilidade da Tortuga no mercado. "O foco é mostrar ao cliente nossa qualidade, acompanhada de informação sobre a correta utilização de nossos produtos. Ainda temos muito o que fazer, mas percebemos que os alicerces são fortes e temos bastante segurança", conclui Carlos Shiguhara.



## O ANO DA TORTUGA

## Região Norte: em franco crescimento e valorização

Considerada a última grande fronteira agrícola do País, a região Norte vem desenvolvendo pecuária de alto padrão tecnológico e se caracteriza por atrair grande número de empresários de outras regiões, interessados nas condições de clima e das pastagens da região, altamente favoráveis à criação de gado. Misto de cerrado com clima equatorial, a região reúne as condições de luminosidade e volume de chuvas ideais para a produção do Boi Verde.

É nesse clima propício que o Estado do Tocantins vem se desenvolvendo em termos de tecnologia e qualidade de produção, tornando-se cada vez mais importante para a pecuária brasileira. Por meio da sua gerência na região, localizada em Palmas, a Tortuga trabalha para intensificar sua ação no Estado, destaca Maurício Bassani, gerente de vendas. Ele explica que, em 2007, a Tortuga consolidou sua equipe de empresas representantes para oferecer atendimento personalizado aos seus clientes.

Os maiores destaques da atuação da Tortuga na região Norte, em 2007, foram os cursos e treinamentos aos funcionários e orientações técnicas sobre pecuária e produtividade, que permitiram incrementar os resultados dos clientes. "No total, foram promovidos mais de 80 eventos, com o intuito de discutir e difundir modernas tecnologias que possam auxiliar os pecuaristas", comenta Bassani, que chama a atenção para a participação da empresa em âmbito regional. "Por conta dessa presença, temos obtido maior fidelização dos produtores, que se tornam os nossos maiores divulgadores", avalia.

As perspectivas da Tortuga na região para 2008 são muito positivas, "visando o maior entrosamento da equipe com os clientes", ressalta o gerente, que adianta: "Os investimentos já começaram".

Antônio Flávio Batista Marciano, responsável pela Unidade de Vendas da Tortuga em Marabá (PA), destaca que a atuação da Tortuga em 2007 foi levar informações aos mais diversos setores envolvidos com a pecuária, realizando palestras técnicas para produtores, revendas parceiras, treinamentos para a mão-de-obra das fazendas e "como importante colaborador, que são as empresas representantes, com a realização do TBI (Treinamento Básico de Integração)".

Na prática, isso significa ampliar o trabalho de extensão rural, firmando parcerias com diversas instituições de ensino particulares e oficiais. "Sem deixar de intensificar também o bom trabalho, já realizado em 2007 com palestras técnicas, dias de campo, treinamento com revendas parceiras, treinamento da mão-de-obra das propriedades e capacitação de nossas empresas representantes", acrescenta Flávio Marciano.

Para 2008, a Tortuga prepara, já para o primeiro trimestre, o início das operações de sua nova Central de Distribuição. "Isso proporcionará melhor atendimento aos nossos clientes, especialmente logístico", avalia Marciano.

No Estado de Rondônia, o otimismo por parte da equipe é grande, analisa Francisco de Lima Neco, gerente da Unidade de Vendas de Vilhena (RO). As vendas para os clientes participantes do Programa de Incentivo à Tecnologia



Tortuga (PITT) aumentaram 20% em 2007, em comparação ao ano anterior. "Isso demonstra o papel fundamental da assessoria técnica no atendimento aos clientes da Tortuga", explica.

Entre as ações da Tortuga destacadas por Neco, estão o planejamento e a execução de três projetos de confinamento de bovinos em Rolim de Moura, Jari e Ji-Paraná. Segundo ele, como a pecuária de Rondônia caracteriza-se por ser extensiva, "projetos de intensificação na produtividade são de fundamental importância, pois demonstram aos pecuaristas alternativas de alto desempenho e economicamente viáveis".

Por esse motivo, a Tortuga investiu bastante na região em 2007, com a contratação de mais dois profissionais (médicos veterinários) para integrar o corpo técnico e de vendas da empresa em Rondônia. De acordo com Neco, essa medida aproxima mais a empresa dos clientes, melhorando significativamente a assessoria aos pecuaristas e o atendimento direto às propriedades.

Para 2008, a Tortuga espera aumento nas vendas no Estado devido ao próprio crescimento da pecuária, verificado em vários municípios, e também pela chegada de grandes grupos frigoríficos. "Isso pode aumentar a concorrência e segurar os preços da arroba em alta no mercado local", ressalta o gerente da Tortuga.



## Região Nordeste: muito ainda a crescer

2007 marcou fortes investimentos da Tortuga na estrutura de vendas da região Nordeste. Para auxiliar a cadeia produtiva, a empresa envolveu diversas ações de interação com produtores, técnicos e trabalhadores rurais, tais como treinamentos, palestras, dias de campo e presença em exposições. "Outras ações importantes voltaram-se à equipe de vendas, com campanhas de valorização e treinamento", complementa o gerente regional Sérgio Tullio Ramalho Pinto.

No Nordeste do Brasil, com grandes demandas físicas envolvidas, a Tortuga fará, em 2008, novos e importantes investimentos em contratação de técnicos para atuar como assistentes técnico-comerciais. "Com isso, queremos melhorar ainda mais nossa prestação de serviços aos produtores, com o fortalecimento do PITT (Programa de Incentivo à Tecnologia Tortuga) nas propriedades", aponta Tullio, ressaltando que os

investimentos da empresa na estrutura comercial terão continuidade, inclusive com atenção aos mercados de aves, suínos, caprinos, ovinos e eqüinos, além de leite e pecuária de corte, já alvos da empresa.

O projeto mais ousado da Tortuga na região é a construção da nova fábrica, na região do porto de Pecém, nas proximidades de Fortaleza (CE), que se encontra em pleno andamento. Esse empreendimento, que envolve investimentos superiores a R\$ 50 milhões, além de ampliar a participação da Tortuga do Nordeste, tem como principal objetivo conceder o suporte necessário para expansão das exportações para a América Latina. A conclusão do projeto, prevista para o segundo semestre de 2008, é a comprovação de que a Tortuga não poupa esforços nem investimentos para transformar o Brasil em uma grande potência do agronegócio mundial.



## O ANO DA TORTUGA

*De olho nas necessidades de cada mercado*

*Produtos específicos para atender exigências regionais e forte infra-estrutura comercial e técnica são os atributos da Tortuga para crescer na América Latina.*

2007 foi decisivo para a Tortuga sob vários aspectos. Sob o ponto de vista comercial, marcou intensas ações no Brasil e também a definição sobre a atuação da empresa internacionalmente. "Foi um período de definições estratégicas importantes, reflexo da reestruturação da equipe, dos negócios e das diretrizes", resume Magali Oliveira, gerente administrativa do Mercado Externo.

Além da abertura da unidade do Uruguai, comandada por Argentino Antoniazzi, e o contínuo fortalecimento dos trabalhos no Paraguai, liderados por George Fillis, a

Tortuga definiu a atuação em mercados importantes, com equipes próprias, e realizou parcerias com distribuidores. "Esse trabalho objetivo projetar a empresa para o futuro", explica Magali.

Esses passos foram fundamentais para articular a atuação a partir de 2008. "Com essas decisões estratégicas, levaremos para o exterior, no ritmo desejado, nossa marca e o trabalho desenvolvido no Brasil. Isso significa estrutura e capilaridade de nossos produtos e tecnologia", ressalta a gerente administrativa de Mercado Externo da empresa.

Mesmo em um ano de redefinições, a Tortuga encerra 2007 com crescimento superior a 30% sobre o ano anterior. E o planejamento é avançar ainda mais. Nesse sentido, começam a repercutir positivamente os ajustes feitos nos últimos meses.

A empresa olha com muito interesse para os países latino-americanos, mantendo também seu trabalho no mercado europeu. E o interesse é tanto que já estão sendo desenvolvidos produtos específicos para as condições regionais. "Em 2007, desenvolvemos mais de 10 novos produtos para mercado externo", informa Magali Oliveira.

EQUIPE DA TORTUGA E TÉCNICOS EM PECUÁRIA (CORTE E LEITE) DO URUGUAI EM VISITA À FABRICA DE VAINÍLOLE (SP)



## Inovação move a Tortuga rumo ao futuro

*As pesquisas e, por consequência, o desenvolvimento científico sempre caracterizaram a empresa desde sua fundação, em 1954. O desafio da Tortuga é buscar, hoje, as tecnologias e produtos que irão desenvolver e viabilizar a produção pecuária nos próximos anos.*

Neste exato momento, um time de funcionários composto por cerca de 20 profissionais do mais alto nível está trabalhando por você, produtor. Trata-se da equipe de pesquisas e desenvolvimento da Tortuga. Liderada por Ricardo Cazes, essa equipe desdobra-se para desenvolver e colocar no mercado inovações em nutrição e saúde animal que ajudam a produzir mais e melhor na pecuária de corte, de leite, avicultura (corte e postura), suinocultura, caprinocultura, ovinocultura, criação de cavalos e em outras áreas nas quais a empresa se envolve.

"Como média, mantemos quase duas dezenas de pesquisas em andamento concomitantemente, tanto nos centros experimentais próprios como em parceiros ou instituições públicas e privadas", ressalta Gil Horta, gerente de pesquisas e desenvolvimento da Tortuga.

Gil explica que a área de pesquisas da empresa trabalha nos campos e laboratórios da

empresa, sempre de olho no dia-a-dia das propriedades rurais. "Final, é para os nossos clientes que empenhamos meses e até anos, aprimorando as novas tecnologias, experimentando e buscando o aumento da produtividade", diz.

Para esse trabalho, a Tortuga conta com infra-estrutura de peso. Instalações próprias incluem laboratórios que garantem toda a retaguarda analítica para a equipe, centros experimentais como o de Rondonópolis (MT), as Fazendas Caçadinha e União (MS), a Granja Ístria de Suinocultura (MS) e o Centro Experimental Avícola (SP). Além disso, há interação com instituições, como Universidade de São Paulo, Universidade Federal de Minas Gerais, Universidade do Sudoeste da Bahia, Universidade Santo Amaro (Unisa) e Universidade Estadual de Ponta Grossa, entre outras, sendo que as citadas possuem, hoje, um ou mais espe-

cimentos em andamento. Quando necessário, também são envolvidos clientes, a Embrapa e outros órgãos.

Gil Horta ressalta que o planejamento da Tortuga é focado nas exigências nutricionais e de saúde dos animais, em primeiro plano. Mas, pensando anos adiante, é preciso atender, também, às exigências dos consumidores, que desejam alimentos de qualidade e com segurança alimentar. "A produção animal é extremamente dinâmica e as exigências dos mercados também. Como líderes, temos de olhar para o futuro e trabalhar para satisfazer as necessidades que virão", sentencia o gerente de pesquisas da Tortuga.

Ele reforça que a pesquisa e a inovação são características históricas da Tortuga. O fundador da empresa, Fabiano Fabiani, sempre incentivou e, mais do que isso, priorizou a busca de novas tecnologias. "O trabalho feito hoje se espelha nessa visão futurista", explica Gil.

DIÁ DE CAMPO NA FAZENDA CAÇADINHA (MS)



## BALANÇO

**Ano novo, PREÇOS FIRMES**

*Expectativa para 2008 é positiva para a pecuária de corte, com mercado interno consistente e crescente e exportações novamente em alta.*

Especialistas, técnicos e pecuaristas são unânimes em afirmar que 2007 trouxe de volta o otimismo e a esperança para uma atividade fundamental para o agronegócio brasileiro e que, nos últimos anos, enfrentou graves problemas de rentabilidade da cadeia produtiva.

O principal responsável por esse otimismo foram os sucessivos aumentos de preço da arroba do boi gordo, que atingiu valores inesperados até para os mais otimistas. Não se pode descartar, também, as vendas externas recordes, que superaram US\$ 4 bilhões.

Para Constantino Ajimasto Júnior (foto acima), presidente da Associação Brasileira do Ninhilho Precoce (ABNP), o pecuarista pode, sim, comemorar o resultado de 2007, após pelo menos quatro anos de cotações estáveis e pouco remuneradoras. O dirigente ressalta, ainda, o aquecimento do mercado interno, reflexo do aumento de renda. "A tendência natural é o brasileiro consumir mais carne vermelha. A melhoria da alimentação está diretamente ligada ao fortalecimento da economia", avalia Ajimasto Jr.

Quanto ao resultado das exportações, mesmo a Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carne (Abiec) não espera o tanto. "Esse desempenho ultrapassou nossa expectativa", revela o presidente da ABNP, analisando que, com o consumo interno aquecido e as vendas internacionais fortes, a produção de carne bovina alcançou 9,2 milhões de toneladas em 2007.

Juliano Sabella, coordenador nacional de pecuária de corte da Tortuga, entende que o maior indicativo de que o ciclo de baixa da atividade foi superado está na redução do abate de fêmeas ao longo de 2007. Para efeito de comparação, em 2006, foram abatidas 24 milhões de fêmeas, contra 20 milhões de cabeças, em 2007. "Esse cenário foi motivado pela recuperação do preço dos bezerras, o que torna a cria novamente atrativa para o pecuarista", informa Sabella.

A inevitável competição da pecuária de corte com outras atividades rentáveis, como soja, milho e cana-de-açúcar, está mudando radicalmente a forma como o criador administra o seu negócio. Juliano Sabella ressalta que 2007 já deu mostras de que a pecuária extensiva, sem uso de tecnologia, não tem mais espaço. "Temos de pensar em produção de carne por hectare", recomenda.

Felizmente, nesse campo o Brasil já possui base bastante sólida em termos de genética, sanidade, nutrição e manejo. Além disso, já estão melhorando rapidamente. Na opinião de Juliano Sabella, o gerenciamento da propriedade, ainda, é o divisor de águas da cello para a moderna pecuária de corte, já que está diretamente ligada à escolha das tecnologias, ao treinamento e à capacitação dos recursos humanos.

Para 2008, as perspectivas são excelentes. Os preços têm espaço para se manterem no mesmo patamar, uma vez que as exportações aumentam e a falta de reposição, reflexo do abate de fêmeas no passado, começa a ser sentida. Assim, a oferta de animais tende a ser menor que a demanda", conclui o coordenador da pecuária de corte da Tortuga.

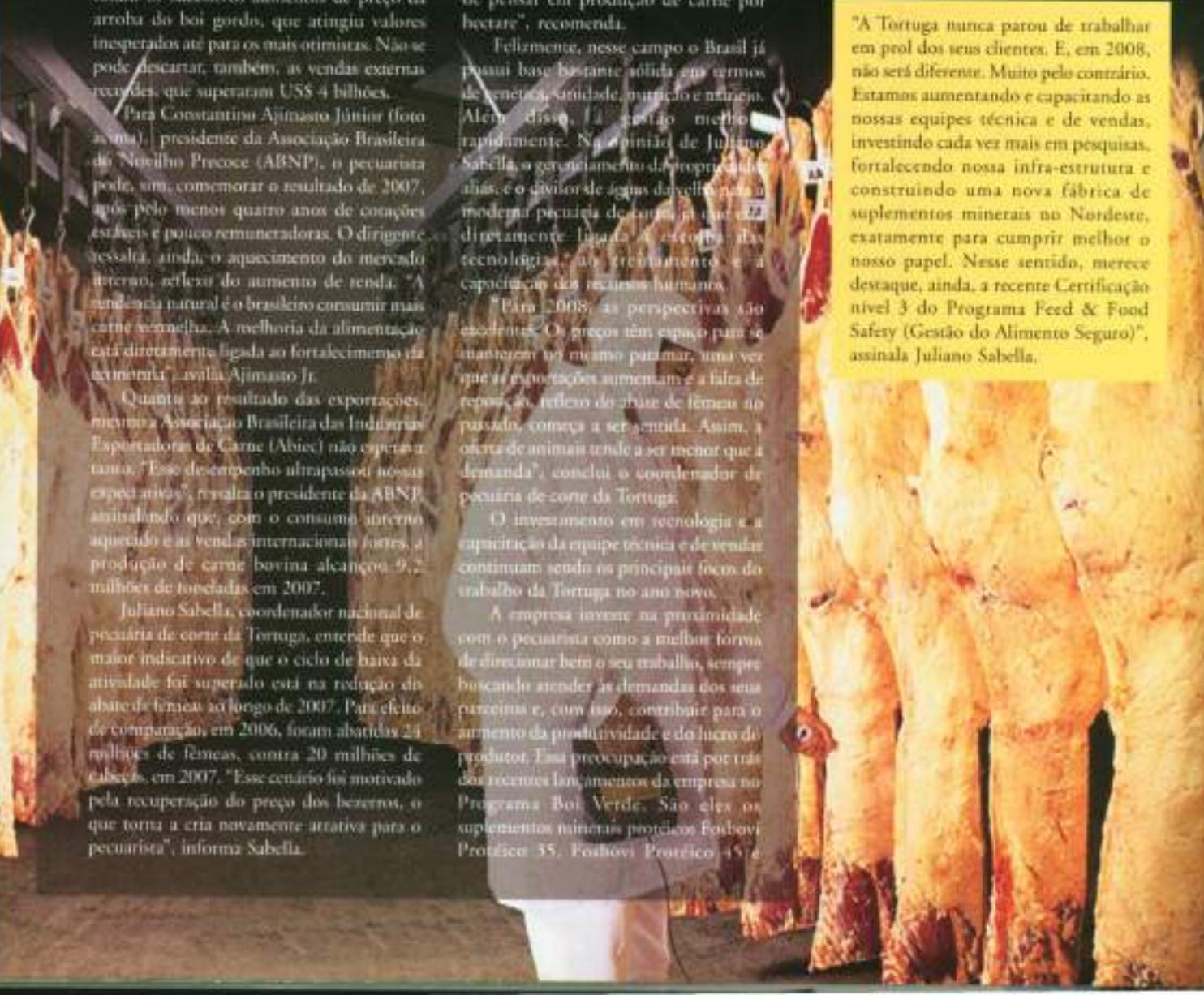
O investimento em tecnologia e a capacitação da equipe técnica e de vendas continuam sendo os principais focos do trabalho da Tortuga no ano novo.

A empresa investe na proximidade com o pecuarista como a melhor forma de direcionar bem o seu trabalho, sempre buscando atender as demandas dos seus parceiros e, com isso, contribuir para o aumento da produtividade e do lucro do produtor. Essa preocupação está por trás dos recentes lançamentos da empresa no Programa Boi Verde. São eles os suplementos minerais Protéico Fosbovi Protéico 35, Fosbovi Protéico 45 e



Fosbovi Confinamento com Leveduras, produtos desenvolvidos para elevar a produtividade dos pecuaristas.

"A Tortuga nunca parou de trabalhar em prol dos seus clientes. E, em 2008, não será diferente. Muito pelo contrário. Estamos aumentando e capacitando as nossas equipes técnica e de vendas, investindo cada vez mais em pesquisas, fortalecendo nossa infra-estrutura e construindo uma nova fábrica de suplementos minerais no Nordeste, exatamente para cumprir melhor o nosso papel. Nesse sentido, merece destaque, ainda, a recente Certificação nível 3 do Programa Feed & Food Safety (Gestão do Alimento Seguro)", assinala Juliano Sabella.



# Pecuária intensiva **GANHA ESPAÇO**

*Volume de animais confinados bate recorde e alternativa promete ser ainda mais atrativa em 2008.*

2007 foi marcado pela crescente conscientização do pecuarista sobre a necessidade de produzir carne de qualidade e de maneira eficiente, para, com isso, melhorar sua receita e ampliar as oportunidades de negócios.

Nesse cenário, em que o ciclo de produção do boi está cada vez menor, o confinamento tornou-se a ferramenta perfeita para o criador aumentar sua taxa de desfrute, além programar a escala de abate para os momentos em que precisa de receita. "Desse modo, produzir animais pesados, com bom acabamento de carcaça e tirar proveito do aumento da capacidade de suporte da propriedade viraram dogmas para pecuaristas de todo o País", sentencia Luis Fernando M. Tamassia, coordenador nacional de confinamento da Tortuga.

Segundo Luis Fernando, essa exigência fez com que as estruturas de confinamento sofressem forte expansão em 2007, com novas estruturas sendo construídas e outras ampliando a capacidade. "O confinamento virou estratégia tanto para aquele pecuarista que tem como prática adquirir animais jovens e engordá-los para abate quanto para criadores mais con-

servadores, que optam por fazer ciclo completo (cria, recria e engorda)", ressalta o especialista da Tortuga.

Esse panorama resultou em aumento do volume de animais confinados – algo em torno de 3 milhões de cabeças, em 2007, segundo dados da Associação Nacional dos Confinadores (Assocon). A mesma tendência deverá ser observada em 2008, comenta Luis Fernando, que chama a atenção para o fato de a Tortuga ter acompanhado essa evolução e, mais do que aumentar o rebanho de animais confinados que receberam seus suplementos minerais, está engajada no sucesso desse segmento tão importante da pecuária de corte.

Luis Fernando entende que um dos principais desafios do confinamento, hoje, é a tecnologia. "Trata-se de uma atividade de ponta na cadeia da produção de carne bovina, fazendo valer cada vez mais a qualidade dos alimentos e dos insumos utilizados e o acompanhamento do dia-a-dia", ressalta. Ele complementa: "Outro grande desafio para o confinador é realizar, de forma precisa, o planejamento e o gerenciamento do confinamento. Por se tratar de uma atividade que

envolve investimentos, principalmente de instalações, equipamentos, animais e alimentação, a boa gestão da aquisição de alimentos, compra ou seleção dos animais e o bom manejo do confinamento são fundamentais! Isso trará informação de suma importância para o sucesso do negócio: o seu custo! A partir daí, o produtor poderá fazer seus controles de rentabilidade de acordo com o preço da arroba vigente ou previsto ou utilizando ferramentas de garantia de preços, como contratos com a BM&F e boi a termo com os frigoríficos".

O portfólio atual de suplementos minerais da Tortuga para confinamento inclui Fosbovi Confinamento, Fosbovi Confinamento Plus, Fosbovi Confinamento 10 e, o mais recente lançamento, Fosbovi Confinamento com Leveduras, produto com alta tecnologia, desenvolvido a partir dos Carbo-Amino-Fosfo-Quelatos e que permite formulações de dietas para confinamentos com os mais diversos tipos de alimentos.

O atendimento personalizado é um dos grandes diferenciais da equipe técnica da Tortuga. O time inclui assistentes técnicos altamente competentes e capacitados para orientar e formular as melhores dietas para os confinamentos, segundo suas peculiaridades e necessidades específicas. Tudo isso, aliado ao corpo de vendas de altíssimo nível, cuja prioridade é o bom atendimento dos clientes.



# Produtor de leite

*espera mais um ano positivo*

2007 certamente entra para a história da pecuária leiteira no Brasil como o ano que proporcionou a mais espetacular retomada nos preços do leite *in natura* dos últimos tempos. O produto, que abriu o período cotado ao preço médio de R\$ 0,50/litro, atingiu picos de até R\$ 0,95 por litro no interior paulista, recuando depois para o patamar de R\$ 0,70/0,75 o litro. Na opinião de especialistas do setor, o fato mais relevante para o bom momento da atividade leiteira no País é o aumento do consumo interno de produtos lácteos, que saltou para 140 litros *per capita*.

Outro fator que motivou a recuperação nos preços do leite foi a escassez do produto no mercado internacional, o que favorece o aumento substancial da demanda por leite e derivados lácteos oriundos de países da América do Sul, principalmente Brasil e Argentina. Esse panorama, aliado ao crescimento da produção, que aumentou cerca de 6%, superando os 27 bilhões de litros/ano, promoveu forte incremento nas exportações brasileiras assim como nos preços internacionais.

*Nos últimos dois meses de 2007, os preços do leite ao produtor recuaram, mas permanecem em padrões positivos. Demanda crescente indica que será mais um ano remunerador.*

As perspectivas do Brasil como exportador de leite e derivados são boas, em virtude do menor custo das matérias-primas e também devido aos avanços claros em termos de qualidade leite, puxados pela Instrução Normativa 51.

Rodrigo Costa, coordenador nacional de pecuária de leite da Tortuga, concorda que 2007 foi realmente positivo para o produtor de leite brasileiro. "As vantagens decorrentes da elevação na renda do produtor já no curto prazo poderão ser sentidas, uma vez que ele volta a ter condições para reinvestir no seu negócio, visando aumento e melhoria da produção e da produtividade da fazenda", comenta Costa.

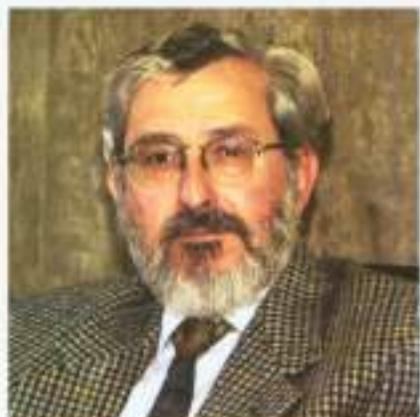
A Tortuga entendeu a mensagem e teve um ano bastante rico em ações de campo,

participação em eventos, lançamentos de suplementos minerais e prestação de serviços. "Tudo com o objetivo de respaldar o produtor", assinala Rodrigo Costa, que enxerga um cenário também positivo para o produtor, em 2008. Para ele, em decorrência dos fatos recentes de adulteração do leite em laticínios de Minas Gerais, descoberto na operação "Ouro Branco" da Polícia Federal, espera-se muito mais rigor por parte das autoridades sanitárias, que, inclusive, já mudaram sua estratégia de fiscalização dos laticínios.

"Analisando o ocorrido sob o aspecto da segurança alimentar, trata-se de um fato positivo, pois reverte em consistentes avanços para o País", finaliza o coordenador de pecuária leiteira da Tortuga.



# BONS PREÇOS INTERNOS e avanço nas exportações



Após um início de ano difícil, a suinocultura brasileira deu literalmente "a volta por cima" e chega ao final de 2007 comemorando a recuperação dos preços. Outro ponto positivo foi a produção de carne, que atingiu o recorde de 3,026 milhões de toneladas. Essa retomada na produção deve-se em parte ao maior número de matrizes alojadas, que fechou o ano em 2,466 milhões de cabeças.

Entretanto, o grande destaque de 2007, e que repercutiu decisivamente no resultado da atividade como um todo, foram as exportações de carne *in natura*, que atingiram patamares muito próximos aos de 2005, um dos melhores anos da história.

O volume embarcado chegou à casa das 600 mil toneladas, com receita superior a US\$ 1,1 bilhão, resultado 20% maior que em 2006. "A recuperação do mercado internacional foi preponderante para o crescimento da suinocultura em 2007 e aponta para meses de bons preços aos criadores", avalia Rubens Valentini (foto), presidente da Associação Brasileira dos Criadores de Suínos (ABCS).

Nesse cenário, é preciso destacar a retomada do consumo interno da carne suína, a partir da campanha nacional de estímulo, disseminando informação para o consumidor sobre a qualidade e os benefícios dessa proteína animal. Segundo Valentini, soma-se a isso o processo de reestruturação da forma de comercializar a carne suína, ao disponibilizá-la de maneira mais prática, versátil e atraente, por meio de maior variedade de cortes, em pequenas bandejas e com menor peso. "Isso causa uma percepção de preço menor no consumidor e incentiva a compra", complementa o presidente da ABCS.

*Essa é a expectativa da suinocultura para 2008. Após um ano de começo difícil, mas de final feliz, a atividade também aposta no crescimento do consumo interno.*

De acordo com Oswaldo Costa Junior, gestor de negócios da Tortuga, outro ponto que contribuiu para o bom desempenho da suinocultura em 2007 e que deve ser tendência para os próximos anos é o aumento da produtividade, com a implantação de novas tecnologias nas granjas. "Está ocorrendo uma constante procura por melhor desempenho produtivo. O suinocultor busca o que há de melhor nas empresas de nutrição, saúde e genética suína", afirma Costa Jr. Esse raciocínio é compartilhado pelo presidente da ABCS. "Estamos chegando a um patamar de mercado de proteína animal nunca visto antes", resume Valentini.

2008 não deve apresentar muitas mudanças para a suinocultura. Pelo menos no curto prazo. As expectativas são positivas e os processos de reestruturação da comercialização da carne suína no mercado interno, as ações de incentivo do consumo e o aumento das exportações devem se manter. "Nossa expectativa é otimista. Esperamos que 2008 seja mais tranquilo e, de forma geral, mais seguro para os criadores do que 2007", confirma Rubens Valentini.

Com a preocupação básica de auxiliar o suinocultor a obter melhores resultados econômicos, a Tortuga ampliou consistentemente sua equipe de campo e realiza pesquisas para desenvolver novas tecnologias na nutrição e saúde dos suínos, além de intensificar a sua presença no campo. "2007 foi um ano de intenso investimento. A Tortuga redirecionou as atividades de seus profissionais e incrementou a equipe, contratando experientes médicos veterinários especialistas em suinocultura para dar suporte ainda melhor à equipe de vendas", aponta Costa Jr., ressaltando também o lançamento de 16 produtos, totalizando 34 suplementos nutricionais para atender às diferentes necessidades das granjas e fábricas de rações de todo o País.

Para 2008, novos investimentos estão programados. A Tortuga incorporará novos produtos e serviços e ampliará ainda mais o atendimento dos suinocultores. "A empresa acredita na atividade e, em 2008, direciona mais investimentos em produtos de nutrição e saúde suína, como maior número de profissionais especializados, palestras e simpósios técnicos e outras ações de marketing, que serão distribuídas nos principais Estados produtores".



EQUIPE DE SUINOQUÍMICA DA TORTUGA E PRODUTORES DE BO. PR. E RS EM VISITA À FABRICA DE MARRIÓLE.

# FRANGOS E OVOS COM *mercado promissor pela frente*

*Esta é a expectativa da União Brasileira de Avicultura, que enxerga boas possibilidades de crescimento, inclusive, no mercado externo.*

Tanto a avicultura de corte como de postura têm o que comemorar. Afinal, 2007 foi um ano marcado, principalmente, pela superação de barreiras internas e abertura de novos mercados. Somente no mercado doméstico, o consumo atingiu 7 milhões de toneladas de carne de frangos, alta de 5% em relação ao ano anterior, movimentando R\$ 14 bilhões. Com este resultado, a carne de frango ultrapassou a bovina na preferência do consumidor nacional. Já no segmento de postura, a receita getada foi quase 30% maior do que em 2006, atingindo R\$ 2,6 bilhões.

"2007 foi ano de uma bela virada de mesa da avicultura. Um ano de boa recuperação", comemora Clóvis Puperi, diretor executivo da União Brasileira de Avicultura (UBA).

Destaque do ano, o segmento de postura conseguiu não só driblar a concorrência com outros alimentos e manter os preços dos ovos em patamares rentáveis – a valorização foi de 42%, em 2007, com a caixa de 30 dúzias comercializada a R\$ 39,00 – como também preparou terreno para alçar vãos mais altos em 2008, com a abertura de novas fronteiras, inclusive no mercado externo.

De acordo com Rogério Belzer, diretor do segmento de ovos da UBA, as exportações

têm crescido consistentemente, inclusive de ovos *in natura* para os países do Norte da África, como Angola, que vêm apresentando significativo aumento de renda *per capita*.

Para Rodrigo Miguel, coordenador nacional de avicultura da Tortuga, outro evento que já foi vivido pelo segmento de corte e que, agora, ganha força na avicultura de postura é a ação mais efetiva do modelo agroindústria, garantindo abastecimento e também preços mais atrativos para os grãos, insano que responde por mais de 70% dos custos totais das granjas. "Essa situação tem motivado investimentos em novas estruturas de grande porte, nas proximidades de áreas produtoras de milho e soja", comenta Miguel.

Já o segmento de frangos de corte superou, em 2007, os transtornos vividos em 2006 pelos efeitos da gripe aviária na Europa e Ásia. Assim, voltou a crescer e se firmar como principal fornecedor do mundo, atingindo vendas de 3,2 milhões de toneladas ou mais de 17% superior ao desempenho de 2006. Com esse excelente resultado, a receita alcançou impressionantes US\$ 4,5 bilhões.

Clovis Puperi, da UBA, é ainda mais otimista para 2008. Para ele, deve ocorrer expansão das fronteiras comerciais para a carne de frango do Brasil nos próximos meses. "Nossa expectativa é que as vendas externas avancem entre 6% e 8%, enquanto o consumo interno cresça de 4% a 5%", analisa o dirigente.

A exigência, explica Puperi, mais uma vez recairá sobre dois pontos fundamentais para o País sobreviver no comércio exterior: escala de produção e qualidade. Para Rodrigo Miguel, da Tortuga, no que depender desses atributos o produto brasileiro já tem lugar garantido na mesa dos consumidores. "Nossa avicultura é de primeiro nível", diz.

A Tortuga investe para consolidar sua presença na avicultura. Para isso, trabalha para fortalecer a relação com parceiros importantes por meio de campanhas de venda e fidelização de clientes. Outro ponto forte é a prestação de serviços especializados, como monitoramento da qualidade de ovos, capacitação de pessoal e relacionamento com o mercado, informa Rodrigo Miguel. "O trabalho intenso dos técnicos da Tortuga tem como foco central mostrar à agroindústria avícola o diferencial da suplementação com minerais orgânicos, que comprovadamente apresenta melhoria da produtividade das granjas".

A ênfase nas certificações conseguidas pela Tortuga no Programa Feed & Food Safety (gestão do alimento seguro) BPF nível 3 (Globalgap), também ajuda a credenciar a empresa entre as poucas indústrias aptas a garantir a total rastreabilidade de seus produtos e integrar de maneira responsável a cadeia do alimento seguro.

**Planos de crescimento** – Rodrigo Miguel informa que a meta da Tortuga é conquistar participação de 10% na agroindústria avícola, que envolve os grandes projetos de integração. "O programa nutricional Tortuga traz benefícios tanto em rentabilidade quanto em qualidade. Em 2008, levaremos esta mensagem de forma ainda mais clara, objetiva e definitiva aos avicultores de corte. Já no segmento de postura comercial, a consolidação da liderança, com crescimento de 20%, e o fortalecimento das equipes de assessoria técnica nas diversas regiões do País são nossas prioridades". Nesse sentido, a Tortuga planeja a expansão da equipe técnica e comercial nos Estados de São Paulo, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e Minas Gerais, além do Nordeste. Também está programado o incremento do programa de capacitação de pessoal para as empresas parceiras, que chega ao seu quarto ano.

A Tortuga reforça, também, a assessoria técnica e motivacional para implantação das Boas Práticas de Fabricação (BPF) em empresas parceiras e publicação dos trabalhos de pesquisa desenvolvidos pelo CEA (Centro Experimental Avícola), instalado em Mairinque (SP), sem contar pesquisas desenvolvidas em parceria com instituições públicas e privadas.



PUPERI, CLÓVIS



BELZER, ROGÉRIO

# Qualidade da criação dá o tom da atividade em 2008

*O Brasil conta com o terceiro maior plantel eqüino do mundo. O desafio, agora, é cuidar bem desses animais em termos nutricionais e sanitários, além de manejo e informações ao criador.*

Profissionalização. Essa é a palavra de ordem no mercado de eqüinos, atividade que envolve plantel de 5,9 milhões de animais e movimentação de R\$ 7 bilhões por ano no Brasil, segundo levantamento da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA). Esses números posicionam o País como a terceira maior eqüinocultura do mundo.

O resultado do estudo da CNA em parceria com a Esalq/USP aumentou consideravelmente a visibilidade desse negócio, que passou a contar com maiores investimentos das empresas de insumos (nutrição e saúde animal) no desenvolvimento de novas tecnologias para melhorar os resultados da criação. Antonio Augusto Coutinho, coordenador nacional de eqüinos da Tortuga, também ressalta a diversidade do mercado, com cavalos de elite, os quais compõem animais voltados para esporte, lazer, competição, exposição, além de animais de tropa, voltados a trabalho em fazendas de pecuária.

Especificamente em relação ao segmento elite, universo que representa cerca de 1 milhão de animais, trata-se de um nicho caracterizado pelo elevado poder aquisitivo dos seus criadores, que não medem custos quando o assunto é o bem-estar dos seus animais. E é para esse público que a Tortuga desenvolveu uma linha completa de produtos, que inclui o suplemento mineral para animais de alta performance Kromium, além de medicamentos e polivitamínicos.

Além disso, os negócios de eqüinos da Tortuga contam com médicos veterinários, zootecnistas e agrônomos, especializados na criação de cavalos. Anualmente, essa equipe passa por treinamento técnico, visando oferecer a melhor assistência técnica às propriedades espalhadas por todo o País.

**Mercado maduro** – Para Roberto Arruda (foto), pesquisador da Esalq/USP, não dá mais para brincar de ter cavalo nem ganhar dinheiro sendo amador na atividade. “O criador tem

de priorizar a profissionalização e a qualidade genética do animal, pois está aí a principal exigência do mercado”, aponta. Para Arruda, os criadores que tiverem a intenção de aumentar as vendas devem se adequar rapidamente às novas exigências do mercado consumidor, que está em busca de qualidade.

Puxado pela tendência das classes A e B em encontrar atividades que permitam ao mesmo tempo fugir da agitação dos grandes centros urbanos e, também, promover contato com a natureza, o mercado de eqüinos de elite registrou crescimento em 2007. Para 2008, a tendência é que volte a se expandir, sempre com preocupação do criador brasileiro voltada à qualidade do plantel.

Já para o segmento de animais de tropa, utilizados em trabalho nas fazendas de pecuária, que inclui aproximadamente 5 milhões de animais, a expectativa é que se mantenha estável, com melhoria significativa.



também na qualidade. “As áreas, antes usadas como pastagem, estão dando lugar a atividades agrícolas mais eficientes e rentáveis. Com isso, o criador é levado a pensar na eficiência da criação. Quem tem cavalo de tropa deve-se voltar mais para a qualidade do que propriamente para a quantidade”, avalia Roberto Arruda.



## Atividades em franco CRESCIMENTO

*Ovinocultura e caprinocultura devem crescer ainda mais em 2008. Investimentos em nutrição, sanidade e manejo são intensificados para proporcionar melhores resultados produtivos.*



A criação de ovinos e de caprinos no Brasil vem se desenvolvendo em larga escala, nos últimos anos, o que revela o potencial dessas atividades para atender à demanda reprimida e crescente, especialmente nos grandes centros urbanos do País.

Uma ligeira idéia do interesse pela carne ovina, por exemplo, pode ser dada pelo consumo *per capita* no País, que já ultrapassa 1,5

kg, contra menos de 1 kg/habitano dois anos atrás. Apenas no Estado de São Paulo, o maior mercado, a demanda já ultrapassa 500 toneladas de carne de cordeiro/mês. Em relação ao volume consumido individualmente, os Estados do Nordeste ainda são imbatíveis com médias superiores a 2,5 kg/habitante/ano.

A verdade é que a realidade da ovinocultura e da caprinocultura vem mudando rapidamente. O rebanho nacional que há três anos somava cerca de 25 milhões de cabeças, já ultrapassa 30 milhões/cabeças, número que posiciona o Brasil como o 8º maior produtor mundial, informa Arnaldo dos Santos (foto), presidente da Associação Paulista dos Criadores de Ovinos (Aspaco), que ressalta a rápida mudança de perfil da ovinocultura nos últimos anos.

Após euforia inicial da atividade, que atraiu muitos empresários interessados na maior rentabilidade por área, baixos investimentos e retorno rápido do capital investido, as atividades ajustaram o seu foco. Em 2007, a preocupação maior das lideranças setoriais

voltou-se para a qualidade dos animais e também para a profissionalização da cadeia produtiva, caminho trilhado por outras atividades de produção animal no passado, com ótimos resultados, comenta o presidente da Aspaco, que vai além: "Algumas pessoas que fizeram investimentos sem a capacitação necessária estão deixando a atividade", declara Santos.

A melhoria dos parâmetros produtivos, o combate ao abate clandestino e o foco na segurança alimentar estão entre as prioridades da ovinocultura e da caprinocultura em 2008. Arnaldo dos Santos, que também é criador, confia no aumento da produção e, principalmente, na qualidade da carne, fazendo com que os produtos finais cheguem com qualidade aos consumidores, consolidando e ampliando o seu espaço.

**Olho no futuro** – As atividades encontram-se em processo tão intenso de crescimento que os produtores já olham com bastante interesse para o mercado externo. Arnaldo dos Santos diz que esse sonho pode se tornar realidade rapidamente: "Se mantivermos o atual patamar de crescimento e profissionalização, em cinco anos estaremos exportando carne. Já há várias ações nesse sentido", revela o presidente da Aspaco.

A Tortuga é parceira da ovinocultura e da caprinocultura brasileiras. De acordo com o coordenador nacional de pequenos ruminantes da empresa, Antonio Augusto Coutinho, esse investimento fortalece os negócios e gera resultados. "Em 2007, a participação da Tortuga nos setores de ovinos e caprinos foi muito positiva, com crescimento superior a 25%", informa. O foco principal do trabalho foi dar continuidade aos Treinamentos Básicos Intensivos (TBI), realizados com as equipes que atuam na assistência técnica.

Coutinho chama a atenção para a carência de informações no campo, especialmente sobre temas ligados ao manejo de ovinos e de caprinos. "Isso envolve nutrição, sanidade e, até mesmo, cuidados básicos para garantir o bem-estar do rebanho", explica o especialista da Tortuga. Ele destaca que é preciso levar tecnologia ao campo e a Tortuga prioriza essas ações. "O trabalho de base é fundamental. Ao longo de 2007, a empresa promoveu visitas a todas as 17 gerências espalhadas pelo País e também no exterior, com a finalidade de treinar o corpo técnico e de vendas sobre as novidades tecnológicas, além de levar informações úteis sobre o mercado, para auxiliá-lo na prestação de serviços. Em 2008, esse trabalho continua com força ainda maior", assinala Antonio Augusto.



# Desempenho produtivo *passa pelo controle sanitário eficiente*

*Maiores exigências em termos de produtividade e segurança alimentar levam a Tortuga a fortalecer seus negócios com saúde animal.*

O mercado de produtos veterinários demonstrou sinais de consolidação em 2007, resultado de uma série de movimentações corporativas. Além disso, segundo dados do Sindicato Nacional da Indústria de Produtos para Saúde Animal (Sindan), a melhoria do cenário das proteínas animais ajudou o segmento a crescer cerca de 4%, superando os R\$ 2,5 bilhões em receita.

Marcio Uono, gerente administrativo da divisão de produtos para saúde animal da Tortuga, informa que é nesse novo cenário globalizado e, cada vez mais competitivo, que a empresa trabalha para aumentar sua participação.

Assim, o objetivo da Tortuga é ampliar o foco na prestação de serviços aos produtores, o que pode ser traduzido no aperfeiçoamento e no desenvolvimento tecnológico dos produtos e no treinamento da equipe de técnicos e de revendedores. "Na prática, isso significa aprimoramento contínuo do trabalho de pós-venda, que significa ensinar, treinar, informar e promover sempre as melhores técnicas de otimização produtiva, o que está associado ao bom conhecimento e ao manejo correto", destaca Uono.

Ao longo de 2007, a Tortuga investiu no aprimoramento da sua equipe de técnicos e na consolidação de projetos que promovem a expansão dos negócios e a adaptação da empresa às novas exigências. "2008 é um ano ainda mais decisivo, devido aos investimentos já feitos em novos projetos e em outros em andamento".

Ação de maior visibilidade da empresa foi a Semana Saúde Animal, realizada em outubro, evento simultâneo que movimentou, durante uma semana inteira, toda a equipe de técnicos e representantes comerciais, totalizando mais de 500 profissionais. Ao todo participaram dessa ação 200 revendedores autorizados, espalhados por todas as regiões do País, em uma verdadeira força-tarefa. No total, foram envolvidos mais de 2 mil participantes. "Nossa proposta com a Semana Saúde Animal foi levar informação sobre a linha de produtos para saúde animal da Tortuga, além de orientar os revendedores sobre a melhor forma de utilização dos produtos. Esse objetivo foi conquistado", informa Marcio Uono.

Adicionalmente, a Tortuga participou de diversas atividades ao longo de 2007,

buscando marcar presença nos principais eventos, como exposições, dias de campo, palestras e simpósios técnicos. Com portfólio de mais de 30 produtos, a linha Saúde Animal da Tortuga destaca-se em todos os segmentos de que participa. "Para 2008, esperamos crescer e também marcar a entrada em outros setores", finaliza Uono.

**Saúde é prioridade** – O aumento da produtividade passa, necessariamente, pelo uso de modernas tecnologias em saúde animal. Com a melhoria de desempenho das proteínas animais em 2007, o desempenho da indústria veterinária também foi melhor. Segundo dados do Sindan, as vendas de produtos para avicultura, atividade altamente tecnificada e exigente, devem manter a segunda posição entre as mais importantes espécies animais, com cerca de 18% do total. A recuperação dos preços dos suínos no mercado interno e o aumento das exportações também proporcionaram crescimento na comercialização de insumos. O mesmo verifica-se nos segmentos de eqüinos, ovinos e caprinos, além de animais de companhia, que sempre está associado ao poder aquisitivo da população. Por último, os produtos destinados à pecuária (carne e leite), que continuam representando o principal mercado da indústria veterinária brasileira em 2007, com cerca de 57% do total.



## QUALIDADE

## O ginete gaúcho Gustavo Delabary e Kromium, da TORTUGA

"Comecei a utilizar Kromium em março de 2006, um pouco antes da competição Bocal de Ouro, a partir de conversa com Lair Biacchi, gerente da Tortuga no Rio Grande do Sul. Reformulamos a dieta e incluímos o suplemento mineral Kromium no tratamento. O produto é fornecido à vontade aos animais, em cochos feitos na propriedade.

O primeiro efeito foi no pelo da cavallhada. Um mês depois da mudança, isso já era visível. Tinha cavalo que, se não fosse encilhado um dia ou dois dias, era certo que se endurecia na primeira troteada. Quando pegava de novo, tinha de sair com muito jeito. Depois de Kromium, nunca mais tive esse problema.

O temperamento dos cavalos foi ficando parecido. Toda a cavallhada ficou mais calma. Quando venho trabalhando forte, exigindo nos exercícios, e diminuo o ritmo, eles relaxam mais rápido e dou uma caminhada. E, quando puxo por eles de novo, eles estão prontos.

Parece que os cavalos ficam mais inteiros, respondem melhor ao trabalho e o preparo físico melhorou muito.

O consumo varia de acordo com o trabalho. É automático, conforme vem o serviço eles comem proporcionalmente.

Mantenho os cochos sempre abastecidos e, como são pequenos, reponho a cada quatro ou cinco dias, para o produto estar sempre novinho.

Os cavalos roiam tudo, coqueira, parede, cocho. Agora, tá aí pra quem quiser ver: não roem mais nada.

Estou iniciando o trabalho nos potros, que vou pegar para confirmar. Eu sei quanto tempo levava antes para prepará-los e, agora, tenho certeza que será mais rápido. Sem falar na formação óssea e muscular, que devem ser melhor ainda".

GUSTAVO DELABARY



## Integrando para crescer

*A busca por novas áreas de produção voltadas para a agricultura ou a pecuária vem marcando o cenário do Oeste baiano nos últimos anos.*

A vinda de novos grupos investidores para a região Oeste da Bahia e as crescentes comercializações de áreas elevam o preço das fazendas em nível cada vez mais próximo aos de grandes centros produtores. A otimização da propriedade se faz necessária frente a esse cenário.

Em contrapartida, ainda se vê quantidade enorme de resíduos agrícolas sendo desperdiçada, às vezes incinerada, contrariando as novas tendências de verticalização da produção e da propriedade.

Há três anos, a Fazenda Nova Bahia lançou esse desafio: utilizar resíduos agrícolas na complementação da alimentação de bovinos no período seco. Tendo a Tortuga como parceira em suas ações, a propriedade abriu suas portas para o 2º Dia de Campo sobre Integração Lavoura-Pecuária e Utilização de Resíduos Agrícolas para a Alimentação de Bovinos.

**O curso** – O evento teve início no dia 3 de outubro, com palestras em Luis Eduardo Magalhães (BA), contando com renomados técnicos locais e pesquisadores da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, que também conduzem trabalhos na Fazenda Nova Bahia. A programação de palestras seguiu até o dia 5 de outubro, sendo que no dia 6 foi realizado o dia de campo na propriedade.

**O dia de campo** – A programação contemplava três palestras, sendo a primeira proferida pelo proprietário, Jaime Cappellesso. Ele relatou as dificuldades iniciais de seu projeto pecuário, bem como as conquistas de índices de prenhez, ganhos de peso e resultados do programa de melhoramento genético.

Jaime ressaltou, também, a importância da mineralização correta na região, pois enfrentou problemas de deficiências no início do projeto, contornados a partir do momento em que assumiu a Tortuga como empresa fornecedora de suplementos minerais e de assistência técnica para a propriedade.

A segunda palestra foi ministrada pelo supervisor da Tortuga, André Dal Maso, apresentando os resultados obtidos na propriedade.

A região Oeste da Bahia passou por longo período de seca e, mesmo diante dessa situação, a fazenda encontrava-se em situação confortável de forragem. Isso só foi possível graças ao planejamento alimentar proposto pelo assistente técnico da Tortuga, Rosendo Lopes, no início do período seco.

**Resíduo de colheita de semente de capim (palhada)** – Destinado à manutenção de vacas e novilhas cheias e garrotes de 6 a 12 arrobas. Suplementação adotada: suplemento proteínado com Núcleo Reprodução e Engorda, respectivamente.

**Resíduo de colheita de milho (palhada)** – Destinado à manutenção de vacas paridas

com escote corporal mais baixo. Suplementação adotada: suplemento proteínado com Núcleo Reprodução.

**Confinamento** – Vacas de descarte, bois de engorda, desmama e recria de animais elite. Formulações contendo casca de algodão (piolho de algodão) como volumoso principal e resíduos na composição do concentrado. O suplemento mineral escolhido foi Fosbovi Confinamento com Leveduras.

O confinamento teve início no dia 9 de julho e os abates foram escalonados de acordo com o preço local e o peso final dos animais. O lote de bois de engorda teve ganho médio bem semelhante ao lote de vacas, sendo de 1.306 g/cab/dia. Os outros lotes, de animais elite, estão sendo mantidos no confinamento até o final do período seco.

Para fechar a sequência de palestras, Lourival Vilela, pesquisador da Embrapa Cerrados, apresentou os dados sobre o Sistema de Integração Lavoura-Pecuária da propriedade e as novas propostas para a safra 2007/08.

O fechamento do dia de campo foi feito com visitas aos lotes de fêmeas doadoras de embrião, reprodutores, animais em pastejo de palhada e confinamento, quando os 150 participantes tiveram a oportunidade de ver o trabalho realizado pela equipe da fazenda e sanar as dúvidas pendentes.

**Melhoramento** – A Fazenda Nova Bahia já é tida como uma das melhores opções para

aquisição de touzinhos na região Oeste da Bahia. Visando atender melhor os seus clientes, há dois anos a propriedade de Jaime Cappellesso vem adotando tecnologias mais avançadas para a multiplicação dos seus animais. Investimentos foram feitos em laboratórios de transferência de embriões e aspiração folicular, procurando multiplicar ao máximo a genética de vacas sabidamente superiores do rebanho.

Frete a isso, a fazenda aumenta a oferta de animais melhoradores para os seus clientes e começa a participar de importantes exposições da raça Nelore.



DA ESQ. P/ DIR.: ANDRÉ DAL MASO (SUPERVISOR DA TORTUGA), LOURIVAL VILELA (EMBRAPA CERRADOS), JAIME A. CAPPELLESO (FAZENDA NOVA BAHIA), VALMOR DOS SANTOS (CONSULTOR DE INOVAÇÃO AGRÍCOLA), NICOLAU KREUTZ (AGROVETERINÁRIA MMOSO LTDA - TORTUGA)



RECRIA DO REBANHO DOMÉRCIAL NA PALHADA DE CAPIM, RESÍDUO PÓS-COLHEITA DE SEMENTE



DIETA TOTAL DE CONFINAMENTO, COM A UTILIZAÇÃO DE CASCA DE ALGODÃO COMO FONTE DE VOLUMOSO

ANDRÉ LUIZ DAL MASO  
Médico veterinário CRMV-BA 2325  
Supervisor de vendas Tortuga



PROGRAMA TÉCNICO EM MANEJO DE ANIMAIS DOMÉRCIAIS A VISITA ESCOLAR

# CONHECIMENTO E SUOR, os segredos do sucesso

*O selecionador e treinador Silvio Bernardo Filho é o competente comandante do grupo Setenta e Seis do Jockey Clube de SP e o administrador do Haras Mondesir.*

Os anos de aprendizado em família, primeiro com os avós e mais tarde com o pai, Silvio Bernardo, ex-jôquei e também experiente treinador de cavalos para competição, deram ao paulistano Silvio Bernardo Filho, de 44 anos, o conhecimento e o traquejo para administrar o seu projeto de seleção e treinamento de cavalos para competição, mas, também, para ocupar lugar de destaque entre os principais treinadores do Jockey Club de São Paulo.

Nascido no bairro de Vila Sônia, na capital paulista, sua afinidade com o mundo equestre sempre foi muito além da simples proximidade com as cocheiras do Jockey. Aos sete anos, Silvio já acompanhava o trabalho do pai, ajudando em pequenos afazeres. O que para muitos poderia ser encarado como simples rotina para ele se tornou profissão. Há cerca de cinco anos, Silvio adquiriu uma cocheira própria e, de lá para cá, o negócio não parou mais de evoluir.

Tido como guru entre os amigos de profissão, por pegar animais desacreditados e torná-los grandes campeões, o dono do grupo Setenta e Seis conta que a fórmula do sucesso com os animais mistura segredos guardados de família, sorte e uma boa dose de dedicação. "É preciso dar atenção individual e diária aos animais", sentencia.

Por isso, todos os dias, às 4 e meia da manhã, Silvio e sua equipe já estão a postos para começar mais uma jornada de treinamentos. Ainda na cocheira, todos os 50 cavalos da raça Puro Sangue Inglês (PSI) recebem tratamento individualizado, tarefa que o próprio treinador faz questão de acompanhar de perto. "A rotina é muito exigente e, por isso, a nutrição é um ponto forte do trabalho com os cavalos", comenta.

Antes de seguir para a pista e iniciar os treinamentos, cada animal recebe, direto na boca, uma dose do complexo vitamínico

Vitagold e uma dose de Equigold, suplemento de vitaminas e aminoácidos, ambos da Tortuga. Oferecidos com xarope de guaraná, representam um reforço para os cavalos atletas que logo entram para treinamento na pista. Além disso, complementa a dieta da tropa o suplemento mineral Kromium, oferecido misturado ao concentrado, sendo o volumoso constituído de feno e alfafa.

De acordo com o coordenador nacional de equídeos da Tortuga, Antônio Augusto Coutinho, o planejamento nutricional envolvendo cavalos atletas é um trabalho que mostra resultados com o tempo. "No caso do grupo Setenta e Seis, a suplementação com os produtos da Tortuga foi introduzida há cerca de seis meses. Nesse período, ficou evidente a melhoria no desempenho e, mais do que isso, a redução dos problemas de contusões dos animais e recuperação mais rápida depois dos esforços realizados na pista, já em decorrência do seu melhor condicionamento físico", informa Coutinho.

Após receber os cuidados, a tropa segue para a rotina de treinamentos, na pista de 2 mil metros do Jockey. A maior parte dos animais treina todos os dias por cerca de 30 minutos, se preparando para os páreos. O treinamento envolve, ainda, simulações com arrancadas no partidor, que servem para o animal não estranhar o ambiente, evitando, assim, que refugue a largada na corrida. Todos esses cuidados com a nutrição e com o manejo são importantes, segundo Silvio Bernardo Filho, para a obtenção de bons resultados nas provas. E isso, ele diz, "graças a Deus, não está faltando".

A reposição dos animais é garantida por um dos haras que possui animais no grupo Setenta e Seis, o Haras Pexin, de Cesário Lange, interior paulista, trabalho que o próprio Silvio administra em parceria com outro sócio. Além do olho clínico para identificar e preparar grandes campeões, ele também usa os seus conhecimentos para selecionar reprodutores e matrizes de grande potencial genético, para realizar acasalamentos. O resultado desse trabalho já rendeu animais de excepcional pedigree, que se tornaram campeões nas pistas dos Estados Unidos.

A grande procura por animais diferenciados tem valorizado os leilões de cavalos realizados no Jockey Club de São Paulo, com grande procura e médias de preços batendo na casa dos R\$ 50 mil. E isso faz crescer também o interesse de outros criadores no trabalho de Silvio. Recentemente, ele assumiu a administração de mais uma cocheira e passou a treinar a tropa do Haras Mondesir, importante criatório de cavalos PSI, do Rio de Janeiro. A cocheira já conta com 15 cavalos, mas deve crescer.



ANTÔNIO AUGUSTO (TORTUGA)  
E SILVIO BERNARDO FILHO  
NA COCHEIRA

# Haras Capim Fino faz sucesso com *Mangalarga Marchador*

Raça genuinamente brasileira, o Mangalarga Marchador tem temperamento ativo e dócil, e pode ser montado por pessoas de qualquer idade e nível de equitação.

Essas características possibilitam o fortalecimento da raça, especialmente entre criadores interessados em usá-lo como cavalo de serviço, devido à sua surpreendente capacidade de percorrer grandes distâncias. Além disso, trata-se de um excelente animal para apresentar em exposições, concursos de marcha, enduro e provas funcionais. De olho nessas peculiaridades e no enorme mercado potencial do Brasil, o empresário Eduardo Jorge Saad iniciou, há 14 anos, um projeto de seleção, no Haras Capim Fino, em Tiradentes (MG).

O projeto está, hoje, localizado em Santana do Deserto, também no interior mineiro, e o direcionamento é para obtenção de animais de qualidade diferenciada. Com tropa composta por 150 fêmeas, sendo a grande maioria bezerras, os animais são criados em condições de saúde e segurança, com cuidados, no Haras Capim Fino, em um sistema de criação baseado em regime de pastagem suplementada com ração.

João Márcio Assunção Ribeiro, gerente do Haras Capim Fino, afirma que o perfil econômico da região sempre foi influenciado pelas atividades de criação de leite, além do uso tradicional de equinos, em casos de agronegócio próximo a grandes centros urbanos, como Juiz de Fora e Rio de Janeiro, pela Rodovia BR 040, diz:

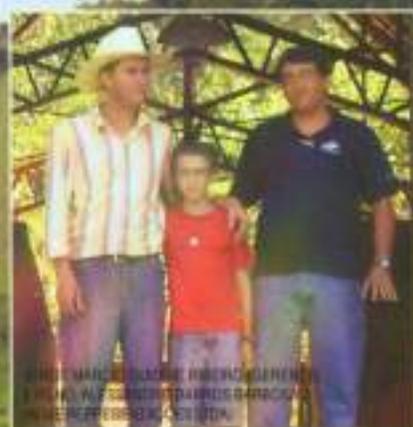
Outro diferencial do Capim Fino está na tropa, que tem obtido ótimos resultados nas exposições. "Além de servir como vitrine para exportar os animais, a pista serve também como fazidouro para avaliar, por meio da comparação com os demais projetos de seleção, se o trabalho está no caminho certo", sentencia Jorge Ribeiro, que chama a atenção para o garanhão Elo Kafe da Nova, Grande Campeão da raça na XXIV Exposição Nacional do Cavalo Mangalarga Marchador, em Belo Horizonte (MG).

"Nossa intenção é realizar bom trabalho com esse garanhão, que possui excelente aceitação no mercado, para participar de muitas exposições", completa o gerente.

Para garantir o alto desempenho da tropa ao longo do ano, em regime de pasto, Eduardo Saad utiliza a suplementação mineral. De acordo com Jorge Ribeiro, por longo período a propriedade usou o suplemento mineral Geotipi Plus, da Tortuga. Entretanto, após intenso trabalho de seleção genética na tropa, que gerou aumento da produtividade e resistência aos partos, o haras passou a utilizar um produto de suplemento mineral para animais de alto desempenho, Kromium, também da Tortuga.

*Suplementação mineral com Kromium, da Tortuga, entra na dieta dos animais e contribui para sua resistência e performance.*

Ribeiro relata que, há cerca de oito meses, a região passou por seca prolongada, o que exigiu reforço da dieta dos animais. Mas, como os equinos do Haras Capim Fino estavam sendo suplementados com Kromium, não houve alterações significativas no desempenho. "É impressionante o resultado que tivemos com o uso de Kromium nos animais em regime de pasto. Observamos que as doadoras, por exemplo, melhoraram o desempenho reprodutivo, resultando em maior quantidade de mudas disponíveis por colera", afirma o gerente.



JOÃO MÁRCIO ASSUNÇÃO RIBEIRO, GERENTE DO HARAS CAPIM FINO, JOÃO EDUARDO SAAD, PROPRIETÁRIO DO HARAS CAPIM FINO, E JOÃO RIBEIRO, FILHO DO PROPRIETÁRIO.



## FOCO

## Integração lavoura-pecuária para o Oeste baiano

A Captar pretende, em 2008, iniciar os regimes de semiconfinamento e confinamento no Oeste baiano. A iniciativa, que tem como suporte a integração lavoura-pecuária, conta com o importante apoio da Tortuga. Por intermédio da Captar, o proprietário do frigorífico Fribarreiras, Edilson Ribeiro, também se tornou cliente Tortuga, especialmente pelo diferencial em treinamento e em assistência técnica.

O objetivo é conciliar o potencial das duas regiões (semi-árido e Oeste) em épocas distintas. Assim, visa utilizar a capacidade máxima de lotação de pastagens das células do semi-árido durante a época das águas (novembro a março). Nesse período, a Captar pretende fazer recria, com animais de 7 a 11 arrobas. Além do grande volume de chuvas, o capim *Audubon* permite maior lotação e ganho de peso.

A partir de abril de 2008, a pretensão é levar os animais do semi-árido para o Oeste do Estado, onde entrarão em regime de semiconfinamento. A alimentação terá à base de palhada de milho, originada do sistema Santa Fé (plântio consorciado de milho com Braquiária). Nessa época, pós-colheita, esse tipo de área está pronta para receber os animais.

De julho a novembro (período de engorda), os animais que não atingirem o peso esperado no sistema de semiconfinamento serão confinados com a utilização de resíduos, como casquinha de soja e de algodão, bem como pré-limpeza de soja e de milho.

A associação semi-árido/Oeste terá o acompanhamento nutricional da Tortuga em todas as etapas. A meta da Captar é abater, no primeiro ano, 5 mil animais criados em semiconfinamento e 2 mil em confinamento.

De acordo com Rosendo Lopes, assistente técnico-comercial da Tortuga, para o semiconfinamento a projeção de ganho de peso diário é de 1 kg/dia. O sistema Santa Fé, como volumoso, representa a maior parte da dieta. A composição inclui, ainda, pré-limpeza de milho, casquinha de soja, calcário e Fosbovi Confinamento com Leveduras.

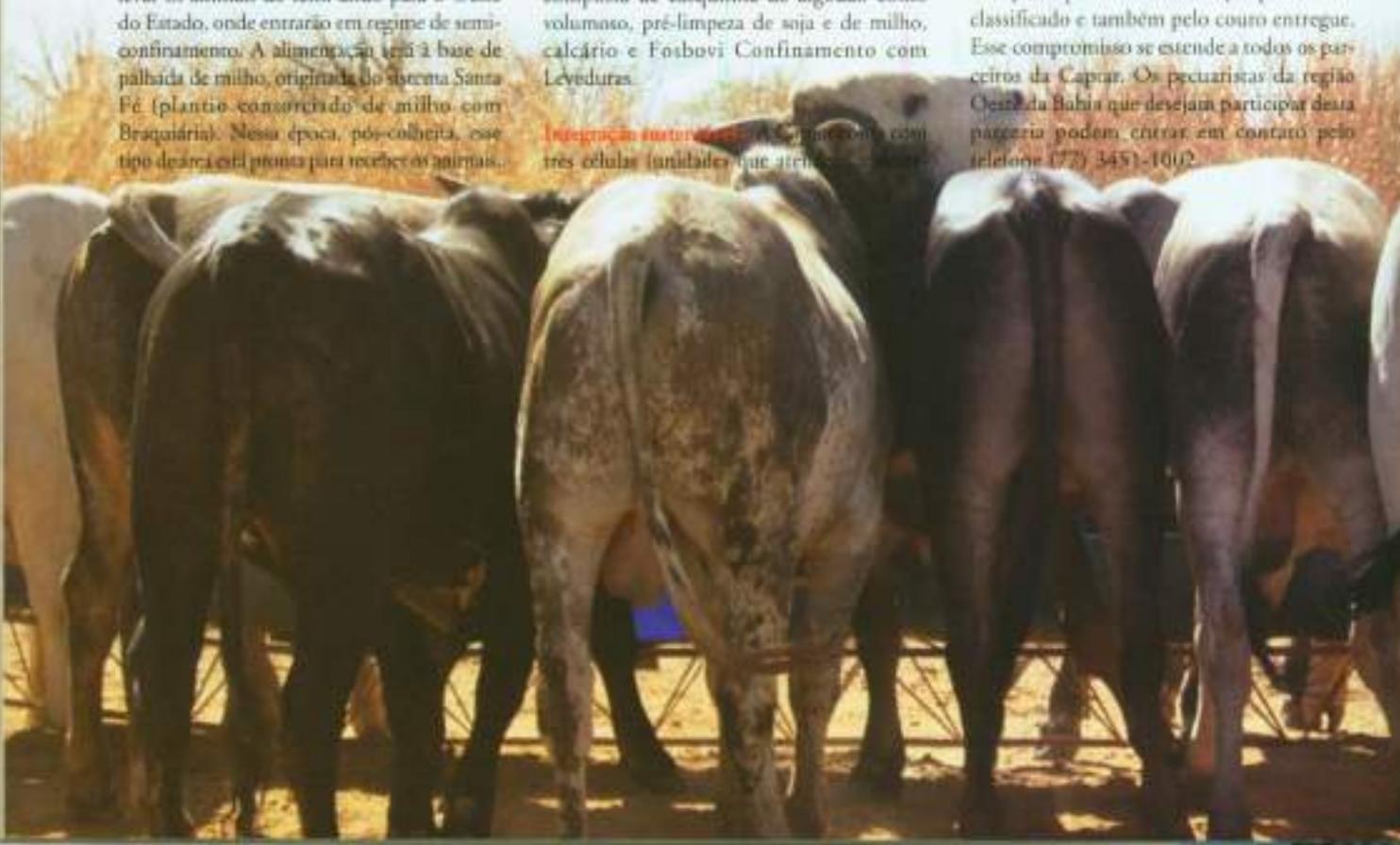
Para o confinamento, a previsão de ganho de peso diário é de 1,4 kg/dia. A dieta será composta de casquinha de algodão como volumoso, pré-limpeza de soja e de milho, calcário e Fosbovi Confinamento com Leveduras.

**Integração sustentável** - A Captar trabalha com três células (unidades) que atende a região

minadas microregiões e servem como áreas experimentais: uma no Juiz e outra em Santa Maria da Vitória (semi-árido) e outra em Laborandê (Oeste baiano). A implantação de novas células visa expandir a área de atuação por meio de parcerias com empresários do Oeste, baseadas no modelo de integração lavoura-pecuária, com a utilização de áreas com resíduos da agricultura.

O grande potencial de aproveitamento gera receita a mais para o agricultor, como se fosse a safrinha, que não é realizada no Nordeste do País. O modelo de integração permite a utilização de estruturas móveis da fazenda, como cerca elétrica, bebedouros, cochos e embarcadores. A estrutura fixa é usada basicamente para captação de água para abastecer as carretas-pipa. Outra vantagem é que não há necessidade de novos desmatamentos para ampliação de áreas para pastagem, o que resulta na preservação do meio ambiente.

A Captar pretende fomentar a produção de animais precoces e com acabamento. Todo o rebanho será fornecido para o Fribarreiras, parceiro que oferece preço diferenciado também pelo couro de qualidade. O frigorífico oferecerá melhor remuneração, a partir de bonificação por animal classificado e também pelo couro entregue. Esse compromisso se estende a todos os parceiros da Captar. Os pecuaristas da região Oeste da Bahia que desejam participar desta parceria podem entrar em contato pelo telefone (77) 3451-1002.



## SUPLEMENTO PROTEINADO NA ÉPOCA SECA

Suprir as carências minerais dos animais no período da seca, evitar o efeito 'boi sarfota' e a conseqüente perda de peso. Esses e outros objetivos têm sido efetivamente alcançados pela Captar Agrobusiness com o uso dos suplementos proteínados da Tortuga.

Parceira da Tortuga há dois anos, a Captar, que atua na pecuária de corte, tem intensificado o uso desses produtos, que, além de encurtar a idade de abate dos animais, contribuem para o aumento do desfrute e permitem o melhor aproveitamento da forragem seca.

Os resultados têm como suporte as recomendações do assistente técnico-comercial Rosendo Lopes, que formula a dieta dos animais. Já a assistência e o treinamento de mão-de-obra são atribuídos ao supervisor técnico, Marco Antonio Lopes Leite.

Durante a seca, os bezerros e garrotes consumiram, em média, 200g/dia de proteína, composto por sorgo moído, farelo de soja, uréia, cloreto de sódio e Núcleo Boi Verde Crescimento.

Já para os bois em terminação, que ficaram em regime de semiconfinamento, o consumo foi de 1% do peso corporal. A dieta incluiu sorgo moído (80%), uréia (1,5%), farelo de soja (14,5%), cloreto de sódio (1%), calcário calcítico (1,5%) e Fosbovi Confinamento Plus (1,5%). Esta ração é enriquecida com monensina sódica, inibidor que estimula positivamente a conversão alimentar e o aproveitamento de energia da dieta, melhorando o desempenho dos animais. O trato foi realizado às 10 da manhã e às 4 da tarde.

**Resultados** – Do início ao final da seca, a Captar semiconfinou 530 animais. Para mensurar os resultados do uso desta tecnologia, foi reservado um lote de 86 animais da Cefala Captar Iuiu, que fica na região semi-árida do Sudoeste baiano.

Estes animais entraram no semiconfinamento com média de peso de 450,2 kg (156<sup>o</sup>) e saíram com média de 496,9 kg, que representam média final de 16,56<sup>o</sup>. A média de ganho de peso diário foi de 899 g/dia.

A avaliação foi feita durante 52 dias, do início de setembro ao final de outubro. Nesse período, os animais saíram do regime à medida que adquiriram peso de abate. Com a dieta, os resultados foram altamente positivos, pois contribuíram para que a Captar pudesse abater o boi gordo no período da seca com preço de entrega alta.

# Conversa de ARMAZÉM

Este caso foi contado pelo Áureo Alcântara, mineiro bom, ali de Guaraciaba, na orla da Zona da Mata. Disse ele que ouviu num armazém de secos e molhados situado numa estradinha de terra entre Mar de Espanha e Chiador, parada obrigatória de qualquer viajante, já que lá o pão de queijo é dos melhores e sempre tem café quentinho. Jurou que repassou apenas o que ouviu de um sujeito com sotaque italiano e que estava a cada gole de café, sacudindo as mãos como se quisesse dar vida à narrativa. Eis, pois, o que me contou:

"A vida na Vila de Anta mergulhada na calma das tardes mormacentas transcorre sem maiores novidades. No salão de barbeiro de Agamenon Betingela reúne-se a confraria dos fiscais da natureza e contadores de vantagem. Aderaldo Ventania, ponta direita arisco dos bons tempos do glorioso Antense Futebol Clube, com suas recordações e exageros, é um dos mais notáveis freqüentadores daquele estabelecimento. Astério Ribalta, herói duvidoso, de múltiplo caráter, avesso ao labor diário, sem alternativas de ganho sem esforço, faz um trabalhinho ali, um meio expediente acolá, vai vivendo e freqüentando a barbearia.

Certo dia, Astério foi à capital, aproveitando vaga que conseguira no caminhão de Adoniran Pelicano, outro tipo dado à mania de contar vantagens e de querer ser o melhor em tudo aquilo em que se metia. Adoniran era proprietário da única funerária da região e comprava os caixões e urnas num grande atacadista do Rio de Janeiro. Na

volta, Astério, que tomara uma talagada de cachaça, enquanto aguardava o carregamento do caminhão, veio na carroçaria, meio desconfortável no meio daquele material que lhe dava arrepios. Mal o veículo chegara à Baixada Fluminense, uma chuva forte desabou. Astério, sem outra alternativa para proteger-se, deitou-se num dos caixões, com a esperança de que a chuva passasse logo. Alguns quilômetros depois, dormia a sono sóto, embalado pelo efeito das generosas doses da aguardente, enquanto o mau tempo dava lugar a um tímido sol de fim de tarde. Adoniran Pelicano, sujeito com pretensões políticas, recolheu pelo caminho várias pessoas que lhe pediram carona e que se aceitaram como puderam por entre a carga. Numa subida mais forte, ali pelas bandas do Morro do Melado, nos arredores de Anta, Astério acordou, levantou a tampa do caixão e esticou a mão para ver se a chuva tinha passado. O que aconteceu, a seguir, foi uma gritaria alucinada e muita gente pulou do caminhão. Um sujeito, de nome Ariqueles Carabina, tido como valente, desmaiou e, a partir desse dia, passou a ser conhecido como Ariqueles Garruchinha. Felizmente, o caminhão estava em marcha lenta e ninguém se machucou com gravidade, apenas algumas escoriações, uns pequenos arranhões e alguns casos de orgulho ferido.

Difícil foi evitar os gracejos e as pilhérias que o próprio Astério estimulou, nas inúmeras vezes em que, na barbearia, se viu obrigado a contar tão insólito acontecimento".

PAULO MACEDO

## PANORAMA

## Capacitação de parceiros no Pará e no Tocantins

No início de novembro, foi realizada ação de desenvolvimento e capacitação da mão-de-obra em três propriedades rurais (CSM Agropecuária S/A, Vale Bonito Agropecuária S/A e Rio Cortado Agropecuária S/A), sendo as duas primeiras no Pará e a última localizada no Tocantins.

De propriedade de Celso Silveira de Mello Filho, as três fazendas trabalham com o foco na cria, na recria e na engorda.

Esta ação teve por objetivo diferenciar a marca Tortuga e prestar serviço ao cliente, parceiro do Programa de Incentivo à Tecnologia Tortuga (PITT) e que utiliza no seu rebanho os produtos das linhas nutrição e saúde, inclusive vermífugos.

Desse forma, as informações técnicas e práticas transmitidas visaram capacitar os seus funcionários para a campanha contra a febre aftosa realizada nesse período e constataram de circuito de treinamentos sobre o correto manejo da vermifugação e a vacinação do rebanho nas propriedades.

Além de empresário do setor agropecuário, Celso também investe no ramo da educação, sendo proprietário da Fesar (Faculdade de Ensino Superior da Amazônia Reunida), sediada em Redenção, no Sul do Pará.

Além dos funcionários das fazendas, também participaram do curso os estudantes de zootecnia da Fesar, demonstrando o comprometimento do empresário não só com a capacitação da sua equipe de campo, mas também com a formação técnica dos futuros profissionais, que levarão conhecimentos ao homem do campo.

O papel da Tortuga foi cumprido e os mais de 100 participantes, entre funcionários e alunos, saíram satisfeitos, fortalecendo ainda mais a parceria com Celso Silveira de Mello Filho, além de reforçar a presença da empresa região Norte.

**FABIO ARANTES QUINTÃO**  
Assistente técnico-comercial  
Gerência Pará



RIO CORTADO AGROPECUÁRIA S.A.



VALE BONITO AGROPECUÁRIA S.A.



CSM AGROPECUÁRIA S.A.



CSM AGROPECUÁRIA S.A.

## TECNOLOGIA

## GRANUL

*Granulometria é um método de análise que visa a classificação das partículas de uma amostra pelos respectivos tamanhos e a medição das frações correspondentes a cada tamanho.*

Na prática, o termo granulometria é usado para caracterizar o tamanho dos grânulos de um produto moído, dado pelo Diâmetro Geométrico Médio (DGM) de suas partículas. Para medir a granulometria do milho, o produtor deve coletar amostra do milho moído e enviar a laboratório especializado, ou utilizar o granulômetro, instrumento apropriado para estimar o tamanho das partículas do milho.

Um dos pontos a ser considerado na qualidade do milho, para o uso em rações de engorda de suínos, é sua granulometria. Dependendo principalmente do diâmetro dos furos da peneira usada no moinho, o milho moído pode apresentar variações em seu DGM de, aproximadamente, 400 micrômetros (muito fina) até 1.200 micrômetros (excessivamente grossa). Essa variação no DGM pode influenciar alguns aspectos importantes na produção de suínos, tais como digestibilidade dos nutrientes, desempenho e ocorrência de úlcera gástrica.

Tem-se evidenciado que a redução no DGM das partículas do milho aumenta o seu valor nutricional. Milho

# GRANULOMETRIA DO MILHO

## em rações para suínos em terminação

moído com DGM de 1.054, 746 e 502 micrômetros apresenta valores de energia metabolizável de 3.322, 3.392 e 3.491 kcal/kg, correspondendo a aumentos de 2,1 e 5,1%, para os DGM de 746 e 502 micrômetros, respectivamente, comparados ao DGM de 1.054 micrômetros. Isso indica que o valor energético do milho pode ter aumento de até 169 kcal/kg, em função da redução do DGM até 502 micrômetros.

### Granulometria e o desempenho de suínos

A redução no DGM das partículas do milho, de aproximadamente 1.000 para 500 micrômetros, promove benefícios no desempenho dos suínos, em termos de diminuição de consumo de ração e de melhoria na conversão alimentar, sem afetar o ganho de peso. O fornecimento de ração, contendo milho com DGM de 509 ou 645 micrômetros, proporciona economia compreendida entre 20 e 27 kg de ração/suíno, para mesmo peso e idade de abate, comparado ao fornecimento de ração contendo milho com DGM de 799 a 1.026 micrômetros.

### Granulometria e úlcera esôfago-gástrica

A úlcera esôfago-gástrica é entendida como uma doença multifatorial. É encontrada em animais submetidos a estresse permanente, decorrente de práticas inadequadas de manejo, como mistura de lotes, superlotação e más condições de transporte, ou por desconforto ambiental: temperaturas extremas, oscilações térmicas e altas concentrações de amônia. A granulometria fina das rações também tem sido apontada como uma das causas dessa lesão. Entretanto, há controvérsias a esse respeito.

Ocorrem situações em que animais submetidos a rações com granulometria grossa (1.000 micrômetros) desenvolvem úlcera, enquanto animais alimentados com rações de granulometria fina (menor que 400 micrômetros) não apresentam o

problema. Assim, evidencia-se que a granulometria fina, como fator isolado, não é causadora de úlcera. Há de se atentar para o fato de que, na presença de condições favoráveis ao desenvolvimento da úlcera, conforme citado acima, a granulometria fina da ração poderá agravar o problema (Imagem 1).

**Recomendação da granulometria do milho para suínos** – Recomenda-se o uso de milho com DGM das partículas compreendido entre 500 e 650 micrômetros, o que proporciona economia mínima de 20 kg de ração por suíno terminado.

A recomendação quanto à granulometria do milho deve ser baseada no Diâmetro Geométrico Médio (DGM) das partículas e não somente no diâmetro dos furos das peneiras, por se tratar de uma medida mais precisa, considerando que não existe padronização nos moinhos.

Para saber se o DGM das partículas do milho está de acordo com o recomendado, deve-se realizar a análise de granulometria, que poderá ser feita em laboratório ou estimada em um instrumento específico como, por exemplo, o granulômetro,



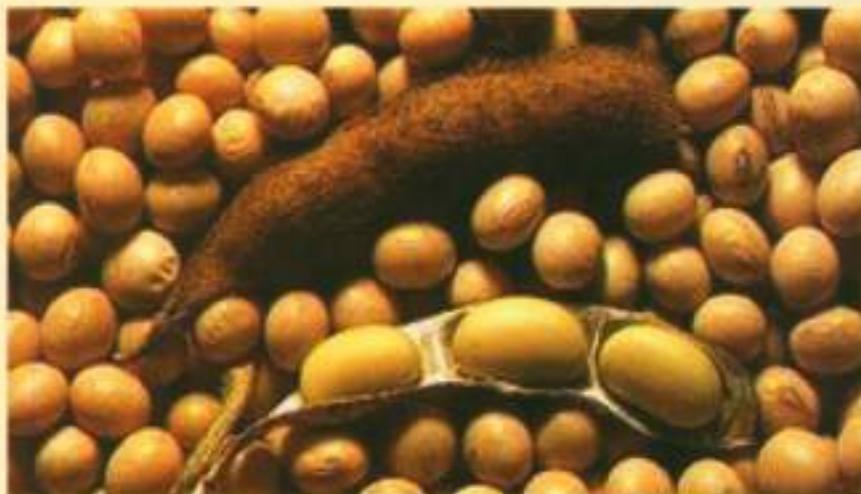
O modo mais prático para ajustar o DGM aos valores recomendados (500 a 650 micrômetros) é pela substituição da peneira no moinho.

Deve-se evitar o uso de milho com granulometria inferior a 500 micrômetros, sob risco de, na presença de fatores pré-ulcerativos, promover a potencialização dessa lesão.

Milho com granulometria superior a 650 micrômetros diminui a eficiência de sua utilização pelo suíno, contribuindo, assim, para o aumento da poluição ambiental, haja vista o maior volume de dejetos.

**MAURÍCIO ZANCANARO**

Assistente técnico de suínos



# A mineralização na suinocultura É IMPORTANTE?

*A intensificação da criação de suínos modernizou o sistema de produção e possibilitou a implantação de tecnologias que auxiliaram o aumento da produtividade. No entanto, a alta concentração de animais deste sistema permite situações de estresse, alto desafio sanitário e, conseqüentemente, baixo desempenho.*



As características mencionadas acima, somadas ao aparecimento da circovirose suína e presença de micotoxinas, entre outros geradores de estresse, conduzem a resultados zootécnicos ainda mais insatisfatórios.

A demonstração do verdadeiro potencial de crescimento do suíno é o resultado do equilíbrio entre sanidade, estresse e nutrição. A importância da mineralização nesse contexto é uma realidade indiscutível na visão dos nutricionistas. Apesar da pequena porcentagem de participação dos minerais na dieta, eles são essenciais à constituição do sistema imune, diminuindo o impacto negativo que os fatores imunossupressores podem causar no desempenho e no estado de saúde dos animais.

**Sistema imune** – Não é objetivo deste trabalho detalhamentos sobre o sistema imune dos suínos, mas algumas informações são importantes para compreendermos a interação dos sistemas de defesa e a nutrição.

A resposta imunológica representa uma complexa reação do sistema imune frente ao contato com substâncias antigênicas, como vírus, bactérias, toxinas ou outras substâncias estranhas. Os integrantes do sistema imune

desencadeiam uma série de respostas metabólicas, neuro-endócrinas e comportamentais, que compõem o mecanismo de defesa. Esta só é possível por meio de mediadores específicos chamados citocinas.

Há evidências científicas suficientes para concluir que a ativação do sistema imune resulta em prejuízo efetivo a diversos índices zootécnicos. Esta redução na produtividade, observada durante e após a resposta imunológica, é coordenada pela liberação das citocinas.

Um dos fenômenos de grande importância durante a resposta imune é o redirecionamento de nutrientes para atender à demanda de combate ao estímulo antigênico. Diversos nutrientes são mobilizados e deixam de atender funções produtivas, como deposição de proteína muscular e produção de leite para atender à demanda sinalizada pelo sistema imune. A febre, sinal clínico comum das viroses e bacterioses, por exemplo, faz com que ocorra aumento de 10 a 15% na taxa metabólica basal para cada 1°C de elevação na temperatura corporal.

Em casos de alto desafio sanitário e de estresse, é comprovado que maior quantidade de nutrientes é necessária. Em aves, por exemplo, aproximadamente 1% das exigências nutricionais é utilizada na manutenção de *status* imune normal. Esta porcentagem aumenta para 7% quando ocorre uma doença, que ativa as defesas da ave. Pesquisadores americanos afirmam que isso pode ocorrer em proporções ainda maiores no caso dos suínos.

O planejamento nutricional deve levar em conta a necessidade basal do animal aliada à necessidade criada pelos desafios sanitários presentes na granja. A dieta deve atender às necessidades imunológicas, evitando excessiva

partição de nutrientes, que geram grandes perdas de desempenho.

**Minerais orgânicos vs inorgânicos** – Os minerais são importantes no desenvolvimento do sistema imune, nas funções estruturais de tecidos e em várias funções regulatórias, passando pelo crescimento, desenvolvimento ósseo, funções enzimáticas e apetite.

As diversas ações exercidas pelos minerais no organismo animal dependem, principalmente, de sua absorção a partir dos alimentos. Tendo em vista a maior biodisponibilidade dos minerais orgânicos nos tecidos em relação a fontes inorgânicas convencionais, os macro-minerais sob a forma de complexo orgânico têm atuado melhorando o desempenho do animal.

A ligação dos minerais a moléculas orgânicas garante que o composto seja rapidamente absorvido e retido pelos suínos, não sofrendo mecanismo competitivo com íons na luz intestinal. Por se tratar de compostos minerais mais estáveis e menos vulneráveis às interações adversas na área intestinal, eles chegam diretamente aos tecidos e aos sistemas enzimáticos específicos, utilizando as vias de absorção e o transporte das moléculas que a eles estão ligadas. Por isso, podemos afirmar que uma quantidade significativamente maior deles chega ao intestino e ao sítio de ação quando comparados com os minerais inorgânicos.

## PAPEL DE ALGUNS MINERAIS NO SISTEMA DE DEFESA DOS SUÍNOS

**Zinco e o Cobre** – Alteram a morfologia intestinal e aumentam a capacidade absorviva, contribuindo para o aumento do desempenho e do crescimento. Além disso, eles funcionam como antioxidantes, que destroem radicais livres e previnem o dano oxidativo nas células.

Cobre é necessário para síntese de hemoglobina, enzimas constituintes do sistema de defesa e de várias proteínas plasmáticas. Ele influencia a estabilidade da flora microbiana, estimula a lipase intestinal e a fosfolipase, melhorando a digestibilidade das gorduras na dieta. Esta será essencial para formação do batalhão de células de defesa do animal, além de garantir a integridade das células do organismo, evitando sua destruição por vírus,

bactérias etc. As formas de Cobre orgânico são comprovadamente responsáveis pelo ganho médio diário e o aumento do consumo em leitões desmamados, frente à forma inorgânica.

Zinco é importante para o metabolismo de proteína, carboidrato e lipídio, assim como para síntese de mais de 200 enzimas, que estão envolvidas nas respostas imunes. O Zinco orgânico melhora a resistência dos cascos, a condição da pele e a qualidade dos pêlos pela afinidade aos tecidos que contém queratina. Considerando a imunidade dos animais, o Zinco apresenta tanto efeito positivo sobre a resposta imune aos patógenos quanto sobre a prevenção de doenças, por manter o tecido epitelial saudável e íntegro, impedindo que patógenos invadam o sistema. É prática comum na suinocultura industrial incluí-lo nas dietas de creche, devido ao aumento do desempenho de crescimento durante esse período crítico. Muitas pesquisas têm sugerido que esse aumento na taxa de crescimento se deve ao potencial efeito antimicrobiano do Zinco no trato gastrointestinal.

Ferro orgânico estimula a produção de leite e disponibiliza maior habilidade de sucção das mamadas pelos leitões. Isso garante maior ingestão de colostro pelo leitão, o que

contribui para aquisição de imunidade passiva e, conseqüentemente, início da construção do sistema de defesa, já que não existe passagem de anticorpos via placenta.

Selênio orgânico atua como preventivo nos danos às células, ao crescimento e ao desenvolvimento dos leitões. A integridade celular garante proteção a patógenos, que necessitam do ambiente intracelular para sua multiplicação.

Manganês orgânico é ativador enzimático do metabolismo de energia e proteína. Grande parte dos produtos para defesa é constituída por anticorpos, que são moléculas protéicas essenciais ao sistema de defesa. A disponibilidade de Manganês auxilia a síntese desta molécula, para manutenção da saúde do animal.

**Considerações finais** – A suinocultura convive intensamente com fatores imuno-supressores, que são geradores de baixo desempenho. A situação ideal de um sistema de criação, em que não existam doenças e fatores de estresse, é impossível na produção industrial de suínos.

Conviver de maneira harmônica com os fatores imunossupressores é possível. A adoção de programas de medicação, como a única forma de 'driblar' estes fatores é insustentável

devido aos altos custos gerados por essa prática, além de outros problemas, como contaminação ambiental, seleção de bactérias resistentes etc.

Contar com um programa nutricional que auxilie o desenvolvimento das 'ferramentas' de defesa imunológica do animal pode ser uma grande alternativa. A vantagem de administrar dietas com micronutrientes orgânicos é explicada pela alta biodisponibilidade destes, o que contribui para o desenvolvimento do sistema de defesa do suíno.

Por ser mais disponíveis, os minerais orgânicos não precisam ser mobilizados de outros sistemas, quando desafios sanitários estão presentes na granja. Normalmente, essa partição diminui a formação de fibras musculares e o ganho de peso, além de prejudicar a conversão alimentar, já que os nutrientes deixam de atender funções produtivas, como a deposição de proteína muscular e a produção de leite para atender à demanda sinalizada pelo sistema imune.

**TÚLIA MOREIRA L. DE OLIVEIRA**  
Médica veterinária CRMV-MG 0241



INTENSIFICAÇÃO DA CRIAÇÃO DE SUÍNOS: ALTA CONCENTRAÇÃO DE ANIMAIS, SITUAÇÕES DE ESTRESSE E ALTO DESAFIO SANITÁRIO

# MINERALIZAÇÃO DAS matrizes bovinas o ano todo

*Apesar de sabermos que é difícil conseguir, naturalmente, um bezerro por matriz no intervalo de doze meses, esta é nossa busca constante. As matrizes zebuínas têm período de gestação em torno de 292 dias, sendo considerada normal a variação entre 275 e 305 dias, o que significa, em média, aproximadamente 9,5 meses de gestação.*

Depois do parto, temos um período de aproximadamente 45 dias chamado de puerpério, período em que ocorre, entre outros eventos, a involução uterina (1,5 meses). Baseado nesse cálculo hipotético, essa matriz terá apenas um mês para sair do anestro, ou seja, volte a ciclar e haja reconcepção, propiciando o nascimento de um bezerro por ano. Normalmente, se verifica que algumas matrizes conseguem cumprir essa matemática e outras têm intervalos de 13 ou 14 meses e, mesmo assim, permanecem na fazenda por mais uma ou duas estações de monta, mesmo que as vazias sejam todas abatidas após o diagnóstico de gestação.

A estação de monta sendo normalmente de, no mínimo, 90 dias, permite que a matriz tenha tempo de engravidar mesmo com intervalo de parto maior do que 12 meses. Uma matriz que tem intervalo de parto de 13 meses, por exemplo, e engravidou no início de estação de monta de 90 dias, e seguiu essa regularidade, permanecerá na fazenda produzindo teoricamente um bezerro por ano durante até quatro anos.

Para exemplificar, vamos considerar que a estação de monta seja realizada durante os meses de outubro, novembro e dezembro. Se uma vaca engravidar no início da primeira estação de monta, que é 1º de outubro, 1º de novembro no segundo ano, 1º de dezembro no terceiro ano e 31 de dezembro no quarto ano, teremos uma matriz que, com intervalo de parto de 13 meses, deixou quatro crias na fazenda. Claro que esse valor é hipotético, mas vale lembrar que o espaço para reconcepção é curto e por esse motivo não podemos descuidar da nutrição das matrizes em reprodução em nenhum momento.

Muitos avaliam que, quando se confirma a prenhez, não há mais nada a fazer, desconsiderando a alta exigência provocada pelo aleitamento e/ou gestação. Essa prática pode trazer

conseqüências negativas às estações seguintes. É comum nas fazendas o fornecimento de mineral que atenda à alta exigência das matrizes somente no período da estação de monta, deixando em segundo plano o rebanho de cria durante o restante do ano, como se as matrizes "entrassem em férias" não precisando mais de atenção especial em nenhum outro momento.

A Tabela 1 mostra as distintas fases a que as matrizes bovinas são submetidas ao longo do ano, considerando 12 meses de intervalo de parto, independente do período em que elas ocorrem, respeitando os momentos de maior desafio que cada propriedade apresenta ao longo do ano nas diversas regiões produtoras do Brasil.

Estudos mostram que é muito importante a matriz apresentar bom escore corporal e, principalmente, que não demonstre déficit, ou seja, não perca peso durante a estação de monta, que sempre é realizada, no caso de multiparas, junto com a amamentação, justamente quando o bezerro, com 60 a 90 dias de vida, exige muito da matriz.

Depois do término da estação de monta, começa a gestação, que nos seus primeiros dias apresenta riscos de reabsorções embrionárias, que podem ser causadas por transtornos nutricionais. Quando é realizada a desmama, as matrizes gestantes estão próximas do terço final da gestação, período em que o feto cresce rapidamente e também é o momento em que podemos melhorar a condição corporal da matriz, perdida durante a amamentação.

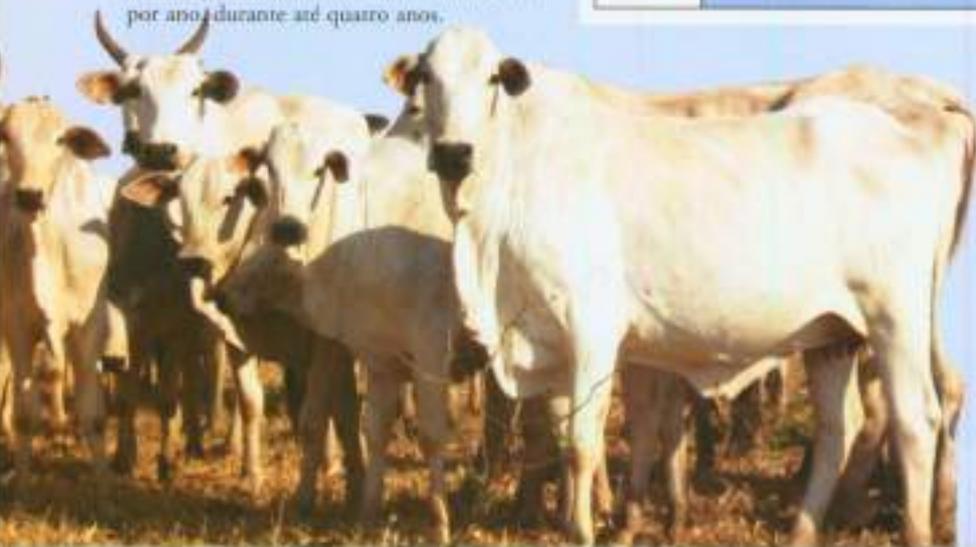
Portanto, a conclusão é que as matrizes apresentam requerimento nutricional elevado

Tabela 1 – Ciclo reprodutivo de uma matriz zebuína

Meses	O	N	D	J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D	J	F	M	A	M	J	J
Estado Reprodutivo	GESTAÇÃO										AMAM. RT. EM		AMAMENTAÇÃO + GESTAÇÃO				GESTAÇÃO					

durante toda a vida reprodutiva, que se distribui ao longo do ano, sendo importante o estabelecimento de adequado programa de suplementação mineral que contemple as exigências do animal para que, dessa forma, haja a minimização das perdas econômicas decorrentes de intervalos de partos prolongados.

RONALDO BOSA  
Assistente técnico-comercial Pará



# Mecanização de sistemas intensivos de produção de ruminantes

*Em viagem recente aos Estados Unidos, mais especificamente ao Estado de Wisconsin, a convite do gerente de marketing Belarmino Peres, da empresa francesa fabricante de máquinas e implementos agrícolas Khun Metasa, ficou constatado que as fazendas norte-americanas são, além de muito produtivas, altamente mecanizadas.*

A razão para tanta mecanização e uso de tecnologia de ponta está na necessidade de simplificar as operações de alimentação e reduzir a mão-de-obra nas fazendas. Devido à predominância da atividade intensiva de produção de bovinos nos Estados Unidos, sejam fazendas de leite ou corte, o uso de implementos agrícolas é generalizado.

Quanto mais intensivo o sistema de produção de ruminantes, mais pesado e precioso é o manejo da alimentação dos rebanhos. Além disso, o trato dos animais requer muito critério para não desequilibrar a ração. O produtor norte-americano sabe que fornecer rações de forma incorreta, além de aumentar os custos, reduz o ganho de peso e ainda expõe os animais a desordens nutricionais.

Dessa forma, fica claro que não basta balancear corretamente a ração. Deve-se também administrá-la de forma correta por meio de implementos agrícolas associada a manejo operacional correto.

O conceito TMR, que é o preferido dos nutricionistas e produtores norte-americanos e, provavelmente, o único método disponível para correto controle da composição da ração total, surgiu da necessidade de unir a correta

formulação de ração com seu adequado fornecimento aos animais.

A tradução mais simples de TMR é 'ração total misturada', em que todos os ingredientes da dieta, incluindo fontes de proteínas, energia, fibra, minerais, vitaminas e aditivos, devem ser totalmente misturados em uma ração para, então, ser fornecidos aos animais durante cada período de 24 horas.

## Os benefícios do uso do conceito TMR incluem:

- Aumento da ingestão de matéria seca
- Aumento da produção de leite
- Aumento da produção de carne
- Menos perda de ração no cocho
- Redução do custo da alimentação por minimizar perdas e aumentar os resultados zootécnicos e econômicos
- Melhor estado de saúde dos animais
- Redução dos riscos de distúrbios digestivos
- Redução da seleção de ingredientes da ração no cocho por parte dos animais dominantes
- Redução das sobras de alimentos
- Garantia da ingestão correta da ração balanceada, uma vez que a mistura é homogênea

A respeito da saúde do rebanho, a TMR ajuda a prevenir os distúrbios digestivos típicos de sistemas intensivos, que são provenientes de rações mal formuladas e/ou mal administradas, como acidose, timpanismo, diarreia e até mesmo intoxicações alimentares. Nas fazendas produtoras de leite, a TMR ajuda, ainda, a controlar febre do leite e mastites, além de melhorar a condição corporal durante período seco.

De acordo com Belarmino, pesquisas realizadas pela Universidade de Kentucky (EUA), por meio do Serviço de Extensão Cooperativo, constataram aumento de 10% no ganho de peso de bovinos confinados. Segundo a pesquisa, não consideramos redução de custos da alimentação e menos desperdício de alimentos, tem-se a seguinte análise econômica em confinamento de 1.000 animais:

Número de animais confinados/ano: 1.000  
 Número de diárias: 100 dias/ano  
 Aumento do GPD: + 100 g/dia (10% de GPD de 1000 g)  
 $0,1 \text{ kg} \times 1.000 \text{ bois} \times 100 \text{ dias} = 10.000 \text{ kg}$   
 Produção de @ a mais = 360 @ (54% RC)  
 Preço da @: R\$ 55,00  
 Receita a mais/ano com o uso de TMR = R\$ 19.800,00

Assim, os itens mais importantes no manejo nutricional de bovinos mantidos em sistemas intensivos são: Ração formulada pelo nutricionista e Ração que é efetivamente consumida pelos animais.

Concluindo, a exemplo dos Estados Unidos, a mecanização de sistemas intensivos de produção de ruminantes é importante para reduzir a mão-de-obra e aumentar o desempenho zootécnico e a eficiência econômica do sistema.

MARCOS SAMPAIO BARUSELLI  
 Zootecnista e gerente de Relações Institucionais da Tortuga



# VARIÓLA BOVINA, zoonose re-emergente no Brasil

*O termo variola bovina tem sido utilizado popularmente para descrever a doença caracterizada pelo aparecimento de lesões cutâneas localizadas no úbere, nas tetas das vacas e nas mãos dos ordenhadores.*

Três diferentes poxvírus podem estar envolvidos na etiologia da variola bovina. São eles *Campox* (variola verdadeira), *Vaccinia* (vírus utilizado na vacinação contra a variola humana) e *Pseudocampox* (pseudovariola). As lesões cutâneas causadas por tais poxvírus são indistinguíveis clinicamente, sendo fundamental o diagnóstico laboratorial para confirmação do agente etiológico.

Existem alguns registros esporádicos da variola bovina no Brasil, nas décadas de 1930, 1950 e 1970. No entanto, no final da década de 1990, houve grande aumento do número de casos da doença, caracterizando a ocorrência de surtos em diferentes Estados do País: São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Espírito Santo, Bahia e, mais recentemente, Mato Grosso e Pará.

A partir de diagnósticos laboratoriais realizados pelo Laboratório de Vírus do ICB e Laboratório de Pesquisa em Virologia Animal da Escola de Veterinária, da Universidade Federal de Minas Gerais, e outras universidades e instituições de pesquisas no Brasil, foi confirmado como sendo um *Vaccinia virus* o vírus envolvido nesses surtos. O *Vaccinia virus* foi utilizado como amostra vacinal durante a campanha de erradicação da variola humana no mundo até a década de 1980.

Apesar dos trabalhos realizados para controle desta zoonose em Minas Gerais, os dados mostram a evolução progressiva da doença no Estado, com focos nas Delegacias Regionais de Montes Claros, Trófilo Otoni, Governador Valadares, Viçosa, Juiz de Fora, Carrelo, Belo Horizonte, Uberaba, Uberlândia, Patrocínio, Patos de Minas, Bambuí, Passos e Oliveira.

A doença já foi constatada tanto em propriedades com ordenha manual como

naquelas com ordenhas mecânicas, sendo que nas últimas a taxa de ataque aos animais e ao homem foi menor em função das medidas de higiene comumente adotadas durante a ordenha.

**Sinais clínicos** – Nas vacas, observam-se lesões vesiculares e/ou ulcerativas nas tetas e, mais raramente, nos úberes de animais em lactação. A doença começa com pequenas manchas avermelhadas nas tetas e evolui para vesículas e crostas escuras. A cicatrização ocorre dentro de 15 a 20 dias. As lesões podem ser graves, atingindo 70 a 80% da área da teta. Normalmente, as vacas apresentam as quatro tetas lesadas com variados graus de gravidade. No rebanho afetado, num mesmo momento é comum identificar algumas vacas com vesículas e úlceras iniciais, várias com úlceras e crostas e outras em fase de cura, com cicatrização das úlceras. Nos bezetros, são observadas lesões na boca, no focinho e nos lábios. Porém, é preciso fazer exame detalhado para visualizá-las, porque elas se localizam principalmente na gengiva e, raramente, nos lábios e na região do focinho (Figura 1). Até hoje, essas lesões só foram encontradas em rebanhos leiteiros e em vacas em lactação.

Ordenhadores são geralmente contaminados e desenvolvem lesões semelhantes àquelas dos animais. Neles, a doença tem se caracterizado pela presença de lesões ulcerativas e pustulares, principalmente nas mãos, podendo também acometer antebraços e face, além de causar febre, dor, mal-estar e enfartamento dos linfonodos (aumento dos linfonodos) (Figura 2). Uma vez contaminados o homem e os animais, a doença leva em torno de 5 a 7 dias para se manifestar. A transmissão entre pessoas é rara, mas já foram registrados casos,

Figura 1 – Caso de variola bovina causada por *Vaccinia virus*.



Isolado nas tetas de vaca, município de São João Evangelista (MG), ano 2006



Isolado nas tetas de vaca, município de Bambuí (MG), ano 2003



Isolado nas tetas de vaca, município de Mariana (MG), ano 2006



Isolado do focinho de bezerro, município de Mariana (MG), ano 2006

Quanto à ocorrência da doença, observa-se tendência à sazonalidade, sendo mais frequente nos meses mais secos do ano (junho a setembro). Nessa época, a pele do teto encontra-se ressecada e mais suscetível ao desenvolvimento de lesões, como traumas e rachaduras, favorecendo a penetração e a multiplicação do vírus.

Figura 2 – Caso de varíola bovina por *vaccinia*, em ordenhadores em Minas Gerais, ano 2006.



**Formas de transmissão** – Entre fazendas, a doença é transmitida pela introdução de animais doentes no rebanho e por ordenhadores que trabalham com animais doentes em outras propriedades. Além disso, suspeita-se que a manipulação das alças de latões de leite pertencentes às propriedades acometidas pela doença pode favorecer sua disseminação. Estudos estão sendo realizados para verificar o envolvimento de roedores silvestres como reservatórios do vírus e como possíveis transmissores da doença.

A transmissão entre animais ocorre principalmente pelas mãos dos ordenhadores ou equipamentos de ordenha mecânica e a penetração dos vírus se dá em áreas das tetas e úbere das vacas que tenham a pele lesionada. A doença pode ser transmitida dos animais aos seres humanos, sendo que os ordenhadores são comumente infectados a partir do contato com as lesões presentes nos tetos dos animais doentes durante a ordenha.

Uma vez introduzida na propriedade, a doença dissemina-se para quase todas as vacas em lactação, caso nenhuma medida de controle seja adotada. A transmissão entre vacas se dá pelas mãos do ordenhador por ocasião das ordenhas.

**Perdas econômicas** – Além do aspecto econômico, a varíola bovina é também problema de saúde pública, pois se trata de uma zoonose. Em consequência da doença na propriedade, podemos listar os principais prejuízos:

- Dificuldade de ordenhar as vacas
- Queda de 40 a 80% na produção de leite
- Ocorrência de mamite, podendo causar lesões graves e até perda definitiva do teto
- Ocorrência de outras infecções secundárias nas lesões causadas pelo poxvírus

- Dificuldade na amamentação, em função das lesões no focinho e na cavidade oral, com conseqüente perda de peso e predisposição a outras doenças
- Acometimento do ordenhador e gastos com medicamentos, principalmente de antibióticos e antiinflamatórios
- Afastamento do ordenhador e contratação de novo retiriro

**Medidas de prevenção e controle** – No momento, não existe vacina contra a varíola bovina. O conhecimento prévio da doença é fundamental para prevenção e controle. Não adquirir animais doentes é uma das formas mais importantes de prevenção. Para isso, é essencial conhecer a procedência dos animais a ser adquiridos e examiná-los no momento da compra.

Não existe tratamento específico para a doença. As lesões dos tetos devem ser mantidas sempre limpas. Soluções à base de iodo glicerinado minimizam as infecções secundárias nas tetas e devem ser utilizadas.

Uma vez que a doença seja introduzida na propriedade, os prejuízos e danos podem ser minimizados com as seguintes ações:

- Separação dos animais doentes e implantação de linha de ordenha, na qual os animais afetados são ordenhados e manejados por último
- Utilização de luvas emborrachadas, com área antiderrapante, para ordenhar as vacas
- Limpeza e desinfecção das mãos/luvas do ordenhador entre a ordenha de cada vaca, com solução de cloro (água sanitária), sendo 1 litro de água sanitária misturado em 3 litros de água de boa qualidade, conforme o esquema sugerido: lavar as mãos com

água e sabão; em seguida, passá-las na solução de água sanitária e enxaguar-las na água limpa

- Utilização do iodo glicerinado nas lesões do úbere, não deixando o bezerro mamar por período mínimo de duas horas após a aplicação do produto. Não utilizar pomada à base de corticoide
- Não comercializar e não transitar animais susceptíveis a esta doença (vacas em lactação e bezerros em aleitamento), até a completa cura de todo o rebanho, evitando a disseminação da doença para outras propriedades

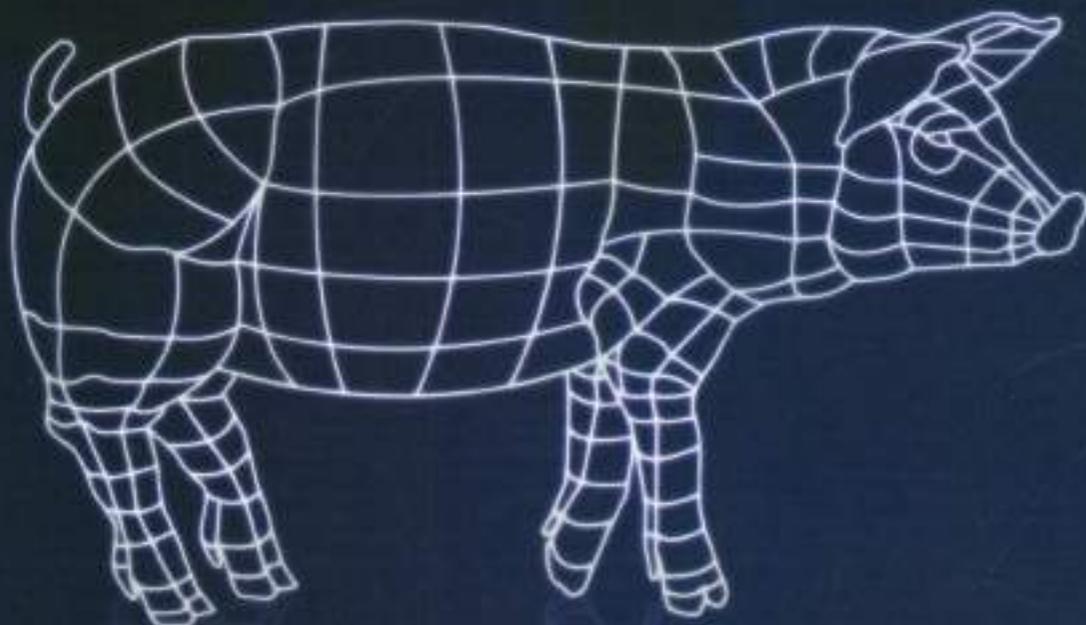
As pesquisas visam conhecer a epidemiologia da doença e características moleculares e biológicas das amostras de vírus isoladas em campo.

A Universidade Federal de Minas Gerais/UFMG (Laboratório de Vírus do Instituto de Ciências Biológicas e Laboratório de Pesquisa em Virologia Animal da Escola de Veterinária) e o Instituto Mineiro de Agropecuária (IMA) vêm conduzindo, em parceria, estudos sobre esta zoonose no Estado, para melhor conhecimento de sua epidemiologia e conseqüente prevenção e controle.

Amostras de crostas de animais doentes de surtos ocorridos no Estado já foram trabalhadas, sendo que alguns *Vaccinia virus* foram isolados e caracterizados. Os estudos moleculares apontam diferenças no genoma desses vírus. Entretanto, a relação entre as diferenças moleculares desses vírus isolados com os aspectos clínicos da doença no campo ainda não é clara, necessitando mais estudos. As formas de transmissão e resistência do vírus no ambiente e no leite também estão sendo estudadas.

ZÉLIA INÊS PORTELA LOBATO  
Profa. da Escola de Veterinária da UFMG  
MARIÉTA CRISTINA MADUREIRA  
Médica veterinária do IMA e aluna de doutorado da EV-UFMG  
ERNA GEESSEN KROON  
Profa. do Instituto de Ciências Biológicas da UFMG  
TÉRCIA M. LUDOLFO DE OLIVEIRA  
Enfermeira e aluna de mestrado da EV-UFMG

# MÁXIMA PERFORMANCE PÓS-DESMAMA



**Suigold**  
**PRÉ 400**

**Suigold**  
**PRÉ 250**



EXCLUSIVIDADE TORTUGA  
PARA PRODUTORES BRASILEIROS

### **Concentrados destinados ao balanceamento de rações pré-iniciais:**

- Contêm minerais orgânicos que proporcionam maior desempenho zootécnico com menor contaminação ambiental;
- Contêm nutrientes que estimulam o sistema imunológico dos leitões.



Ligue: 0800 011 62 62  
[www.tortuga.com.br](http://www.tortuga.com.br)



NUTRIÇÃO E SAÚDE ANIMAL

# NOTICIÁRIO TORTUGA

EDIÇÃO ESPECIAL EQUÍDEOS . ANO 53 . NOV/DEZ 2007

EDIÇÃO ESPECIAL

## EQÜÍDEOS DO BRASIL

PAIXÃO, HOBBY,  
NEGÓCIO, EMOÇÃO.  
TUDO ISSO E MUITO  
MAIS SOBRE EQUINOS,  
JUMENTOS E MUARES.



“ ESTE NOTICIÁRIO TORTUGA ESPECIAL EQÜÍDEOS  
É DEDICADO AOS CRIADORES, TÉCNICOS,  
TRATADORES, PEÕES E TODOS AQUELES  
QUE AMAM ESTES MARAVILHOSOS ANIMAIS ”

PAULO MACEDO  
Coordenador geral



## APRESENTAÇÃO

# O mais nobre *amigo do homem*

A saga, a epopéia, as lendas, as tradições e as conquistas, que o gênio humano sonhou, ousou e realizou, tiveram a participação do cavalo. Nenhum animal é mais citado na literatura universal que o cavalo. Todos os livros e tratados filosóficos, religiosos e morais do Oriente ao Ocidente mostram a figura do cavalo como condutor de mudanças, de conquistas, de nobreza e de progresso. E ele mantém, sem dúvida, a tradição de ser, através dos tempos, o "Nobre Amigo do Homem".

A criação do cavalo, do jumentinho e dos muarezes, nos dias atuais, volta-se cada vez mais para a lida, o esporte, a equoterapia e o lazer. No Brasil, é de suma importância a participação do chamado 'animal de tropa' como auxiliar insubstituível no trato e na lida do gado bovino. Por todos os rincões deste país, continentes diversificam-se os criatórios, as hípicas, as pistas, as canchas retas, as coudelarias, as associações de criadores, na multiplicidade das raças que, encontrando na biodiversidade dos trópicos e na determinação dos seus homens condições excepcionais, formaram um dos maiores plantéis de eqüídeos do mundo.

A revolução tecnológica permitiu ao homem desenvolver novos conceitos sobre a criação de eqüídeos, sob o ponto de vista zootécnico. Dentre aqueles conceitos, destacam-se os aspectos nutricionais, o manejo e o combate aos parasitas.

A nutrição condiciona e determina os resultados técnicos e econômicos na exploração racional dos animais. Sob essa ótica, os minerais são fatores fundamentais à fisiologia animal. Nos eqüídeos, particularmente, essa necessidade reveste-se de notável importância, dado que esses animais são submetidos a freqüentes esforços que requerem a participação daqueles elementos de forma equilibrada e ativa, permitindo a resposta plena da aptidão da raça.

Os processos reprodutivos, a fisiologia da lactação, a formação óssea, o funcionamento normal das articulações, o desenvolvimento da massa muscular, a integridade da pele e o brilho dos pêlos são alguns dos aspectos relacionados à participação dos minerais, das vitaminas e dos aminoácidos na dieta dos eqüídeos. O combate sistemático aos parasitas e as normas gerais de profilaxia adquirem especial significado nas

criações levadas a bom termo.

A preocupação com a formação e a manutenção de pastagens mais apropriadas e melhor adequadas aos eqüídeos tem merecido a atenção de especialistas e estudiosos desta importante área.

O adestramento, o treinamento sistemático, a integração do homem e sua montaria, principalmente o cavalo, as provas eqüestres e a grande superação profissional têm colocado o Brasil entre os países que se destacam no cenário hípico internacional.

Não se deve esquecer o importantíssimo papel das Unidades Militares de Cavalaria que, durante muitos anos, foram praticamente os únicos núcleos de criação sistemática de eqüídeos no Brasil e que, atualmente, ainda utilizam os cavalos na função de patrulhamento urbano e nas cerimônias e festas cívicas.

Mostrar um pouco destes aspectos que envolvem o fascinante mundo desses maravilhosos animais é a proposta deste Noticiário Especial Eqüídeos.

Boa leitura.

MAX FABIANI  
Presidente da Tortuga

## NESTA EDIÇÃO

APRESENTAÇÃO	03
TRIBUTOS A MONTY ROBERT	05
PREÇO DO CAVALO	06
PERSONALIDADE	07
A ORIGEM DOS CAVALOS	08
CAVALARIA, A ARMA LIGEIRA	10
CAVALARIA FRANCESA	11
DRAGÕES DA INDEPENDÊNCIA	13
POLÍCIA MONTADA DE ALAGOAS	15
POLÍCIA MONTADA DO PARANÁ	16
REGIMENTO 9 DE JULHO	17
ESCOLA DE EQUITACÃO DO EXÉRCITO	20
ACPCRJ	22
PASTAGENS	24
CONTROLE PARASITÁRIO	26
CÓLICA EM EQUÍNOS	28
ANEMIA INFECCIOSA EQUINA	30
DERMATOPATIAS EM EQUÍNOS	36
REPRODUÇÃO DO CAVALO	38
REPRODUÇÃO DO GANHÃO	40
LOCOMOÇÃO DOS EQUÍDEOS	42
FERRAGEAMENTO	45
SUPLEMENTOS E PERFORMANCE	47
BOAS NOVAS, POR ALUISIO MARINS	50
DOMA	52
HIPISMO	53
HIPISMO RURAL	56
EQUOTERAPIA	58
ATRELAGEM	61
ESCURIDÃO ILUMINADA	63
TRALHAS	64
MUSEU	65
TROPEANDO, POR FERNANDO ADAUTO	66
RACAS NO BRASIL	67

## NOTICIÁRIO TORTUGA

Noticiário Tortuga é o veículo de comunicação oficial da Tortuga Cia. Zootécnica Agrária, publicado desde 1954.

TRAGIAM 100 MIL EXEMPLARES

Fale com a Redação:

E-MAIL: IMPRIMSA@TEXTOSMSORIA.COM.BR  
TELEFONE: (11) 2198-3864

### COORDENAÇÃO GERAL

Paulo César de Macedo Martins (CRMV-MG 1437)

### PRODUÇÃO EDITORIAL

Texto Assessoria de Comunicações

### JORNALISTA RESPONSÁVEL

Altair Albuquerque (MTB 17.291)

### EDITOR

Marcio Miranda

### FOTOS

Texto Assessoria de Comunicações

Arquivo Tortuga e colaboradores especiais mencionados na edição

### PROJETO GRÁFICO

ICEZ identidade - design - estratégia



TORTUGA CIA. ZOOTÉCNICA AGRÁRIA  
AV. BRIG. FAIDA LIMA, 2.066 - 13º ANDAR  
SÃO PAULO - SP CEP 04512-905  
TELEFONE: (11) 2117-7700 FAX: (11) 3896-6322  
E-MAIL: NOTICIARIO@TORTUGA.COM.BR  
SAC: 0800-0116262

www.noticiariotortuga.com.br



# O HOMEM QUE OUVI CAVALOS

Tributo a Monty Roberts

*Ora dizeis ouvir cavalos, quando em estrelas é o que pensais.*

*Os cavalos dos sonhos, criador, são como estrelas. Estas ornamentam o firmamento, qual centauro mitológico, aqueles enfeitam os campos, as coxilhas, as veredas, o cerrado, a imensidão da planura, as grimpas das montanhas, e povoam o vosso imaginário, numa espécie de magia que só vós, iniciado nesse rito de passagem, que é a arte de criar cavalos, podeis entender.*

*Sim, criar cavalos é algo lúdico, sublime, profano, divino, qual um ato de amor.*

*Ora dizeis, crio cavalos e, em verdade, vos digo, para criá-los é preciso amá-los e para amá-los é preciso ouvi-los.*

*Paulo Cezar de Macedo Martins*



## Prece do Cavalo

*Ao meu amo, ofereço minha oração: dá-me comida e cuida de mim, e quando a jornada terminar dá-me abrigo, uma cama limpa e seca e uma baía ampla para descansar em conforto.*

*Fala comigo – tua voz muitas vezes significa para mim o mesmo que as rédeas. Afaga-me, às vezes, para que te possa servir com mais alegria e aprenda a te amar.*

*Não maltrates a minha boca com freio e não me faças correr ao subir um morro.*

*Nunca – eu te suplico – me agridas ou me espanques quando não entender o que queres de mim, dá-me uma oportunidade de te compreender.*

*E, quando não for obediente ao teu comando, vê se algo não está correto nos meus arreios ou maltratando os meus pés.*

*E, finalmente, quando a minha utilidade se acabar, não me deixes morrer de frio ou à mingua, nem me vendas para alguém cruel para ser lentamente torturado ou morrer de fome.*

*Mas, bondosamente, meu amo, sacrifica-me tu mesmo e teu Deus te recompensará para sempre. Não me julgues irreverente se te peço isto, em nome d'Aquele que também nasceu num estábulo.*

TRADUZIDO POR  
HERALDO DE ARAUJO PESSOA  
Fonte: ABCM

# PERSONALIDADE

*Sempre que dois ou mais cavalos estiverem em um grupo, quer confinados ou livres e soltos, se estabelecerá relação (entre eles) de dominador e subordinado. Na maioria das vezes, o sistema de dominância social desenvolvido nos rebanhos obedece a uma linha hierárquica.*

O número um ( $\alpha$ ) é dominante sobre todos os outros do grupo e o último ( $\Omega$ ) é submisso a todos os outros. Aqueles das posições intermediárias da hierarquia são dominantes sobre uns e submissos a outros. Um equino ganha a posição de dominante sobre outro indivíduo exibindo agressividade suficiente para que este se renda ou fuja.

Esse contato pode ser violento com coices ou batendo, mordendo ou, na maioria das vezes, empurrando com a cabeça ou pescoço, podendo ainda não haver contato físico, ficando somente na ameaça. Esta dominância está muito mais relacionada à personalidade do animal do que à força, pelagem ou tamanho propriamente dito.

O instinto de rebanho é bastante presente quando uma pessoa possui ou relaciona-se com um cavalo, quer simplesmente fazendo-lhe agrado, tratando-o ou usando-o. Independentemente da função (trabalho ou esporte), desde já, estará se formando um rebanho de apenas dois indivíduos (cavalo e pessoa) e, certamente, haverá disputa para saber quem é o indivíduo.

Quando procuramos compreender a interação que ocorre no contato entre homem e cavalo, devemos partir da consideração inicial, ou seja, que ambos possuem personalidade própria e única. Por falar em personalidade, devemos lembrar que se trata de estrutura psíquica fundamental e, geralmente, estável, embora temporal. Isto é, do ponto de vista histórico se realiza no tempo e em um esquema evolutivo; portanto, não estagnado. Para compreendê-la, devemos levar em conta, além do meio ambiente, a história do indivíduo, os fatores dinâmicos da

conduta, os complexos, os traumas, os conflitos. Enfim, as motivações, pois tudo tem grande influência na integração de toda e qualquer personalidade. Donde se conclui que o estudo da interação de duas personalidades (homem x cavalo), embora possível, é bastante difícil e depende de muitos fatores.

Poderíamos começar nos referindo à primeira dificuldade que encontramos, isto é, a impossibilidade de o cavalo comunicar verbalmente suas emoções, seus sentimentos. Assim, torna-se difícil ou quase impossível afirmar quais os fatores ou mecanismos mentais que determinam ou compõem a personalidade deste animal. Ele se expressa por meio de suas atitudes, que, segundo Dorance (1987), somente quem *feel the horse* conseguirá entender verdadeiramente sua forma exclusiva de ser, suas características próprias e exclusivas. Seu comportamento varia conforme a pessoa com quem ele interage.

A psicanálise, com seus cem anos de prática e de teoria, vem proporcionando posição mais confortável para os estudiosos da personalidade do homem ou, de modo geral, de sua vida mental. Basicamente, ela nos ensina que para todo comportamento há uma causa, sempre colorida por motivos inconscientes. Partindo desse ponto, podemos afirmar que tanto o homem como o cavalo têm uma vida mental em que nada acontece por acaso e tudo o que está se passando ou se passou fica registrado. Daí a importância da figura da mãe e do meio ambiente, incluindo, neste, o pai. E como isso se processa? Principalmente, pelo processo de identificação, sem o qual não haveria registro e, portanto, vida psíquica.

Por identificação, entendemos o ato

de se identificar (ficar igual) com pessoas e/ou objetos do meio ambiente. Havendo clima favorável, é por meio deste mecanismo que a criança começa a sorrir a quem lhe sorri, a falar, ou seja, a desenvolver a língua materna e, mais tarde, a assimilar as várias formas de expressão temperamental, interesses, maneirismos, passatempos esportivos ou intelectuais.

Alguns desses aspectos são óbvios e flagrantes. Enquanto outros são mais sutis e menos evidentes, contudo, mais fáceis de observar em relação ao ser humano do que com o cavalo, embora, segundo Loomis (1991), os potros têm forte tendência a copiar o comportamento das mães, pois ficam ao pé durante sete meses. A tendência a identificar-se não se restringe à tenra infância, passa pela adolescência e vai ou segue até a vida adulta, desde que – e aqui está o principal fator – a pessoa ou o objeto a provocar esta tendência de identificar-se for altamente catexizante, ou seja, investida de um montante suficiente de afeto, admiração, confiança etc. Por isso, os filhos se identificam com os pais, os alunos com professores ou educadores significativos. Enfim, nascem os ídolos. Podemos registrar outras formas de identificação, como na perda de um objeto e/ou pessoa intensamente catexizado e perdido por morte ou separação prolongada. Ou, ainda, identificação com objetos e/ou pessoas altamente catexizadas pela energia agressiva – isto é, embora admiradas, são odiadas.

Depois do exposto acima, penso que podemos levantar uma hipótese a respeito do essencial que ocorre entre cavalo e cavaleiro sempre que a parceria funciona, ou seja, do montante de afetividade e confiança que um investe no outro. Portanto, para que ocorra interação satisfatória entre ambas as personalidades, é necessário que a catexia ou o investimento afetivo exista de ambas as partes. Caso contrário, um desencontro pode ocorrer.

É do nosso interesse pesquisar por quais motivos o desencontro ocorre. Podemos perguntar se é uma questão de

personalidade ou não? Ampliando a questão da identificação, exposta acima, chegaremos aos conceitos de 'projeção e introjeção', mecanismos tão bem estudados pela psicanálise e que podem trazer alguma luz, pelo menos para compreendermos o que se passa da parte do cavaleiro quando provoca no cavalo uma reação negativa. Para isso, teremos que recorrer ao que se supõe acontecer no relacionamento mãe/bebê nos primórdios da vida. Ou seja: sempre que a mãe cuida, acolhe, atende o seu bebê, este, por meio do mecanismo de introjeção, incorpora suas partes boas, identificando-se com o 'bom' dela. No oposto, sempre que o bebê se sentir não acolhido, rejeitado ou descuidado tentará livrar-se do desconforto introjetado, projetando-o em um objeto ou na pessoa mais próxima – no caso, a mãe.

Sentimentos inconscientes de desconforto ou desamor, ou mesmo de ódio recalçados na infância, poderão ser colocados por projeção em um professor, em um líder ou, mais facilmente, em um cavalo. Este, por sua vez, pode intuitivamente captar o 'ruim' do qual seu parceiro por projeção está tentando se livrar e, se possuir personalidade forte, poderá rejeitar o cavaleiro, ocorrendo, assim, o desencontro entre ambos. A qualidade da rejeição dependerá do componente agressivo da personalidade do cavalo.

O aumento da relação entre homem e cavalo, que se estreita por meio de treinamentos, provas, viagens etc, nos permite conhecer melhor sua personalidade e novas idéias, atitudes surgirão e hipóteses poderão ser aventadas quanto à vida tão secreta quanto intrigante desse animal que tanto de humano encarna.

**DURINDA J. F. PUOLI**  
Membro da Sociedade Brasileira de Psicanálise (SP)

**J. NICOLAU F. PUOLI FILHO**  
Médico veterinário  
Professor de Equinocultura na  
FMVZ/Unesp – campus Botucatu.



## A ORIGEM dos Cavalos

*Um dos principais fatores e a importância de se conhecer a origem dos cavalos é saber-se o tempo que a natureza demorou em fazer do cavalo um ser como é hoje. Isso se revela de extrema importância para o manejo e lida diárias, como também para o manejo da alimentação em si.*

Como poderemos observar na evolução do cavalo, primeiramente ele habitava florestas e se alimentava de folhas. Com o passar dos anos, ele se adaptou às pastagens e ao convívio com outros animais, mas sendo sempre predado, e nunca predador. Isso o tornou naturalmente um herbívoro, condição que deve ser sempre respeitada, gregário, que vive em manadas, e presa, fugindo sempre de predadores, condição esta que o levou a adquirir excelentes percepções do meio ambiente que o cerca. Porém, se foi pego de surpresa, ainda nos dias de hoje sua reação inicial sempre é de fuga e, caso esta não seja possível, de defesa, mas jamais de ataque gratuito.

Entre o primeiro ancestral equino que se tem notícia, há 55 milhões de anos, até o cavalo adaptado para se alimentar de pastagem, passaram-se 30 milhões de anos. O cavalo na forma atual surgiu há apenas 40 mil anos. O homem domesticou o cavalo há cerca de 6 mil anos.

A ação da natureza demorou alguns milhões de anos para fazer com que o cavalo se adaptasse e se alimentasse de pastagens. Isso tem séria importância quando vamos manejar e alimentar os cavalos,

pois a ação do homem, tão recente, não pode se sobrepor à ação da natureza. Por isso, temos tantos cavalos passando por problemas de cólicas, que em geral levam ao óbito. Da mesma forma, esses milhões de anos moldaram o comportamento do cavalo como animal predado e o estado do comportamento e o conhecimento de como os cavalos vêem as situações que o envolvem se tornam prioritários para o bom relacionamento homem/cavalo.

Podemos diferenciar a evolução do cavalo em sete períodos, conforme descritos abaixo:

**1º Período** – Os equídeos descendem de um animal que habitou a terra no período Eoceno, há 55 milhões de anos, denominado *Hyracotherium* ou *Eohippus*.

Era um animal de cerca de 40 cm de altura, 70 cm de comprimento, pesando entre 20 e 30 kg, com quatro dedos e dorso arqueado, o que lhe dava agilidade para correr pelos pântanos de florestas tropicais à procura de alimentos e para fugir de predadores. Possuía dentes adaptados para se alimentar de folhas tenras e brotos de plantas. Ainda no período Eoceno, há 49 milhões de anos, surge o

*Propalaeotherium*, que habitou a Europa. Tinha quatro dedos nas patas dianteiras e três nas patas traseiras, com 70 cm de altura e 1 metro de comprimento.

**2º Período** – Já no período Oligoceno, há 35 milhões de anos, destaca-se um animal de 60 cm de altura, 1 metro de comprimento, pesando entre 40 e 50 kg, com três dedos e dentição semelhante ao seu ancestral, denominado de *Meshippus*. Por tanto, ainda habitante de florestas e se alimentando de folhas e brotos de plantas.

**3º Período** – No período Mioceno, há 25 milhões de anos, aparece o *Parahippus*, ainda com três dedos, mas já com adaptação dentária para o consumo de pastagens (dentes mais duros e arcadas adaptadas ao desgaste contínuo), com cerca de 80 cm de altura e 1,30 de comprimento e pesando 60 a 70 kg. A partir desse período, ocorreram também adaptações quanto à estrutura óssea para melhor poderem fugir dos predadores, pois passaram a habitar planícies que não possuíam a mesma segurança das florestas.

Houve fusão dos ossos rádio e ulna nos membros anteriores e tibia e fibula nos membros posteriores, o que impediu a rotação dos membros, mas ganhou em velocidade de deslocamento.

O dedo médio aumentou de tamanho, em detrimento dos dedos laterais, que não mais tocavam o solo quando em estação (apesar de poderem fazê-lo quando o animal corria). A involução de seus dedos laterais ainda hoje pode ser observada nas castanhas (na altura dos joelhos e do curvilhão) e no esporão ou machinho (na altura dos boletos).

Provavelmente nessa fase desenvolveram a excelente capacidade visual de longa distância com duas particularidades:

**1º) Visão Monocular:** o foco de ambos os olhos está voltado para a mesma direção frontal, lhe permitindo visão de longa distância. Porém, limita a visão lateral e dos posteriores, sendo estes pontos cegos quando ele fixa a visão para frente. Por este motivo, deve-se tomar cuidado quando se aproximar de um cavalo por trás se a atenção dele estiver voltada para a frente.

**2º) Visão Binocular:** o foco de cada olho está voltado para as laterais, lhe permitindo focar imagens à direita e à esquerda

e processar estas imagens de forma distinta, chegando seu foco de visão quase à ponta de sua cauda, dando-lhe ângulo de visão de 270°. Entretanto, quando está focada lateralmente, perde o ângulo de visão frontal.

Da mesma forma, aqui se desenvolveram todos os seus sentidos apurados, com excelente audição, podendo ouvir predadores a longa distância, olfato muito apurado, capaz de sentir o cheiro de inimigos há 2 km de distância (sentido este amenizado nos dias atuais) e excelente capacidade tátil de seus cascos, capaz de perceber imperfeições do terreno, de forma que ele adquira grandes velocidades sem sofrer acidentes.

**4º Período** – Na era Pliocena, há 5 milhões de anos, aparece o *Pliohippus*, já somente com um dedo e arcada dentária adaptada para o consumo de forragens, do porte de um jumento, com cerca de 1,20 m de altura, 1,5 m de comprimento, pesando entre 70 e 80 kg.

**5º Período** – Há cerca de 40 mil anos surge, no período Pleistoceno, na América do Norte, Bolívia e Argentina o *Onohippidium*. Este gênero, somente com um dedo, bem adaptado à velocidade, com 1,50 m de altura, 650 kg de peso, já possui a arcada dentária totalmente adaptada e especializada para o consumo de pastagens.

O gênero *Equus*, que antecede diretamente o cavalo moderno, aparece no período Pleistoceno, há 25 mil anos, no leste da América do Norte. É o maior de todos os ancestrais dos atuais eqüinos: o *Equus giganteus*, com 2 metros de altura e 1.000 kg de peso.

**6º Período** – No período Holoceno, há cerca de 11.000 anos, o gênero *Equus*, oriundo da América do Norte, difundiu-se por todo o mundo, originando as mais diferentes espécies, influenciadas, provavelmente, por temperatura, clima, altitude, solo e alimentação:

*Equus caballus*: (cavalo doméstico) encontrado no Norte da Ásia e por toda a Europa

*Equus hemionus*: (Onagro e Kiang) encontrado no Centro e Sul da Ásia

*Equus asinus*: (jumento) encontrado no Norte da África

*Equus zebra*: (zebra) encontrada por toda a África

Os cavalos desapareceram das Amé-

ricas por volta do período terciário por motivos desconhecidos, desenvolvendo-se na Europa e na Ásia, voltando a habitar as Américas somente a partir do século XVI, trazido pelos espanhóis.

Três tipos de cavalos selvagens desenvolveram-se na Europa e na Ásia:

*Equus caballus orientalis*: eram animais chamados de sangue quente, por seu temperamento mais ativo. Eram cavalos pequenos, bem proporcionados, esguios, pele fina, membros altos e finos, cabeça pequena, chanfro curto e estreito, dos quais, provavelmente, originaram os cavalos de sela do mediterrâneo. O primeiro representante destes cavalos é o Tarpan.

*Equus caballus occidentalis*: também chamados de sangue frio, por seu temperamento mais calmo, linfático. Eram animais grandes, pesados, com cauda e crina abundantes, pele grossa, de grande potência dos quais, provavelmente, originaram os cavalos de tração.

*Equus przewalskii* habitavam o Leste da Mongólia. Eram animais pequenos e compactos, com 1,30 m de altura, cabeça comprida e larga, crinas curtas e eretas; pelagem variando do castanho ao baio. Foram dados como extintos no início do século XX, mas já em meados desse mesmo século alguns exemplares foram encontrados em regiões selvagens da Mongólia, onde vivem até hoje em áreas de preservação ambiental.

**Domesticação** - Os cavalos foram domesticados, entre os anos 4.500 e 2.500 a.C., entre a China e a Mesopotâmia.

Primeiramente, foram utilizados como fonte alimentar e, por volta de 1.000 a.C., difundiram-se por toda a Ásia, Europa e Norte da África.

Em seguida, o homem descobriu o cavalo como animal de carga e de transporte, utilizando-o para batalhas, diversão e competição esportiva.

A conquista do cavalo pelo homem permitiu-lhe avançar mais que o limite físico humano jamais conseguiu. Aumentou sua capacidade de carga e sua velocidade. Diminuíram as distâncias, o que aumentou sua capacidade de conquistas.

A história da humanidade está estreitamente ligada ao dorso de um cavalo. Todas as grandes conquistas até o século XX foram

conseguidas graças à parceria com este animal, citando apenas alguns animais, como Bucéfalo, de Alexandre o Grande, e Marengo de Napoleão Bonaparte, passando pela gloriosa cavalaria dos mongóis, liderada por Gengis Khan, que por muito pouco não conquistou toda a Europa.

Até o século XX, nenhuma cavalaria perdeu uma batalha, ampliando as conquistas dos homens e assombrando os que não conheciam este nobre animal, surgindo daí figuras mitológicas, como o Centauro e as Amazonas.

ANDRÉ GALVÃO CINTRA  
Professor

#### CLASSIFICAÇÃO ZOOLOGICA DOS EQÜÍDEOS

Classe: *Mammalia* (Mamíferos)

Ordem: *Perissodactyla* (Perissodáctilos, que possuem dedos ímpares: aqui também se encontram os rinocerontes e as antas)

Família: *Equidae* (Equídeos)

Gênero: *Equus*

Espécies:

*caballus* (cavalo doméstico)

*asinus* (jumento)

*zebra* (zebra)

*burbelli* (zebra)

*grevyi* (zebra)

*quagga* (zebra)

*kiang* (hemí-asno asiático)

*onager* (onagro)

*hemionus* (hemiono)

Os produtos do cruzamento destas espécies produzem produtos híbridos, incapazes de se reproduzir (com raríssimas exceções):

O cruzamento de *Equus asinus* (macho) com *Equus caballus* (fêmea) produz o burro (macho) ou a mula (fêmea).

O cruzamento de *Equus caballus* (macho) com *Equus asinus* (fêmea) produz o bardoto.

O cruzamento de *Equus caballus* com *Equus zebra* produz o zebróide, sendo este cruzamento muito raro de ocorrer.

# CAVALARIA, *a Arma Ligeira*

"VÃO UNS PELO LARGO CAMPO DA AMBIÇÃO SOBERBA, OUTROS PELO DA ADULAÇÃO SERVIL E BAIXA, OUTROS PELO DA ARTIFICIOSA HIPOCRISIA E ALCUNS PELO DA RELIGIÃO SINCERA. EU, PORÉM, INCLINADO À MINHA ESTRELA, VOU PELA ESTREITA SENDA DA CAVALARIA - POR CUJO EXERCÍCIO DESPREZO A FAZENDA, MAS NÃO A HONRA."

Miguel de Cervantes

"SE NÃO TENDES O OLHAR DA ÁGUIA, A RAPIDEZ DO RAIO E A CORAGEM DO LEÃO, PARA TRÁS! NÃO SOIS DIGNOS DE PERTENCER AO FURACÃO DA CAVALARIA!"

Inscrição do pórtico interno do lendário Regimento Escola de Cavalaria, Regimento Andrade Neves, Vila Militar, Rio de Janeiro

CAVALARIA, CAVALARIA  
TU ÉS NA GUERRA A NOSSA  
ESTRELA GUIA!

(Refrão do Hino da Cavalaria)

"O QUE UM PRÍNCIPE  
APRENDE MELHOR É A  
EQUITACÃO, PORQUE O  
CAVALO NÃO O LISONJEIA"

Plutarco, historiador grego

HÁ MILHARES DE ANOS,  
O HOMEM UTILIZA O CAVALO  
COMO MEIO DE TRANSPORTE.  
ÁGIL, O CAVALO MUITAS  
VEZES CHEGA COM MAIS  
RAPIDEZ AOS LOCAIS DE  
PATRULHAMENTO.

O POLÍCIAMENTO FEITO  
PELOS REGIMENTOS DE  
CAVALARIA PROPORCIONA À  
POPULAÇÃO MAIS SEGURANÇA,  
INIBINDO A AÇÃO DOS  
CRIMINOSOS COM A  
IMPONÊNCIA DO CAVALO.



# A CAVALARIA FRANCESA e a Polícia Militar

*O Regimento de Cavalaria 9 de Julho, da Polícia Militar do Estado de São Paulo, tem profunda ligação histórica com o Exército francês, do qual herdou tradições marcantes. Essa ligação teve início em 1906, com a chegada da Missão Francesa de Instrução da Força Pública, hoje Polícia Militar.*

Em 15 de maio de 1906, chegou a Santos o vapor *Amazon*, trazendo a bordo o Sargento-Ajudante Frédéric Stattmuller, do 11º Regimento de Couraceiros do Exército francês. Stattmuller, um alsaciano de traços germânicos, era imponente como era exigido aos couraceiros, em tudo lembrando uma figura saída diretamente das epopeias napoleônicas, com largos bigodes recurvados e olhos azuis.

Era o quarto militar francês a integrar a missão, sendo comissionado no posto de Capitão, com direito a todas as honras do posto na Força Pública. Stattmuller veio a pedido do Chefe da Missão, Coronel Paul Balagny, chegado dois meses antes a São Paulo, que havia constatado a necessidade de ter um oficial francês para conduzir exclusivamente a instrução prática dos dois esquadrões do Regimento de Cavalaria da Força Pública.

A tática da cavalaria acompanhou o ritmo frenético de modernização implantado na Força pela missão francesa. O Regimento de Cavalaria conheceu dias de instrução constantes sob a direção gaulesa. As manobras e os exercícios eram diários. Enquanto a infantaria se exercitava no campo de manobras do Canindé, onde hoje se localiza o complexo de quartéis do Centro Administrativo e Escola de Educação Física da Polícia Militar, a cavalaria se aplicava no Campo de Marte, apreendendo, entre outras técnicas, o manejo da lança.

A lança de cavalaria, uma das armas

mais antigas utilizadas pelo homem, havia desaparecido dos exércitos europeus com o advento das armas de fogo, para ser revivida no período napoleônico, quando o Exército imperial francês, em 1811, incorporou os regimentos de lanceiros poloneses às suas fileiras. Os sucessos espetaculares dos lanceiros poloneses a serviço da França ensinaram a discussão doutrinária intermitente sobre a volta do uso da lança em todos os exércitos, devido ao seu grande poder de choque. Finalmente, em 1888, o Kaiser alemão Guilherme II decidiu definitivamente pelo uso da lança generalizado na cavalaria alemã, sendo seguido por todas as nações europeias, mantendo-se popular até o final da Primeira Guerra Mundial.

Reavivando o espírito dos torneios medievais preservados na renomada Escola de Cavalaria de Saumur, também o Regimento de Cavalaria paulista passou a executar com perfeição as manobras do "Carrousel", demonstrando o alto grau de adestramento da tropa brasileira. Essa tradição, presente hoje apenas no Brasil e na França, foi difundida pelo Tenente Coronel August Gatelet, chegado a São Paulo para instrução do Regimento, em 10 de maio de 1910.

No aspecto estético, igualmente fiéis ao espírito da cavalaria francesa, o uniforme da Força Pública foi alterado, adotando-se um modelo simbiótico dos diversos uniformes de cavalaria franceses. O capacete de crina, com o *plumet* na cor

do esquadrão, afixado na lateral, distintivo infelizmente desaparecido nos dias atuais, é herança dos couraceiros e dragões, que já o utilizavam na França desde 1804. A túnica azul, simples e funcional, repetia o padrão e a cor daquela adotada no Exército francês em 1845.

Também para os cavalos foi adotado o equipamento europeu. As selas e os arreios passaram a ser feitos no modelo francês, com a única diferença de que o sabre do cavaleiro permaneceu à moda alemã, ou seja, fixo à sela e não preso ao cinto do cavaleiro quando montado. Para os dias de festa, os cavalos passaram a ser cobertos com a chabraque, no melhor estilo napoleônico, com bornais para pistolas e porta-capote, enfeitados nas cores do Regimento.

Fato mais marcante ainda, demonstrando a identidade da Força Pública com a cavalaria francesa, foi a utilização cada vez maior do símbolo das lanças cruzadas. Até então se usava na Força Pública o símbolo português de cavalaria, que eram os dois sabres cruzados, os quais passaram a ser substituídos pelo símbolo dos lanceiros poloneses de Napoleão, as duas lanças cruzadas com bandeirolas. A mudança de símbolo influenciou o próprio Exército Brasileiro, consagrando-se nacionalmente no ano de 1935 para toda a cavalaria.

Igualmente, a lança brasileira recebeu como ornamento em sua ponta a mesma fâmula usada pelos lanceiros poloneses, só que dessa vez nas cores nacionais, o verde e amarelo. Desde então, não há nenhum evento importante do Governo do Estado que não conte com a presença da guarda de honra dos lanceiros do Regimento 9 de Julho, com bandeirolas desfaldadas, como símbolo da pujança estadual.

Tão grande é essa identidade estética, entre o nosso Regimento de Cavalaria e o Exército francês, que a centenária Banda de Clarins conta com um timbaleiro entre as suas figuras. O timbaleiro, trazido para a Europa após a campanha de Napoleão no Egito, inicialmente integrava os Regimentos Mamelucos de cavalaria, e logo se tornou moda em todos os exércitos europeus, representando para estes o mesmo que a bandeira representava para um Regimento de Infantaria, sendo considerado troféu glorioso e extremamente disputado nas guerras do século XIX, e hoje presente em todas as paradas da cavalaria paulista.

Doutrinariamente, a influência francesa foi mais sensível ainda. A cavalaria francesa do século XIX era dividida em cavalaria pesada, de linha e ligeira. De linha, eram os regimentos de dragões, capazes de marchar a cavalo e combater a pé, e os lanceiros, capazes do combate pela carga. A cavalaria ligeira, de sabres recurvados, especializada no reconhecimento, escoltas e carga, era composta pelos regimentos de hussardos e caçadores a cavalo. A cavalaria pesada, dos regimentos de carabineiros e couraceiros, apelidados de "grandes irmãos" pela tropa, era equipada com couraças e sabres retos pesadíssimos, combatendo como arma de choque de ruptura pela carga avassaladora.

Assim, a cavalaria da Força Pública, pelo seu diminuto efetivo, não poderia criar um corpo destinado a cada missão, mas, em uma solução genuinamente brasileira, adestrou-se a ponto de poder desempenhar todas as funções, conforme a necessidade. O Regimento 9 de Julho realizava a escolta de autoridades com toda a pompa e garbo que ainda hoje o marcam. Nas diversas revoluções dos anos 20 e 30 do século XX, cumpriu, sempre com eficiência, missões de reconhecimento, manobra e ligação, típicas da cavalaria ligeira. Combateu a pé em locais inóspitos para a infantaria, em missão típica da cavalaria de linha dos dragões, do que são exemplos marcantes as campanhas de 1930 e 1932. Na velocidade tática da cavalaria e poder de impacto do choque, criou o Regimento de Cavalaria o policiamento tático móvel

na década de 1970, servindo de exemplo para um tipo de policiamento com a doutrina da cavalaria de linha, hoje presente em todos os batalhões da Polícia Militar e copiado em todo o Brasil. E, ainda hoje, mantém o Regimento a carga avassaladora, como último instrumento de controle de distúrbios civis, com os meios adequados ao fim a que se destina, lançada com o mesmo espírito aguerrido da cavalaria pesada dos "grandes irmãos" de Napoleão.

Os militares franceses que trouxeram esses ensinamentos à cavalaria paulista durante a primeira missão francesa, de 1906 a 1914, foram o já citado Capitão Frédéric Scattmuller, couraceiro, Tenente Coronel August Gatelet, Tenente Coronel Alphonse Fanneau de La Horie e Tenente Coronel Goustave Vanin, estes dos Regimentos de Caçadores a Cavalo, e o Capitão René Demingian, do 27º Regimento de Dragões, morto em combate na Primeira Guerra Mundial.

Segundo uma testemunha da época da missão francesa, o Coronel PM Arrison de Souza Ferraz, "quer ao trote quer ao galope, o velho Regimento da Rua Jorge Miranda encantava e dominava pela imponência e marcialidade. Comertando aquelas exibições, disse o grande jurista e intelectual, Antonio Bruno Barbosa, que conhecia e tinha visto desfilar os mais adestrados corpos de cavalaria dos do Velho e do Novo Mundo: – Regimento de Cavalaria, nunca vi igual ao da Força Pública!"

Esta é a cavalaria da Polícia Militar, herdeira das tradições brasileiras da bravura da Guerra dos Farrapos e do Paraguai, imbuída na sua alma do espírito audaz francês de Aboukir, Marengo e Austerlitz.

CAPITÃO PM  
HELIO TENORIO DOS SANTOS  
Academia de História Militar Terrestre do Brasil  
Cadeira General Miguel Costa





# DRAGÕES DA INDEPENDÊNCIA

*O soldado 'Dragão' surgiu no Exército Romano, atravessou a Idade Média e apareceu, já nos tempos modernos, como símbolo das Casas dos Braganças Portugueses.*

Atualmente, os Dragões da Independência têm como principais missões: prover a guarda das instalações da Presidência da República, executar o cerimonial militar representativo do País, contribuir na formação do cidadão brasileiro, manter as tradições equestres da Força Terrestre e estar prontos para cumprir missões de garantia da Lei e da Ordem. O Soldado Dragão está sempre pelejando para 'Cumprir sua missão, aconteça o que acontecer'.

#### **Formação histórica dos Dragões -**

Em 1808, a sede do governo português foi transferida de Lisboa para o Rio de Janeiro. O Príncipe Regente D. João, convencido de que não se podia ter um

Exército forte sem uma potente cavalaria, e que, para bem guarnecer a sede do governo, havia urgência de se ter uma tropa capaz de perseguir e destroçar o inimigo, no caso de desembarque, resolveu criar, em 13 de maio de 1808, um corpo de cavalaria, ao qual deu a denominação de 1º Regimento de Cavalaria do Exército:

*"Tendo em consideração a necessidade que há de levar a uma maior força o Corpo de Cavalaria de Linha da Guarnição desta cidade, hei por bem crear um Regimento que se denominará Primeiro Regimento de Cavalaria do Exército, o qual será composto de oito companhias debaixo do mesmo pé em que se encontram estabelecidos os Regimentos de Cavalaria do Meu Exército do Reino e, para servirem neste Corpo, sou servido nomear os oficiais indicados na relação que com esta baixa assinada pelo meu Conselheiro, Ministro e Secretário dos Negócios Estrangeiros e da Guerra.*

*Palácio do Rio de Janeiro, em 13 de maio de 1808*

*Com a rubrica do Príncipe Regente Nosso Senhor"*

**Grito do Ipiranga** – O Regimento esteve presente no 'Grito do Ipiranga', por intermédio de elementos do então 1º Regimento de Cavalaria do Rio de Janeiro, Guarda de Honra do Príncipe D. Pedro I, em sua viagem de volta de Santos para a cidade de São Paulo, em setembro de 1822.

Pedro Américo, no quadro 'Grito do Ipiranga', representou esses ilustres cavaleiros saudando o Imperador do Brasil, no momento culminante da nossa Independência, nas margens do riacho Ipiranga.

São os 'Dragões' os primeiros brasileiros livres do jugo da Coroa Portuguesa.

Em 1º de dezembro de 1822, D. Pedro I criou a célebre Imperial Guarda de Honra, guarda pessoal composta de militares de escol e que tinha uma série de privilégios. Abaixo, um extrato do decreto de criação:

*"...para memorizar o amor e felicidade a minha sagrada Pessoa de tão brava porção dos meus súditos e outrossim para lhes dar demonstração do apreço que me merecem os serviços dos cidadãos que já se tem reunido em torno de mim dos que se houverem de reunir para o futuro organizar de todos eles um Corpo Regular de Cavalaria, com a denominação de GUARDA DE HONRA da minha Imperial Pessoa, admitindo deste modo no Império do Brasil uma nova tropa, cuja utilidade tem sido já assaz reconhecida nas principais monarquias da Europa..."*

*Palácio do Rio de Janeiro em 10 de dezembro de 1822*

*10 da Independência e do Império.*

*Com a rubrica de sua Majestade Imperial*

**Título** – O título 'Dragões da Independência' reúne a tradição da Independência e a própria origem da atual formação do Regimento.

Os integrantes da Imperial Guarda de Honra usavam na cimeira de seus capacetes o dragão heráldico das Casas Ducais de Bragança. Os dragões simbolizavam fidelidade a um príncipe daquela dinastia.

Juntou-se a denominação de Dragões à palavra Independência, resultando no título "DRAGÕES DA INDEPENDÊNCIA".

**História dos Dragões** – A história dos 'Dragões', no Brasil, remonta ao século 18, com a criação de duas Companhias a Cavallo, em Ribeirão do Carmo, atual Mariana (MG), em 24 de junho de 1711. Em 18 de janeiro de 1719, foram criadas duas Companhias de Dragões, na mesma Ribeirão do Carmo. Em 1757, Vila Rica, atual Ouro Preto (MG), passou a contar com três Companhias de Dragões. Joaquim José da Silva Xavier (Tiradentes) foi Alferes do Regimento de Cavalaria de Minas, que deu origem ao 1º Regimento de Cavalaria de Guardas. Portanto, ele foi um Dragão.

Em 24 de novembro de 1830, extinguiu-se o 1º Regimento de Cavalaria do Rio de Janeiro e o Regimento Regular de Cavalaria de Minas, criando com o pessoal e material destas unidades o 1º Corpo de Cavalaria do Exército, com sede na então Vila Rica. Em 22 de junho de 1833, passou este Corpo a chamar-se 1º Regimento de Cavalaria de Primeira Linha. No dia 4 de junho de 1834, o 1º Regimento de Linha voltou a ter sua sede no Rio de Janeiro.

**A montaria do comandante** – Pode-se dizer que o 1º Regimento de Cavalaria configura-se como a mais entusiasmada unidade do Exército, com participação efetiva na memorável jornada de 15 de novembro de 1889.

O Marechal Deodoro da Fonseca, reagindo contra uma enfermidade, entusiasmou-se ao ver as tropas formadas em São Cristóvão e, ao aproximar-se do Ministério da Guerra, pediu um cavalo para montar.

O Alferes Eduardo José Barbosa Júnior cedeu sua montaria, o cavalo baio nº 6. Então, naquele dia 15 de novembro de 1889, montando um cavalo do 1º Regimento de Cavalaria de Guardas, o Marechal Deodoro da Fonseca proclamou a República.

Por esse motivo, a montaria do Comandante do Regimento, tradicionalmente, é, e sempre será, um cavalo baio de número 6.

**Uniforme Histórico** – O uniforme histórico dos 'Dragões da Independência' foi concebido pelo pintor francês Jean Baptiste Debret, para ser utilizado pela

Imperial Guarda de Honra de D. Pedro I. Na criação do fardamento, Debret, em homenagem à então Imperatriz Maria Leopoldina, Arquiduquesa d'Áustria, buscou inspiração nos Dragões daquele império. O capacete adotado como parte integrante do uniforme dos Dragões da Independência era de metal dourado esmaltado, com o dragão heráldico da Casa de Bragança no qual, por entre as asas abertas, escorre a farta crina.

A reutilização do uniforme da Imperial Guarda de Honra pelo 1º Regimento de Cavalaria foi aprovada pelo Senado em 1927, sendo o fardamento utilizado, oficialmente, pela primeira vez, no desfile de 7 de Setembro daquele mesmo ano.

**Transferência para Brasília** – No dia 16 de novembro de 1967, os Dragões despediram-se oficialmente do velho casarão do tradicional bairro de São Cristóvão (RJ).

A primeira subunidade a alojar-se na Capital Federal foi o 3º Esquadrão de Fuzileiros. Assim, no dia 29 de dezembro de 1968, os 'Dragões da Independência', sob o comando do então Coronel João Baptista de Oliveira Figueiredo, estavam definitivamente instalados em Brasília.

O 1º Regimento de Cavalaria de Guardas é, sem dúvida, a mais antiga unidade do Exército, tanto em história contínua (1808) como por suas ligações anteriores (1719).

**Os Dragões nos Jogos Pan-Americanos** – Os Dragões estiveram presentes nos Jogos Pan-Americanos do Rio, conduzindo e hasteando as bandeiras do Brasil e do Comitê Internacional, exibindo para todo o País pompa e galhardia.

Atualmente, o 1º Regimento de Cavalaria de Guardas – Dragões da Independência é comandado pelo Tenente Coronel Fabiano Souto Martins, a quem agradecemos pelos documentos, fotos cedidas e informações prestadas.

# REGIMENTO DA POLÍCIA MONTADA DOM PEDRO I, de Alagoas

*O cavalo tem sido empregado, desde tempos remotos, na arte da guerra e, ainda hoje, em todo o mundo, as grandes instituições policiais fazem uso das tropas de cavalaria, pois a imponência, a agilidade e a força deste tipo de policiamento são fundamentais para o deslocamento rápido em locais de difícil acesso.*

Em Alagoas, o Regimento de Polícia Montada Dom Pedro I, integrante da Polícia Militar do Estado, é a unidade de policiamento especial, executando sua missão pelo patrulhamento montado em parques, orlas marítima e lagunar, praças públicas, eventos futebolísticos, em controle de distúrbios civis, em representações, com o uniforme de gala dos Dragões das Alagoas, em solenidades civis e militares e em ações integradas a outras forças do Poder Público, no campo da segurança pública.

Em 7 de agosto de 1991, foi criado o Esquadrão de Polícia montada Dom Pedro I (EPMon), elevado à condição de Regimento (RPMon), em 1995. Sediado na capital Maceió, ocupa área de 13 hectares, próxima ao centro da cidade. O quartel possui na sua infra-estrutura um prédio central, onde funciona a administração, equipado com auditório, refeitório, alojamento de oficiais e praças, almoxarifado e barbearia, quatro pavilhões de baias individuais, casa de ração, correteria, sapataria, ferradoria e a formação veterinária.

Quando da criação do EPMon, alguns policiais foram recrutados, dentre praças e oficiais com experiência e interesse em servir à cavalaria, dando início ao curso de habilitação em policiamento montado, que contou com a colaboração de oficiais do Regimento Dias Cardoso, da Polícia Militar do Estado de Pernambuco.

Trinta e sete militares integraram a primeira formação do Esquadrão de Polícia Montada, cuja sede provisória – o Parque de Exposições de Maceió – foi gentilmente cedida pela Associação dos Criadores do Estado de Alagoas.

Os animais que deram início à tropa do Regimento foram adquiridos pe-

lo governo do Estado, em 1991, no Rio Grande do Sul. Eram 60 animais, em sua maioria machos castrados e domados, cruz de Crioulo gaúcho.

Na primeira leva de animais estava a égua nº 17, Andorinha, que veio prenhe e, em 1991, pariu o primeiro potro, que recebeu o nome de Alagaúcho. Esta égua, apesar de já contar com 23 anos de idade, aproximadamente, ainda está reproduzindo.

A exemplo de Andorinha, outras éguas também produziram muitas crias e contribuíram bastante para a formação do atual plantel. Outros animais foram doados por criadores do Estado, a exemplo do garanhão da raça Campolina chamado Conde, que padreou as éguas durante determinado período e suas descendentes se destacaram pela habilidade materna.

Nesse mesmo ano, a cavalaria participou do desfile do dia 7 de Setembro, como destaque, em sua primeira apresentação à sociedade alagoana, que a aplaudiu com grande entusiasmo.

Os animais comprados se adaptaram muito bem e, em 1992, ocorreu a aquisição do segundo lote de 60 animais. Dessa vez, além de algumas éguas, também foi adquirido o garanhão PSI, batizado como Plano Cruzado, que deixou poucos filhos, pois morreu precocemente.

Em 1995, o Haras Porto Rico, renomado criatório alagoano de cavalos Quarto de Milha, fez doação à PMAL de um potro QM, linhagem de trabalho, que se tornou o garanhão-chefe do plantel.

Em 1999, foi adquirido o garanhão PSI Nobel, que serviu na reprodução até recentemente, quando faleceu.

Em 2004, o garanhão Appaloosa Oxum também passou a ser utilizado como reprodutor em algumas éguas e, em 2006, o Regimento comprou um lindo potro, tordilho, da raça Andaluza, que assumiu como garanhão-chefe na estação reprodutiva de 2007.

Em 1992, a PMAL realizou concurso para o quadro de oficiais de saúde (QOS), nomeando médicos veterinários, que respondem pelo Centro Veterinário da Cavalaria.

Atualmente, o centro veterinário conta com três Oficiais Médico-Veterinários e com equipe de auxiliares: enfermeiros veterinários e ferradores, responsáveis pela condução do manejo sanitário, reprodutivo e alimentar do rebanho.



A Polícia Militar, por meio do Centro Veterinário do RPMon, também participa na formação acadêmica de alunos do curso de medicina veterinária do Estado, mediante realização de estágio supervisionado para conclusão do curso.

Os animais do RPMon são vacinados anualmente contra raiva, tétano, influenza eqüina e encefalomielite eqüina e são desverminados três vezes ao ano.

O ferrageamento segue cronograma de casqueamento e reposição diária de ferraduras. A alimentação é à base de feno de tifton, na proporção de 5 kg diários de feno e 4 kg de ração concentrada comercial por animal, divididos em dois tratos diários.

A suplementação mineral é feita com Coeque Plus em ingestão forçada sobre o concentrado, na proporção de 60 a 100 gramas/dia, de acordo com a categoria animal. Algumas categorias, como éguas paridas, potros e animais que participam de provas hípcas, recebem reforço alimentar.

A Polícia Militar de Alagoas, conta, hoje, com efetivo eqüino de 90 animais, vários oficiais com formação em equoterapia, equitação de alta escola e equitação militar, nas mais renomadas escolas do País.

Participou, efetivamente, da criação da Sociedade Hípica Alagoana, realizou vários cursos de iniciação de cavaleiros e amazonas destinados ao público civil, participou com destaque em várias competições do Circuito Norte-Nordeste de Hipismo. Além disso, implantou o primeiro núcleo de equoterapia para atender aos portadores de necessidades especiais e realiza atendimento médico-veterinário aos animais da população menos favorecida economicamente.

O Regimento de Polícia Montada Dom Pedro I, ao longo desses 16 anos de existência, tem desenvolvido suas atividades com o firme propósito de levar segurança e tranquilidade à população alagoana, estabelecendo integração com a sociedade na construção de um modelo de polícia-cidadã, em que o cavalo tem sido o elemento fundamental dessa transformação.

HERBERT ANTONIO  
CALHEIROS MORAIS  
Médico veterinário  
Tenente-Coronel PM Q05

## REGIMENTO DE POLÍCIA MONTADA DO PARANÁ

*O Regimento de Polícia Montada Coronel Dulcídio, unidade mais antiga da Polícia Militar do Paraná, teve sua origem na Seção de Cavalaria da Província do Paraná, a qual foi instituída pela lei nº 522, de 30 de Julho de 1879.*



Sua denominação deu-se à justa homenagem ao bravo comandante Coronel Cândido Dulcídio Pereira, grande herói do cerco da Lapa e intitulado 'Patrono da Cavalaria' da Polícia Militar do Paraná. Esse herói destacou-se no comando de manobras defensivas na província do Paraná e em movimentos revolucionários.

A atual sede dessa renomada Unidade Policial Militar, construída em 1966, foi a primeira a ser edificada fora do quartel do Comando Geral, situada à Rua Konrad Adenauer, 1.166, Tarumã. Ela conta, atualmente, com 250 cavalos e efetivo de 254 Policiais Militares.

Após a sanção do Decreto Estadual nº 6.733, de 7 de junho de 2006, o regimento deixou de ser unidade híbrida e passou a ser unidade exclusivamente de cavalaria, ficando responsável pelo policiamento ostensivo hipomóvel em todo o território

estadual, sendo integrado por quatro Esquadrões de Polícia Montada, sendo que o 4º Esquadrão é o responsável pelo policiamento na região metropolitana de Curitiba e pelos destacamentos no interior do Estado.

Compete ao Regimento de Polícia Montada (RPMon) a realização de ações e operações de policiamento ostensivo montado em todo o território do Estado, contando com o policiamento ostensivo montado tradicional ou comunitário, apoiando as Unidades Operacionais de Área, além do emprego em eventos previsíveis, a partir de solicitação do Comando do Policiamento da Capital (CPC) ou do Comando do Policiamento do Interior (CPI), tais como operação futebol, shows, carnaval, eleição, comícios, passeatas, parques de exposição, festivais de música e folclóricos, representações festivas com emprego de guarda lanceiros, escoltas fúnebres e escoltas de dignitários, bem como o emprego da tropa de choque montada em situações de distúrbios civis, reintegrações de posse, rebeliões e calamidades públicas.

O atual comandante do regimento é o Major QOPM Heraldô Regis Bório da Silva, que tem como filosofia de trabalho o policiamento hipomóvel ostensivo comunitário.

Em 30 de junho de 2007, o Regimento Coronel Dulcídio comemorou 128 anos de existência, sempre trabalhando em prol da segurança da comunidade paranaense.

**Equoterapia** – O Regimento de Polícia Montada Coronel Dulcídio, cónscio de sua responsabilidade social, além de suas atribuições relativas à segurança pública, implantou o Projeto Equoterapia, que visa atender a pessoas carentes, portadoras de necessidades especiais, nos aspectos físico e psicológico, atividade esta que tem como público-alvo integrantes da corporação e da comunidade em geral, sem fins lucrativos, não sendo cobrada taxa nenhuma para a realização das seções terapêuticas, sendo exigidos apenas laudos médicos, encaminhando o praticante à equoterapia e entrando em fila de espera para o atendimento.

Sendo inaugurado em 22 de outubro de 2004, o centro tem capacidade para atender até 70 praticantes, sendo que, atualmente, está atuando com metade de sua capacidade total, devido à falta de profissionais para compor a equipe multidisciplinar.

**Projeto Formando Cidadão** – A unidade do Programa Formando Cidadão Coronel Dulcídio atende adolescentes com faixa etária entre 12 e 17 anos, oriundos da Regional Boa Vista e que se encontram em situação de risco pessoal e/ou social.

O programa é desenvolvido por parcerias entre Polícia Militar do Paraná, Secretarias Municipais da Criança, Saúde, Educação, Esporte e Lazer e Abastecimento, Fundação Cultural de Curitiba, Fundação de Ação Social e Secretaria de Estado da Criança e Assuntos da Família.

A implantação da unidade do Programa Formando Cidadão Coronel Dulcídio surgiu em resposta aos problemas sociais enfrentados pela Regional Boa Vista, em virtude da expansão demográfica, principalmente nas áreas de ocupações irregulares de terras.

O programa objetiva afastar os adolescentes das situações de risco, especialmente aqueles que estiverem em atividades geradoras de renda nas ruas, oportunizando-lhes desenvolvimento integral e o exercício de sua cidadania.

O trabalho é desenvolvido em oficinas: acompanhamento escolar, formação pessoal e social, educação e trabalho, cultura, esporte e lazer. O Projeto Formando Cidadão Coronel Dulcídio tem como oficina do trabalho duas modalidades: tratados de equinos e equitação.

POLÍCIA MILITAR DO  
ESTADO DO PARANÁ



## Regimento 9 de julho, orgulho da cavalaria paulista

*O surgimento da Cavalaria Paulista remonta, na verdade, às origens da própria milícia paulista, pois quando da criação da Polícia Militar do Estado de São Paulo, em 15 de dezembro de 1831, à época denominada Guarda Municipal Permanente, pelo Presidente da Província, Brigadeiro Rafael Tobias de Aguiar, esse Corpo de Voluntários era composto por cem homens de infantaria e 30 homens de cavalaria, estes últimos designados para a composição de uma 'Secção de Cavallaria', célula mater do atual Regimento.*

O primeiro Comandante da "Secção de Cavallaria" foi o Capitão Pedro Alves de Siqueira, do extinto "Corpo de Voluntários de Milícia a Cavallo", escolhido pelo próprio Brigadeiro "pelas boas referências que tivera a seu respeito".

O Regimento de Polícia Montada 9 de Julho, como unidade, foi criado em 11 de outubro de 1892, sendo uma das mais tradicionais da Polícia Militar do Estado de São Paulo que, à sombra de um passado de honra e trabalho, milita edificando o presente.

O primeiro Comandante do Regimento 9 de Julho foi o Tenente-Coronel do Exército Brasileiro Joaquim Inácio Batista Cardoso, avô daquele que seria o presidente da República, Fernando Henrique Cardoso, sendo seu atual Comandante o Tenente-Coronel PM Maércio Ananias Batista.

Em 1906, a unidade passa a receber os ensinamentos da 1ª Missão Militar Francesa no Brasil que, entre outras contribuições, introduziu e dinamizou a filosofia sistematizada de trabalho com cavalos, ocasião em que foram renovados os regulamentos, padronizados os uniformes, implantada a equitação sob a doutrina da Escola Francesa e, principalmente, os exercícios de treinamento equestre para a tropa paulista.

Desde seu embrião, na Seção de Cavalaria, em 1831, até nossos dias, o Regimento de Polícia Montada 9 de Julho participou dos principais eventos que marcaram a história nacional, contribuindo para que o País sedimentasse suas instituições, destacando-se:

**1842:** Revolução Liberal de Sorocaba quando, em Venda Grande, nas cercanias de Campinas, teve seu batismo de fogo sob o Comando do então General Luís Alves de Lima e Silva, o Duque de

Caxias, Patrono do Exército Brasileiro

**1854:** Movimento Revolucionário de Rio Claro

**1893:** Revolta da Armada na Capital Federal (RJ)

**1896:** Questão dos Protocolos

**1917:** Greve Operária e Movimento Anarquista

**1924 e 1925:** Revolução Paulista e Campanha do Sul

**1925:** Movimento Subversivo em Iacanga

**1926:** Campanhas do Nordeste e Goiás

**1930:** Revolução Outubrista de Getúlio Vargas

**1931:** Levante Militar

**1935:** Movimentos Extremistas

**1932:** Revolução Constitucionalista

**1964:** Revolução de 31 de março

Dois foram os Generais da PMESP oriundos das fileiras do Regimento 9 de Julho: General Miguel Costa, por sua atuação no comando da Vanguarda da Revolução de 1930, cumprindo a missão com inextinguível bravura e competência, e o General Júlio Marcondes Salgado, herói da Revolução Constitucionalista de 1932, Comandante Geral da Força Pública, e que morreu vítima da explosão de uma granada.

A denominação 9 de Julho, para o Regimento de Cavalaria, foi iniciativa

do então governador do Estado, Jânio Quadros, em 7 de novembro de 1955, como homenagem do povo paulista por sua heróica participação na Revolução de 1932 e por ser depositário das mais belas tradições paulistas.

Em outubro de 1992, o Regimento comemorou, em grande estilo, seu centenário com diversas provas de salto, na Pista General Marcondes Salgado, que reuniram militares do Exército Brasileiro, das Polícias Militares do Rio Grande do Sul, Paraná, Santa Catarina, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Distrito Federal e do Espírito Santo e de sete países (França, Itália, Argentina, Peru, Bolívia, Uruguai e Chile).

Atualmente, o Regimento de Polícia Montada 9 de Julho subordina-se ao Comando de Policiamento de Choque, atuando na preservação da ordem pública em todo o território estadual, em operações especiais rurais e urbanas, em controle de tumultos e nas mais variadas solicitações operacionais, como patrulhamento montado na periferia, nos parques públicos, nos estádios, nos grandes eventos culturais e esportivos. Além de todas as missões operacionais, o Regimento também executa missões especiais e de representatividade, por meio das Escoltas de Honra, dos Lanceiros, da Banda de Clarins, da Escola de Volteio, do Carrousel (evoluções a cavalo, sincronizadas e sem comando, executadas por um esquadrão) e do Desporto Equestre (salto, adestramento e Concurso Completo de Equitação). O Regimento também desenvolve atividades de cunho social ao realizar o atendimento em equoterapia a pessoas portadoras de necessidades especiais.

Existem ainda 12 Destacamentos Montados sediados nas cidades de Avaré, Bauru, Campinas, Campos do Jordão, Guarujá, Itapetininga, Marília, Sorocaba, Rio Claro, Ribeirão Preto, São Bernardo do Campo e Mauá.

A atuação do policiamento ostensivo montado destaca-se pelo aspecto preventivo, em que o policial a cavalo, em posição elevada, consegue ter visão privilegiada, acrescida de que é facilmente visto, oferecendo, assim, segurança à área a ser policiada.

Cioso de suas responsabilidades, o



Regimento 9 de Julho, ao mesmo tempo em que procura preservar seus laços de tradição e de respeito a seus antepassados, preocupa-se em modernizar seus procedimentos visando a excelência na prestação de serviços à comunidade na qual se encontra inserido.

Essa é a história do Centenário Regimento de Polícia Montada 9 de Julho, fiel aos princípios da Polícia Militar do Estado de São Paulo – “Lealdade e Constância”, projetando-se para a modernidade e impulsionada pela solidez de suas autênticas tradições.

**Policamento montado** – O cavalo, inicialmente empregado como simples meio de transporte na atividade policial, foi se caracterizando ao longo dos tempos como elemento de comprovada eficiência no desempenho das missões afetas à segurança pública. Prova disso é que a tropa de policiamento montado tem sido mantida nas maiores metrópoles do mundo, em várias organizações policiais, a despeito de todos os benefícios advindos do avanço tecnológico e científico à disposição do homem.

Não se pode ignorar que o cavalo impõe, pela simples presença, ostensividade, efeito psicológico e poder repressivo, bem como possibilita a seu cavaleiro grande visibilidade, mobilidade e flexibilidade, propiciando, conseqüentemente, significativa economia de efetivo em área a ser patrulhada em comparação ao policiamento a pé. Tais características evidenciam não só a pertinência do seu emprego, mas também a diversidade das missões que cabem à tropa montada, sejam operacionais ou de representação.

A missão constitucional da Polícia Militar é a execução do Policiamento Ostensivo Preventivo, ou seja, deve evitar a ocorrência do crime por intermédio de presença ostensiva nas ruas, inibindo, assim, a ação de delinquentes. Portanto, quanto mais visível for a polícia para a população, tanto menor será a probabilidade de ocorrência de delitos na área de sua atuação e, porque não afirmar, que nada é mais ostensivo do que um policial militar a cavalo.

Outra característica que privilegia o policiamento montado é que o homem a cavalo, por se encontrar em altura

mais elevada em relação às demais pessoas, tem seu campo de visão ampliado, possibilitando-lhe ver e ser visto, mesmo à distância, cabendo-lhe ainda relacionamento polido e respeitoso com o público externo, devendo estar pronto para usar a força nos limites da discricionariedade que lhe confere o poder de polícia.

Em que pese o respeito que impõe, o cavalo propicia a aproximação de crianças e adultos, principalmente nas grandes cidades, pois o contato da população com a patrulha montada proporciona o vínculo e, por conseguinte, aumenta a confiança da população na organização.

**Controle de multidões** – Por inspirar noção de poder e força, em face do porte avantajado do cavalo, tanto no policiamento como no controle de multidões, a ação da tropa montada, além de eficaz, evita o confronto direto, uma vez que, na maioria das vezes, a turba se evade e é canalizada para pontos de dispersão, prévia e estrategicamente preparados, ante a aproximação da tropa montada.

Por vezes, a simples presença da tropa a cavalo desencoraja desinteligências e tumultos, levando as partes rapidamente à negociação. Porém, para que uma ação de choque a cavalo seja eficaz e eficiente, a tropa é treinada com simulações de situações próximas à realidade, visando o autocontrole do cavalariano e o condicionamento do cavalo.

Nas praças desportivas e nos grandes eventos, o Regimento 9 de Julho atua em apoio ao policiamento a pé e desenvolve precipuamente as seguintes missões: executar o policiamento a cavalo próximo aos estádios; prevenir e reprimir confronto entre torcedores; garantir a integridade física dos torcedores; patrulhar com vistas a armas de fogo, fogos de artifício, artefatos explosivos (bombas caseiras) e entorpecentes; organização da entrada e saída de pessoas nos locais de evento; e evitar a depredação do patrimônio nas cercanias do evento.

**Missões especiais e de representação** – Além das missões operacionais, o Regimento 9 de Julho ainda executa missões especiais e de representação em todo o Estado de São Paulo. Dentre elas, a Escolta de Honra constitui-se em uma das mais expressivas homenagens prestadas a dignitários na-

cionais e estrangeiros, civis e militares.

Entre outras personalidades, o Regimento já realizou a escolta de governadores do Estado, da rainha Elisabeth II e do príncipe Charles, da Inglaterra; do príncipe Akihito, do Japão; do presidente francês, Charles de Gaulle; do presidente português, Craveiro Lopes; em 1994, a escolta fúnebre do tricampeão mundial de Fórmula 1, Ayrton Senna da Silva, e, em 2007, a Guarda de Honra de Sua Santidade o Papa Bento XVI, no Palácio dos Bandeirantes, sede do governo paulista.

O Regimento faz-se representar também por meio de sua Centenária Banda de Clarins, juntamente com seus belíssimos cavalos tordilhos, da Escola de Volteio e dos Lanceiros, em seus tradicionais uniformes especiais azuis e capacetes de crina, herdados da Missão Militar Francesa na Polícia Militar, em 1906.

Dentre as missões de representação, estão as participações de oficiais, sargentos, cabos e soldados do Regimento, devidamente fardados, em provas hípias no Estado e no Brasil, estabelecendo, assim, intercâmbio extremamente positivo com outras organizações, militares e policiais militares e com a comunidade paulista. A unidade possui, hoje, equipes representativas para o salto clássico, o adestramento e o CCE (Concurso Completo de Equitação).

#### SEÇÃO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DO REGIMENTO DE POLÍCIA MONTADA 9 DE JULHO

### O CAVALO

*Onde no mundo encontrar  
Nobreza sem arrogância,  
Beleza sem vaidade?  
Aqui a graça alia-se ao poder  
E a força se faz doçura.  
Ele é leal no combate,  
E fiel sem jamais se tornar Escravo.  
Nossa história é lida  
Em seus passos:  
Se nós somos seus berdeiros,  
Ele é sua única herança:  
O cavalo!*

Poema de autor desconhecido, que repousa no Salão Nobre do Regimento de Polícia Montada 9 de Julho

# Escola de Equitação DO EXÉRCITO

*Em portaria de 20 de abril de 1922, o Ministro da Guerra criou os Cursos de Instrução no Exército, prevendo para a arma de cavalaria, entre outros cursos, o Centro de Formação de Oficiais Instrutores de Equitação, com o objetivo de formar oficiais instrutores de equitação, capazes de transmitir, nas escolas e corpos de tropa, regras uniformes de Equitação.*

Este centro, que funcionava sob a direção do Comandante Gippon, auxiliado pelo Comandante De Paul, ambos da Missão Militar Francesa, funcionou de 15 de maio a 15 de setembro de 1922.

O insucesso da equipe brasileira no Concurso Hípico Internacional Centenário da Independência frente às nações possuidoras de Escolas de Equitação levou o então Ministro da Guerra, Setembrino de Carvalho, assessorado por seu Oficial de Gabinete,



Major de Cavalaria Euclides de Oliveira Figueiredo, possuidor do Curso da Escola de Cavalaria de Hanover, a criar, por aviso de 17 de setembro de 1923, o Núcleo de Adestramento de Equitação. Setembrino de Carvalho determinou que o núcleo funcionasse nas dependências da Escola de Estado-Maior do Exército, no Andaraí (RJ), hoje quartel do 1º Batalhão de Polícia do Exército.

Em 1928, o Capitão Jules Leon Armand Gloria foi substituído pelo Major Charles Robert Batistelli e, com a criação da Escola Provisória da Cavalaria, o Centro de Instrução de Adestramento passou a denominar-se Curso Especial de Equitação, funcionando anexo ao 15º Regimento de Cavalaria Independente, hoje 2º Regimento de Cavalaria de Guardas, no Rio de Janeiro.

Com o regresso do Major Batistelli, em 1933, competiu aos Oficiais Instrutores Brasileiros, Capitão Armando de Moraes Ancora, Capitão Oswaldo Borba e Capitão Manoel Garcia de Souza, como instrutores-chefes, a missão de transmitir todo o legado de conhecimentos desenvolvidos por séculos na Europa, o que fizeram até 1938.

Com a proximidade da Segunda Guerra Mundial, o Ministro da Guerra suspendeu o funcionamento do Curso Especial de Equitação.

Em 1946, o General Gustavo Cordeiro de Faria, diretor de Ensino do Exército, deu nova organização ao ensino militar, criando o Centro de Aperfeiçoamento e Especialização do Realengo. Entre outros estabelecimentos, ressurgiu o Curso Especial de Equitação, que em 2 de maio iniciou suas atividades, ocupando as dependências do Departamento de Equitação e de Educação Física da Escola Militar do Realengo, onde se manteve até dezembro de 1995.

Seguiram-se momentos altamente significativos para o Curso Especial de Equitação, com a presença do Capitão Rensyldo Pedro Guimarães Ferreira, montando Bibelot, nas Olimpíadas de Londres (1948), Helsinque (1952) e Estocolmo (1956) e a expressiva classificação em 4º lugar do Tenente-Coronel Eloy Massey Oliveira de Menezes, montando Biguá, em Helsinque. Nessa oportunidade, o Tenente-Coronel Eloy foi considerado o melhor estilo das Olimpíadas e é,

até hoje, o melhor resultado hípico brasileiro individual naquelas competições.

Em 1950, por Aviso Ministerial de 11 de setembro, passou o curso a ter autonomia administrativa. A portaria de 22 de maio de 1954 determinou que funcionasse o Curso Especial de Equitação, com a denominação atual de Escola de Equitação do Exército.

Em abril de 1991, o Ministro do Exército criou comissão para estudar a transformação da Escola de Equitação do Exército em Escola Nacional de Equitação, ou entidade similar, subordinada ao Departamento de Ensino e Pesquisa.

Estudos realizados pela comissão visando a racionalização do Exército Brasileiro concluíram pela transformação em Escola Nacional de Equitação de forma progressiva (cinco anos), visando atender tanto a militares quanto a civis, aproveitando todo o acervo de meios materiais, conhecimentos, experiências acumuladas, recursos humanos. Enfim, tudo o que foi criado pela Escola de Equitação do Exército ao longo de sua existência, inclusive as suas tradições.

Com o objetivo de ampliar o nível de participação da Escola Nacional de Equitação, possibilitando difundir e colocar todo o seu acervo técnico-cultural-desportivo à disposição de universo maior de interessados e, ainda, cooperar financeiramente na manutenção dos Cursos e Estágios promovidos pelo Estabelecimento de Ensino, foi criada a Associação Escola Nacional de Equitação (AENE), em 15 de outubro de 1991. Essa entidade reuniria pessoas físicas e jurídicas com reconhecida ligação ou atividade relacionada ao cavalo, seja por incentivo ou por prática.

No período de funcionamento da AENE, de 1991 a 1995, foram realizados os cursos de Instrutor de Equitação, Monitor de Equitação, Ferrador, Auxiliar de Enfermagem Veterinária e Tratador. Ainda nesse período, funcionaram na Escola os estágios de Iniciação à Prática Desportiva I, Iniciação à Prática Desportiva II, Adestramento Básico I, Adestramento Básico II, Técnicas de Concurso Completo de Equitação, Formação do Cavaleiro de Salto, Juiz de Adestramento, Armação de Percursos e Emergência Veterinária. Foram formados cinco Instrutores e quatro Monitores de origem



civil. O estágio de Juiz de Adestramento foi ministrado em São Paulo e no Rio Grande do Sul. Foi realizada clínica de Formação de Cavaleiros de Salto e Armação de Percursos, em Manaus. No total, foram formados nos diversos cursos e estágios 884 alunos de 18 Estados.

Pela Portaria Ministerial Nº 042 - Res, de 22 de junho de 1995, a Escola de Equitação do Exército passou a ocupar parte das instalações do Regimento Escola de Cavalaria, ficando vinculada administrativamente a esse regimento e o aquartelamento da escola teve seus bens patrimoniais imóveis absorvidos pelo 3º Regimento de Carros de Combate. Pela mesma portaria, a Es Equ Ex passou a ser subordinada ao Grupamento de Unidades Escola (GUES), ficando vinculada à Diretoria de Especialização e Extensão no que diz respeito à orientação técnico-pedagógica.

A Portaria Nº 320, de 4 de junho de 1996, revogou a Portaria 042 - Res, de 22 de junho de 1995, e transformou a Escola de Equitação do Exército, a partir de 1º de julho de 1996, em estabelecimento de ensino integrante da estrutura organizacional do Regimento Escola de Cavalaria, deixando de ser subordinada ao GUES. A Es Equ Ex permaneceu vinculada à Diretoria de Especialização e Extensão quanto à orientação técnico-pedagógica.

Em novembro de 2005, a escola ocupou as instalações do Morro do Capistrano, na Vila Militar. Cumprindo determinação da Portaria nº 173, do Comandante do Exército, de 3 de abril de 2007, a Es Equ Ex passa a ser subordinada à Diretoria de Pesquisa e Estudos de Pessoal (DPEP).

Durante seus 85 anos de existência, a escola coleciona vitórias, tais como a

presença do Capitão Relyldo Ferreira, montando Bibelot, em três Olimpíadas e a quarta colocação do Tenente-Coronel Eloy Menezes, em Helsinque, montando Biguá. Além da plêiade de cavaleiros de renome, militares e civis, formados ou influenciados por sua doutrina eqüestre.

Atualmente, após sucessivas transformações, a Escola de Equitação do Exército consolidou-se como estabelecimento de ensino de vanguarda. O seu papel de escola é plenamente desempenhado. Como Subcomissão de Hipismo da Comissão de Desportos do Exército, assumiu papel primordial na reestruturação do desporto e das instruções gerais que o regulamentam. A Es Equ Ex tem participado ativamente com equipes nos diversos Mundiais Militares, como os de Chile, Bélgica, Marrocos, Argentina e, em 2006, no próprio Brasil, sendo sede a cidade de Porto Alegre.

Com a definição do Rio de Janeiro como sede dos Jogos Pan-Americanos de 2007, a escola trabalhou na preparação técnica e de infra-estrutura das instalações para o hipismo.

Unindo conhecimentos ancestrais às modernas técnicas de ensino, implementando os desportos eqüestres e difundindo sua doutrina, a Escola de Equitação do Exército cumpre seu árduo e honroso papel como baluarte perpétuo da arte eqüestre no Brasil, pois nas palavras do Coronel Antônio Brochi: "O cavalo nos deu o que mais nobre podia nos dar: o espírito do galope, a imensidão e o céu do campo, a concentração e a terra do picadeiro, o céu e a terra, o alto e o baixo, a modulação, a Vida".

**BERNARDO LACERDA RAMOS,**  
1º TENENTE DE CAVALARIA  
Instrutor da Escola de Equitação do Exército

# Cavalo de corrida do Rio de Janeiro e sua contribuição

*O Posto de Fomento Antonio Carlos Amorim, da Associação de Criadores e Proprietários de Cavalo de Corrida do Rio de Janeiro (ACPCCRJ), entidade sem fins lucrativos, tem por objetivo, como o próprio nome diz, fomentar a criação do cavalo de corrida.*

Localizado no Km 71,5 da Estrada Rio Bahia, em Três Córregos, município de Teresópolis, na região serrana do Estado do Rio de Janeiro, em altitude de aproximadamente 800 metros e com temperatura média local de 14,6°C (mínima) e de 24,30°C (máxima), e distante cerca de 100 quilômetros da capital fluminense, onde se encontra o maior centro de corridas do Estado, o Jockey Club Brasileiro. Esta é a localização do Posto de Fomento Antonio Carlos Amorim, da Associação de Criadores e Proprietários de Cavalo de Corrida do Rio de Janeiro (ACPCCRJ).

Peculiar combinação de fatores climáticos (altitude, temperatura média, umidade, ventilação e oxigenação), extremamente favorável faz do posto de fomento um local ideal para receber animais para reprodução, doma e treinamento.

O médico veterinário André Vianna Martins, graduado pela Universidade Federal Fluminense, instituição onde também fez o mestrado com ênfase em reprodução animal e com especialização em imunodiagnóstico pela Unigranrio, é o supervisor e responsável técnico do posto de fomento há quase 20 anos.

André entusiasma-se quando fala das suas atividades, que incluem ainda aulas no curso de graduação em medicina veterinária do Centro Universitário da Fundação Educacional Serra dos Órgãos, também na cidade de Teresópolis. "Aqui, os animais são os verdadeiros professores. Com eles, aprendemos todos os dias", afirma.

Os animais de criação alojados no Posto de Monta são diariamente soltos nos piquetes, separados de acordo com as respectivas categorias (égua com potro, solteiras, gestantes e garanhões), com a



finalidade de se exercitarem e receberem luminosidade natural. Os animais vão para os piquetes no início da manhã e são recolhidos às suas baias no final da tarde.

O trabalho principal desenvolvido consiste no controle reprodutivo adequado das éguas e garanhões alojados no posto, no período da estação de monta sul-americana (agosto a janeiro) do cavalo Puro Sangue Inglês (PSI), de forma a se obter o maior número possível de éguas gestantes ao final da temporada e em condições ideais, para que levem a gestação a termo e produzam potros viáveis (veja o gráfico ao lado).

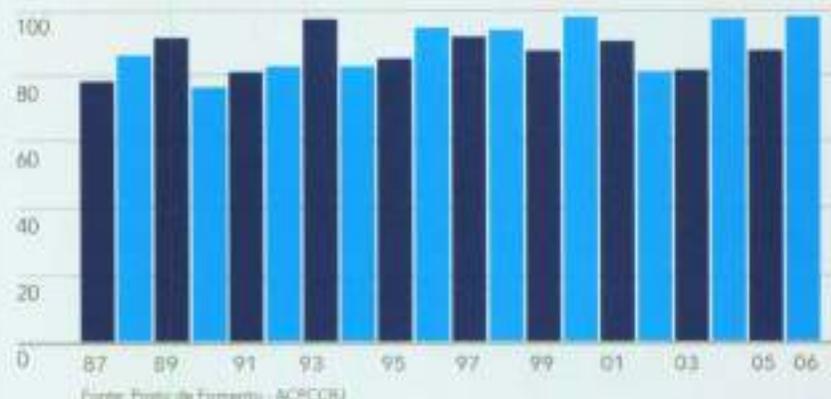
Segue-se a rotina de:

**Controle sanitário rígido:** a entrada e a saída dos animais só são permitidas com a apresentação de exame negativo para Anemia Infecciosa Equina: AIE (o posto dispõe de laboratório para diagnóstico de AIE, credenciado pelo MAPA), carteira de identidade e avaliação de seu estado geral de saúde. Cada animal tem ficha individual de controle, na qual são anotadas as vacinações (raiva, tétano, influenza, rinopneumonite e encefalomielite equina) e vermifugações (bimestrais), feitas durante o período em que esteve no posto, e o peso referente às datas de entrada e de saída.

GANHÃO KING'S JEWEL E  
ANDRÉ MARTINS



#### PERCENTUAL DE GESTAÇÃO POR TEMPORADA DE MONTA, 1987-2006



**Manejo nutricional:** a alfafa é o principal volumoso consumido pelos animais que contam, ainda, com aveia molhada e concentrado protéico, vitamínico e mineral.

**Avaliação do aparelho reprodutor feminino:** anotando-se em ficha os dados relativos ao histórico reprodutivo, possibilitando classificar os animais de acordo com as categorias de éguas gestantes e não gestantes (virgens, éguas que não gestaram em estações anteriores e paridas com potro ao pé).

**Deteção correta do cio e acompanhamento do desenvolvimento folicular:** a partir de palpção e/ou ultra-sonografia transretal. Deteção precoce da prenhez, monitorando o seu desenvolvimento.

**Exame andrológico do garanhão:** antes e durante a estação de monta. Diagnóstico e tratamento de eventuais patologias do sistema reprodutivo.

**Doma e treinamento** – A doma e o treinamento do cavalo PSI são outras atividades desenvolvidas com muito critério e dedicação no Posto de Fomento da ACPCCRJ. A doma objetiva o amansamento completo do potro e a aprendizagem de comandos pelas rédeas. É um trabalho progressivo, metódico e sem pressa, devendo ser vencido pela persuasão, jamais pelo castigo.

Face a sua importância na formação do cavalo apto a desenvolver todo o seu potencial, a ACPCCRJ oferece serviço de doma da melhor qualidade, dispondo para isso de picadeiro amplo, de piso arenoso e construído sob a melhor técnica; domador e redeador com vasta experiência, identificados com a relevância do serviço; ambiente favorável, tempo sem hora marcada e condições climáticas capazes de evitar estresse no potro, que muito comumente acontece, retardando o processo da doma.

ASSOCIAÇÃO DE CRIADORES E PROPRIETÁRIOS DE CAVALO DE CORRIDA DO RIO DE JANEIRO (ACPCCRJ)

# PASTAGENS para eqüinos



Desde que o *Equus sp* passou a habitar as pradarias há milhões de anos, a dieta natural do eqüídeo se constitui basicamente de gramíneas, algumas leguminosas e espécies arbustivas e semi-arbóreas.

O cavalo de criação estava submetido à seleção natural, fato alterado há 4.000 anos, quando se iniciou a domesticação pelo homem.

Acompanhando os banhos de nomenclatura, utilizado por povos nômades no deslocamento, na caça ou na guerra, a pastagem representava, por séculos, o elemento nutricional do cavalo. Esse período é conhecido como a fase do desenvolvimento livre. Em fins do século VIII, inicia-se o movimento de lenta estabilização do cavalo, atingindo o máximo na primeira metade do século XX. O homem torna-se, então, o provedor único das necessidades nutricionais do cavalo e as pastagens passaram a ser consideradas simples áreas de lazer e de desmistificação muscular.

Já na segunda metade do século XX, observa-se movimento mundial de retorno às origens e as pastagens voltam a ganhar importância como elemento fundamental na produção de cavalos. Estabelece-se a estreita relação de bons criadores e excelentes cavalos às ótimas pastagens, que perdura até a atualidade.

As pastagens se constituem na base da alimentação racional do cavalo, desempenhando também importante ação ambiental na manutenção do equilíbrio psicológico do eqüino. Criar bons cavalos é criar ambiente nutricional saudável

e genética apurada, entre outras, pelas importantes de sanidade e treinamento.

## CARACTERÍSTICAS DAS PRINCIPAIS FORRAGENS PARA CAVALOS

Eqüinos pastam pretendendo a forragem com os lábios e, com os cascos superiores e inferiores em ação, procedem com a corte da forragem. Essa ação resulta de delfolia, aliada aos hábitos naturais do cavalo de correr, defecar mais intensamente em determinada área e exibir grande seletividade no pastejo são prejudiciais ao desenvolvimento da forragem.

Esta, para sobreviver, deve ter seu meristema apical (ponto de crescimento) localizado próximo ao solo, deve resistir ao pastejo baixo e à movimentação do cavalo, de forma que as forragens ideais para cavalo devem "gramar" o terreno, apresentando hábitos estoloníferos de crescimento. Também devem apresentar alto valor nutritivo, boa qualidade de rebrota e, se possível, se prestar à produção de feno de boa qualidade.

No Brasil, a variedade maioria das pastagens para eqüinos pertence ao gênero *Cynodon*, como Tifton 85, Casaco e Estada Africana. Em menor escala, encontram-se plantas do gênero *Digitaria* (Tramada e Pangeá), *Bouteloua* (Tingola e *Amabilis*) ou mesmo *Paspalum* (grama burana, *Pennisetum*, Tifton 9) e *Pu-*

*eraria* (Tercaria, Mombuca e Colômbia).

Ainda assim, há pastagens do gênero *Cynodon* que o cavalo não consome in natura, tais como estada de porte raso (Tina), *Boutoua*, *Boutoua* etc.

As pastagens para eqüinos do gênero *Cynodon* são exigentes em fertilidade do solo, necessitando correção do pH e fertilizantes para implantação e manutenção. Necessitam também de manejo adequado, evitando superpastejo ou subpastejo com manifestação de degradação.

Diminuição da vegetação, morte de plantas (perda do solo) e consequentes aparecimentos de pragas são os principais sintomas de degradação das pastagens, e torna-se muito difícil produzir consistentemente e economicamente bons cavalos nessas circunstâncias.

Finalmente, é importante lembrar que nenhum programa racional de produção de eqüinos em regime de pasto pode ter sucesso sem considerar a época desfavorável ao crescimento da forragem (seca e/ou frio). Adequado planejamento da suplementação volumosa no período crítico (capineira, fenação etc.) complementa o papel nutricional das pastagens.

CLAUDIO MALUF HADDAD  
Professor Assistente do Departamento de Zootecnia  
e Fisiologia e um dos criadores do Sistema  
Integrado de Produção de Equinos

# PASTAGENS na alimentação e nutrição de eqüinos

*As diferentes formas de utilização dos eqüinos, tais como meio de transporte, ferramenta de conquistas, trabalhos e esportes, determinaram, desde a domesticação desta espécie, mudanças na forma de criar e alimentar os animais.*

Atualmente, muitos criadores e profissionais que atuam na criação de eqüinos manejam os cavalos como onívoros, esquecendo-se que são herbívoros, particularmente monogástricos. Esse erro de concepção promoveu na criação desta espécie inúmeros transtornos, desde sérios problemas digestivos até vícios de comportamento e conseqüências, como alterações no bem-estar de animais em fazendas de criação e, principalmente, em centros de treinamento.

O modelo alimentar adotado, na maioria dos casos, prioriza a ingestão de nutrientes em alimentos concentrados, tais como rações comerciais, produtos e subprodutos da agricultura ou indústria. Há facilidade na aquisição e utilização desse tipo de alimento com bom valor nutritivo, mas a necessidade de alimentos volumosos na dieta de cavalos é inquestionável.

Assim, devemos utilizar as pastagens de maneira que, além de fornecer fibras na dieta, disponibilizem também aos animais os nutrientes necessários para a dieta de qualidade. Mas a questão é: como manejá-las da melhor maneira para eqüinos? A resposta para esta questão de manejo não pode ser extrapolada das informações disponíveis para outras espécies, como bovinos e ovinos, pois as particularidades dos cavalos são inúmeras e, infelizmente, o conhecimento referente a este sistema de produção (pastagem – ambiente – eqüinos) é escasso na literatura mundial, quando comparado

aos ruminantes. Dessa forma, criadores, profissionais e até mesmo pesquisadores devem se encorajar a conhecer o ambiente da pastagem e as ações dos eqüinos para encontrar a totalidade do alimento e atender as suas necessidades em quantidade e qualidade.

As pastagens, desde que devidamente manejadas, podem fornecer os nutrientes necessários para o desenvolvimento de quase todas as raças e categorias de eqüinos e são, comprovadamente, o meio mais econômico para alimentar herbívoros.

O sistema de produção em pastagens é extremamente complexo e envolve o solo, as plantas, os animais, o clima e muitos outros fatores, em que o comportamento ingestivo de eqüinos em pastagens é uma peça importante do quebra-cabeça, estando relacionado com todas as partes deste sistema. Assim, o conhecimento dessa relação é um desafio enorme, mas necessário para nortear o manejo e a utilização das pastagens destinadas à alimentação dos eqüinos.

É notório que a utilização das pastagens como alimento e fonte de nutrientes para os eqüinos traz benefícios para os animais, por respeito às características anatômicas, fisiológicas e comportamentais desta espécie. Para os criadores, a utilização da pastagem é, reconhecidamente, a forma mais econômica para alimentar os eqüinos, pois o nutriente é produzido no ambiente da propriedade.

A geração de conhecimento é o ponto de partida para o desenvolvimento de qualquer setor e, nesse particular, a eqüinocultura brasileira é carente, repetindo por muito tempo práticas inadequadas de manejo alimentar. Como conseqüência, os problemas sanitários são constantes, os custos de produção são elevados e há contínuo decréscimo da rentabilidade desta atividade agropecuária.

O fato é que somente por meio de parcerias das instituições públicas (universidades) e privadas (associações e empresas), relacionadas ao agronegócio do cavalo, que venham participar e fomentar a pesquisa, poderemos atingir o amplo entendimento deste complexo sistema de produção (pastagem – ambiente – eqüinos) e, assim, incrementar a eficiência da utilização das pastagens como alimento na criação de cavalos.

A divulgação do conhecimento adquirido nas pesquisas relacionadas à criação de cavalos no Brasil também merece especial atenção, pois somente com acesso às informações será possível difundir conhecimentos para incrementar de forma sustentável a eqüinocultura.

Para tanto, o Departamento de Zootecnia da Universidade Federal do Paraná formou o GRUPEEQUI (Grupo de Pesquisa e Ensino em Eqüinocultura) em parceria científica com pesquisadores de outras instituições de ensino e cursos de pós-graduação. O objetivo do GRUPEEQUI é produzir conhecimentos por meio da formação científica e divulgá-los de forma equânime aos setores ligados à eqüinocultura brasileira.

**JOÃO RICARDO DITTRICH**

Médico veterinário

Professor do Departamento de Zootecnia (UFPR)



# Controle parasitário em eqüinos

*A maneira com que os eqüinos atualmente são criados pode provocar o favorecimento da incidência de infecções parasitárias logo nas primeiras semanas de vida. A fauna parasitária é ampla e inclui diversas famílias e/ou gêneros.*

Dentre os nematódeos (vermes redondos), destacam-se os pequenos estrongilídeos ou ciatostomíneos, que apresentam cerca de 40 espécies parasitas distintas, os grandes estrongilídeos, como *Strongylus vulgaris*, que é a espécie mais patogênica porque produz nódulos na artéria mesentérica cranial e provoca cólica tromboembólica, que muitas vezes é fatal ao hospedeiro, *S. equinus*, *S. edentatus* e *Triodontophorus* spp.

Os principais sinais clínicos associados às infecções maciças por esses estrongilídeos, em animais de dois a três anos de idade, são de finhamento, anemia, cólicas e diarreia. Em animais mais velhos, é menos comum a caracterização clínica acentuada, embora o desempenho geral possa estar prejudicado (Bowmann et al., 2006; Urquhart et al., 1998).

A infecção por *Parascaris equorum* pode levar à obstrução do intestino delgado de potros. *Oxyuris equi* apresenta como principal importância clínica o desconforto provocado por prurido na região anal. *Strongyloides westeri* infecta animais jovens (primeiros meses de idade), tendo importância para animais lactentes, pois os tecidos maternos apresentam-se como reservatório de larvas. A penetração das larvas na pele causa irritação e dermatite local. As formas adultas provocam erosão nas vilosidades intestinais e provocam diarreia, má absorção alimentar, desidratação, redução do desempenho de animais jovens e pode levar à morte. *Trichostrongylus axei* provoca a formação de nódulos e alteração do pH da mucosa gástrica. As larvas da mosca *Gasterophilus* spp. podem provocar irritação gástrica. *Habronema* spp. apresenta maior importância na forma cutânea, com a formação de lesões granulomatosas. A ação irritativa de *Dictyocaulus arfieldi* no epitélio respiratório causa broncopneumo-

nia (Bowmann et al., 2006; Urquhart et al., 1998).

A infecção por cestóides (vermes chatos) em eqüinos, principalmente por *Anoplocephala perfoliata*, quando em grande quantidade no intestino do hospedeiro, predispõe ao aparecimento de cólicas espasmódicas e distúrbios digestivos graves, como intussuscepção de alças intestinais. O quadro passa a ser agravado pelo uso incorreto de anti-helmínticos e a ausência de diagnóstico clínico e laboratorial pelo profissional veterinário (Nicoletti, 2006).

A distribuição das espécies parasitárias tem grande variação nas faixas etárias. Os helmintos podem causar desde pequeno desconforto abdominal até episódios agudos de cólicas e morte. O controle das parasitoses é fundamental, pois resulta em melhor desempenho dos animais, especialmente em situações de elevada carga animal por área.

Existem quatro grupos farmacológicos distintos entre os compostos disponíveis para tratamento das infecções parasitárias. Os mais utilizados são os benzimidazóis, como albendazole e omebendazole, as pirimidinas e imidazotiazóis, como pamoato de pirantel e levamisole, e o grupo das lactonas macrocíclicas, como ivermectina e moxidectin. A diferença entre os grupos farmacológicos está no seu mecanismo de ação diferenciado e nas formas como ocorre a eliminação parasitária (Martin, 1997). Em programas profiláticos contra cestódeos devem-se incluir vermífugos à base de pamoato/tartarato de pirantel ou praziquantel. A utilização dos medicamentos e a frequência de sua utilização podem ocorrer de forma supressiva com tratamentos a cada 4/8 semanas, de forma estratégica com tratamentos direcionados, de acordo com as condições climáticas da região e o possível aumento do número de parasitas no animal ou adoção de tratamento curativo para quando

o animal apresentar alta contagem de ovos nas fezes ou sinais clínicos (Sangster, 2003). A rotação constante entre os quatro grupos farmacológicos descritos acima é desaconselhável. No entanto, essa prática é frequentemente observada durante o ano em diversos criatórios (Almeida et al., 2004).

A falta de acompanhamento da eficácia ou não do programa antiparasitário adotado dificulta a adequada avaliação do médico veterinário. O uso indiscriminado de medicação anti-helmíntica pode levar ao desenvolvimento de resistência por parte dos helmintos. A resistência parasitária é um fenômeno pelo qual uma droga não consegue manter a mesma eficácia contra os parasitas, quando utilizada nas mesmas condições, após determinado período de tempo. A resistência é comprovada quando determinada droga, que apresentava redução da carga parasitária acima de 95%, decresce para nível inferior a este valor contra o mesmo organismo, depois de determinado período (Conder e Campbell, 1995). Esta característica é transferida genericamente às próximas gerações. O intervalo para que este fenômeno se inicie dependerá da espécie do parasita, da pressão de seleção exercida pela droga e da frequência do tratamento nos eqüinos. A utilização da combinação de compostos apresenta o maior grau de eliminação parasitária e pode, inclusive, manter alto índice de eficácia por períodos prolongados. No entanto, as formulações devem apresentar eficácia elevada quando testadas isoladamente. Existem várias associações de bases químicas. Porém, em eqüinos, a combinação mais frequente é a associação de uma lactona macrocíclica com o praziquantel (Molento, 2005).

O acompanhamento da eficácia das drogas anti-helmínticas em fazendas e criações de criação é rotina pouco utilizada ou até mesmo inexistente. Na maioria dos casos, a resistência é determinada após a observação empírica da pouca eficácia da medicação utilizada. A técnica mais utilizada para avaliar a eficácia dos produtos comerciais é o teste de contagem de ovos ou larvas por grama de fezes (OPG ou LPG) pré e pós-tratamento, também chamado de teste clínico. Pode-se, indiretamente, determinar a presença da resistência quando a eficiência de determinado produto esteja abaixo de 95%. Para se calcular a eficácia dos compostos, utiliza-se a fórmula descrita por Coles et al. (1992):

**% EFICÁCIA = MÉDIA OPG GRUPO CONTROLE - MÉDIA OPG GRUPO TRATADO x 100**  
**OPG GRUPO CONTROLE**

Atualmente, a principal forma de controle parasitário baseia-se exclusivamente no uso constante de compostos antiparasitários. A possibilidade de integrar outras formas de controle parasitário tem o objetivo de reduzir o número de larvas infectantes na pastagem e o número de tratamentos antiparasitários e, ainda, diminuir o grau de infecção parasitária nos animais.

Podem ser obtidos bons resultados com a combinação de duas ou mais estratégias para se retardar o desenvolvimento da resistência parasitária, como por meio da adoção de calendário que promova adequado controle parasitário com o menor número de tratamentos possível, a fim de se obter a melhor utilização dos compostos antiparasitários. Sugere-se, então, o acompanhamento dos parasitas presentes nos animais por meio do exame de OPG rotineiramente a cada 90 a 120 dias. Deve-se utilizar como medicamento somente compostos que tenham eficácia comprovada nas dosagens recomendadas. Uma das formas de melhor utilização dos compostos antiparasitários é a combinação de drogas, o que pode ser utilizado após o aparecimento da resistência a um grupo de drogas e/ou para ampliar o espectro de ação do produto final. No entanto, é fundamental que os compostos apresentem, isoladamente, eficácia acima de 95%. O tratamento seletivo tem o objetivo de medicar os animais infectados com mais chances de eliminar ovos e contaminar a pastagem (Molento, 2005).

Deve-se associar mais de uma estratégia de manejo com o intuito de reduzir o número de formas infectantes no meio ambiente, como tratar os animais somente após mover para pastagem limpa (Molento et al., 2004), utilizar animais de espécies diferentes no mesmo pasto, plantar culturas estacionais em intervalos anuais e remover as fezes do ambiente duas vezes por semana. Estão sendo estudadas outras formas de controle parasitário utilizando fungos nematófagos e vacinas (Molento, 2005). Estudos com ovinos constataram que, dependendo da espécie forrageira e do manejo da pastagem adotados, pode-se reduzir o contato dos animais com as larvas dos parasitas presentes no ambiente e, dessa maneira, assegurar melhor aspecto sanitário para os animais (Gazda, 2006).

Há diversos relatos da redução de atividade dos compostos antiparasitários em equinos no Brasil, tanto para os estrongídeos quanto para *Parascaris equorum* (Gazda et al., 2006a), o que sugere que o atual manejo sanitário adotado em equinocultura deve ser reavaliado e o que denota situação semelhante à observada em bovinocultura e ovinocultura (Gazda et al., 2006b). Deve-se alterar o conceito de erradicação e visar combate eficiente. A dependência na utilização de anti-helmínticos deve ser repensada, do tradicional calendário planejado ao tratamento individualizado, reservando drogas com poder larvicida para animais



FIGURA 1 – CICLO EVOLUTIVO TÍPICO DE NEMATÓDEO ESTRONGÍDEO. OVOS SÃO ELIMINADOS NAS FEZES, DEPENDENDO DAS CONDIÇÕES AMBIENTAIS, EM UM OU DOIS DIAS AS LARVAS DE PRIMEIRO ESTÁGIO SE DESENVOLVEM E ECLodem PARA SE ALIMENTAR DE MICROORGANISMOS NAS FEZES. A SEGUNDA MUDA SE INICIA, MAS A CUTÍCULA É MANTIDA, O QUE CONFERE À LARVA INFECTANTE DE TERCEIRO ESTÁGIO GRANDE RESISTÊNCIA AO MEIO EXTERNO. APÓS INGESTÃO PELO EQUINO, A BAINHA DA LARVA É ELIMINADA E HÁ A MUDA PARA O QUARTO ESTÁGIO E, POSTERIORMENTE, PARA QUINTO ESTÁGIO, QUE PODE APRESENTAR HIPOBOSE (ENCISTAR) OU SE DIFERENCIAR EM ADULTO. ENTÃO HÁ CÓPULA E POSTERIOR ELIMINAÇÃO DE OVOS. FONTE: BOWMAN (2004), MODIFICADO POR GAZDA.



FIGURA 2 – *Anisakisia perforata* ADERIDOS À MUCOSA DECAL.

clínicamente positivos (Coles et al., 2003). É mais produtivo e viável, inclusive economicamente, prevenir a doença ao invés de eliminá-la, e manter baixo grau de infecção no animal e na pastagem. O conhecimento científico deve ser repassado ao profissional técnico de campo e este deve observar aspectos, como epidemiologia, tratamento estratégico e/ou seletivo, manejo de pastagens, escolha adequada do anti-helmíntico, e que esta se faça, preferencialmente, com o auxílio do teste de eficácia realizado periodicamente, para prevenção do desenvolvimento da resistência e assegurar melhor desempenho na criação dos animais.

TATIANA LOUISE GAZDA  
 Médica veterinária  
 Mestre em Ciências Veterinárias UFRF



FIGURA 3 – OVO DE *Parascaris equorum*



FIGURA 4 – *Parascaris equorum* OBSTRUÇÃO DA LUZ INTESTINAL.



FIGURA 5 – OVO ESTRONGÍDEOFORME, *Strongylus vulgaris*

# Relevância econômica e fatores de risco associados **À CÓLICA EM EQÜINOS**

*A Síndrome Cólica é um dos maiores problemas dos eqüinos. Nos Estados Unidos, as cólicas causam prejuízos anuais de US\$ 100 milhões.*

Estudo recente realizado pela Confederação Nacional da Agricultura em parceria com a Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz revelou uma realidade extremamente positiva em relação à eqüinocultura brasileira.

Caracterizando-se como importante segmento do agronegócio brasileiro, estima-se que as atividades eqüestres movimentam anualmente no Brasil cerca de R\$ 7 bilhões, gerando mais de três milhões de empregos diretos e indiretos. Além de denotar notável importância econômica e social, esses dados são bastante animadores para quem trabalha com pesquisa em eqüinos, pois comprovam a urgente necessidade de se destinar mais recursos aos programas de ciência e tecnologia.

Na eqüideocultura brasileira, estudos epidemiológicos são escassos e o desenvolvimento tecnológico ainda é incipiente. Os problemas mais frequentes que causam prejuízos expressivos (as cólicas e as manqueiras) têm carecido de estudos nacionais.

A cólica em eqüídeos significa dor de origem abdominal e, apesar de alguns criadores ainda acreditarem que a maioria é renal (o que raramente ocorre), ela se deve a transtorno gastrointestinal. As causas são várias, desde uma leve e passageira alteração na motilidade intestinal até uma torção intestinal grave que, se não tratada cirurgicamente com urgência, invariavelmente ocasiona a morte do animal.

Estudos, ainda realizados somente no hemisfério Norte, indicaram incidência de 13,6% de novos casos de cólica a cada ano. Apesar de a maioria desses eventos (75%) ser resolvida em prazo de 24 horas, 67% dos casos demandaram atendimento veterinário. Em virtude dessa alta incidência, as cólicas são responsáveis por 50% dos problemas médicos resultantes em morte em eqüinos adultos. Diante dessa realidade, os prejuízos são de cerca de 100 milhões de dólares anuais nos Estados Unidos.

Comparados com os seus ancestrais, os cavalos atuais estão submetidos a profundas alterações de seus hábitos.

Destacam-se aqui a estabulação, com conseqüente sedentarismo e estresse, e o desequilíbrio nutricional, devido ao excesso de alimentos concentrados e ao uso exclusivo de forragens contendo altos teores de proteínas e carboidratos. De forma semelhante aos humanos, o estilo moderno de vida também traz grandes conseqüências à saúde. Nos homens, essas conseqüências concentram-se no sistema cardiovascular, por meio de acidentes vasculares e doenças coronarianas, enquanto no cavalo elas surgem no sistema digestório, por meio das cólicas.

Por ser um evento bastante comum entre os eqüinos, todos os envolvidos têm sua opinião própria sobre as causas de cólica. Contudo, cabe aos pesquisadores estudar todas as possíveis evidências para determinar, por métodos científicos, quais os fatores que realmente influem e em qual magnitude. Além de estabulação e nutrição, outras variáveis estão envolvidas na ocorrência da cólica, como modalidade esportiva ou de trabalho, parasitismo intestinal, problemas dentários, poluição ambiental e, até mesmo, alterações climáticas.

Os primeiros fatores a ser considerados devem ser o tipo, a composição e a quantidade da alimentação ofertada. Os cavalos são alimentados basicamente por dois tipos de alimentos: os volumosos, constituídos de pastagens, capim cortado, feno e silagem; e os concentrados, constituídos por grãos e rações comerciais. Ambos os tipos de alimentos têm sido implicados como causadores de cólica.

Em eqüinos criados em pastagens naturais, a incidência de cólica é praticamente nula. Contudo, cavalos criados de forma intensiva e recebendo volumo-



tos com alta porcentagem de fibras e de baixa digestibilidade têm alto risco para a ocorrência de compactações, que são obstruções intestinais causadas por conteúdo intestinal ressecado. Essa situação é muito frequente quando se tem como única fonte de volumoso feno de má qualidade e, principalmente, cana e capim elefante picado, estando com altura superior a um metro e meio.

Por outro lado, o uso exclusivo de forragens de alta qualidade, *in natura* ou em forma de feno, também pode aumentar o risco de cólica. Como exemplo, sabe-se que a oferta exclusiva de feno de gramíneas de variedades Bermuda tem sido associada às compactações de intestino delgado. O feno de alfafa, muito apreciado pelos cavalos e conhecido pelo seu elevado valor nutricional, quando consumido por longo tempo também tem sido associado, em algumas regiões, à ocorrência de enterólitos, ou seja, cálculos intestinais formados por deposição de minerais que podem promover obstruções no intestino grosso.

Outro importante fator associado aos enterólitos é a ingestão de corpos estranhos, decorrentes de poluição ambiental e práticas indevidas de alimentação. A presença de corpos estranhos no trato gastrointestinal, principalmente os metálicos e os plásticos, favorecem a deposição de sais minerais ao seu redor, resultando em enterólitos.

Cólicas gasosas são observadas com maior frequência em cavalos alimentados com silagem, especialmente as de milho e de sorgo, comumente utilizadas para bovinos. Esses alimentos, apesar de considerados volumosos, podem possuir elevada proporção de grãos, resultando em dieta com excesso de carboidratos. Devido a esse excesso, boa parte desses carboidratos passa pelo intestino delgado sem digestão completa e, ao alcançar o intestino grosso, promove rápida proliferação de bactérias produtoras de gás, ácidos e toxinas.

Quanto aos alimentos concentrados, também muito ricos em carboidratos, o grande problema é a quantidade. Alguns criadores, no anseio de verem seus animais preparados para ser apresentados

em exposições e outros eventos, aumentam a proporção de concentrado na dieta, chegando a níveis inaceitáveis. O risco de cólicas aumenta proporcionalmente à quantidade de ração diária. Comparados com animais que não comem ração concentrada, os que comem até 2,5 kg/dia têm duas vezes mais chance de apresentar cólica. Quando as quantidades de ração são de 2,5 a 5 kg/dia e mais de 5 kg/dia, as chances são de 4 e 6 vezes, respectivamente.

Dos diversos casos de cólica atendidos anualmente no Hospital Veterinário da Universidade Federal de Minas Gerais (veja foto de equino em pós-operatório), as mais frequentes causas são as compactações, principalmente em cavalos recebendo capim picado, e as cólicas em cavalos alimentados com excesso de carboidratos. Entre os animais com as cólicas mais complicadas, destacam-se alguns casos que revelam o total desconhecimento do proprietário quanto ao risco de cólica, como animais que eram alimentados exclusivamente com silagem de milho e animais que recebiam mais de 10 kg de ração ao dia.

O criador deve estar atento ao critério de distribuição dos alimentos, às alterações da dieta e à disponibilidade de água. Em condições naturais, os cavalos passam cerca de 75% do período diurno e 50% do noturno se alimentando. Assim, o fornecimento da dieta, principalmente o concentrado, deve ser parcelado em no mínimo três vezes ao dia. De forma não menos importante, as alterações na dieta, em especial troca do tipo de concentrado ou volumoso, devem ser feitas de forma gradativa e a água deve sempre ser abundante, limpa e da melhor qualidade possível.

Também decorrente das alterações típicas dos tempos modernos, a estabulação e o tipo de atividade física possuem grande influência nos índices de cólica. Estudo realizado pela Linha de Pesquisa em Gastroenterologia da UFMG em equinos da Polícia Militar de Minas Gerais revelou que animais estabulados em ambiente urbano possuem 11,5 vezes mais chance de ter cólica quando comparados a seus pares mantidos sem

estabulação em ambiente rural. Recomenda-se que equinos mantidos estabulados devem ter alimentação controlada, atividade física regular e possibilidade de socialização diária em piquetes coletivos por período de tempo maior possível.

O aspecto sanitário também tem grande relevância. Assim, animais de criatórios com esquema estratégico de controle de parasitas intestinais apresentam menor risco de cólica. Nesse contexto, controle profilático das afecções dentárias torna-se imprescindível, pois o desgaste anormal dos dentes é comum em equinos e pode dificultar a mastigação, alterando a digestão dos alimentos e predispondo a alterações intestinais com manifestação de cólicas.

Um fator bastante evidente por quem trabalha com atendimento de equinos com cólica, mas de difícil explicação e interpretação, são as mudanças climáticas. Na prática, verifica-se que a incidência de atendimentos de cavalos com cólica, principalmente os que necessitam de cirurgia, não acontece de forma uniforme ao longo do ano. Às vezes, uma semana de três ou quatro casos de cólica é seguida por algumas semanas sem nenhuma ocorrência.

Em resumo, a cólica se destaca entre as principais causas de prejuízos à equinocultura, podendo trazer sérias consequências ao agronegócio do cavalo. Por ser multifatorial, vários fatores de risco estão envolvidos e o criador deve estar consciente e atento, principalmente em relação aos manejos nutricional e sanitário. As informações sobre a incidência de cólica e os seus fatores de risco nas condições nacionais são praticamente inexistentes. Assim, torna-se evidente a necessidade de que estudos epidemiológicos sejam realizados em território nacional, a fim de identificar fatores que contribuem para ocorrência de cólica de acordo com as peculiaridades tropicais, como clima, solo, práticas de alimentação e raças de equinos.

# ANEMIA INFECCIOSA eqüina, a temível AIDS eqüina

*A eqüideocultura apresenta-se como uma das principais atividades da agropecuária no Estado do Rio de Janeiro, principalmente nas regiões Serrana, Médio Paraíba e Baixada litorânea. Estas regiões do Estado sempre se destacaram como importante pólo de desenvolvimento da pecuária de eqüinos.*

Nessas regiões do Rio de Janeiro há diversos haras, fazendas, centros de treinamento e/ou de reprodução, clubes hipicos, escolas de equitação, assim como sítios de lazer e veraneio, nos quais são criadas diferentes raças de cavalo, com diversas aptidões, tais como esportes, competições, exposições, negócios, lazer, serviço e, ainda, para reabilitação de indivíduos com necessidades especiais.

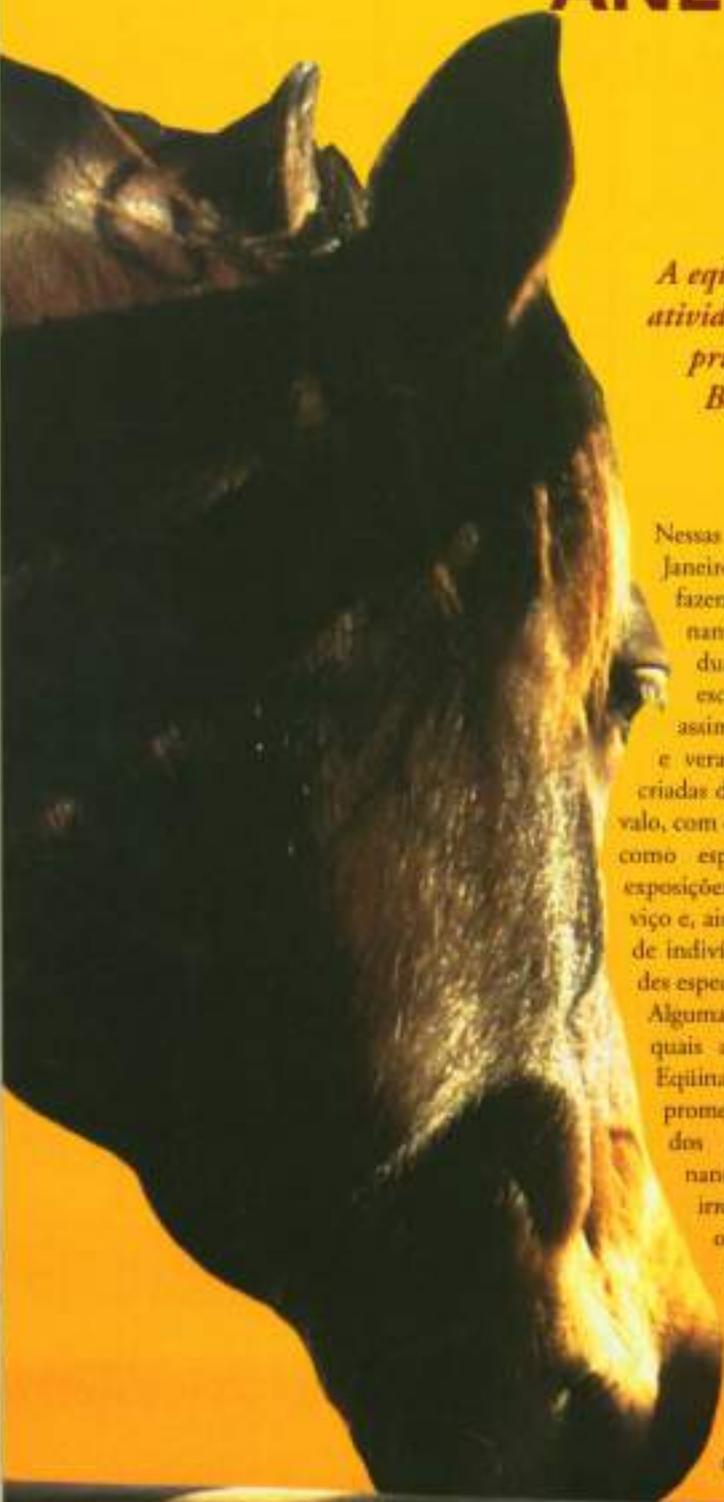
Algumas doenças, dentre as quais a Anemia Infecciosa Eqüina (AIE), podem comprometer o desempenho dos eqüídeos, determinando processos graves, irreversíveis e até fatais, ocasionando prejuízos diretos na criação. A AIE é uma doença infecto-contagiosa de etiologia viral, que acomete eqüinos, muare e asininos. Ela caracteriza-se

por ataque inicial agudo, seguido por longo e recidivante período de cronicidade.

A replicação periódica do vírus em macrófagos causa anemia aguda mediada imunologicamente (Blood e Radostits, 1991). É mais freqüente em terrenos baixos e mal drenados ou em zonas úmidas muito florestadas. Apresenta-se sob várias formas clínicas, todas com importância, e é disseminada em todo o mundo. Conhecida como a AIDS eqüina, e também em outros países como 'Febre dos Planinos', 'Febre das Montanhas', e referida no Norte e Nordeste goiano como 'Mal do Cochilo' ou 'Cochilão' (Silva et al 2001).

A anemia infecciosa eqüina caracteriza-se, como o próprio nome diz, por causar anemia no animal, febre recorrente em períodos variáveis e infecção persistente. Causada por retrovírus, pertencente à família *Retroviridae*, subfamília *Lentivirinae*, resistente à fervura por 15 minutos e desinfetantes, sendo destruído pela luz solar. Persiste por vários meses à temperatura ambiente na urina, no sangue seco e no soro. O período de incubação depende da dose infectante, variando de 3 a 70 dias. Porém, a média é de 15 a 20 dias.

A maioria dos animais não apresenta sinais clínicos, mas, uma vez infectado



pelo vírus, ele estará persistentemente infectado, não conseguindo livrar-se da doença. Conseqüentemente, será fonte de infecção para outros animais do rebanho e para outros plantéis (Blood e Radostits, 1991; Smith, 1994; Ferraz, 2000).

Os estudos iniciais desta doença foram realizados na França, em 1843. Em 1859, foi constatado pelo pesquisador Anginard o caráter contagioso da enfermidade, sendo que a primeira demonstração de doença virótica foi feita em 1904/1907. O diagnóstico da doença foi feito na Austrália, em 1959, mas não se sabe quanto tempo a doença esteve presente e se distribuiu naquele continente (Blood e Radostits, 1991).

No Brasil, a primeira descrição da doença verificou-se em 1968, nos Estados do Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul (Silva et al, 2001). A prevalência da doença já foi descrita com taxas acima de 50% no Brasil Central, Roraima e Minas Gerais. Dados não oficiais têm mostrado elevada prevalência da doença em outras regiões, indicando sua distribuição por todo o território brasileiro. A alta prevalência aponta para a possibilidade de muitos proprietários de equídeos terem mantido animais positivos (Reis et al, 1994).

Martins et al (2005) realizaram levantamento da anemia infecciosa equina no município de Teresópolis e regiões vizinhas, a partir de dados obtidos no Laboratório do Posto de Fomento Antônio Carlos Amorim, Teresópolis (RJ), de 1993 a 2003, quando foram testados 12.081 animais, em 3.158 propriedades. Destes, 90 animais apresentaram-se positivos. Em virtude da elevada concentração de criatórios, como também, principalmente, pela própria localização do laboratório, a grande maioria das amostras enviadas para exame provinha de animais alojados em propriedades localizadas no município de Teresópolis. Estes representaram 9.545 animais testados, sendo que 77 apresentaram-se positivos. O restante dos exames foi de animais alojados em

propriedades na região próxima a Teresópolis, quando foram detectados 13 animais positivos distribuídos por São José do Vale do Rio Preto, Sapucaia, Magé e Santo Antonio do Aventureiro (MG).

Deixa forma, Martins et al (2005) verificaram que o percentual de animais portadores de AIE em Teresópolis, durante o período estudado, foi de 0,8%, estando próximo ao encontrado por Gonçalves e Gonçalves (2001), testando animais apreendidos pelos Centros de Controle de Zoonoses de diversos municípios do Estado de São Paulo, que foi de 1% – dentro da taxa de prevalência encontrada nas regiões Sudeste e Sul, que apresentam taxas inferiores a 1% (Beaill, 1993).

Bittencourt et al. (2002) encontraram percentual maior (2,21%), examinando equídeos apreendidos em rodovias do Estado do Rio de Janeiro, possivelmente pelo fato de os animais não ser criados em condições higiênico-sanitárias satisfatórias e, obviamente, sem assistência médico-veterinária. Os maiores índices da doença são observados nas regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste (Brasil, 1993; Bevilacqua et al. 1996; Bevilacqua et al, 1997; Santos et al, 2001).

Considerando-se que o número total de animais positivos encontrados em focos em todo o Estado do Rio de Janeiro, em 1993, foi de 52 casos (Brasil, 1993), Martins et al (2005) observaram que a região estudada teve 11,5% e apenas o município de Teresópolis representou 5,8% do total de casos naquele período, caracterizando índice significativo para o Estado, o que pode ser explicado pela grande concentração de equídeos nesta localidade (Bittencourt et al., 2002).

A transmissão é feita, principalmente, por insetos sugadores (moscas e mosquitos), bem como já foram também comprovadas transmissões congênitas (placentária) por leite (aleitamento), sêmen (acasalamento) e soro-imune. As mucosas nasal e oral, intactas ou feridas, podem ser portas de entrada do vírus. O uso sem asepsia de material cirúrgico, por pessoas não habilitadas, também

aumenta a probabilidade da infecção. O vírus está presente em todos os tecidos, secreções e excreções, podendo persistir no corpo por até 18 anos, prevenindo a reinfecção e tornando o animal fonte de infecção por grande parte da vida.

'Portadores assintomáticos' são o meio comum pelo qual a doença é introduzida em áreas livres. O contato estreito e prolongado com animais suscetíveis resulta em infecção e também por injeções de sangue infectado por via intravenosa, subcutânea, intramuscular ou intracerebral. Os vetores naturais envolvidos são os Dípteros, como a mosca do estábulo (*Stomoxys calcitrans*) e a mutuca (*Tabanus sp*). Podem ser relacionadas outras fontes de infecção, tais como fômites, instrumentos utilizados na colheita da saliva para exame antidoping e sêmen (Blood e Radostits, 1991).

Há incidência estacional da doença, com a maioria dos casos ocorrendo no verão e no outono.

Algum animal pode ter recuperação temporária do estágio agudo, após três dias a três semanas, e podem ocorrer recidivas menos graves, mas que ocasionam a morte do animal. Outros ficam progressivamente fracos, prostrados e morrem entre 10 e 14 dias. Recidivas ocorrem em períodos de estresse, com o animal apresentando febre recidivante, emaciação progressiva, fraqueza, insuficiência cardíaca e palidez das mucosas (Ferraz, 2000).

Todas as raças e as faixas etárias de equídeos são susceptíveis à AIE. Os cavalos crioulos da Argentina são relatados como mais resistentes à infecção, sendo acometidos apenas de forma moderada pela doença. Não se sabe ao certo se há ou não verdadeira imunidade para AIE, mas a maioria dos animais nas quais o vírus persiste por longos períodos mantém-se clinicamente normal e resiste à infecção. Parece provável haver grande diferença na virulência entre as diferentes cepas do vírus (Ferraz, 2000).

Os sintomas respiratórios são os mais acentuados e não há dispnéia até os está-

gios terminais, mas pode haver pequeno corrimento nasal serosangüinolento. Há enfartamento considerável do baço, que pode ser detectado pelo reto. As éguas prenhes podem abortar. Muitos animais apresentam recuperação temporária desse estágio agudo, após período de três dias a três semanas. Outros ficam progressivamente fracos, prostrados e morrem, no período de 10 a 14 dias de doença (Blood e Radostits, 1991).

Os animais que apresentam recuperação temporária podem mostrar-se normais por duas a três semanas e depois recair com sintomas semelhantes, porém menos graves, embora possam morrer durante essa recaída. Nesse estágio crônico, o apetite em geral está bom, embora se possa observar alotrofagia. Alguns animais acometidos parecem ter recuperação completa, embora fiquem infectados e sofram recaídas em anos subsequentes. A terapia prolongada com corticosteróides pode causar recaída. Mesmo na ausência de sintomas clínicos, os animais infectados mostram rendimento menos eficiente que os não infectados. A maioria das mortes ocorre com um ano de infecção (Ferraz, 2000).

O envolvimento digestivo não costuma ser relatado na AIE, mas tem sido observada diarreia aquosa fétida com sintoma proeminente. Em tais casos, é provável que haja infecção secundária (Ferraz, 2000).

O diagnóstico clínico é difícil, tanto no estágio agudo como no estágio crônico da doença. São necessárias observações contínuas, em particular porque a febre recidi-

vante e as crises hemolíticas são aspectos importantes da doença. A identificação da doença transmitida depende dos achados clínicos, clinicopatológicos e de necrópsia já mencionados. A administração de corticosteróide em equinos com a doença crônica pode resultar no desenvolvimento da forma clínica aguda da doença. Em determinados animais, a doença pode ser confundida com púrpura hemorrágica, babesiose, erlichiose, leptospirose, estrogilose ou fasciolose e com anemia causada por supressão da hematopoiese por processos supurativos crônicos. Desses, a púrpura hemorrágica é a principal causa de confusão, devido à presença de hemorragias nas mucosas e agregados subcutâneos de líquidos. A leptospirose é uma doença muito mais branda e os equinos acometidos em geral se recuperam espontaneamente em poucos dias (Ferraz, 2000).

O diagnóstico laboratorial é feito satisfatoriamente pelo teste de imunodifusão em ágar-gel (IDAG) – teste de Coggins, sendo este o teste oficial da anemia infecciosa equina e somente os laboratórios credenciados pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento podem fazê-lo. É adquirido kit com o antígeno, o diluente e o soro. O antígeno é o extrato da proteína p26 do vírus, porque a proteína que está no vírus não muda. Muda a que está fora, a gp90. A interna é comum para todos os vírus. Se for testado um animal de outro Estado brasileiro, ou mesmo de outro país, ele terá de reagir com esse antígeno, se ele for positivo. O kit apresenta um soro, sabidamente positivo, para que o veterinário tenha referência positiva. No laboratório, é usada uma lâmina de microscopia ou uma placa de Petri.

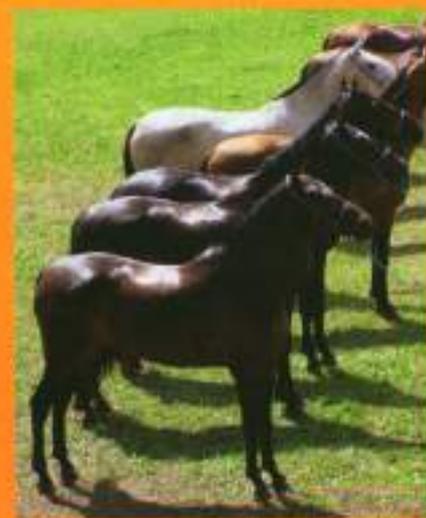
O médico veterinário credenciado para realizar o exame observará, no laboratório, se houve o aparecimento de uma linha de precipitação entre o soro que ele está testando e o antígeno. O soro positivo, que vem no kit, tem de apresentar esta linha. O soro que está sendo testado, se não apresentar esta linha, significa que é negativo. Se apresentar linha igual à do soro sabidamente positivo, o animal é positivo, porque tem anticorpos contra a proteína interna

do vírus. Às vezes, o animal tem poucos anticorpos, ou muitos, mas isso não interessa para o resultado, que será positivo ou negativo (Kemen e Coggins, 1972).

Os potros tornam-se imunizados passivamente e reagem de forma positiva se absorvem anticorpos no colostro materno. Seus níveis séricos de anticorpo tornam-se negativos dos 65 a 182 dias de idade. O teste IDAG tem provado ser muito apurado e adequado como base para programa de erradicação. Exceto em potros, um teste IDAG positivo significa tanto que o animal está infectado como é infectante. A única limitação identificável do teste é sua incapacidade para identificar casos que ainda estão no período de incubação, não mostram sintomas clínicos e que ainda, sim, podem causar a morte durante esse período. Em potros recém-nascidos, reação positiva pode indicar que o potro adquiriu imunidade passiva, via colostro materno (Blood e Radostits, 1991).

Outro teste que tem apresentado bom resultado, e que também pode ser usado, é o Elisa (*Enzyme Linked Immunosorbent Assay*), mas que não está oficialmente liberado pelo MAPA. Esse teste consegue detectar animais positivos mais precocemente do que IDAG e é importante usar mais de um teste, principalmente para se tentar controlar e depois erradicar a doença. É um teste mais rápido e econômico quando se trata de rebanho, porque detectará anticorpos que não são precipitantes na imunodifusão (Ferraz, 2000).

Na IDAG, haverá período que será chamando de falso negativo, ou seja, o animal se infecta e, até aproximadamente 14 ou 15 dias depois, poderá apresentar teste negativo por IDAG, porque este teste não é sensível o bastante para detectar a presença de pequeno número de anticorpos. Já no Elisa, com sete dias após a infecção o animal já apresenta resultado positivo. Ou seja, um animal até seis dias de infecção é negativo nos dois testes; com sete dias, já é positivo no Elisa e ainda negativo no IDAG; e só com 14 ou 15 dias é positivo no IDAG. Então, em propriedades onde se pretende controlar e erradicar a doença se forem associados estes dois testes, será possível detectar, precocemente, animais que estão infecta-



dos e que não podem ser detectados pelo teste de IDAG (Ferraz, 2000).

Tem-se trabalhado também em AIE a partir do material genético do vírus, do qual são produzidos os chamados antígenos recombinantes. Utilizam-se bactérias com crescimento mais rápido e econômico, nas quais se consegue inserir material genético do vírus e obter-se a proteína desejada em grande quantidade e antígenicamente semelhante à produzida em cultivo celular (Blood e Radostits, 1991).

Para tal, foi desenvolvido o teste PCR (*Polimerase Chain Reaction*), no qual não se trabalha com o soro do animal, mas sim com o material genético do vírus. Possibilita o uso de mais uma técnica associada ao diagnóstico sorológico, pois pelo PCR consegue-se detectar o vírus no período inicial da doença, quando os anticorpos ainda não foram produzidos. Portanto, significa mais que um teste, sendo na verdade contraprova (Ferraz, 2000).

Em pesquisa realizada com um potro infectado experimentalmente, foi possível detectar a infecção quatro dias após a inoculação, pelo PCR, a partir de monócitos, confirmando a presença de sequência gênica correspondente ao gene da gp90 do vírus da AIE. Esse animal foi mantido isolado por 20 dias. Com o antígeno recombinante, consegue-se detectar soropositivo com sete dias pelo Elisa. O animal morreu no 20º dia após a inoculação. Por IDAG, que é o teste oficial, até o 20º dia ele se manteve negativo (Ford, 2001).

Observa-se que há no Brasil tecnologia que pode ser usada para o controle e para permitir alcançar a erradicação da doença, por meio do uso associado das técnicas de Elisa e de PCR ao exame de IDAG (Ford, 2001).

Como não há tratamento específico para essa doença, o controle da anemia infecciosa eqüina ainda está universalmente baseado na erradicação da doença por identificação de animais infectados, mas clinicamente normais, com teste sorológico e sua eliminação – na realidade, um programa de teste e abate. O teste usado é o de Coggins (IDAG). A erradicação pode ser conseguida dessa forma em uma propriedade ou pequena área e os resultados descritos no Kentucky (Estados Unidos)

(Ford, 2001) confirmam a eficácia deste tipo de programa.

Na maioria dos países, a probabilidade de reinfeção por insetos vetores desestimularia tal programa. Os programas de controle baseados nesse sistema de teste e abate estão sob pressão, devido à visão de alguns proprietários de eqüinos de que muitos animais assintomáticos, com muito baixa infectividade, estariam sendo sacrificados desnecessariamente. Decisão sobre o assunto depende se o objetivo é a erradicação ou a contenção e, no último caso, em que nível. Até hoje, a idéia foi a da erradicação e é óbvio que outra atitude seja possível (Ford, 2001).

Embora a resposta imunológica em animais recuperados seja fraca e haja pouca probabilidade de produção de uma vacina satisfatória, a praticabilidade desse método tem sido pesquisada. Desse modo, o Programa Nacional de Sanidade dos Eqüídeos (PNSE), do MAPA, baseado na Instituição Normativa 45, de 15 de junho de 2004 (Brasil, 2004), visando a profilaxia, o controle e a erradicação da AIE, indica que as medidas para tais fins serão adotadas nas unidades da Federação de acordo com suas condições epidemiológicas peculiares. No Estado do Rio de Janeiro, como na maioria dos Estados, a Comissão Estadual de Prevenção e Controle da Anemia Infecciosa Eqüina (CECAIE) determina que todo eqüino portador da AIE identificado pela prova de IDAG deve ser sacrificado. Além disso, o trânsito interestadual e/ou a participação de eqüídeos em eventos agropecuários só são permitidos quando acompanhados do resultado negativo para diagnóstico de AIE e de documento oficial de trânsito (Brasil, 1993).

#### ANDRÉ VIANNA MARTINS

Médico veterinário,

membro da CECAIE/RJ,

Supervisor Técnico do Posto de Fomento da Associação de Criadores e Proprietários de Cavalos de Corrida do Rio de Janeiro e

Professor Titular do Curso de Graduação em Medicina Veterinária do Centro Universitário Serra dos Órgãos, de Teresópolis (RJ)

# Anemia infecciosa eqüina, como ajudar a combater **ESTA TERRÍVEL DOENÇA**

*A Anemia Infecciosa Eqüina (AIE) é uma doença infecciosa causada por um lentivírus, podendo apresentar-se clinicamente sob as formas aguda, crônica e inaparente (sendo esta a mais perigosa, pois os animais estão aparentemente saudáveis e são portadores de vírus).*

A transmissão da Anemia Infecciosa Eqüina (AIE) é feita por meio de sangue contaminado, isto é, o sangue do animal infectado entra em contato com animal saudável por meio de picada de mutucas e moscas do estábulo (forma mais comum), objetos contaminados (agulhas, seringas, cabrestos, freios esporas etc.). Por isso, não permita ingresso de animais no seu plantel sem resultado de exame negativo para AIE.



#### SOBRE COLETA E REMESSA AO LABORATÓRIO

**Validade do exame:** o exame de AIE tem validade de 60 dias da data da coleta da amostra do animal a ser testada.

Como o laboratório deve proceder para receber e realizar o exame: o laboratório só pode receber o material e dar início ao exame com a amostra (soro não hemolisado) e requisição preenchida por completo assinada e com carimbo do médico veterinário (nas três vias da requisição).

**Importante:** as amostras devem ser enviadas em caixas isotérmicas sob conservação em gelo.

#### Quem deve coletar a amostra?

A amostra deve ser colhida por médico veterinário inscrito no conselho regional da respectiva unidade da Federação. Esse veterinário deve:

1. Fazer coleta do material para realizar exame (utilizando uma agulha para cada animal)
2. Preencher a requisição em modelo oficial (fornecida pelo laboratório credenciado), sendo necessária para a identificação do animal a descrição escrita e gráfica de todas as marcas de forma completa e acurada.

A responsabilidade legal pela veracidade e fidelidade das informações prestadas na requisição é do médico veterinário requisitante. Portanto, é de suma importância o veterinário coletar a(s) amostra(s), identificá-la(s) e preencher a(s) requisição(ões) de forma completa, permitindo a identificação do animal e da propriedade onde ele se encontra. O termo de compromisso também deve ser todo preenchido e assinado.

#### SOBRE O EXAME

O exame oficial é a prova sorológica de Imunodifusão em Gel de Agar (IDGA ou IDAG) efetuada com antígeno registrado no Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento e em laboratório credenciado pelo MAPA. A leitura é feita 48 horas após a realização do teste e o resultado é emitido na própria requisição.

É importante salientar que os veterinários devem programar as coletas de modo a obedecer este tempo do exame, não prejudicando o ingresso de animais em leilões e exposições. Portanto, sugerimos enviar as amostras ao laboratório quatro dias antes do evento, pois, às vezes, o laboratório precisa repetir o exame para melhor segurança na emissão dos resultados. Existe o teste de Elisa, que é rápido, porém tem custo elevado e o kit ainda não tem registro no MAPA.

#### LÂMINA DE IDGA PARA EXAME DE AIE

**Controle de Trânsito/Registro Genealógico** – Somente será permitido o trânsito interestadual de equídeos quando acompanhados de documento oficial

de trânsito (GTA) e do resultado negativo no exame laboratorial para diagnóstico de AIE.

A participação de equídeos em eventos agropecuários somente será permitida com exame negativo para AIE. O prazo de validade do resultado negativo para AIE deverá cobrir todo o período do evento. É importante verificar a validade do exame antes de enviar animais às exposições, pois o mesmo não pode vencer com o animal em trânsito.

Fica dispensado do exame de AIE o equídeo com idade inferior a seis meses, desde que esteja acompanhado da mãe e esta apresente resultado laboratorial negativo.

Para fins de registro genealógico definitivo, todo equídeo deverá apresentar exame negativo para AIE.

**Produto biológico de origem equídea** – Todo produto biológico de origem equídea para uso profilático ou terapêutico deverá, obrigatoriamente, ser elaborado a partir de animal procedente de propriedade controlada.

**Animais positivos** – Quando positivo, o resultado do exame para diagnóstico laboratorial deverá ser encaminhado pelo laboratório, imediatamente, ao SSA (Serviço de Sanidade Animal), da Delegacia Federal da Agricultura do Estado onde se encontra o animal reagent e, eventualmente, para outro destino por ele determinado. É facultado ao proprietário do animal requerer exame de contraprova.

A contraprova deverá ser solicitada ao SSA, no prazo máximo de oito dias, contados a partir do recebimento da notificação do resultado. A contraprova será efetuada no laboratório que realizou o primeiro exame. Se o laboratório receber da propriedade que deu positivo outras amostras e estas forem negativas, o resultado sai como negativo, porém recebe carimbo nas três vias do(s) exame(s).

O equídeo, com idade inferior a seis meses, filho de animal positivo, deverá ser isolado por período mínimo de 60 dias e, após esse período, ser submetido a dois exames para diagnóstico de AIE e apresentar resultados negativos consecutivos e com intervalo de 30 a 60 dias, antes de ser incorporado ao rebanho negativo.

**Foco e desinterdição da propriedade (como proceder)** – Detectado foco de AIE, deverão ser adotadas as seguintes medidas:

**a) Foco:**

- Interdição da propriedade após identificação do equídeo portador, lavrando termo de interdição, notificando o proprietário da proibição de trânsito dos equídeos da propriedade e da movimentação de objetos passíveis de veiculação do vírus da AIE.

- Deverá ser realizada investigação epidemiológica de todos os animais que reagiram ao teste de diagnóstico de AIE, incluindo histórico do trânsito.

- Marcação permanente dos equídeos portadores da AIE, por meio da aplicação de ferro candente na paleta do lado esquerdo com um 'A', contido em um círculo de 8 centímetros de diâmetro, seguido da sigla da UF.

- Sacrifício ou isolamento dos equídeos portadores.

- Realização de exame laboratorial para o diagnóstico da AIE de todos os equídeos existentes na propriedade.

**b) Desinterdição da propriedade foco:**

- É feita após realização de dois exames com resultados negativos consecutivos para AIE, com intervalo de 30 a 60 dias, nos equídeos existentes.

- Para este exame de controle de propriedade interdita, o médico veterinário deve solicitar ao laboratório o formulário de exame sem validade para trânsito (SVT).

**c) Orientação aos proprietários:**

- Os donos das propriedades que se encontram na área periférica devem ser orientados pelo serviço veterinário oficial, para que submetam seus animais a exames laboratoriais para diagnóstico de AIE.

**d) A marcação dos equídeos:**

É de responsabilidade do serviço veterinário oficial e não será obrigatória se os animais forem imediatamente sacrificados ou enviados para abate sanitário. Caso o transporte até o estabelecimento de abate não possa ser realizado sem uma parada para descanso ou alimentação, os animais deverão ser marcados e o local

**FREQÜÊNCIA DE EXAMES POSITIVOS DE AIE (JAN/2005 A OUT/2007)**

PERÍODO	Nº POSITIVOS	Nº DE EXAMES REALIZADOS	% DE POSITIVOS
JAN A DEZ 2005	144	8765	1,64
JAN A DEZ 2006	104	8742	1,19
JAN A OUT 2007	97	9434	1,03
TOTAL	345	26.941	MÉDIA: 1,28

FONTE: SETOR DE SOROLOGIA DE AIE DO LABORATÓRIO IPEVE, JAN/2005 A OUT/2007

de descanso aprovado previamente pelo SSA (Serviço de Sanidade Animal) da respectiva unidade da Federação.

**Sacrifício** – O sacrifício ou o isolamento de equídeos portadores da AIE deverá ser determinado segundo as normas estabelecidas pelo MAPA, após análise das medidas propostas pela CE-CAIE.

**Resultados** – Os resultados de exames recebidos em nossa empresa no período de janeiro de 2005 a outubro de 2007 mostram que é importante o controle pelo exame, pois, no período em questão, conforme mostra a tabela abaixo houve 345 animais positivos em 26.941 animais testados. Porém, devido ao maior controle, a porcentagem de Positivos tem diminuído ao longo do período. Mas, mesmo assim, continua acima de 1% – lembrando que mais de 85% destes animais testados são animais de exposição, leilões ou provas.

**COMO AJUDAR A COMBATER A ANEMIA INFECCIOSA EQUINA?**

- Ajude a criar em seu município um núcleo de combate à AIE.

- Dirija-se a prefeitura e solicite que todo e qualquer equídeo destinado ao trabalho e/ou lazer, em área urbana ou rural, seja cadastrado no órgão municipal competente, visando o controle da AIE.

- Os criadores devem solicitar à prefeitura que todo e qualquer evento com participação de equídeos somente seja autorizado pela autoridade sanitária local.

- Comunique imediatamente ao MAPA, órgão estadual ou órgão municipal competente qualquer suspeita de caso de AIE na sua propriedade ou qualquer outro estabelecimento.

- Faça exame de todas as receptoras e mantenha em quarentena antes de introduzir no plantel.

**CRIADOR, PARA PREVENIR LEMBRE-SE:**

- Faça exames de AIE em todo o rebanho no mínimo a cada seis meses e peça para que seus vizinhos façam o mesmo, pois os animais portadores inaparentes (forma oculta) são a causa principal da manutenção da infecção nos rebanhos.

- Sacrifique imediatamente qualquer equídeo com diagnóstico laboratorial positivo para AIE.

- Sacrifique o equídeo positivo na própria propriedade ou em frigorífico, na presença de um médico veterinário oficial.

- Faça o controle das moscas nos animais e nas instalações de sua propriedade. Esses insetos são os principais vetores da doença.

- Antes de comprar um cavalo, um jumento ou um burro, consulte um médico veterinário e só feche negócio após ter certeza que o animal é negativo para AIE, mediante apresentação de exame recente negativo para a doença.

- Não permita que seu animal participe de eventos onde não exista fiscalização oficial.

A AIE é regulamentada pela Instrução Normativa Nº 45, de 15 de junho de 2004, do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento.

HELEN B. COELHO FERREIRA  
Médica veterinária  
Diretora do Laboratório Ipeve

# DERMATOPATIAS em eqüinos

*A pele é o maior órgão do corpo, sendo a interface primária entre corpo e ambiente. Na espécie eqüina, a pele representa de 20 a 24% do peso corporal. Sua função é de proteção contra agentes físicos, químicos e microbiológicos, manutenção do equilíbrio hídrico e eletrolítico, assim como de armazenamento de lipídios, água, carboidratos, proteínas e vitaminas. Também funciona como órgão sensitivo e atua na regulação da temperatura.*

De todas as doenças do eqüino, as dermatopatias estão entre as mais difíceis de diagnóstico e tratamento, o que se deve, em parte, à semelhança dos quadros clínicos, já que muitas infecções, alérgenos ou toxinas produzem lesões com similar aparência, mas também pela falta de conhecimento técnico específico, o que pode responder por essa imprecisão diagnóstica.

Entre as lesões encontradas na clínica veterinária destaca-se o 'roido de traça', que se caracteriza por placas ou máculas com diferentes graus de alopecias, assim como por áreas descamativas, eritematosas e hipercrômicas, distribuídas de forma assimétrica e multifocal sobre o tronco, os membros e a região cervical. Esse tipo de lesão, apesar de facilmente observada durante o exame físico-dermatológico, pode estar relacionada a diferentes afecções. Nesse sentido, a seguir são mencionados os exames complementares necessários para o diagnóstico de algumas das doenças de pele de eqüinos que se caracterizam pelo quadro de 'roido de traça'.

**Dermatofitose:** também conhecida como 'tinha', é a enfermidade cutânea contagiosa mais comum de eqüinos, sendo ocasionada por espécies do gênero *Trichophyton* e *Microsporum*. Pode afetar várias espécies, inclusive o homem. Tem distribuição cosmopolita, sendo muito comum em regiões geográficas com clima quente e úmido. Não existe predileção por sexo ou raça, mas animais jovens e debilitados parecem ser mais frequentemente acometidos. O diagnóstico é baseado no raspado de pele, tricografia, biópsia de pele e cultura fúngica.

**Dermatofilose:** enfermidade cutânea relativamente comum, causada pela bactéria *Dermatophilus congolensis*. Esse microorganismo normalmente não rompe as barreiras da pele íntegra. Sendo assim, para que ocorra a infecção é necessária a presença de área de continuidade na pele, além de umidade. Lesões agudas frequentemente são dolorosas, entretanto raramente apresentam prurido. É uma zoonose, cujo diagnóstico é realizado

mediante cultura bacteriana, exame citológico e biópsia de pele.

**Hipersensibilidade a picada de insetos:** é uma dermatopatia alérgica, sendo uma das causas mais comuns de prurido na espécie eqüina. É considerada hipersensibilidade tipo I, mediada por IgE, que na maioria dos casos se deve à presença de antígenos salivais de insetos mordedores. Os insetos mais frequentemente envolvidos são *Culicoides* spp., *Simulium* spp., *Stomoxys calcitrans* e *Haematobia irritans*. O diagnóstico dessa afecção baseia-se em histórico, sinais clínicos, biópsias de pele e eliminação de outras causas de prurido em eqüinos.

**Acaríase:** dermatose causada por ectoparasitas, sendo uma das principais causas de afecções cutâneas em grandes animais. Em eqüinos, os ácaros mais comumente envolvidos na etiopatogenia desta afecção são: *Sarcoptes scabiei* var. *equi*, *Chorioptes equi*, *Psoroptes equi*, *Demodex equi*, *Demodex caballi*, *Pyemotes tritici* e espécies de *Trombicula* e *Eu-*



*trombicula* (trombiculídeos). Em geral, a transmissão do agente ocorre principalmente por contato direto com animais acometidos, porém há possibilidade de transmissão por fômites. Na sarna coriôptica, uma forma comum em eqüinos, o agente vive na superfície cutânea e passa todo o ciclo evolutivo no hospedeiro. O diagnóstico definitivo de acariase é realizado pelo achado de ácaros ou ovos em raspado de pele. Porém, raspados cutâneos negativos não excluem a infestação, pois alguns ácaros são difíceis de ser encontrados.

Foliculite bacteriana: é o acúmulo de células inflamatórias no interior da lâmina do folículo piloso. Em eqüinos, é causada por *Staphylococcus aureus*, *Staphylococcus intermedius*, *Staphylococcus hyicus* e, menos comumente, por *Streptococcus spp*. Os agentes têm acesso a regiões submetidas a ferimentos, após contato com objetos (mantas, selas, cabresto etc) contaminados. O prurido é discreto, mas como as lesões costumam ser dolorosas o animal pode mostrar desconforto. As infecções são mais frequentes no verão, quando o calor, a umidade e o aumento na população dos insetos atuam como fatores predisponentes. O diagnóstico definitivo é realizado mediante citologia, cultura bacteriana e biópsia de pele para histopatologia.

Pediculose: enfermidade ocasionada por piolhos sugadores, como *Haemato-*

*pinus asini* e *Damalinia equi*. Não existe predileção por sexo ou idade, mas animais debilitados parecem ser mais frequentemente afetados. A transmissão ocorre por contato direto ou fômites. O diagnóstico é feito pela demonstração do parasito adulto ou de ovos, o que nem sempre é fácil, devendo-se realizar cuidadoso exame da pelagem diretamente na luz solar. A histopatologia pode ser de valor.

Pênfigo foliáceo: afecção cutânea pouco comum. Porém, a mais frequentemente enfermidade auto-imune na espécie eqüina. Há relatos dessa afecção em animais de dois meses a 20 anos de idade. Entretanto, potros com idade igual ou inferior a um ano apresentam quadro mais discreto, podendo, inclusive, ocorrer regressão espontânea do quadro. Geralmente, as lesões têm início na face e nos membros e podem levar semanas ou meses para se tornarem generalizadas. Em alguns casos, podem se localizar apenas na face ou na região coronária do casco. Ocasionalmente, a pele do úbere e do prepúcio pode estar acometida. Prurido e dor podem ser observados em alguns casos. O diagnóstico definitivo é realizado mediante exame histopatológico de biópsias cutâneas.

Desequilíbrio nutricional: apesar de raro na espécie

eqüina, a deficiência de elementos, como o zinco, e o excesso de outros, como o iodo, podem ocasionar dermatopatias. A deficiência de zinco pode provocar alopecia generalizada das camadas superficiais da epiderme. Casos de seborréia e alopecia foram descritos em eqüinos que receberam suplementação excessiva de iodo na ração. O diagnóstico definitivo é realizado pelos achados histológicos, assim como pela determinação dos teores desses elementos em componentes biológicos.

Diante da complexidade das afecções cutâneas que afetam a espécie eqüina, é fundamental a realização de minucioso exame físico-dermatológico, assim como de exames complementares (raspado de pele, tricografia, esfregaço corado, culturas bacteriana e fúngica e biópsia de pele para histopatologia) para se chegar a diagnóstico definitivo e, com isso, poder realizar tratamento específico e evitar a disseminação do agente, inclusive para o ser humano. Adicionalmente, é importante destacar que infecções por bactérias e fungos podem ser secundárias a ferimentos, picadas por insetos, entre outros fatores. Portanto, a prévia ocorrência de injúria ou irritação é fato a ser considerado no diagnóstico das doenças de pele na espécie eqüina.

MARIA VERÔNICA DE SOUZA E  
GABRIEL AUGUSTO MONTEIRO



# Avanços na reprodução do cavalo

*As pesquisas na área do manejo da reprodução do cavalo têm tido bons progressos no que se refere ao entendimento das particularidades que regem essa espécie, com avanços maiores ocorrendo a partir de 1983.*

O equino possui a taxa de eficiência reprodutiva mais baixa dentre as espécies domésticas por várias razões:

- a) a seleção dos reprodutores a ser utilizados é baseada em performance atlética e não em performance reprodutiva
- b) a estação reprodutiva do equino é limitada tanto pela fisiologia do animal quanto por razões que o ser humano estabeleceu (partos em épocas pré-determinadas não fisiológicas, especialmente em cavalos de corrida)
- c) falhas na detecção do cio na égua ou falhas em cobrir a égua na fase próxima da sua ovulação
- d) A manipulação do sêmen do garanhão é bastante delicada e, em geral, não tem boa taxa de fertilidade pós-descongelamento
- e) as tentativas de induzir a superovulação na égua até hoje não apresentaram resultados comprovados e descritos

Do ponto de vista do criador de cavalos, a perda de tempo em produzir um potro vivo se traduz em perda de dinheiro.

O que se percebe, na maioria das criações de cavalos, é que o criador de hoje quer se utilizar de técnicas de grande impacto tecnológico, que demandam altos custos, como a utilização de sêmen e embriões congelados, as inseminações profundas com dose reduzida, a transferência de embriões, a captação de oócitos para técnicas avançadas de reprodução: (FIV – Fertilização *in vitro*; GIFT – transferência de gametas intrafalopiana; TOIF – transferência de oócitos intrafolicular; ICSI – injeção intracitoplasmática de espermatozóide), ainda técnicas de sexagem de sêmen e embriões, e até mesmo clonagem de indivíduos expoentes.

Praticamente todas essas técnicas já

se encontram disponíveis para utilização fora dos campi das universidades, muitas em território nacional, a preços maiores ou menores. Anualmente, uma clonagem de cavalo bem-sucedida pode ser encomendada nos Estados Unidos por aproximadamente US\$ 350 mil por qualquer pessoa que se disponha a pagar o valor pedido.

Entretanto, antes de se considerarem as modernas práticas de manejo reprodutivo do equino em profundidade, percebe-se que ainda há grande necessidade de esclarecimento e treinamento dos criadores e de seus contratados para que haja entendimento por parte dos mesmos das razões dessa ineficiência reprodutiva do cavalo. Essas pessoas devem ter ainda conhecimentos básicos de anatomia, fisiologia e endocrinologia reprodutivas da égua e do garanhão antes de se aventurarem a proceder à cobertura, sob pena de causar acidentes ou de não conseguirem emprenhar a égua.

O que ainda se vê em grande número de propriedades é um ciclo de altos gastos e resultados práticos ruins em função da tentativa de utilização de procedimentos de alta tecnologia, mas sem a base de conhecimento e preparo dos animais por parte da equipe de trabalho – fatores absolutamente necessários para o alcance dos resultados.

Ocorre também grande superestimação de resultados por parte do cliente, criada por quem pretende introduzir a técnica na propriedade. Se todos os prós, contras, custos e percentuais de sucesso estatisticamente comprovados fossem efetivamente apresentados ao criador, com certeza a cobrança por resultados irreais e a decepção por parte do cliente não aconteceria.

A égua é um mamífero poliéstrico estacional (apresenta vários ciclos estrais), que só apresenta ciclos férteis na época do ano que coincide com dias longos, temperatura em elevação e ótimo aporte nutricional – ou seja, a partir dos meados da primavera até o final do verão. O ciclo estral da égua dura em média 21 dias e o cio pode durar de 3 a 7 dias. Algumas éguas apresentam as características de cio, se mostrando ao macho e aceitando-o durante toda a fase de cio; outras, apenas próximas à ovulação; e outras nunca mostram o cio ao garanhão. Isso pode confundir bastante o manejo da cobertura, no caso de cobertura natural e, muito mais, no caso de cobertura por inseminação artificial.

Por conta disso, vários procedimentos e produtos foram desenvolvidos nos últimos anos para maximizar tanto o número de ovulações no período do ano em que a égua está fértil como para se confirmar o momento exato da ovulação da égua, evitando-se perdas de coberturas e de inseminações. Com relação ao garanhão, melhorias foram feitas nas técnicas e produtos relacionados ao preparo do sêmen, na tentativa de aumentar a qualidade e o número de espermatozoides viáveis para a fertilização da égua.

Em geral, em relação ao manejo do ciclo estral das éguas, as técnicas e os procedimentos mais comuns poderiam ser divididos em manipulatórios/mecânicos e hormonais:

Os procedimentos manipulatórios/mecânicos mais comuns incluem: a rufiação, a palpação retal, a ultrassonografia, a inseminação artificial, a transferência de embriões e a iluminação artificial.

A rufiação e as anotações meticulosas do comportamento estral de cada égua são os fatores mais importantes do programa reprodutivo de sucesso. A rufiação é feita com a apresentação da égua a um garanhão para se determinar o grau de receptividade da mesma ao cavalo. É necessário bom treinamento por parte da pessoa que avalia as respostas das éguas



DRA. PRISCILA MUNARI, OBSERVANDO OS OVÁRIOS DE UMA ÉGUA, COM APARELHO ULTRA-SONOGRAFICO TRANSRETAL, NO HARAS FB (CURITIBA, PR)

para percepção de sinais, às vezes bastante sutis, de modificação de comportamento das mesmas. Como nem sempre os sinais são percebidos pelos tratadores e muito tempo é perdido, técnicas mais acuradas foram desenvolvidas para identificar a fase do ciclo estral da égua e o momento da sua ovulação.

As técnicas de palpação retal e de ultrassonografia são bastante utilizadas para redução do número de coberturas de um garanhão na mesma égua e também nos casos de inseminação artificial, quando o sêmen pode vir de longe e ter durabilidade restrita (inseminação com sêmen resfriado) ou o sêmen pode estar congelado em doses menores, em botijões de nitrogênio líquido (inseminação com sêmen congelado). Nesse caso, deve ser depositado no útero da égua no momento mais próximo da ovulação possível.

Médicos veterinários bem treinados em proceder à palpação retal conseguem sentir toda a anatomia reprodutiva da égua e precisam, com boa chance de acerto, o horário da ovulação da égua. Com a utilização de aparelhos de ultrassonografia atualmente cada vez mais completos e portáteis, o veterinário pode observar na tela o que ele está sentindo na mão e recebe mais subsídios para melhorar sua estimativa. Outra vantagem do aparelho é a observação de patologias no trato reprodutivo da égua, a confirmação precoce da gestação e a viabilidade fetal (observável a partir dos 12-14 dias pós-ovulação), o diagnóstico de gestações gêmeas (não interessantes para o criador

de eqüinos) e a sexagem dos fetos.

A inseminação artificial é permitida na maioria das associações de criadores, menos na do Puro Sangue Inglês. Essa técnica possui inúmeras vantagens, uma vez que economiza o garanhão na temporada de monta, evita longos traslados de animais – especialmente no caso do Brasil, permite a utilização de um garanhão que já tenha morrido ou de genética superior que esteja em outro país e ainda evita os riscos físicos e de transmissão de enfermidades da cobertura natural. Para que essa técnica funcione a contento, tanto com sêmen resfriado como com sêmen congelado, o controle estrito do ciclo estral das éguas e da qualidade do ejaculado do garanhão se faz necessário por parte da equipe que for trabalhar com os animais.

Podem ser utilizadas várias técnicas para a coleta e o preparo do sêmen para envio. Atualmente, existem excelentes meios extensores que garantem a viabilidade do sêmen por tempo muito maior do que há cerca de cinco anos. Os métodos de congelamento também melhoraram muito e, hoje, há sêmen congelado com boas taxas de fertilidade no mercado.

Para a inseminação, várias técnicas estão sendo utilizadas e muitas têm se provado positivas em relação ao aumento da taxa de fertilidade e à redução do número de espermatozoides necessários para obtenção da gestação, como a inseminação endoscópica na papila do oviduto e a utilização da inseminação profunda, com dose reduzida de sêmen.

Em relação à transferência de embriões, essa técnica já vem sendo utilizada com relativa facilidade no Brasil. É utilizada principalmente em éguas de grande potencial genético e em éguas que continuam na carreira desportiva. Após a cobertura ou a inseminação da égua doadora, coleta-se o embrião 6,5 a 8 dias após a ovulação (depende da técnica) por meio de lavagens uterinas e o embrião pode ser, então, resfriado, congelado ou diretamente implantado na égua receptora para término da gestação. As técnicas de implante nas receptoras também se modernizaram, não sendo mais preciso intervenção cirúrgica para implantar

o embrião na receptora. Hoje, já se utilizam éguas bloqueadas hormonalmente como receptoras, não necessitando mais que a receptora esteja com seu ciclo estral sincronizado com a doadora. Essa técnica reduz o número de receptoras disponíveis necessárias para o sucesso da transferência, barateando os custos.

Outra técnica conhecida de longa data se refere ao adiantamento artificial da temporada de monta por exposição das éguas à luz em pleno inverno, mimetizando a entrada da primavera. Essa técnica é muito utilizada no Puro Sangue Inglês por conta de datas de nascimento obrigatórias dos potros da raça. Juntamente com a iluminação é importante que haja aumento no aporte energético nutricional das éguas. Em geral, as éguas ficam por 60 dias nesse regime de iluminação e começam a ciclar bem antes do início real da temporada. Isso aumenta o número de ciclos em que a égua pode ser coberta naquele ano, aumentando as chances da obtenção de uma gestação.



DRA. FABIANE GAEDD, NO HARAS FB (CURITIBA, PR), PESQUISANDO A PRESENÇA DE EMBRIÃO NA LUPA, APÓS COLETA POR LAVAGEM UTERINA, PARA POSTERIOR IMPLANTAÇÃO EM RECEPTORA.

A utilização dos métodos hormonais requer profundo conhecimento da fisiologia da reprodução da égua e estes devem ser utilizados somente por pessoal habilitado, sob pena de alterar o balanço hormonal do animal de maneira indelével.

Muitos hormônios naturais e artificiais são utilizados na reprodução da égua com o intuito de corrigir alterações, sincronização e adiantamento do ciclo estral, controle da ovulação, manutenção de gestação de risco e inúmeras outras

aplicações. São oferecidos em várias apresentações: orais, injetáveis e até em implantes.

Esses produtos são testados e lançados comercialmente, sendo de grande ajuda durante a temporada de monta. São usadas substâncias como os hormônios liberadores de GnRH e seus análogos – utilizados para adiantar a entrada das éguas em ciclo após a parada do inverno e para acelerar/confirmar a ovulação; o HCG (gonadotrofina coriônica humana) e inúmeros produtos mais modernos de atuação similar, utilizados para acelerar/confirmar a ovulação; a Prostaglandina e seus análogos, um dos maiores avanços na reprodução animal, com suas inúmeras aplicações, sendo a principal a da possibilidade de indução do cio por destruição do corpo lúteo; a Progesterona e seus análogos, com enorme aplicação nas éguas na regulação e supressão do ciclo estral, sendo também muito utilizados na manutenção de gestações de risco; e, finalmente, o Estradiol e seus análogos, utilizados para induzir o comportamento de cio nas éguas.

Apesar de muito estar se falando dos tratamentos hormonais de superovulação na égua para obtenção de mais de um embrião por cobertura, nenhum trabalho publicado conseguiu ainda comprovar a eficiência do tratamento na égua.

Com os rápidos avanços nas pesquisas e os constantes lançamentos de produtos que apresentam melhores resultados no equino, médicos veterinários, proprietários e pessoal especializado, que trabalham exaustivamente durante a curta temporada anual de monta do cavalo, podem obter cada vez melhores resultados e taxas de gestação maiores. Mas é importante frisar que, sem a observação das técnicas clássicas de manejo reprodutivo do equino, especialmente da égua, o resultado das técnicas avançadas pode ser bem aquém do esperado pelo criador.

## ASPECTOS FISIOPATOLÓGICOS da reprodução do garanhão

*Por apresentar problemas de cio, na gestação ou no parto, tem-se a impressão que a égua é mais susceptível a problemas reprodutivos. Mas não é o que realmente acontece. Diversos são os problemas que afetam o sistema reprodutivo do garanhão, motivo que torna imprescindível a completa avaliação andrológica antes do início da estação de monta ou da introdução de novo reprodutor no plantel.*

### ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A ANATOMIA FUNCIONAL DO SISTEMA REPRODUTIVO DO GARANHÃO.

A bolsa escrotal, além de alojar e proteger os testículos, é importante para o mecanismo da termoregulação testicular. Possui a pele fina, ligeiramente oleosa, devido à grande quantidade de glândulas sudoríparas ali existentes. Ainda é constituída da túnica dartos e dos dois folhetos (visceral e parietal) da túnica vaginal, um prolongamento do peritônio.

Os dois testículos têm a forma oval e estão localizados na bolsa escrotal. Possuem cápsula conjuntiva, bem vascularizada - a túnica albugínea - de onde partem septos conjuntivos que dividem o testículo em lobos. Nesses lobos encontramos os túbulos seminíferos, onde está localizado o epitélio germinativo (espermatozóides, espermátócitos I e II, espermátides e espermatozóides) e as células de Sertoli. Entre os túbulos seminíferos, no interstício, situam-se as células de Leydig, responsáveis pela produção dos andrógenos, os hormônios masculinos.

Os epidídimos estão aderidos aos

testículos por meio do ligamento testicular. Sua posição é dorsal à glândula e são divididos em cabeça, corpo e cauda. São constituídos pelo ducto epididimário envolto por densa musculatura lisa, que se espessa no sentido da cabeça para a cauda. Sua função é múltipla, sendo principalmente transporte, maturação, concentração e armazenamento dos espermatozóides, absorção de fluidos e espermatozóides defeituosos (absorção seletiva), secreção de glicerilfosforilcolina e anti-aglutinina, além de dar início ao processo da ejaculação.

Da cauda do epidídimo segue o canal deferente, cuja porção final se dilata e é chamada de ampola. Penetra na uretra pélvica próximo às glândulas vesiculares e à próstata, em uma dilatação da uretra conhecida como *culliculus seminalis*, onde haverá a formação do sêmen, o encontro da massa espermática proveniente da cauda do epidídimo mais as secreções das glândulas sexuais acessórias. As glândulas bulbo-uretrais ou Cowper estão próximas do arco isquiático e são responsáveis pela fração pré-ejaculatória, que limpa e corrige o pH da uretra.

O pênis do garanhão é muito rico em tecido erétil e durante a ereção pode dobrar de tamanho. A glândula engurgitada pode atingir 3 a 4 vezes o seu tamanho normal. No meio da glândula encontramos uma projeção da uretra chamada processo uretral e, ventralmente a ele, a fossa uretral, local que pode abrigar vasta flora microbiana patogênica.

O prepúcio é uma dupla invaginação da pele que abriga todo o pênis em seu estado de relaxamento.

### PRINCIPAIS ALTERAÇÕES DOS ÓRGÃOS GENITAIS DO GANHÃO

**Bolsa escrotal** – É examinada por inspeção e palpação. As principais ocorrências são dermatite provocada por irritação da pele por alguns químicos ou por ectoparasitos, como carrapatos, sarnas e miíases. Os traumas não são raros e são provocados principalmente pelo coice da égua durante uma cobertura, quando não se usa contenção adequada. As alterações são muito variadas de acordo com a intensidade do coice, desde pequenas escoriações da pele até sérios comprometimentos do parênquima testicular. Também lesões da túnica vaginal (hidro-

cele) são observadas, principalmente por traumas, e no garanhão não são tão sérias como em outras espécies domésticas, embora possa haver interferência negativa na termoregulação testicular.

**Testículos** – São examinados pela pele do escroto e ambos devem estar presentes na bolsa com a forma ovóide, simetria, consistência túrgido-elástica e ausência de sensibilidade e temperatura elevada.

O criptorquidismo é a retenção de um ou ambos os testículos na cavidade abdominal e, quando bilateral, o animal é estéril. É de natureza hereditária e a possibilidade de transmissão desse caráter indesejável deve ser conhecida na utilização de garanhões criptórquios.

A hipoplasia testicular é outra patologia ligada à herança. A forma mais comum é a unilateral e garanhões hipoplásicos são subfértis, podendo ser estéreis nos casos graves. O mesmo gen causa na fêmea a hipoplasia ovariana, aumentando a importância dessa patologia.

A inflamação dos testículos, denominada orquite, é um achado freqüente. Pode ser de origem infecciosa ou traumática, a mais comum. O órgão torna-se aumentado de tamanho, sensível à palpação e com temperatura elevada. O prognóstico não é bom porque a recuperação do órgão nunca é completa, mesmo nos casos em que o tratamento foi logo iniciado.

A degeneração testicular é das patologias mais freqüentes e tem diversas causas. Aumento da temperatura, estresse e

lesões vasculares dificultando a irrigação dos testículos estão entre as principais causas. O trauma no cordão espermático, provocando infarto da artéria testicular, impede a irrigação do órgão, causando degeneração e posterior atrofia, com prejuízos irreversíveis aos testículos. Nos casos unilaterais, recomenda-se a orquiectomia parcial, mas nos bilaterais o animal está perdido para a reprodução.

Tumores, principalmente os das células germinativas (seminomas), são vistos com alguma freqüência no garanhão. São de evolução rápida, baixa malignidade e, geralmente, unilaterais, o que torna o prognóstico favorável, após a retirada do tumor, pois o outro testículo sofre hipertrofia compensatória, mantendo assim a boa capacidade fecundante. Outros, como sertoliomas, leydigocitomas e teratomas, têm sido descritos.



ATROFIA TESTICULAR



ATROFIA APÓS-TRAUMA



HIDROCELE



CRIPTORQUIDISMO

**Epidídimos** – Os epidídimos são examinados por palpação, sendo a cabeça difícil de se palpar, mas o corpo e a cauda saliente são bem fáceis.

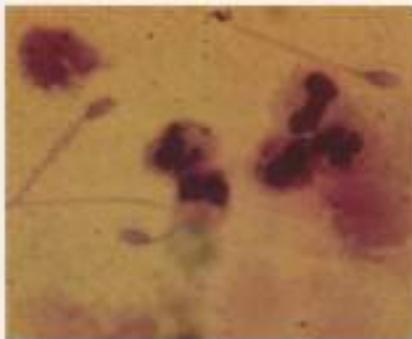
Difusão epididimária é raramente observada no garanhão. Alteração do ducto epididimário determina modificação na pressão osmótica, provocando dobramento na cauda do espermatozoide. É uma condição que reduz muito a fertilidade do garanhão e só pode ser diagnosticada por espermograma.

A inflamação do epidídimo, a epididimite, geralmente está associada à orquite e tem a mesma etiologia.

**Glândulas sexuais acessórias** – As glândulas sexuais acessórias são examinadas por exame transretal. As duas

glândulas vesiculares estão localizadas no início da uretra pélvica, uma de cada lado. Entre elas e sobre a bexiga, estão as ampolas dos canais deferentes e, à frente do assoalho pélvico, a próstata.

As alterações dessas glândulas são raras, mas espermatozoite, a inflamação da glândula vesicular, tem sido observada. Essa patologia altera o comportamento reprodutivo, pois o garanhão hesita em ejetar devido à dor, o que torna o coito demorado e, na palpação, encontramos aumento e sensibilidade na glândula. Podemos também observar células inflamatórias (leucócitos) no ejaculado.

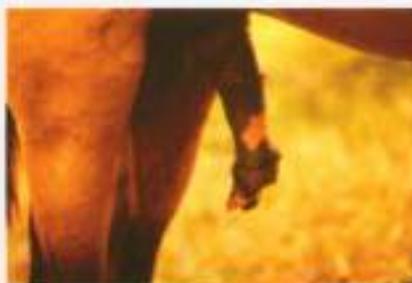


LEUCÓCITOS NO EJACULADO

**Pênis e prepúcio** – O pênis e o prepúcio são examinados por inspeção e palpação. A melhor maneira é colocar o garanhão diante de uma égua no cio, pois o pênis será exposto e em ereção, o que já nos facilita o exame.

O pênis e o prepúcio são locais sujeitos a traumas. Lacerações, hemorragias, fraturas (ruptura da túnica albugínea) e edemas são achados comuns.

Habronemose, provocada pela larva da *Habronema muscae* tem sido observada no pênis e no prepúcio de garanhões. A larva provoca reação granulomatosa exuberante, com forte poder de invasão.



HABRONEMOSE

Tumores são raros e o carcinoma epidermóide é o mais comum. De grande malignidade, invasivo e odor fétido, culmina com a amputação do pênis, inviabilizando o garanhão.

O exantema coital tem como etiologia o herpesvírus III do equino. É transmitido pelo coito e determina a formação de diversas vesículas na mucosa peniana, que se rompem e formam úlceras doloridas, modificando o comportamento reprodutivo. Essas mesmas lesões são observadas nas éguas, na vulva e vagina.

Paralisia do pênis tem sido descrita como consequência de traumas da espinha, inflamações de nervos sacrais e uso de tranquilizantes derivados da fenotiazina. O pênis fica exposto, sujeito a traumatismos.



CARCINOMA DE PÊNIS

Edema do prepúcio é um achado comum e, muitas vezes, está relacionado à falta de higiene. O esmegma acumulado deve periodicamente ser retirado, principalmente na época fora da estação de monta, pois é um atrativo para as moscas que ali depositam seus ovos (miíases), levando à inflamação e à destruição do tecido sadio.

#### LEOPOLDO JOSÉ CURY

Médico veterinário  
Mestrado na Escola de Veterinária da UFMG -  
Área de Fisiopatologia da Reprodução  
Professor Adjunto IV de Fisiopatologia  
da Reprodução na Faculdade de  
Veterinária da UFF

# Avaliação

*Os equinos da espécie Equus caballus, como conhecemos hoje, existem há milhões de anos, porém sua domesticação se deu aproximadamente há 4.000 anos a.C. Desde essa data, o homem procura entender e explorar os processos que interferem na locomoção desses animais, a fim de otimizar sua utilização para a caça e o transporte de cavaleiros ou cargas.*

Em casos onde a avaliação qualitativa da locomoção é inadequada, necessita-se do uso de um método quantitativo de análise, que oferece grande acurácia sem os vícios inerentes à análise subjetiva. As diferentes formas de avaliação da locomoção e o detalhamento da análise cinemática por meio de filmagens e análise biomecânica computadorizada serão discutidos a seguir.

#### PRINCIPAIS MÉTODOS DE AVALIAÇÃO DA LOCOMOÇÃO EQUINA

**Visão** – A avaliação visual tem como principais pontos positivos a rapidez da avaliação, a facilidade de comparação entre animais e o baixo custo e está acessível a todos os criadores e em quaisquer locais. Como ponto negativo, observa-se a dificuldade de definição de regras claras e do treinamento dos árbitros, bem como a possibilidade de interpretação dispar entre os avaliadores.

**Equitação** – Quando se objetiva avaliação para a seleção, principalmente com objetivos de atuar no melhoramento genético, o ideal é que a característica avaliada esteja

# da locomoção dos eqüídeos

a mais correlacionada possível com seu objetivo. Com esse enfoque, a equitação é a mais importante das avaliações, pois, ao equitar o cavalo, o avaliador mensura as características, que são o objetivo final do eqüídeo. O grande problema está na subjetividade dessa avaliação, em que diferentes avaliadores percebem a comodidade entre outros itens observados na equitação de forma muito heterogênea.

**Audição** – É importante fonte auxiliar de avaliação da locomoção, pois as batidas dos cascos informam o ritmo, a cadência e até mesmo o equilíbrio do animal, permitindo caracterizar o tipo de andamento ou mesmo a ocorrência de claudicações. O problema deste método é que não se avalia a qualidade e a plasticidade de movimentos dos segmentos envolvidos na locomoção.

**Análise cinemática pela videografia e análise computadorizada** – A videografia é o método de análise cinemática mais preciso utilizado na espécie eqüina (Back e Clayton, 2001). A análise de vídeo envolve seqüência de eventos, como a aplicação de marcadores no indivíduo em casos especiais, a montagem e a calibragem do espaço de filmagem, a gravação em vídeo, a digitalização, a transformação e a normalização das imagens. As análises podem ser realizadas em duas ou três dimensões, necessitando, nesse caso, de pelo menos duas câmeras.

**Análises cinematográficas dos cavalos marchadores** - A seguir, serão apresentados alguns dados de forma a ilustrar as possibilidades de análise de imagens com utilização de programa de computador específico para biomecânica.

**Local da coleta** – Para validar a coleta de dados, a avaliação deve ser realizada em local padronizado, de forma a cumprir todos os requisitos técnicos:

- Piso plano, firme e não escorregadio
- Pista de passagem com mais de 15 metros de comprimento e área lateral para fixação da câmera com 15 metros de largura, com área adjacente para locomoção dos animais antes da entrada e após a saída da pista de filmagem
- Condição para a instalação de iluminação controlada, distribuída estrategicamente com holofotes de 500 watts cada
- Plano de filmagem, com fundo homogêneo
- Pista demarcada com 80 cm de largura
- Rede elétrica com tomadas de 220 e 110 volts

**Marcadores** – Para a mensuração digital das angulações dos animais, foram fixados nos pontos articulares 19 marcadores reflexivos adesivos com 5 centímetros de diâmetro, confeccionados a partir de material utilizado para a sinalização de placas de trânsito, como observado na Figura 1 e descritos por Procópio (2004).



FIGURA 1 – PONTOS ARTICULARES COM MARCADORES REFLEXIVOS (PROCÓPIO, 2004).

## EFEITOS DA VELOCIDADE NA CINEMÁTICA DA LOCOMOÇÃO EQÜINA

Para avaliar os fatores relacionados à velocidade de locomoção dos eqüinos e suas conseqüências, três cavalos da raça Mangalarga Marchador montados por seus respectivos cavaleiros em seis diferentes formas clássicas de locomoção eqüina foram avaliados.

**Relação entre velocidade e distribuição dos apoios** – A Tabela 1 apresenta comparativo entre os valores médios observados para estas combinações de apoio, em que se pode observar que o aumento da velocidade leva à diminuição dos tempos de tríplexes apoios, aumento da proporção de apoios bipedais

Tabela 1 – Comparação entre valores médios para velocidade, em quilômetros por hora, e proporção de tempo dos diferentes apoios em relação à passada completa, para as formas de locomoção passo reunido, passo médio, passo alongado, marcha reunida, marcha média e marcha alongada.

FORMA DE LOCOMOÇÃO	VELOCIDADE (KM/H)	TRÍPLEXES APOIOS	BIPEDAIS LATERAIS	BIPEDAIS DIAGONAIS	APOIOS MONOPEDAIS	SUSPENSÃO
PASSO REUNIDO	05,25A	58,73 D	20,16 A	21,11 B	0,00 A	00,00 A
PASSO MÉDIO	06,25B	50,89 D	26,22 A,B	22,89 B,C	0,00 A	00,00 A
PASSO A LONGADO	07,41C	40,28 C	31,26 B	28,47 C	0,00 A	00,00 A
MARCHA REUNIDA	10,63D	07,89 B	82,67C	7,10 A	1,96 B	00,00 A
MARCHA MÉDIA	14,08E	00,00 A	81,87C	4,87A	12,28 C	00,98 A
MARCHA A LONGADA	16,82F	00,00 A	77,49C	3,78 A	13,94 C	04,28 A

LETRAS IGUAIS NA COLUNA INDICAM NÃO HAVER DIFERENÇA SIGNIFICATIVA (P<0,05). FONTE: PROCÓPIO, 2004

diagonais em relação aos laterais, surgimento e acréscimo de apoios monopodais e de períodos de suspensão (Procópio, 2004).

**Determinação das curvas ângulo-tempo** – Após a digitalização dos dados e correta programação, o programa Simi-motion 3D 6.0 de análise biomecânica (Simi, 2004) nos fornece automaticamente gráficos representando os valores angulares, cixo y do gráfico, em função do tempo de cada passada, cixo x do gráfico, que poderão ser visualizados na Figura 2.

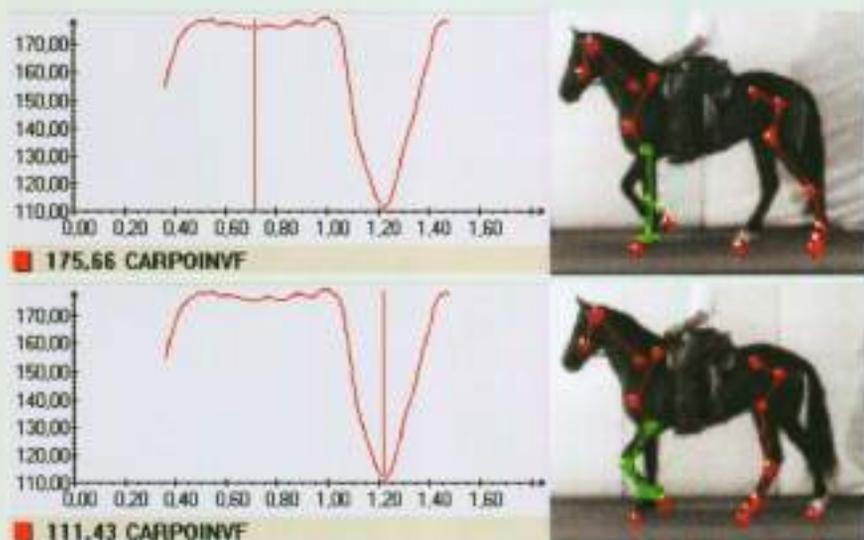


FIGURA 2 - GRÁFICO DE CURVAS ÂNGULO-TEMPO DAS ARTICULAÇÕES DO CARPO. O GRÁFICO E A FOTOGRAFIA ACIMA APRESENTAM O INSTANTE DE EXTENSÃO MÁXIMA DO MEMBRO ANTERIOR, ENQUANTO OS DE BAIXO APRESENTAM A FLEXÃO MÁXIMA DO MEMBRO ANTERIOR. (PROCÓPIO, 2004)

**Análise das figuras em stick** – Ao digitalizar as imagens em computador, obtêm-se o que se denomina de figuras em *stick*, em que se visualizam apenas as linhas traçadas pelos pontos articulares. Por meio destas linhas, forma-se um gráfico quando o animal é avaliado em movimento, como pode ser observado na Figura 3 (abaixo). Pode-se observar na figura que o primeiro animal, representado à esquerda, possui elevação mais abrupta do anterior. O segundo animal, representado na parte inferior da figura, apresenta movimentação mais em semicírculo. Em relação aos posteriores, observa-se que o primeiro animal 'larga' mais seus posteriores, flexionando-se excessivamente suas quartelas, enquanto o segundo, assim como no membro anterior, apresenta maior elevação de seu membro posterior em forma de semicírculo. Comparando-se os dois animais, observa-se ainda que o primeiro animal apresenta sobrepegada, enquanto o segundo apresenta retropegada.



FIGURA 3 - FIGURAS EM STICK COMPARATIVAS ENTRE DOIS À ESQUERDA, PRIMEIRO ANIMAL, E À DIREITA, SEGUNDO ANIMAL, DURANTE PASSADA COMPLETA

**Discussão final** – Há enorme e vasto campo de atuação, por meio de utilização da 'zootecnia de precisão' na área de avaliação da locomoção eqüina. A utilização dessas tecnologias propiciará grande auxílio à melhoria do desempenho dos animais nas diversas modalidades eqüestres.

#### ALESSANDRO MOREIRA PROCÓPIO

Doutor em Ciência Animal/ Melhoramento Genético, Professor de Melhoramento Animal, Eqüideocultura e Coordenador do Curso de Zootecnia da FEAD, Belo Horizonte (MG)



# FERRAGEAMENTO, indispensável e meticuloso

*Aparação de cascos é o conjunto de operações que permitem, com a utilização de ferramentas apropriadas, manter e/ou restaurar a forma ideal e a função normal (equilíbrio) dos membros locomotores dos eqüinos, quando não houver desgaste natural dos cascos, visando a integridade física, a saúde e a vida útil do animal.*

O membro anterior é o responsável pela maior parte da sustentação do animal, onde se concentram aproximadamente 65% do seu peso. Os cascos dos anteriores geralmente são mais largos e arredondados e menos inclinados do que os posteriores.

O membro posterior é o grande responsável pela impulsão do animal. Os cascos dos posteriores geralmente são mais compridos, inclinados e ovalados do que os anteriores. O casco é composto basicamente pela coroa (incluindo os bulbos), muralha, sola, linha branca e rasilha.

A região da coroa, incluindo os bulbos (parte posterior), é responsável pelas estruturas de crescimento do casco, além de amortecer de impactos, quando do deslocamento do animal. É uma região sensível e seis pêlos não devem ser aparados, pois servem de proteção. Deve-se tomar cuidados redobrados em caso de acidentes nessa região, pois o crescimento da muralha pode ser alterado.

A muralha divide-se em pinça, quartos e talões, sendo responsável pelo suporte da maior parte do peso, além de proteger as estruturas internas. As barras são responsáveis pela manutenção da forma da muralha, atuando também como mecanismo de aderência e tração do casco contra o solo.

A sola é responsável primariamente pela proteção das estruturas internas do casco, mas também suporta parte menor do peso e sua forma ajuda a dar aderência e tração ao membro, em seu contato com o solo.

A linha branca é o elemento de li-

gação entre a sola e a muralha do casco, permitindo certa flexibilidade de movimento entre estas partes do casco. Ela também é conhecida como a linha do cravo para o ferrageador.

A rasilha, por sua consistência e forma, age como amortecedor de impactos para as estruturas internas do casco, além de dar aderência ao casco em seu contato com o solo, quando da movimentação do animal. Algumas teorias creditam como ação sua a ajuda na circulação de retorno do sangue ao coração.

Avalia-se o animal pela análise de sua ficha individual e/ou de conversas com quem lida com ele. É também pela observação dos seus comportamento e performance. Sempre que possível, faça as perguntas abaixo e/ou outras que complementem o histórico do animal:

- Para qual função será utilizado o animal e qual a intensidade do seu trabalho?
- Tem-se alguma preferência sobre que estilo de ferrageamento deve ser empregado nesse animal?
- Já ocorreu alguma 'manqueira' ou 'interferência' com o animal anteriormente?
- Há quanto tempo foi efetuada a última aparação e/ou ferrageamento?
- Como o animal se porta usualmente para ser aparado e/ou ferrageado?
- É o animal portador de algum mau hábito de comportamento?

A observação dos aprumos deve ser precedida de limpeza dos cascos. Deve ser efetuada em local plano e nivelado. Verifica-se direcionamento, nivelamento

e balanceamento do membro locomotor, a partir de vistas anterior, posterior e lateral de cada membro e seu colateral. Deve ser feita em estática e em movimento. Deve-se manter certa distância para melhor visualização. Observam-se aí os desvios que possam existir, para avaliação da aparação a ser feita para manter ou devolver a melhor condição de aprumo ao animal. Nessa situação, compara-se o alinhamento do aprumo do animal com o desejável para ele, como resultante dos seus peso e movimento apoiados neste locomotor.

Quando a direção do membro estiver coincidente, do centro do joelho ou jarrete, pelo meio da canela, centro do boleto, meio da quartela e muralha até o centro da pinça, os cascos estarão equilibrados para este membro do animal.

Quando o casco é visto lateralmente, a linha da pinça do casco deve ser paralela à linha do eixo da quartela. De acordo com o comprimento da quartela, poderemos ter inclinações diferentes. A visualização por trás é feita segurando-se o locomotor pela canela, deixando livre o boleto, a quartela e o casco. Seu eixo deve ser perpendicular ao plano inferior do casco. A altura da muralha nos dois lados deverá ser igual. Esta é uma operação da maior importância na aparação de cascos e merece atenção especial, pois é fator imprescindível para a correta execução do serviço.

A reavaliação consiste na análise das observações dos membros locomotores, de frente, de trás e lateralmente, em estática e em dinâmica, de forma a verificar se a aparação efetuada manteve ou devolveu a melhor condição de aprumo ao animal. Torna-se a comparar o alinhamento do aprumo do animal (já aparado) com o desejável para ele. Se a aparação não tiver devolvido as condições desejáveis de aprumo ao animal, reavalie todo o processo verificando se existe possibilidade de correção imediata ou se devemos aguardar para futura intervenção.

Antes do ferrageamento, se o animal estiver previamente ferrageado devemos remover as ferraduras antigas e proceder a aparação dos cascos como operações necessárias a novo ferrageamento.

De acordo com a avaliação prévia do histórico do animal, sua utilização, local de trabalho e outras variáveis que possam surgir, o profissional deve escolher qual o tipo de ferradura mais adequado para as especificidades de cada equíno. As vantagens básicas do ferrageamento são, primeiramente, a proteção dos cascos de qualquer tipo de sobreuso, a mudança e/ou redistribuição de peso sobre o casco, o aumento ou mudança da área de suporte para o animal e a reorientação do vóo do casco pela mudança de seu 'ponto de quebra' (ponto de saída do casco do solo). Devemos avaliar os prós e contras para verificar a necessidade ou não de se ferragear os animais, aproveitando da melhor maneira possível as vantagens advindas dessa opção. A modelagem da ferradura deve ter como premissa básica o formato e o tamanho do casco ao qual a mesma será aplicada.

Deve-se preparar a ferradura para o casco e não o casco para a ferradura. Esta modelagem pode ser efetuada a quente ou a frio. Não importando muito qual seja a forma escolhida, queremos que a ferradura modelada acompanhe corretamente a forma do casco, tenha o correto sobrepasso nos talões, tenha o tamanho adequado ao ferrageamento proposto, sua superfície de contato com o casco seja plana e alivie as pressões na sola. As craveiras devem estar posicionadas corretamente para permitir correta fixação da ferradura, sem agressão aos tecidos do casco.

No Brasil a grande maioria dos ferrageadores trabalha as ferraduras a frio, não comprometendo, entretanto, com isso a qualidade de execução do serviço. Durante e/ou depois da fase de modelagem, a ferradura deverá ser superposta ao casco ao qual deverá ser fixada, permitindo a verificação do seu ajuste ao mesmo. Esta ajustagem pode ser executada também de duas maneiras: a quente e a frio. Existem vantagens e desvantagens em cada método, mas o que realmente importa é que a ferradura tenha ajuste

perfeito com o casco, sem deixar vãos entre as superfícies de contato, cobrindo toda a superfície necessária, permitindo que, após a fixação, não existam forças sobre os cravos que permitam à ferradura soltar-se do casco.

Após a ajustagem da ferradura procedemos à sua fixação ao casco. Esta se dá pelo cravejamento, ou seja, utilizamos cravos em quantidades variadas para "pregar" a ferradura. A quantidade e tamanho dos cravos utilizados e o seu posicionamento podem variar de acordo com tamanho da ferradura, condições da muralha para recebê-los etc. O que queremos é que os cravos fiquem em uma posição tal que não permitam que a ferradura se afrouxe. A colocação inicial dos cravos varia de profissional para profissional, mas o que devemos relevar é o fato de que a ferradura permaneça no local correto, não se deslocando quando

da fixação. A altura de saída dos cravos é outro ponto que gera discussões. Mesmo que o profissional não consiga alinhar todos os cravos, o que realmente importa é que eles saiam numa altura média (nem tão alto nem tão baixo) e com isso fiquem solidamente inseridos na muralha prendendo a ferradura ao casco.

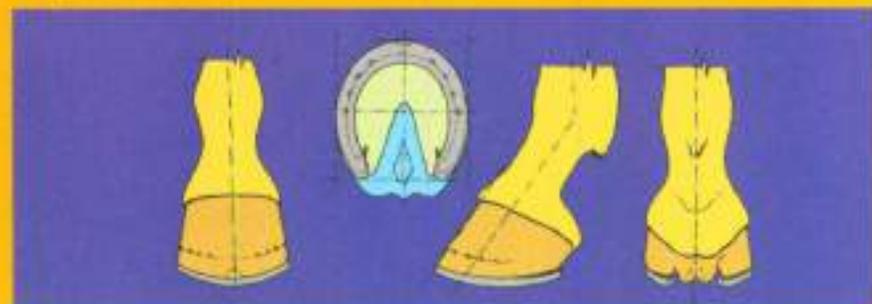
Após o cravejamento, os cravos são cortados em sua parte excedente, 'rebiteados' (apertados contra a ferradura), limados em seus excessos ('sangrar' os cravos) e reapertados pelo uso do alicate 'jacaré' ou de martelo. Os excessos deverão ser removidos levemente com a grana, que também dá acabamento final entre o casco e a ferradura.

#### AUGUSTO CANÇADO E SALLES

Especialista em equídeos, profissional autônomo formado nos Estados Unidos pela Heartland Horseshoeing School e Oklahoma State Horseshoeing School e jurado



AVALIAÇÃO DE ALINHAMENTO DE CRAVES



LINHAS GERAIS PARA AVALIAÇÃO DE FERRAGEAMENTO

# OS SUPLEMENTOS e a performance dos eqüinos

*Os aditivos ou suplementos têm sido fornecidos aos eqüinos para incrementar seu desempenho atlético, reprodutivo ou desenvolvimento corporal. Entretanto, muitos estudos ainda são necessários para justificar cientificamente a eficácia desse tipo de suplementação, pois grande parte dos produtos disponíveis no mercado tem sua utilização em investigações realizadas com outras espécies e muito pouco se sabe sobre seus efeitos nos eqüinos.*

Quando se trata de suplementos para melhorar a performance dos animais nas provas atléticas eles são, na maioria das vezes, fórmulas que podem ser inócuas, benéficas ou até mesmo nocivas à saúde dos eqüinos, pois são fabricados com base no empirismo ou em pesquisas realizadas com atletas humanos. Pouquíssimos trabalhos científicos têm sido feito com os eqüinos e não existem pesquisas testando esses suplementos nas raças que desenvolvem a marcha como andamento.

O concurso de marcha é uma prova eqüestre sem similar no mundo. É um exercício de longa duração, com grande gasto energético, no qual o animal

desenvolve, em círculo, longo percurso sem descanso e em velocidade constante e excessiva. Requer, portanto, nutrição, treinamento e manejo diferentes daqueles exigidos pelas raças estrangeiras que apresentam o trote como andamento. Essas raças, na maioria das vezes, desenvolvem exercícios de explosão com grande dispêndio de energia, mas com menor duração e períodos de descanso para o retorno das funções cardiorespiratórias aos níveis fisiológicos. Assim, a utilização dos suplementos ou aditivos visando melhorar o desempenho dos eqüinos marchadores deve ser estudada e é uma vasta área de pesquisas para o futuro.

Com o objetivo de investigar os efeitos da adição de algumas substâncias na alimentação do cavalo Mangalarga Marchador, visando melhorar o seu desempenho, professores e estudantes do Departamento de Zootecnia da Escola de Veterinária da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) trabalham na linha de pesquisa 'Utilização de aditivos na dieta dos eqüinos'. Estes projetos têm sido desenvolvidos com o apoio dos criadores (Haras Luxor e Haras Catuni) e das entidades de fomento a pesquisa estadual (FAPEMIG) e nacional (CNPq).

O primeiro trabalho foi assunto da dissertação de mestrado da aluna Virginia



Sorine Lanzetta e validou a utilização do Lipe® em eqüinos. Lipe® foi desenvolvido por pesquisadores do Departamento de Zootecnia da Escola de Veterinária e do Departamento de Química do Instituto de Ciências Exatas da UFMG, como indicador de digestibilidade. É um produto de fácil utilização e vem sendo usado para avaliar o aproveitamento dos nutrientes da dieta dos eqüinos, auxiliando a execução das pesquisas subseqüentes desenvolvidas com o intuito de testar os aditivos.

Lipe® é utilizado em substituição ao método tradicional da coleta total das fezes, que é trabalhoso, pois, além da necessidade de confinamento dos animais durante todo o período de avaliação, requer a coleta total das fezes por período mínimo de cinco dias, o que, no caso dos eqüinos, é difícil devido ao grande volume de fezes produzidas. Além dessa importante contribuição, o trabalho demonstrou também que Lipe® poderá ser fornecido aos eqüinos criados extensivamente para estimar o consumo de pasto.

Posteriormente, avaliou-se o efeito da inclusão de Cromo (aditivo) na dieta de eqüinos da raça Mangalarga Marchador em treinamento para provas de marcha. Dentre os objetivos desta pesquisa, está a avaliação da ação do mineral no incremento da utilização das reservas energéticas, com conseqüente melhoria de sua resistência, esperando-se, também, a redução do estresse e melhor desempenho.

Na nutrição de outras espécies (inclusive humana), as pesquisas demonstraram que Cromo é um mineral de extrema importância, pois se relaciona com diversos processos fisiológicos e está envolvido com o metabolismo dos alimentos.

Outra hipótese benéfica da ação de Cromo é seu efeito sobre o aumento da resistência durante os exercícios físicos desenvolvidos pelos eqüinos. Em pesquisas com bovinos, o fornecimento deste mineral reduziu os níveis sanguíneos de insulina, hormônio que tem ação inibitória sobre o aproveitamento da energia de reserva (gordura). A redução da insulina na corrente circulatória dos eqüinos em trabalho facilitaria, portanto, a utilização dessa energia de reserva, com conseqüente melhoria da resistência dos

animais, principalmente em exercícios aeróbicos, como as provas de marcha da raça Mangalarga Marchador.

Já foi demonstrado na espécie humana que o Cromo acelera a passagem da glicose do sangue para os tecidos que estão consumindo energia e, como conseqüência da menor glicemia, ocorre redução do nível sanguíneo do hormônio insulina, proporcionando maior utilização da gordura de reserva, como principal fonte energética durante a execução do exercício. Isso porque, na execução da prova de marcha há esforço físico de longa duração, a biologia do animal é mais eficiente quando utiliza a gordura como fonte primária de obtenção de energia e o hormônio insulina quando presente na corrente sanguínea impede a utilização da gordura. Conseqüentemente, o estoque energético presente no sangue, no músculo e no fígado acaba em poucos minutos. Assim, antes do término da prova de marcha, o animal apresenta-se em fadiga, diminuindo a qualidade da marcha, conseqüentemente afetando o rendimento do animal.

Também, vem se comprovando a ação no aumento da massa muscular e melhoria da imunidade. Há indícios de que este mineral atue no controle do estresse e de suas conseqüências, sejam elas psicológicas, patológicas ou nutricionais. Conseqüentemente, em função da redução do nível de cortisol sanguíneo, ocorre a melhoria do bem-estar animal e a susceptibilidade a doenças é reduzida, o que influenciará positivamente sua performance.

A etapa experimental que avaliou os efeitos de Cromo foi realizada na Fazenda Catani, em Montes Claros (MG), utilizando éguas da raça Mangalarga Marchador, avaliadas antes e depois de provas de marcha, segundo o regulamento oficial da ABCCMM. Foram medidos parâmetros físicos associados ao desempenho físico e também as respostas sanguíneas relacionadas aos efeitos do condicionamento da prova de marcha, além das adaptações fisiológicas em resposta à suplementação com Cromo.

O estudo da ação de Cromo sobre os parâmetros fisiológicos dos eqüinos Manga-

larga Marchador foi assunto da dissertação de mestrado da aluna Raquel Cheyne Prates. Os resultados desse estudo indicaram que, no primeiro dia antes da prova, a frequência respiratória (FR) foi menor nos animais que receberam 5 e 10 mg de Cromo, provavelmente em conseqüência do menor estresse dos animais que receberam o elemento. No segundo dia, as éguas suplementadas com 10 mg de Cr mostraram menor FR depois da prova e os dois grupos suplementados apresentaram menor FC após o exercício nos três dias de prova. A partir desses resultados, pode-se concluir que o Cromo atuou como agente atenuante do estresse e teve efeito positivo no desempenho termorregulatório, cardiorrespiratório e na recuperação dos animais.

Avaliou-se o efeito da suplementação com Cromo sobre a frequência cardíaca durante provas de marcha. Os valores encontrados nos 12 animais, durante os três dias de prova, mostraram que Cr não influenciou a FC durante as provas e os valores encontrados caracterizaram as provas de marcha como exercício de intensidade submáxima. Esse resultado é de fundamental importância para se prescrever treinamento adequado, objetivando dar ótimo condicionamento ao eqüino, que tenha como objetivo participar de provas de marcha.

Encontram-se, ainda, em fase final, as análises que identificarão a influência de Cromo sobre os parâmetros sanguíneos nos eqüinos Mangalarga Marchador em treinamento para provas de marcha. Estes resultados confirmarão os efeitos positivos de Cromo sobre a performance dos eqüinos em provas de marcha.

Outro foco da equipe de pesquisa tem como objetivo comparar os efeitos da adição de dois probióticos (leveduras) comerciais e da enzima fitase sobre o aproveitamento dos nutrientes da dieta de potros da raça Mangalarga Marchador e a ação de tais aditivos nos desenvolvimentos ósseo e corporal dos animais.

Será, também, pesquisada a disponibilidade de Fósforo presente na ração concentrada, já que nos alimentos comumente ofertados aos eqüinos este mineral encontra-se na forma de fitato, composto

absorvido pelos animais. Para tornar esse mineral disponível, é necessária a ação da enzima fitase que, nos eqüinos, é produzida pela microbiota presente no final do intestino, onde a absorção de Fósforo é pequena quando sua dieta é rica em alimento concentrado. Além disso, os fitatos formam compostos com outros minerais, tornando-os indisponíveis. Para corrigir esses efeitos indesejáveis, minerais inorgânicos são adicionados às rações concentradas onerando o seu custo final.

Assim, pelo fato de os eqüinos possuírem acelerado desenvolvimento em seu primeiro ano e o Fósforo ser um dos principais constituintes do esqueleto, os potros apresentam alta exigência desse mineral. Sua deficiência pode comprometer a curva de crescimento normal do esqueleto do potro. Além dessa importante função, o Fósforo é também utilizado nos processos metabólicos do organismo, sendo fundamental à produção e à manutenção da gestação, lactação e trabalho, o que demonstra, então, a importância de se melhorar a utilização do elemento Fósforo nas dietas destinadas aos eqüinos.

A adição da enzima fitase nas rações para aves e suínos vem sendo realizada com sucesso, por melhorar o aproveitamento do mineral Fósforo nestas espécies monogástricas. Como os eqüinos também são herbívoros monogástricos e apresentam grande necessidade deste mineral, suspeita-se que a utilização da enzima fitase na dieta possa melhorar a mineralização óssea dos potros e reduzir os custos com a dieta, pois, assim, em sua formulação seria necessária menor proporção de fontes de minerais inorgânicos, como, por exemplo, o fosfato bicálcico, que, regra geral, onera o custo final da dieta dos eqüinos.

Quanto ao efeito da suplementação com a enzima fitase, os resultados dos estudos da equipe de pesquisa demonstraram maior aproveitamento da fração mais digestível da fibra, indicando que houve estímulo da fermentação microbiana, provavelmente por ação do Fósforo no controle da acidez intestinal. Como são pouquíssimos os trabalhos utilizando

a enzima fitase na dieta dos eqüinos, os resultados demonstraram potencial para sua utilização na nutrição eqüina, mas são necessários mais estudos para validar essa recomendação.

O estudo da disponibilidade de Fósforo das rações concentradas está em andamento e logo os resultados da pesquisa estarão disponíveis.

Probióticos são suplementos compostos por microorganismos vivos (bactérias e/ou leveduras) e são indicados para o combate de distúrbios digestivos associados a situações de estresse, tais como falha na ingestão de colostro, desmame, mudanças na alimentação, transporte, exercícios extenuantes, doenças recorrentes e debilidade nutricional. Esses eventos podem alterar o balanço da microbiota normal do intestino, provocando redução no processo fermentativo e, conseqüentemente, alterações na produção de substâncias importantes para o funcionamento normal do aparelho digestivo.

Potros, eqüinos em atividade atlética e éguas durante o período de reprodução são as categorias mais susceptíveis a situações de estresse e os probióticos poderiam incrementar o seu desempenho. Entretanto, não há pesquisas científicas que comprovem os benefícios da utilização desses compostos, que vem sendo amplamente utilizados no sistema de produção eqüina. Os trabalhos publicados até hoje apresentam resultados controversos quanto aos seus efeitos na espécie eqüina, à indicação dos microorganismos a ser empregados na sua formulação, às dosagens recomendadas, ao tempo de estocagem etc.

O estudo da ação de dois tipos de probióticos (composto apenas por leveduras e composto por leveduras e bactérias) e da enzima fitase sobre a digestibilidade da dieta de potros foi assunto da dissertação de mestrado da aluna Raquel Moura. Os resultados mostraram que potros suplementados com probióticos compostos por bactérias e leveduras vivas apresentaram melhor conversão alimentar, melhor aproveitamento da porção fibrosa da dieta (pastagens), da proteína e do Fósforo. Enquanto isso, o probiótico

composto apenas por leveduras proporcionou melhor aproveitamento da fração fibrosa de dieta (pastagens).

Assim, os aditivos probióticos podem ser utilizados como estratégia nutricional para melhoria do aproveitamento da dieta por potros desmamados, principalmente quando forem compostos pela associação de mais de um tipo e espécie de microorganismo no produto. Ainda assim, deve-se atentar ao que se apresenta no rótulo, principalmente à quantidade mínima de microorganismos necessários por grama (g) do produto, para o efeito benéfico no trato digestivo. Sugere-se que o possível incremento da flora microbiana do intestino grosso dos eqüinos, com a utilização dos probióticos, melhoraria a produção da enzima fitase pelas bactérias, com conseqüente maior disponibilidade do Fósforo.

No próximo ano (2008), serão desenvolvidos mais dois ensaios experimentais. O primeiro verificará a influência da adição de Cromo na dieta do Mangalarga Marchador em treinamento para provas de marcha sobre o horário de fornecimento do alimento concentrado. O outro verificará os efeitos da adição de probióticos sobre o desempenho de éguas Mangalarga Marchador também em treinamento para provas de marcha.

O apoio das entidades de pesquisa e da iniciativa privada é fundamental para a continuidade dessa linha de pesquisa que, se for mantida, fornecerá em pouco tempo indicações seguras que contribuirão de forma racional para incrementar a performance dos eqüinos.

**ADALGIZA SOUZA CARNEIRO DE REZENDE**

Professora da Escola de Veterinária da UFMG

**VINICIUS PIMENTEL SILVA**

Doutorando em Nutrição e Alimentação Animal da UFMG

# BOAS NOVAS

*Pergunto a você leitor: se por algum motivo você tivesse a chance de escolher um cavalo dentre os cinco melhores do mundo na modalidade que você gosta, qual deles escolheria? O primeiro, o quinto?*

Normalmente, a resposta seria: qualquer um deles. Entre o primeiro e o quinto colocado do mundo, as diferenças são realmente nulas. Ainda podemos analisar esta pergunta por outro aspecto: não temos nos esportes eqüestres fenômenos como o Schumacher, da F1, que venceu mais de 50% das provas de uma temporada. As alternâncias de colocações são normais nos esportes eqüestres. Quem ganhou hoje está em segundo amanhã, quarto no mês que vem. E isso acontecendo com todos

significa que, em condições normais, todos são igualmente capazes de vencer.

A pergunta é: o que faz a diferença entre as colocações obtidas em uma prova? O que exatamente faz um cavalo ganhar ou perder para outro, no restrito universo dos cinco ou até dos dez melhores do mundo? Sabemos que, neste universo, ser top significa realmente ter uma vida absolutamente regrada e de alto estresse de treinamento. Sabemos, também, que quanto mais se vence, mas se é cobrado

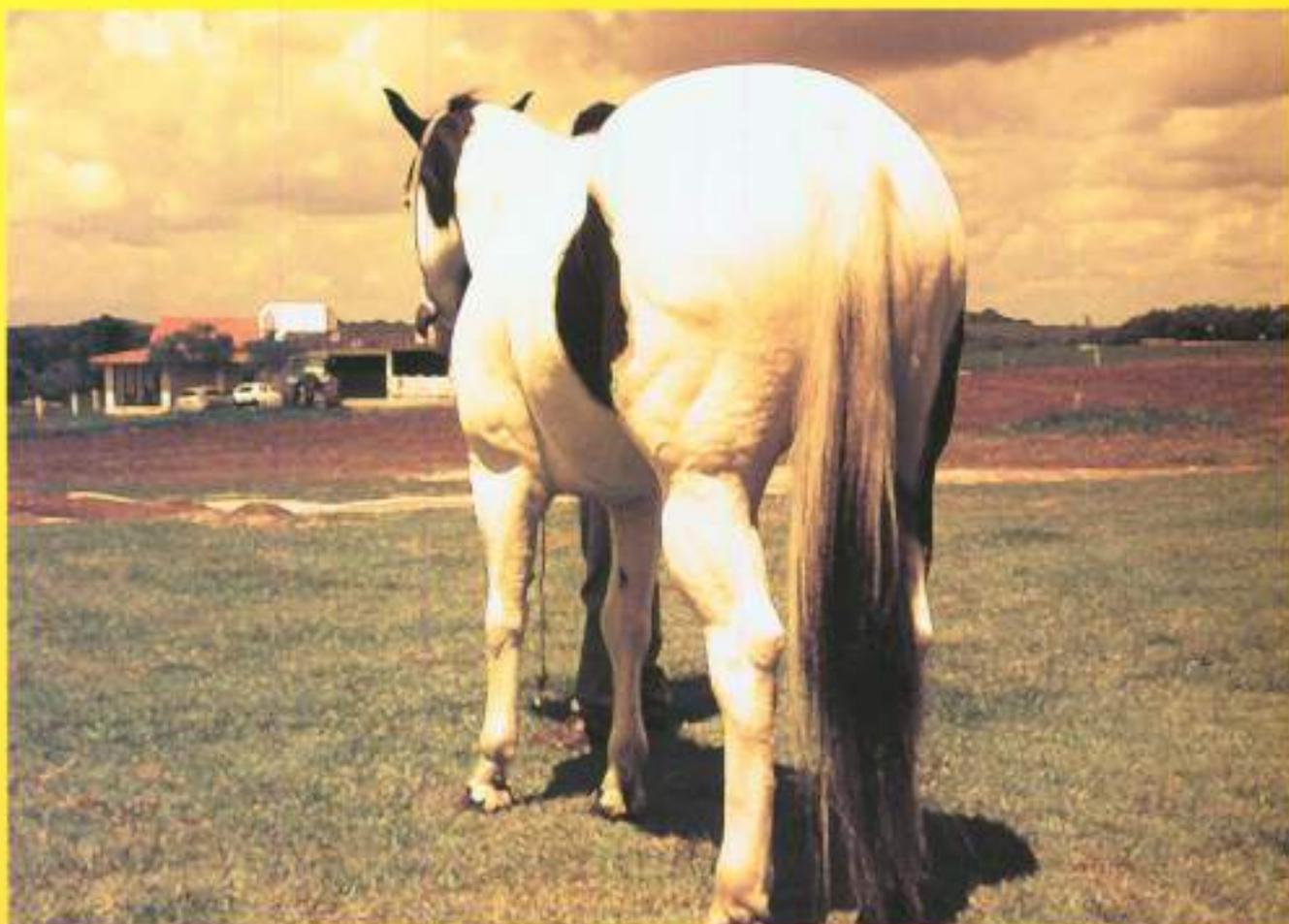
por patrocinadores, público, imprensa, proprietários de cavalos etc. E que não é fácil encarar esta pressão.

A necessidade de vencer às vezes detona uma carreira seja por doping, por excesso de trabalho e lesão, por estresse tanto do cavalo como do cavaleiro. A pressão está cada vez mais incomodando parte desses cavaleiros, que estão buscando sempre mais respostas para uma questão: não se discute somente como ganhar, mas sim como distanciar-se mais do concorrente.

Estamos falando deste pequeno espaço que separa um conjunto do outro no resultado final de uma competição. E, agora, você deve estar lembrando que este espaço está cada vez menor quanto mais o tempo passa e as modalidades evoluem. O que exatamente existe neste espaço entre um concorrente e outro, uma colocação e outra? Pesquisando sobre isso, descobri um site muito interessante e que pode ser a resposta para estes questionamento. Visite o site [www.truemner.net/xenophon/frameset\\_e.htm](http://www.truemner.net/xenophon/frameset_e.htm) e veja algumas colocações de cavaleiros olímpicos, mais precisamente campeões olímpicos sobre o que eles chamam de 'eqüestrianismo'.

Podemos definir eqüestrianismo como o todo de se viver com os cavalos, todo o conceito e a aplicação de técnicas voltadas a tudo o que se faz ou se quer fazer com um cavalo. Particularmente, acho este um dos mais atuais e completos termos para quem vive com os cavalos. Estes cavaleiros perceberam que os diferenciais tradicionais de vitória começaram cada vez mais a se 'apertarem' para acontecer. Qual a real diferença de treinamento, ferrageamento, acompanhamento veterinário, equipamentos etc, entre os cinco melhores do





mundo? Estas diferenças começaram a ser tão menores, que dois caminhos foram escolhidos pelos profissionais: podemos defini-los como o 'do bem' e o 'do mal'.

O 'do mal' resume-se em algo que não dura por muito tempo. Doping, técnicas violentas, exageros e, principalmente, tentar a vitória a qualquer custo. O 'do bem' é o que o site propõe à comunidade equestre mundial. Lembremos: cavaleiros campeões olímpicos sugerem que:

- Para o bem-estar dos cavalos e a quebra do subaproveitamento em competições (aumentando, assim, as distâncias entre colocações), grandes mudanças no cenário atual devem acontecer

- O retorno aos princípios e fundamentos do 'equestrianismo clássico' vem sendo cada vez mais necessário

- Somente um cavalo de saúde mental de qualidade tem condições de permanecer saudável por mais tempo

- A apreciação das conexões físicas e

mentais no processo de treinamento deve ser revista e aplicada

- O amor aos cavalos (amor no sentido de mais consideração ao ser vivo) e aos pontos principais dos esportes equestres devem ser os principais focos da convivência com os seres humanos

- Pessoas do cavalo ao redor do mundo devem unir-se para o bem comum dos cavalos por meio desses conceitos

Estes pontos nos colocam no mínimo para pensar como andam as coisas nas modalidades que praticamos. Volto a enfatizar que tais colocações são de quem está no topo da lista e que, teoricamente falando, não precisariam publicar algo do gênero, muito menos em um site.

Aos cavalos de salto, devemos considerar todo um esquema de vida, que inclui treinamento e manejo geral, priorizando alguns pontos que talvez estejam passando despercebidos. Saltar demais ou de menos, prender demais ou de menos, comer de-

mais ou de menos não são coisas boas. Pilotar cavalos em treinamentos é muito diferente de se treinar com qualidade. Muito se fala sobre isso, mas pouco se pratica...

Tornar a vida de um cavalo tão equilibrada quanto um bom salto ou percurso é parte de um todo que, como vimos neste artigo e você pode ver no site, até os olímpicos estão considerando mais. Os exageros para cima e para baixo são sempre maléficos a quem tanto nos ajuda e dá prazer. Achar tudo isso uma grande besteira pode talvez significar o simples início de um complexo retrocesso na carreira de um cavaleiro.

De um cavaleiro e não de um cavalo, pois de tão nobres que são, os cavalos deixam as coisas acontecerem para que seus cavaleiros percebam o erro, aprendendo, assim, com tais equívocos. Tal como os grandes sábios, que deixam seus alunos à vontade para fazer suas escolhas...

**ALUISIO MARINS**  
Médico veterinário

# DOMA TRADICIONAL, RACIONAL, HORSEMANSHIP, E OUTRAS 'DOMAS'

*Escrevo este artigo sobre doma saindo um pouco de qualquer técnica ou dicas de doma. Seria injusto com os cavalos tentar passar dicas, ferramentas de trabalho ou esquemas de doma de um ser vivo tão dinâmico e variável.*

Cada cavalo é um cavalo e tem uma 'história para contar' em todo o seu processo de vida. Se passo uma dica, que por ventura não funcione, traio o cavalo que não aplicou a dica muito mais do que você, leitor. Por isso, prefiro analisar a doma de outra maneira.

Sabemos bastante sobre histórias de doma, mas, na verdade, muito pouco sobre a essência e a profundidade da ação de doma de um cavalo. Não são poucas as pessoas no imenso Brasil que domam seus cavalos. Cada um tem seu método e, com o seu cavalo, cada um faz o que quer. Mas, quando temos a prestação de serviços para terceiros, devemos realmente analisar isso mais seriamente. A doma vem evoluindo e se atualizando com o passar dos tempos.

Sãmos de uma idéia de trabalho a qualquer custo, em que cavaleiros montavam em cavalos xucros e esperavam até que o mesmo parasse de pular seja por cansaço ou lesão para abrandamento deste trabalho com o passar do tempo.

Se o cavalo desse trabalho, mais força e brutalidade eram aplicadas. Era a atualmente chamada 'doma tradicional'. Após algum tempo, a doma passou a ser encarada de outra maneira, em que alguns aspectos de respeito e não-violência começaram a ser mais considerados do que antes. Era a época da chamada 'doma racional', sendo o 'racional' um adjetivo para as atitudes do ser humano em relação aos cavalos.

Uma das características mais fortes deste conceito é que falávamos muito com os cavalos solicitando passo, trote e galope, paradas etc, condicionando o cavalo com a voz. Equipamentos do tipo cordas, cabrestos e elásticos eram parte do kit, que realmente era muito completo, até com escovas. Tudo isso já era parte da realidade de respeito e preocupação com o bem-estar dos potros xucros. A 'doma racional' existe até hoje e tem efeitos benéficos nos cavalos, já que não

mais considera as teorias e tópicos da doma tradicional. Mesmo assim, ainda preconiza algumas idéias que poderiam ser mais discutidas e até abandonadas.

Passados mais alguns anos, chega ao Brasil o *horsemanship*. Uma palavra esquisita que, na verdade, nada tem a ver com método ou sequer com doma, exclusivamente. A iniciação de um potro é apenas uma pequena parte do conceito (este sim, o termo correto) do *horsemanship*.

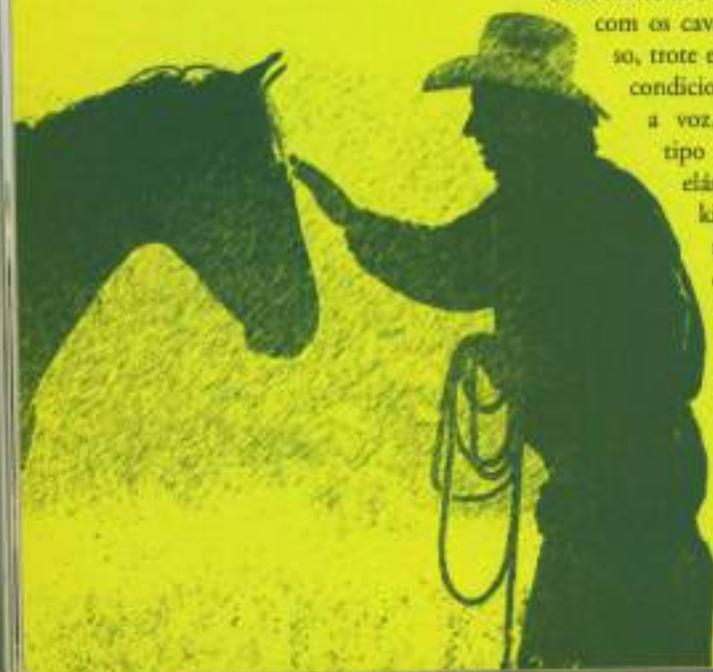
Também vale aqui conceituarmos definitivamente dois fatores que doem aos ouvidos:

1. Ninguém pode 'ser' um *horsemanship* ou qualquer outro 'ship'. *Horsemanship* não é algo que se é, mas sim algo que se vive, e não somente com potros xucros.

2. *Horsemanship* não é doma; não é iniciar um potro. O relacionamento entre o cavalo e o ser humano nos coloca a par do que significa *horsemanship*.

Mas, o que é relacionamento? O que tudo isso tem a ver com doma? Muito. Todo o processo de iniciação de um potro passa automaticamente por relacionamento. E, de verdade, tudo o que se faz com um cavalo é relacionamento, em qualquer um dos sistemas, métodos ou conceitos, em qualquer idade. O *horsemanship*, então, não se restringe somente à doma ou ao domador. É um trabalho contínuo, de equipe, trabalho em que as práticas do dia-a-dia são baseadas em conceitos. Não se pratica *horsemanship*, mas, sim, se escolhe viver em harmonia e bem-estar com os cavalos em todos os aspectos desde o nascimento.

Sei que é difícil explicar isso a alguém, mas devemos bater nessa tecla. Trabalho com cavalos há pelo menos 20 anos e, por muitas vezes, me pego pensando e estudando mais sobre determinado potro ou cavalo que recebo para domar. Estudo relacionamento baseado na natureza dos cavalos. Em minha 'vida eqüestre' perdi



a conta de quantos cavalos iniciiei e sempre me deparo com um potro que me faz buscar atualização e novas tentativas e colocar uma informação na cabeça dele de forma justa.

Penso que isso seja uma das mais importantes lições do *horsemanship*. Me assusto quando vejo pessoas oferecendo serviços de doma ou *horsemanship* e de *horsemanship* mesmo nada se tem. Vejo pessoas que mal sabem da vida dos cavalos fora dos redondéis de demonstrações e cursos. Se perguntarmos sobre alimentação, manejo, equitação, natureza de cavalos, levamos sustos pela falta de conteúdo nas respostas. Temos notícias de pessoas que vendem serviços de *horsemanship* sem ao menos entender como um cavalo trabalha mental e biomecanicamente. Gente que acha que *horsemanship* significa montar rápido em um cavalo xucro, às vezes imitando domadores renomados. E, aí sim, tudo isso tem a ver com o tema deste artigo.

Montar logo em um potro não é a questão do *horsemanship* ou da doma como um todo. Domar um potro é como educar uma criança. É para o resto da vida, preparando-o mentalmente para as situações de pressão e de desafios. Um cavalo preparado mentalmente é muito melhor fisicamente. E isso não se faz em uma montada rápida, mas sim em um trabalho do dia-a-dia e em equipe. Isso envolve tanta coisa, que teríamos que escrever muitos artigos envolvendo o tema.

O fato é que o mercado está cheio de opções a seus consumidores. E cada consumidor se identifica com sua opção. Não sou contra o volume de oferta, mas sim contra o volume de desconhecimento sendo oferecido em forma de *horsemanship* ou doma. Em tudo isso, o que fica mesmo é que as pessoas passam, mas os cavalos ficam aguardando pela vez de ser iniciados seriamente ou não, como que em uma roleta onde a bolinha pode cair na casa 'seriedade' e 'do estudo' ou na casa da 'casca sem recheio'...



# HIPISMO

## *o salto sobre obstáculos*

*O termo genérico hipismo engloba várias modalidades de esportes equestres conhecidos como Equitação Inglesa ou Hipismo Clássico. No Brasil, as pessoas usam erroneamente o termo para descrever exclusivamente as provas de salto. As três modalidades são geridas no Brasil pela CBH (Confederação Brasileira de Hipismo) e em nível mundial pela FEI (Federação Equestre Internacional).*

Uma característica particular do hipismo é que homens e mulheres podem competir juntos com as mesmas possibilidades de vitória, diferentemente de outros esportes, em que a performance masculina é superior devido à maior força física. Além da categoria da amazona ou do cavaleiro e da integração entre animal e condutor, o importante é contar com uma montaria saudável e bem condicionada.

O hipismo é dividido em três modalidades: Salto de obstáculos, Adestramento e CCE (Concurso Completo de Equitação). O que une estes três esportes é o fato de que todos foram iniciados na Europa, utilizam cavalos das raças Warmbloods e derivados adaptados para uma ou outra modalidade e o tipo de arreamento, muito similar: sela inglesa. Os cavaleiros

seguram cada rédea em uma mão, com as pernas o tempo todo em contato com o cavalo e a embocadura é mais baseada no bridão do que no freio – ao contrário dos esportes de equitação *western*.

Neste artigo, vamos discutir o mais popular dos três esportes: o salto de obstáculos, que deriva das corridas de cavalos sobre obstáculos, conhecidas como *Steeplechase* e das antigas caçadas à raposa, que eram feitas desde os tempos medievais na Inglaterra, que tinham grande popularidade junto aos nobres entre 1800 e 1900. A indumentária de competição dos cavaleiros – é adaptação, que muito se parece com as gravuras dessa época e é conservada até hoje, mantendo a classe que o esporte evoca. Os cavalos utilizados na época eram grandes mestiços conhecidos como *hunters* e a idéia era

perseguir a raposa, passando em linha reta pelos obstáculos naturais, ou não, que fossem aparecendo à frente dos cavaleiros.

Com o passar dos tempos, as propriedades foram sendo protegidas com cercas impossíveis de ser saltadas e o esporte acabou sendo adaptado para uma arena fechada, na qual, no início, os obstáculos eram naturais e não eram facilmente derrubados (em geral, quem caía era o cavalo). A primeira prova oficial de salto sobre obstáculos, como conhecemos nos moldes atuais, foi em 1876, na Inglaterra. Posteriormente, os obstáculos foram ficando bem mais delicados e a disposição dos mesmos cada vez mais complicada, obrigando os cavaleiros a treinar seus cavalos para ser cuidadosos e não tocarem nos obstáculos. O hipismo fez parte do programa da primeira Olimpíada da Era Moderna, em 1896, em Atenas, como esporte de demonstração. Entretanto, somente foi incorporado definitivamente aos Jogos Olímpicos em 1912, em Estocolmo.

Atualmente, os cavalos utilizados para o esporte do salto são os Warmbloods, cavalos obtidos por cruzamentos de raças européias mais pesadas com o Puro Sangue Inglês e o Árabe, que foram selecionados para o salto por mais de 400 anos em várias criações européias. No Brasil, o cavalo mais utilizado para o salto e o que apresenta maior aptidão é o Brasileiro de Hipismo, o Warmblood nacional oriundo do cruzamento de várias raças européias com éguas-base da criação brasileira.

No salto de obstáculos moderno, o conjunto (cavalo + cavaleiro) é testado contra o tempo em percurso com 12 a 14 obstáculos, em média. Esse percurso destina-se a demonstrar franqueza, potência, habilidade, respeito pelo cavalo ao obstáculo e a qualidade da equitação do cavaleiro. Esse percurso é sempre diferente e montado por um profissional chamado 'armador' ou *course designer*, que, em geral, não pode saltar na prova. Existe tempo máximo para o cavaleiro terminar seu percurso. Acima desse tempo, ele é penalizado e, se o tempo-limite for excedido, o cavaleiro é eliminado.

Mesmo em provas de nível olímpico, nenhum obstáculo pode exceder 1,70 m

em altura nem pode exceder 2 m em largura (com exceção do obstáculo de água conhecido como 'rio', que não pode exceder 4,50 m largura e de provas de salto em altura conhecidas como potências – nessas provas, os animais chegam a saltar obstáculos de mais de 2,00 m de altura).

As competições oficiais geralmente são de três dias seguidos com três tipos de provas diferentes e é feita a somatória das pontuações obtidas para chegar ao campeão do evento.

O objetivo é terminar o percurso sem qualquer penalização (zero pontos perdidos) e no menor tempo possível. A falta é considerada quando o obstáculo tem sua altura ou largura modificadas. A contagem dos pontos é feita da seguinte maneira: o derrube de um obstáculo penaliza com 4 pontos perdidos; o refugo ou desvio do obstáculo penaliza com 4 pontos perdidos. O 'laço', ou seja, o cavaleiro fazer uma volta durante o percurso antes ou depois de um salto e passar sobre sua própria trilha é considerado como refugo. Dois refugos ou uma queda de cavalo ou cavaleiro acarretam eliminação do conjunto. Existem ainda penalizações por tempo excedido.

Os tipos mais comuns de provas são os conhecidos como Tabela A, que podem ser com uma única entrada do cavaleiro em velocidade ou com desempate para os conjuntos que empatarem nos pontos perdidos e estiverem dentro do tempo estipulado. Existe, ainda, a Tabela C, na qual os pontos perdidos na pista são transformados em tempo e adicionados ao tempo total do cavaleiro. Os GP's ou Grandes Prêmios são as provas principais dos eventos, geralmente com a maior premiação, que podem ser uma prova de desempate normal ou uma competição de duas voltas sobre dois percursos (iguais ou diferentes, dependendo da prova). Nesse caso, os pontos perdidos, por conjunto, nos dois percursos são somados. Atualmente, algumas provas têm muitos cavaleiros inscritos e, visando agilizar o tempo, foi idealizada a prova de Duas Fases, em que o cavaleiro salta até o obstáculo de número 8 ou 9 e, caso não cometa nenhuma falta e esteja dentro do tempo, continua o percurso

diretamente, valendo essa segunda fase a velocidade, por mais 5 ou 6 saltos. Quem comete faltas na primeira fase é retirado da pista sem saltar a segunda fase, agilizando o andamento da competição.

Também há várias provas consideradas *show*, como são as provas de potência, provas de revezamento, provas em duplas e provas que possuem obstáculos coringas, que são quase impossíveis de ser saltados e o público se diverte bastante. Em geral, esse tipo de prova ocorre em eventos, como feiras e exposições, para manter o interesse do público na competição.

Em relação aos obstáculos, existem os básicos, que seriam os verticais e os *over*, as paralelas, e as tríplexes, que são os obstáculos em largura. Os *over* são obstáculos em largura em que a vara da saída do salto fica mais alta do que a vara de entrada, facilitando a visão do animal. A paralela tem as duas varas, de entrada e saída na mesma altura, e a tríplex é um obstáculo com três níveis de altura diferentes de maneira ascendente, sendo geralmente o obstáculo com maior largura da pista. Um último tipo, utilizado só em provas mais avançadas, é o rio, obstáculo que simula espelho de água, em que o cavalo deve saltar toda sua extensão sem tocar na água ou na faixa que delimita o final da largura do mesmo.

Sobre essas variações, a imaginação dos construtores de obstáculos e armadores de percurso é totalmente liberada. Existem obstáculos de todas as cores possíveis, simulando muros, cancelas, portões, sebes, ondas etc. Nos grandes concursos, como nas Olimpíadas, Mundiais e Pan-Americanos, os obstáculos são temáticos e construídos especificamente para honrar um tema ou um patrocinador. Provas especiais, conhecidas como *derbys*, apresentam percurso mais longo que o normal e uma série de obstáculos chamados 'naturais', com banquetas, sebes, fossos e até mesmo lagos, que são intercalados com os obstáculos regulares.

Outro fator importante a se deixar claro é que, nas provas de salto atuais, os obstáculos são construídos para ser derrubados facilmente. A idéia é a proteção total do cavalo e do cavaleiro. Ao mais leve toque dos membros do cavalo, o obstáculo deve cair. Os pára-flancos que

sustentam os obstáculos, as varas que os formam e os ganchos nos quais os mesmos são apoiados seguem regras expressas da FEI em termos de peso, curvatura e material de construção. Nos obstáculos de largura, são exigidos ganchos especiais, chamados de ganchos de segurança, que se desarmam e deixam a vara cair, no caso de o cavalo não conseguir cumprir a largura do obstáculo, evitando que o animal se entrosque nas varas e possa cair ao aterrissar sobre a vara de saída da largura. Esse modelo de gancho foi uma das maiores evoluções em termo de segurança no salto de obstáculos nos últimos dez anos.

Embora sejam relevantes os tipos de obstáculo, é de grande importância a disposição dos mesmos. Além dos obstáculos isolados, também são dispostos na pista obstáculos denominados 'compostos', que podem ser duplos ou triplos. Esses obstáculos são dispostos em linha com separação de um ou dois galopes do cavalo entre eles e, em caso de refúgio do segundo ou terceiro, obrigam o cavaleiro a retomar sua tentativa desde o primeiro elemento. Praticamente, qualquer combinação dos citados obstáculos acima pode ser montada em um duplo ou triplo.

A maneira que os obstáculos são posicionados pelo armador de percursos

também varia conforme o tipo de prova. Provas de velocidade exigem opções de curvas fechadas e exploram a delicadeza dos obstáculos, que são derrubados com facilidade em grande velocidade. Provas de desempate e grandes prêmios exploram a qualidade do cavaleiro e do cavalo sobre percursos mais fortes e técnicos, exigindo refinamento no controle do cavalo para obtenção de bons resultados.

O uniforme segue a linha das caçadas inglesas, em que as casacas podem ser pretas, azuis, cinzas e vermelhas. No caso da equipe brasileira, é permitida a casaca verde da CBH. Os culotes podem ser brancos ou beges. Camisas preferentemente brancas com gola obrigatoriamente branca. As botas só podem ser negras, permitindo-se tija marrom no cano, que em geral é usada quando se usa a casaca vermelha. Luvas são opcionais e podem ser de qualquer cor. Os capacetes (ou quepes) podem ser de cores escuras, como preta, marrom escura, cinza ou azul marinho. Atualmente, os capacetes devem ser certificados e comprovar sua capacidade de absorção de choques para ter sua venda liberada na Europa e nos Estados Unidos. Para crianças e adultos que queiram, existem modelos de coletes com proteção para costelas e coluna, permitidos nas provas oficiais.

As categorias oficiais da CBH que competem em salto de obstáculos são muitas, uma vez que este é um esporte que se pode praticar em qualquer idade, desde a mais tenra até as mais avançadas. As principais categorias são sem divisão por sexo. Os competidores são separados conforme a idade: Mini-mirim (oito a 12 anos), Mirim (12 a 14), Juniores (14 a 18) e Seniores (acima de 18). As entidades que dirigem o esporte costumam utilizar também as seguintes subdivisões: Principiantes, Aspirantes, Infantis, Jovens, Jovens Cavaleiros, Seniores Novos, Masters e Amadores.

Vários brasileiros conquistaram destaque no esporte, como Nelson Pessoa, Luiz Felipe Azevedo, Vitor Alves Teixeira, André Bier Johannpeter, Alvaro Affonso de Miranda Neto e Bernardo Alves Rezende. A principal referência do hipismo nacional e no mundo é, hoje, Rodrigo Pessoa, cavaleiro Campeão Mundial, da Copa do Mundo e Olímpico. Seu cavalo, o garanhão da raça Sela Francesa Baloubet du Rouet é mundialmente conhecido e, até sua aposentadoria no ano passado, foi considerado um dos melhores cavalos de salto do mundo.

ADRIANA BUSATO  
Médica veterinária



FLAVIO ABREU BERNARDES E CASANOVA AR



# HIPISMO RURAL

*a brincadeira ficou séria*

*A brincadeira que se tornou base para esporte olímpico. A modalidade nasceu em fazendas do interior do País e foi regulamentada para se transformar em uma das práticas mais completas da categoria.*

A diversão entre amigos nos finais de semana virou coisa séria, conquistou novos espaços e se tornou fundamental para a formação de competidores internacionais. O Hipismo Rural, que nasceu no Brasil, é considerado um dos esportes mais completos da categoria. Juntos, cavalo e cavaleiro precisam vencer obstáculos naturais e artificiais, corridas em terreno plano e montanhoso, além de provas com baliza, tambor e salto.

Garra, determinação e coragem são características decisivas para o bom desempenho do conjunto no final da competição. A vontade de superar limites, aliás, nasceu com o próprio esporte, na época em que ele ainda era considerado apenas brincadeira.

Os relatos históricos mostram que o Hipismo Rural começou em fazendas e gincanas do interior, mais como passatempo do que competição propriamente dita. Aos poucos, a diversão foi ganhando mais adeptos e interessados, que perceberam o potencial dos animais e começaram a organizá-la melhor.

Na época, as provas eram simples e sem muitas regras. Basicamente, o desafio consistia em vencer obstáculos naturais, como troncos caídos, passagem de água ou valas, participar de corridas com outros cavalos, subir morros ou apenas exibir habilidades com o animal.

As primeiras competições aconteceram na década de 1970 e foram organizadas por fazendeiros da região de Mococa, Avaré e Franca, interior do Estado de São Paulo – entre eles, a família Rossetti.

Os participantes precisavam completar o percurso entre duas fazendas, que tinha cerca de 3 km e incluía pasto, travessia de rio, além de subidas e descidas, no menor tempo possível. Vencia quem cruzasse a linha de chegada em primeiro lugar.

Com o passar do tempo, as provas ganharam novas regras e figuras, como tambor e baliza, além do recuo. O passo seguinte foi dividir a competição em duas etapas distintas: *crus* e *picadeiro* – modelo que teve algumas reformulações, mas é adotado até os dias atuais.

A primeira competição, já de acordo com o novo regulamento, aconteceu em 1979, em Campos de Jordão (SP). Chamada à época de Cavalo Completo Rural, ela foi rebatizada alguns anos depois pelo jornalista Chuck Woodward, então diretor da revista *Hippus*, e ganhou o nome de Hipismo Rural.

Organização – Conquistando cada vez mais público também fora do campo, o esporte passou a ter entidade para representá-lo em novembro de 1982. A ABHIR (Associação Brasileira dos Cavaleiros de Hipismo Rural) foi fundada por participantes e, acima de tudo, incentivadores da prática no País, que se reuniram para discutir regras e maneiras de torná-la mais competitiva e profissional.

Sediada atualmente em Rio Claro (SP), a entidade teve papel fundamental na divulgação, popularização e aperfeiçoamento da antiga brincadeira, até que ela se transformasse no que é hoje em dia.

As mudanças técnicas atingiram também a pista em que são realizados os torneios. Mais modernas e evoluídas, as competições – antes simples e disputadas contra o cronômetro – passaram a ter obstáculos mais difíceis e tempo-limite pré-estabelecido.

Barreiras de segurança também foram criadas para proteger o conjunto e o uso de capacete, colete e perneiras (ou chaparreiras) passou a ser obrigatório a cavaleiros e amazonas.

Os critérios para penalização e eliminação do participante também foram revisados e se tornaram mais rígidos. Falta, como erro de percurso ou atrasos para apresentação, podem mandar o atleta mais cedo para casa.

Atualmente, os competidores de Hipismo Rural estão divididos nas categorias Escola, Míni-mirim, Nível I, Cavalos Novos, Intermediária e Performance.

“Ele não é um esporte olímpico, mas serve como base para as outras modalidades, inclusive o CCE (Concurso Completo de Equitação), que faz parte das Olimpíadas. É dele que sai o cavaleiro ágil, versátil e corajoso”, analisa Germano Gândara, atual presidente da ABHIR.

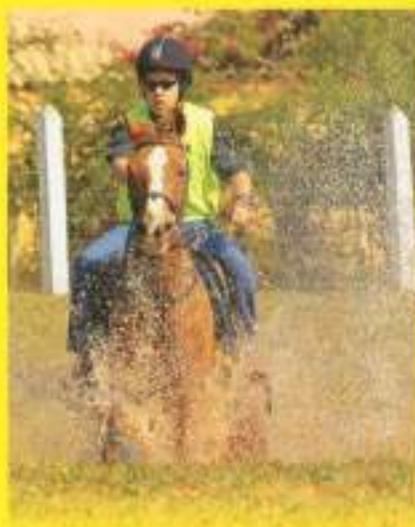
Segundo Gândara, muitos medalhistas brasileiros em campeonatos nacionais e internacionais iniciaram sua carreira em provas de Rural. “Como engloba etapas diversificadas, ele forma o competidor de maneira mais completa para as demais modalidades”, observa o dirigente.

A própria associação, por causa da relação direta entre os estilos, também passou a organizar torneios de CCE e salto, mas manteve no Hipismo Rural o foco principal de suas atividades. “O espírito ABHIR continua mais vivo do que nunca, cumprindo seu papel não somente como forja de cavaleiros, o que é inegável, mas também como reduto de formação de homens, em um local onde valem a regra, a transparência, o trabalho, a lealdade e a equipe, valores que tanto desejamos ao Brasil”, ressalta Germano Gândara.

Os princípios morais e éticos ganham ainda mais força nos campos de disputa. Para Gândara, o bom desempenho na prova não depende apenas do cavaleiro ou amazona e, sim, da relação harmoniosa entre eles e o cavalo.

“O Hipismo é um esporte de conjunto. Quem mais educa é o cavalo. A pessoa tem de conquistá-lo mais pelo carinho do que pela submissão. Não adianta bater no animal. Na hora da prova, ele lembrará disso e, provavelmente, não responderá da maneira esperada. E isso tudo serve como grande lição para a vida também”, finaliza Gândara.

Não há idade mínima para começar a praticar o Hipismo Rural. Basta apenas estar disposto a se apaixonar pela modalidade, que cativa cada vez mais pessoas no Brasil.



#### PARA TODAS AS RAÇAS

Hoje em dia, a maioria dos animais que participam das competições de Hipismo Rural tem sangue Árabe, mas qualquer raça pode entrar na disputa desde que receba o treinamento adequado.

O treino costuma ser demorado e exigir paciência e dedicação de atletas e adestradores. “Às vezes, o cavalo demora até um ano para fazer um dos obstáculos, sem contar o tempo que o atleta também precisa treinar para conduzi-lo bem”, explica Germano Gândara, presidente da Associação Brasileira dos Cavaleiros de Hipismo Rural (ABHIR).

Os cavalos dócils e inteligentes são os mais indicados para a prática. O animal também precisa ter boa ossatura e movimentação leve, além de altura entre 1,42 m e 1,62 m, pescoço médio-longo, bom comprimento de garupa, inclinação correta de espáduas, boa abertura de peito, lombo não muito largo e apurmos corretos.

Cumpridas essas exigências, é hora de se preparar para a montaria e para treinos intensivos em busca do aperfeiçoamento.

# O QUE É *Equoterapia?* (1)

*É um método terapêutico e educacional que utiliza o cavalo, em uma abordagem interdisciplinar, nas áreas de saúde, educação e equitação, buscando o desenvolvimento biopsicossocial de pessoas portadoras de deficiência e/ou com necessidades especiais.*

A equoterapia emprega o cavalo como agente promotor de ganhos físicos, psicológicos e educacionais. Esta atividade exige a participação do corpo inteiro, contribuindo, assim, para o desenvolvimento da força, tônus muscular, flexibilidade, relaxamento, conscientização do próprio corpo e aperfeiçoamento da coordenação motora e do equilíbrio.

A interação com o cavalo, incluindo os primeiros contatos, os cuidados preliminares, o ato de montar e o manuseio final, desenvolve, ainda, novas formas de socialização, autoconfiança e auto-estima.

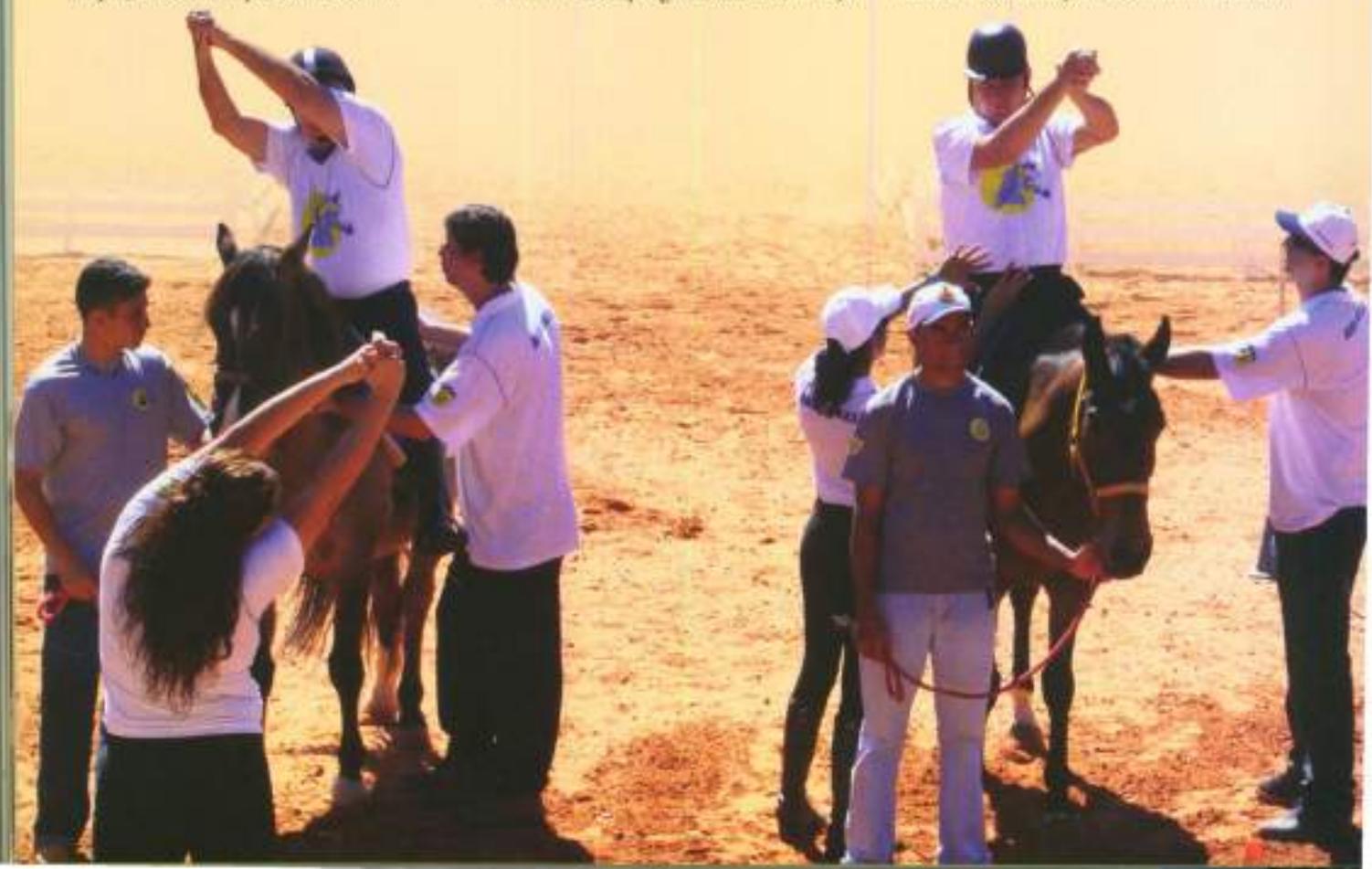
A palavra equoterapia está em garantia de propriedade da ANDE-Brasil e registrada no Instituto Nacional de Propriedade Industrial (INPI), do Ministério da Indústria e do Comércio, sob o nº 819392329.

**Método terapêutico e educacional** – O Conselho Federal de Medicina, em Sessão Plenária de 9 de abril de 1997, em parecer aprovado n.º 06/97, relata: “Somos, portanto, pelo reconhecimento da equoterapia como método a ser incorporado ao arsenal de métodos e técnicas direcionadas aos programas de reabilitação

de pessoas com necessidades especiais”.

Por intermédio da estratégia, traçada pela ANDE-Brasil, e de acordo com a legislação brasileira, há necessidade de comprovação científica, feita por profissionais brasileiros e como prescreve a Resolução nº 196/96, do Conselho Nacional de Saúde, que trata das normas para pesquisa, envolvendo seres humanos.

Diz, ainda, o parecer que os dados levantados nas pesquisas devem ser concentrados na ANDE-Brasil que, juntamente com a Sociedade Brasileira de Medicina Física e Reabilitação, os encaminhará ao



Conselho Federal de Medicina para avaliação e posicionamento.

A Divisão de Ensino Especial da Secretaria de Educação do Distrito Federal, baseada em pesquisas realizadas pela ANDE-Brasil, durante a aplicação do convênio em vigor entre as duas instituições, desde 14 de junho de 1993 reconhece que a equoterapia também é um método educacional que favorece a alfabetização, a socialização e o desenvolvimento global de alunos portadores de necessidades educativas especiais.

**ANDE-Brasil** – A Associação Nacional de Equoterapia (ANDE-Brasil) é uma entidade civil, sem fins lucrativos, com personalidade jurídica de direito privado, duração indeterminada e atuação em todo o território nacional, tendo foro em Brasília (DF). Sua sede é no Complexo do Cavalão da Capital (3C), localizado na Granja do Torto (DF), e dispõe, em sua organização, da Escola de Equoterapia General Carracho e da Escola de Equitação para consecução de suas finalidades.

É reconhecida e declarada como entidade de utilidade pública Federal e utilidade pública no Distrito Federal. Está registrada no Conselho Regional de Medicina, no Conselho Nacional de Assistência Social e na Secretaria Nacional Antidrogas. Além disso, mantém convênio com o Exército Brasileiro, a Secretaria de Educação do Distrito Federal, a Universidade de Brasília (UnB) e a Universidade Paulista – Objetivo.

A ANDE-Brasil também é prestadora de consultoria técnica em equoterapia à Sociedade Brasileira de Medicina Física e Reabilitação; é filiada à entidade internacional de equoterapia The Federation Riding for Disabled International (FRDI); e conta com apoio sistemático da Coordenadoria Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência (CORDE), da Secretaria de Direitos Humanos, do Ministério da Justiça.

## PRINCIPAIS FINALIDADES

- Promover e incentivar a prática da equoterapia em todo o território nacional
- Normatizar, supervisionar e controlar, em âmbito nacional, a prática da equoterapia, conforme normas éticas e princípios preconizados pela ANDE-Brasil
- Capacitar recursos humanos para o desenvolvimento da equoterapia
- Realizar e estimular pesquisas, estudos e levantamentos estatísticos referentes à equoterapia
- Desenvolver políticas na busca de recursos nas áreas governamental e empresarial, a fim de estender os benefícios da equoterapia a todas as classes sociais
- Estabelecer convênios com instituições das áreas de saúde, educação e equitação, a fim de consolidar a equoterapia como método terapêutico e educacional
- Promover a inserção da equoterapia e da equitação como disciplinas curriculares em instituições de ensino superior
- Utilizar a equitação de forma didático-pedagógica na educação e formação do caráter dos jovens;
- Inserção social de pessoas portadoras de deficiência e/ou com necessidades especiais
- Capacitar recursos humanos nas áreas de equitação, veterinária e correlatas
- Utilizar a competição esportiva como complemento terapêutico e educativo
- Estimular a prática do esporte hípico, principalmente, na formação de novos valores

**Princípios e normas** – Toda atividade equoterápica deve se basear em fundamentos técnico-científicos. O atendimento equoterápico somente poderá ser iniciado mediante parecer favorável em avaliação médica, fisioterápica e psicológica.

As atividades equoterápicas devem ser desenvolvidas por equipe interdisciplinar, que envolva o maior número possível de profissionais das áreas da saúde, educação e equitação. As sessões de equo-

terapia podem ser realizadas em grupo. Porém, o planejamento e o acompanhamento têm de ser individualizados.

Para acompanhar a evolução do trabalho e avaliar os resultados obtidos, deve haver registros periódicos e sistemáticos de atividades desenvolvidas com os praticantes. A ética profissional e a preservação da imagem dos cidadãos praticantes de equoterapia devem ser constantemente observadas. A segurança física do praticante deve ser preocupação permanente de toda a equipe.

**Conselho técnico-científico** – Em sua estrutura organizacional, a ANDE-Brasil dispõe de Conselho Técnico-Científico, composto por profissionais nacionais e estrangeiros das áreas de saúde, educação e equitação, que se destina ao assessoramento e à orientação das atividades técnicas, científicas, éticas e de pesquisa.

**Trabalho voluntário** – A associação, como toda entidade que pratica a filantropia e, principalmente, porque oferece atendimento equoterápico totalmente gratuito, necessita de todo o tipo de colaboração, inclusive, de trabalho voluntário. A participação desses voluntários é necessária e indispensável, seja nas atividades junto ao praticante e ao cavalo, seja no serviço burocrático.

**Manutenção financeira** – Decorre de várias ações, incluindo contribuições de sócios mantenedores e contribuintes; convênios com entidades públicas e privadas; recebimento de doações voluntárias; mensalidade dos alunos da Escola de Equitação. Observação: as contribuições e doações financeiras, feitas por pessoas jurídicas, podem ser abatidas quando da declaração do Imposto de Renda, de acordo com o contido na Lei nº 9.249/95, publicada no DOU de 27 de dezembro de 1995.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE EQUOTERAPIA (ANDE-BRASIL)

## O QUE É EQUOTERAPIA? (2)

*Trata-se do método terapêutico e educacional que utiliza o movimento e o encantamento do cavalo para se conseguir habilitar ou reabilitar indivíduos com comprometimentos físicos e/ou mentais ou com necessidades especiais, buscando o desenvolvimento global do ser humano.*

O uso do cavalo como forma de terapia data de 400 a.C. quando Hipócrates utilizou-se do cavalo para 'regenerar a saúde' de seus pacientes. Desde 1969, a NARHA (Associação Norte-Americana de Hipoterapia para Deficientes) vem divulgando na América do Norte método que na Europa já é conhecido há mais tempo.

No Brasil, a partir dos anos 1970, quando foi criada a ANDE Brasil (Associação Nacional de Equoterapia), o tratamento tomou maior impulso, mas somente nos últimos seis anos é que se pode notar o verdadeiro crescimento dessa modalidade terapêutica, haja vista o número crescente de centros de equoterapia em todo o território nacional.

A equoterapia foi reconhecida como método terapêutico em 1997, pela Sociedade Brasileira de Medicina Física e Rehabilitacional e pelo Conselho Federal de Medicina.

### PORQUE O USO DO CAVALO

**Motivos físicos** – Ao passo, o cavalo realiza balanço tridimensional, ou seja, frente e trás, um lado e outro e para cima e para baixo (movimento que se assemelha ao passo humano). Esses estímulos são transmitidos repetidamente para o sistema nervoso central, desencadeando respostas positivas como ganho de equilíbrio corporal, adequação do tônus muscular e estimulação do desenvolvimento motor para se chegar à marcha e/ou à maior independência funcional.

**Motivos psicológicos** – A familiaridade com o cavalo desperta no praticante de equoterapia relação de amizade e afeto pelo animal, em que aliados trilhem caminho de descobertas e novas conquistas. O ambiente natural favorece essa cumplicidade que propicia o alívio de estresse, aumenta a autoconfiança e a segurança. O praticante aprende a dominar as rédeas da própria vida!

### INDICAÇÕES DA EQUOTERAPIA

- Paralisia cerebral
- Acidente Vascular Encefálico
- Atraso no desenvolvimento neuropsicomotor
- Síndrome de Down e outras
- Traumatismo crânio-encefálico
- Lesão medular
- Esclerose múltipla
- Disfunção na integração sensorial
- Dificuldades da aprendizagem ou linguagem
- Distúrbios do comportamento
- Hiperatividade
- Autismo
- Traumas
- Depressão
- Estresse

**Benefícios** – Adequação do tônus muscular, melhoria na coordenação motora, melhoria no controle da cabeça e do tronco, ganho de equilíbrio, facilitação no processo de aprendizagem escolar, melhoria da atenção e da concentração, socialização, autoconfiança, melhoria da auto-estima, ativação dos sistemas cardíaco-respiratório e músculo-esquelético e alívio do estresse.

O caráter de diversão, de prazer e de descontração faz com que o praticante seja um participante ativo no seu processo de reabilitação, fazendo com que suas conquistas 'venham a galope'.

**Conclusão** – A equoterapia é um dos raros métodos, ou talvez o único, que permite que o paciente vivencie muitos acontecimentos ao mesmo tempo e nos quais as ações, as reações e as informações são bastante numerosas.

Sendo assim, um dos aspectos mais importantes nesse tipo de tratamento é o que conscientiza crianças e jovens de suas capacidades e não de suas incapacidades, trabalhando o deficiente como um todo, tanto pelo lado psíquico como pelo somático.

CENTRO DE EQUOTERAPIA  
SOLDADO JOSUÉ CIPRIANO DINIZ



# Atrelagem, charmosa tradição

*Podemos definir como atrelagem (atelage, em francês; carriage driving, em inglês; enganche ou atalaje, em espanhol) a utilização do equino como força de tração. Atrelar é ligar o animal a um veículo, equipamento ou a algo que deva ser tracionado. Antes mesmo de empregar o cavalo como montaria, o homem utilizou-o para o tiro, isso é, para tirar, tracionar, mover algo de um lugar para outro.*

O século XIX viveu o auge da utilização da tração animal: arados, carroças, charretes, diligências, carruagens, coches e até bondes: o cavalo tracionava o mundo.

A motorização dos veículos de transporte e a mecanização da lavoura levaram a tração animal quase à extinção. Somente a partir de 1930, após a Grande Depressão, por economia forçada pelas circunstâncias, iniciou-se nos Estados Unidos e na Europa processo de retorno à utilização dos cavalos de tiro.

Hoje, nos países desenvolvidos, utilizam-se cavalos para tiro de implementos agrícolas, nas pequenas e médias propriedades rurais, por ser mais econômicos do que um trator. Nesse âmbito, há disputas desportivas de execução de trabalhos rurais, tais como aração (lavração), gradeação etc.

Existe um esporte que emprega a tração equina, chamado trote, com prova disputada ao cronômetro, largada em grupo de competidores, andadura somente ao trote, em hipódromos elípticos, com o animal atrelado ao *sulky*, pequeno carro de duas rodas (semelhantes às de bicicleta), para um único ocupante. No Brasil, há raros hipódromos de trote, esporte muitíssimo difundido na América do Norte.

Veículos tracionados por cavalos também podem ser utilizados em atividades como equoterapia, lazer e turismo, seja urbano ou rural. Nos países mais desenvolvidos, existe uma ampla disponibilidade de tudo que diz respeito à Atrelagem. Desde a oferta de exemplares de raças equinas com maior vocação para tração, ressurgidas e aprimoradas, passando por

prósperas indústrias de construção de veículos, até o forte comércio de peças de reposição, arreamentos e escolas de formação de profissionais especializados.

No Brasil, há esforço muito recente para esse elegante, econômico, útil e prazeroso retorno às origens do emprego do cavalo, principalmente no Estado de São Paulo, por via da Associação Brasileira de Criadores do Cavalo de Puro Sangue Lusitano (ABPSL) e de algumas entidades de criadores de cavalos de tração. Destacam-se, ainda, a dedicação de determinados criadores e também a iniciativa de universidades e prefeituras, que vêm difundindo a atrelagem e a utilização de tração animal para lazer, turismo e equoterapia.

Em Brasília (DF), desponta um movimento pioneiro, voltado à difusão do esporte de atrelagem e da tração animal para trabalhos rurais, lazer, transporte em eventos e, por meio da Associação

Nacional de Equoterapia (Ande), para equoterapia. Pelo País, já se tornaram conhecidas algumas fábricas de veículos de boa qualidade, que produzem desde réplicas de carros antigos até os de concepção mais moderna, metálicos, tubulares, com freios a disco, suspensão robusta e confiável, em condições de competir em provas de *cross-country*.

Entretanto, existem alguns fatores que dificultam muito, mas não impedem a prática de qualquer tipo de Atrelagem no Brasil. Dentre eles, destacam-se a quebra de tradição da tração animal, a falta de divulgação do esporte de Atrelagem, o desconhecimento das modernas técnicas de doma, de condução dos veículos e de fabricação de arreamentos, o incipiente comércio de peças de reposição e o profundo preconceito contra a utilização do equino como animal de tração. É muito comum ouvir perguntas como: "Você vai botar o seu cavalo na carroça?"



De qualquer forma, o progresso do esporte no Brasil já é visível. Hoje, temos condutores treinados no exterior, especialmente em Portugal, atrelando até cinco parrelhas de cavalos em um único veículo, e já ocorrem algumas competições.

**Esporte equestre de Atrelagem** – Multissecular na Europa e nos Estados Unidos, o esporte de Atrelagem tornou-se, a partir dos anos 1970 do século passado, espécie de triatlo equestre, inspirado no Concurso Completo de Equitação (CCE). Pode ser praticado com a utilização de charrete (duas rodas), carruagem (quatro rodas e capota conversível) ou coche (quatro rodas e capota fixa), com esses veículos normalmente tracionados por equino. O objetivo é demonstrar a habilidade e a versatilidade do condutor (cocheiro) e de sua equipe, bem como o grau de adestramento (ensino), docilidade, força e, também, versatilidade do animal de tração.

As provas são disputadas em três dias consecutivos e avaliam aspectos diferentes. A prova de 'Condução e Elegância' (similar ao Adestramento) é disputada em pista de grama ou areia, assim como a competição de 'cones', 'Precisão' ou 'Agilidade' (corrida contra o cronômetro em

percurso balizado por cones de trânsito, encimados por bolas de tênis). Já a 'Maratona' (espécie de *cross-country*) acontece parte em estrada e parte em percurso campestre (*off-road*).

Deve haver equilíbrio, proporção entre o peso e o tamanho do veículo ou da carga tracionada, e o tamanho e o peso do animal de tiro empregado, de forma a não sacrificar o animal, obtendo conjunto harmônico. Nessas considerações, inclui-se também a questão do número de animais atrelados.

Podem ser utilizados diversos tipos de veículos, com variado número de animais: duas rodas com um ou com dois cavalos; quatro rodas com um, dois, três ou quatro animais. Nas viaturas de quatro rodas, utilizam-se um ou dois indivíduos como contrapeso, para equilibrar o carro nas curvas, semelhante ao que é feito em barcos. É mais comum que vejamos veículos de duas rodas com um cavalo e de quatro rodas com um, dois ou quatro cavalos. A competição acontece entre carros com o mesmo número de rodas e de animais atrelados.

Existem raças de cavalos conhecidas como 'de tração leve' e outras como 'de tração pesada'. Nesta última, estão os animais que, adultos, pesam perto de

uma tonelada, como o Percheron, o Breton e o Clydesdale – este muitas vezes com mais de 1,70 m na cernelha e visto em diversos filmes norte-americanos sendo trabalhado pela seita dos Amish.

Na tração leve, praticamente todas as demais raças podem ser enquadradas, mas existem as mais especializadas. Exemplo típico é o American Trotter – desenvolvido para trotar e empregado no esporte do trote. Outras raças também podem ser utilizadas na modalidade, como a inglesa Shire ou os esguios Saddlebreds e os compactos Morgans norte-americanos, inclusive raças européias, como os Shetlands e até mesmo os pôneis.

Entre os animais de tração leve, destaca-se, pelos recentes resultados conquistados na Atrelagem, o Puro Sangue Lusitano, pela capacidade que demonstra em cada uma das três provas desse esporte. O PSL chama a atenção pela inteligência, elegância soberba, extrema resistência, docilidade, coragem, confiabilidade e acentuada força de tração.

Félix Marie Brasseur conquistou a medalha de ouro na Atrelagem, nos Jogos Equestres Mundiais, em setembro de 2006, na cidade alemã de Aachen. Destaque especial deve ser dado aos quatro cavalos utilizados pelo condutor belga: Oduro, Quijote, Orpheu e Tulipa, todos PSL. A vitória colocou ainda mais em evidência o cavalo Puro Sangue Lusitano, confirmando sua aptidão para a Atrelagem esportiva.

No Brasil, há notícias de que este esporte está começando a ser praticado na capital e no interior paulistas há cerca de quatro anos. É uma modalidade regulamentada pela FEI (Federação Equestre Internacional) com o nome de Combined Driving Events. Está sendo cogitada, atualmente, sua inclusão como esporte olímpico.



ANTÔNIO CARLOS DE OLIVEIRA FREITAS  
General-de-Brigada do Exército Brasileiro

## Escuridão Iluminada

Córrego do Bom Jesus, pequena e hospitaleira cidade incrustada na serra da Mantiqueira, extremo Sul de Minas Gerais, é diariamente palco de uma bela cena de superação e determinação. À janela de sua casa, próximo à igreja Matriz, um homem simples, de mãos calejadas, fruto de 73 anos de árduo trabalho, produz peças de montaria e afins com perfeição, arte dos tempos dos tropeiros, ali preservada, o que por si só torna-se digna de nota, mas se trata de Afonso Vieira Garcia, cego dos dois olhos.

Nascido em Paraisópolis, filho do segundo casamento de seu pai, sendo o sexto deste casamento do qual só nasceram filhos homens, Afonso é um dos quatro irmãos cegos, num total de 12. Três do primeiro e nove do segundo casamento de seu pai.

Esta numerosa família vivia da produção de uma pequena propriedade do pai, cerca de 36 hectares, em que produzia leite e cultivava algumas poucas roças de milho, até que as dificuldades aumentaram, quando o pai necessitou vender todos os bens que possuía.

"Era de doer, eu e meus irmãos morando na cidade, sem trabalho. Se nos virassem de cabeça para baixo, não cairia um vintém do bolso", relembra.

A vista, sempre fraca, pois nascera com miopia progressiva, permitia apenas que visualizasse o vulto de uma pessoa. Sua abrangência visual nunca passou de uns 30 metros de distância, acredita ele.

Como fazer para se manter vivo?

"Certa vez, voltando de uma consulta em Campinas, com especialista, me encontrei com o prefeito de uma cidade aqui vizinha que, ao ver meus exames, disse: não tem jeito, você vai ter que pedir esmolas para viver".

Mas e as tranças? Pergunto.

As tranças começaram aos 17 anos de idade, quando Afonso trocou uma novilha por um burro bom de sela e de serviço, mas não tinha dinheiro para comprar os atreamentos. Então, sua mãe lhe deu uma pequena quantia, com a qual comprou o couro curtido ali mesmo na re-

gião. "Não deu certo. Ficou muito ruim e eu até chorei", conta.

Mais uma vez conseguiu o patrocínio da mãe e comprou mais um couro. Porém, desta vez tirou algumas lições observando um seleiro antigo da região e começou a trançar o couro.

"As tranças ficaram tortas e feias, mas saiu alguma coisa".

Uma parte desse couro já teve suas tranças arrematadas em argolas. "Não ficou bom, mas apareceu um trouxa e comprou", nos diz sorridente.

Depois de dez tranças, sentiu que o serviço ficara bom, garantindo a ele a inspiração e a coragem de se lançar em mais uma aventura: as rédeas de crina de cavalo.

"A primeira ficou muito grossa. Mal dava para abraçar com a mão. Vendi. A segunda ficou muito fina. Vendi. A terceira ficou bem aceitável e foi a que fiquei pra mim!"

Já nesta época, Afonso trabalhava mais com o tato dos dedos que com a visão, que já lhe faltava quase que por completo, causando-lhe certa revolta.

Porém, foi nessa arte de trançar que encontrou o próprio sustento e, nas palavras de um outro prefeito, da cidade de Camanducaia (por um grande acaso meu tio avô), o alento para sua revolta.

Aprimorou seu trabalho, passou a produzir peças cada vez mais trabalhadas, tais como cabeçadas (em sete diferentes modelos), rédeas, os rebengues de três argolas, surrões, relhos de cabos de madeira, peitorais e as barrigueiras, de corda ou de crina, cujas tranças ele mesmo é quem faz, desde a crina bruta, que recebe em casa.

Assim, conseguiu se casar aos trinta e seis anos de idade, estabelecendo-se em Córrego do Bom Jesus, onde vive ao lado da esposa e de um casal de filhos, aos quais conseguiu proporcionar dignidade, educação e cultura.

A memória é sua grande aliada. "Tudo que via, guardava na cabeça. Certa ocasião, em Itapeva, eu ainda mentiro-

admirei uma cartela de vispóra por uns minutos e depois cantei a cartela inteira, linha por linha", conta em gargalhada.

"Hoje, meus dedos é que são meus olhos, mas como cortei um, esta semana estou meio cego das mãos também".

Ao menor desafio, para tirarmos uma fotografia, empunha o couro cortado, as argolas já amarradas e presas a um gancho na janela da casa, o canivete, e começa a trabalhar, ainda contando para nós a sua vida.

Mede com as mãos, checa a trança, furta, corta, mede novamente, e ali podemos admirar a perfeição saindo de suas mãos.

Ao pedir que deixasse uma mensagem para nosso leitor, dispara:

"Que compre minhas peças, porque este mercado está muito difícil nos últimos tempos, e que todo mundo trabalhe muito, que vejam aqui um velho de 73 anos trabalhando, pois o trabalho engrandece o homem e faz bem para a família".

EDUARDO VALIAS VARGAS

Supervisor da Tortuga  
São Gonçalo do Sapucaí (MG)



# Tralhas antigas de metal

*Através dos tempos, sempre existiu a preocupação de se equipar os animais de montaria com o que houvesse de melhor. Animal devidamente ajaezado dispunha de todos os arreios, acessórios e ornatos.*

Os ornamentos eram, em boa parte, de prata ou outros metais brancos valiosos, como alpaca. Isso conferia pompa aos animais e, certamente, muito orgulho ao cavaleiro. Ao conjunto dava-se o nome de tralha. A opulência da tralha juntava-se à nobreza do animal, resultado que enchia o cavaleiro de indifereçável orgulho.

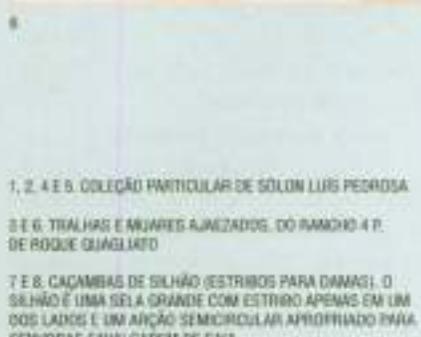
O uso da tralha de metal, no nosso país, começou pelo Rio Grande do Sul, berço das mais antigas tradições da ati-

vidade equestre no Brasil. E foi também naquele Estado meridional que se estabeleceu a empresa Scholberg, a mais famosa fabricante de apetrechos e peças feitas em prata e alpaca, também conhecida como 'prata alemã'.

Em Minas Gerais, outro Estado de forte tradição na criação e seleção de cavalos, o uso da tralha espalhou-se por todas as regiões. Hoje, podem ser encontradas raridades em coleções particulares,

como é o caso do criador de muares Sólton Luís Pedrosa, de Entre Rios de Minas, região de origem do jumento Péga e do cavalo Campolina, no Campo das Vertentes, passagem natural para o Sul mineiro, terra do Mangalarga Marchador e do Piquira, sendo também tradicional criatório de muares. E foi por lá que floresceu o uso da tralha.

PAULO MACEDO



1, 2, 4 E 5. COLEÇÃO PARTICULAR DE SÓLTON LUÍS PEDROSA

3 E 6. TRALHAS E MUARES AJAEZADOS, DO RAMO DO P. DE ROQUE GUAGLIATO

7 E 8. CAÇAMBRAS DE SILHÃO (ESTRIBOS PARA DAMAG). O SILHÃO É UMA SELA GRANDE COM ESTRIBO APENAS EM UM DOS LADOS E UM ANÇÃO SEMICIRCULAR APROPRIADO PARA SENHORAS CAVALEIROS DE SINA.

# MUSEU DO TROPEIRO:

## Minas faz parte dessa história

*A história do tropeirismo no Brasil passa por Minas Gerais, que possui, ainda hoje, caminhos e trilhas preservadas, por onde passaram riquezas, misérias, doenças, descobertas, tristezas e alegrias.*

O tropeirismo manteve-se vigoroso por mais de cem anos e entrou em declínio nas últimas décadas do século XIX, primeiro com a chegada do trem e, depois, com a construção das estradas de rodagem e o aparecimento dos caminhões e das máquinas agrícolas.

Podemos dizer que os tropeiros sobreviveram até o final da década de 1950, quando o Brasil assistiu à passagem das últimas tropas.

É estranho que, apesar da contribuição do tropeirismo para o desenvolvimento do País, sabe-se muito pouco sobre esse assunto.

Os ciclos do ouro, do algodão e do café aconteceram graças aos tropeiros e em lombo de mulas. O tropeiro criou e sustentou, independente de guerras e revoluções, um mercado comum muito sonhado nos dias atuais.

O transporte de mercadorias, feito em lombos de índios e escravos negros, levava meses para carregar mantimentos. Além disso, em plena febre do ouro, ninguém queria abandonar o garimpo para plantar feijão e arroz, fazendo com que a popula-

ção começasse a passar dificuldades.

As primeiras tropas de mulas nas Minas Gerais vieram para resolver esse problema.

Animais cargueiros por excelência, os muars são fortes e resistentes e conseguem suportar grandes distâncias e encarar o terreno montanhoso e difícil, mesmo quando carregados.

Existem relatos de 1731, de tropa com 3 mil mulas e cavalos, conduzida por 130 homens, em direção a Minas Gerais, aonde chegou em 1734, conduzida por Cristóvão Pereira de Abreu, que assumiu essa missão a pedido do Rei de Portugal.

O tropeirismo foi decisivo para a formação dos Estados brasileiros, principalmente os do Sul e Sudeste, ao estimular a criação de centenas de cidades em cada pouso ao longo do caminho.

Além disso, o negócio das mulas deu apoio à agricultura e ao abastecimento e tornou-se o meio de transporte indispensável para a produção de cana-de-açúcar, algodão, ouro e café.

Por ter sido um dos pousos preferidos das tropas do século XVIII, Ipoema (distrito de Itabira, MG) revelou-se o melhor lo-

cal para abrigar o Museu dos Tropeiros.

O Museu do Tropeiro teve sua pedra fundamental lançada em 13 de janeiro de 2002, em Ipoema, para um ano depois ser inaugurado (em 29 de março de 2003) e tornar-se importante centro cultural, que possibilita a oportunidade única de reviver a história do tropeirismo no Brasil.

Ipoema está localizada no centro da Estrada Real, que compreende 177 municípios, entre Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo.

No Museu do Tropeiro, ferramentas, utensílios e objetos de uso refletem a memória histórica e afetiva, identificando os homens de ofício e os homens de negócios no uso desse ofício.

Cada peça ali guardada retrata a divisão que separava os homens segundo posses, raça, cor, idade e sexo.

O Museu do Tropeiro revela gestos, palavras, sociedade, cultura, sentimentos, hábitos, costumes e pensamentos, modos de ser e de viver. É ponto de encontro dos que povoaram e povoam os últimos séculos até os dias de hoje, dos que construíram sua identidade nos engenhos de cana-de-açúcar, nas minas de ouro e diamantes, oficinas, fazendas, alambiques e ranchos.

O Museu do Tropeiro tem o seu lado 'espaço': quem eram as pessoas que faziam as brucacas de couro, os estribos, os arreios, as esporas e os chicotes, que preparavam a farinha e a carne nas latas de gordura e o famoso feijão tropeiro?

Quem eram esses homens que trilhavam os caminhos da antiga Estrada Real ao som dos guizos na movimentação da madrinha das tropas?

Tanta história passou por aqui e, com o Museu do Tropeiro, ela há de ficar e de ser difundida.

E nós, que temos a alma presa ao cavalo, fazemos parte dessa história.

JUNE SABINO  
Tropa da Lua, Nova Lima (MG)



# TROPEANDO

*O cavalo tem uma memória impressionante, que se estabelece pela repetição e jamais se apaga. Só fica campeiro após quatro ou cinco anos de lida. Um tropeiro só aprende passando trabalho sozinho. Chorar de tristeza e contrariedade no establo de um animal é o melhor preparo para a tropeada da vida.*

*Gaudério, moço solteiro, gostava de viajar à noite e dormir nos arvãos. No verão, mesmo na estância, dormia no campo, longe das casas, evitando a bichanada do terreiro e aproveitando melhor as estrelas do céu do Pampa. O curral Pequelo, campeiro, conhecia todos os caminhos e lhe dava segurança. Trabalhava firme, fazendo todos os deveres da estrada, e de longe em longe dava um tirãozinho no freio parecendo fazer o rano certo. Gaudério aprendeu a não duvidar do curral. No escuro, Pequelo sempre tinha razão.*

*Nesse sábado, combinara de buscar dois touros comprados do seu Botaventura para reforçar o entouro. Como Pequelo estava solto em longínqua invernada, resolveu encilhar uma redomona rosilba que pintava bem, trocadora e de muito bom comando. Encilhou, juntou e rumou para a estância do amigo, distante três leguas e pico. A noite mornacenta era um breu, não enxergava as orelhas do rosilba.*

*A redomona se mostrou perdida na estrada, não encontrava. Vacilante e assustada, foi levada a bater casco no meio do corredor. O sabão pedreguento sinalizava uma faixa esbranquiçada quase imaginária. Gaudério ia reconhecendo o caminho pela topografia, pelas curvas da estrada, pelos cheiros. Na descida do Passo do Jacques, foi abraçado por um frio agradável com perfume de flor de garupá. Era o arvoão. Sentia imenso prazer em reconhecer com precisão o que conhecia tão bem. Pela posição das estrelas calculava as horas. Pensava na vida e almejava o futuro. Nas noites de verão, com satisfação indescritível, percorria os caminhos da querência assim como quem no escuro acaricia o corpo da amante querida.*

*A chegada pelo Campo da Frente encurtava a distância. Oito quadras e meia sem estrada marcada, mas o tropeiro arriscou. A patranga redomona se perdeu e a genele também. Depois de algumas tentativas, esbarrando em barrancas, alambrados e outros obstáculos, desencilhou, prendeu a rosilba à jogá e dormiu tranquilo, seguro de ter decidido corretamente. Já ao estado do dia, acordou com o alarido da estância. De golpe, sentiu no pelego. A esquadra estava às cavas. A luz*

*da cozinha brilhava, e a fumaça subia reta na madrugada sem vento. Os galos cantavam, uma vaca mugiu longe e o tropeiro levantou.*

*Chegou à estância, proseou e mateou um pouco com a peonada, cortaram em um assado de sangrador e foram faturar a reduzida tropa. A viagem de volta não foi menos penosa. Os touros Polled-Herford, matos e manzeiros, com medo um do outro, jamais se juntaram. Um de cada lado da estrada dificultava a tropeada. Gaudério tocava um, o outro puxava. Com gritos, cavalaços, estalos de arreador e até algum esporreço na pisada, a tropa se arrastava descompassada e contrariada. Não fosse a ajuda do vizinho Duduiba, que voltava das carreiras na venda do Anau, a noite teria chegado.*

*Gaudério desencilhou cansado. A água despinda e estafada resfolegava, balançando o corpo. O objetivo fora cumprido. A redomona era guapa, tinha breio, nunca conheceu, ganhara experiência, com o tempo e a repetição também ficaria campeira.*

**FERNANDO ADAUTO**

Engenheiro agrônomo, produtor rural, dirigente de classe e profissional. É gaúcho de Luján do Sul.



# RAÇAS

ANGLO-ÁRABE	68
APARTAÇÃO	69
APPALOOSA	70
ÁRABE	72
BRASILEIRO DE HIPISMO	74
BREÃO	75
CAMPEIRO	76
CAMPOLINA	78
CRIOULO	80
JUMENTO NORDESTINO	82
JUMENTO PÉGA	84
LAVRADEIRO	85
MANGALARGA	86
MANGALARGA MARCHADOR	88
MARAJÓARA	89
MINI-HORSE	90
PAINT-HORSE	92
PAMPA	94
PANTANEIRO	95
PIQUIRA	97
PÔNEI BRASILEIRO	99
PURO SANGUE INGLÊS	100
PURO SANGUE LUSITANO	103
PURUCA	104
QUARTO DE MILHA	105
TROTADOR	107



## ANGLO-ÁRABE

**Ágil, forte e elegante**

*Ao contrário do que seu nome pode sugerir, o cavalo Anglo-Árabe é de origem francesa. Foi no Sudoeste da França, mais particularmente na região de Limousin, que os cruzamentos entre cavalos Puro Sangue Inglês e Árabe foram praticados oficialmente pela primeira vez.*

No século XVIII, a famosa Marquesa de Pompadour, preferida do Rei Luís XV, iniciou criação de cavalos com o cruzamento de garanhões "orientais" com éguas nativas. Com o passar dos anos, a marquesa perdeu seus encantos, as propriedades e os cavalos que, posteriormente, foram recuperados pelo governo francês. Em 1833, foi criado o *stud-book* francês do Anglo-Árabe e o Haras Nacional de Pompadour, que é até hoje o maior celeiro da raça. Dessa forma, foram fixados critérios para a criação destes cavalos que possuem a agilidade, a elegância e a resistência herdadas do cavalo Árabe associados ao porte, à potência e à velocidade do Puro Sangue Inglês.

O Anglo-Árabe é utilizado sobretudo no plano esportivo. Suas qualidades físicas e mentais fazem dele um atleta completo para o mais alto nível de competição nas principais disciplinas. É um cavalo de excelência para o Concurso Completo de Equitação. Suas grandes qualidades de saltador e galopador o fazem também um cavalo de ótimos resultados em salto de obstáculos. Aqueles com predominância de sangue Árabe são excelentes em provas de enduro. Na Europa, existe tam-

bém produção de Anglo-Árabes para corrida.

É um cavalo mundialmente conhecido pela sua genética e exemplares são bastante utilizados para a melhoria dos plantéis em vários *stud-books* europeus.

Podemos citar Zetus (por Arlequin AA e Urielle por Matador), nascido em 1972, verdadeiro chefe de raça, que enriqueceu consideravelmente os *stud-books* do KWPN, do Oldenburg, do Hanoveriano e dos Westphalens. Do mesmo modo, Inshallah, ex Josselin (por Israel AA), nascido em 1968, permaneceu durante muito tempo no topo da lista para a produção de cavalos de adestramento na Alemanha.

Alguns exemplos do sucesso da raça são Dilemme de Cephe, ganhador do Concurso Mundial de Salto Indoor, em 2003; Debat D'estruval, ganhador por equipe da medalha de Ouro em CCE nas Olimpíadas de 2004 e filho do garanhão francês Faristan, que serve atualmente no Brasil, chamado Tatchou, que foi vencedor do Concurso Mundial de CCE para cavalos novos, em 2005.

Há referência da criação de Anglo-Árabes no Brasil desde a década de 1920, no Haras do

governo paulista. Porém, o início oficial data de 1970, com a inauguração do *stud-book* da raça. Mais precisamente no dia 15 de outubro do mencionado ano, com o registro de quatro cavalos de Aloysio de Andrade Faria (Haras Fortaleza), na Associação do Cavalo Árabe, que detém o *stud-book* do Anglo-Árabe até hoje, como cavalos da raça Anglo-Árabe. Para a aprovação do registro, o resultado do grau de sangue do animal Anglo-Árabe não pode ser inferior a 25% ou superior a 75% de sangue Árabe.

Com isso, nos anos 80 houve grande desenvolvimento da raça com a produção de animais, como Bawani NA e Totum Luckystrike, que fizeram carreira internacional no salto de obstáculos.

Em 1992, surgiu o Pro-Anglo (Associação Brasileira dos Proprietários do Cavalo Anglo-Árabe), criado em 10 de novembro daquele ano. Deste núcleo, em 1997, surgiu como associação-irmã da Associação do Cavalo Árabe a Associação Brasileira dos Criadores do Cavalo da Raça Anglo-Árabe.

Atualmente, nossa criação tem muito destaque no enduro, inclusive com inúmeros animais exportados. Dentre os animais com participação em provas importantes (com registro FEI) no Brasil e exterior, temos atualmente Horus MA, Pimpinella JSM, Majid Wazan FG] e Shogan da Barra (vencedor de Campeonato Jovens Cavaleiros em 120 km, com André Vidiz, em 2005, em Toulouse, França), entre vários outros.

A partir dos anos 90, houve significativas importações de reprodutores e matrizes francesas de linhagem de salto, adestramento e Concurso Completo, que vieram enriquecer nossa criação e cujos produtos, em breve, estarão brilhando nas pistas.

Em 2003, o Brasil ingressou na CIAA, Conferência Internacional do Anglo-Árabe, entidade reguladora da criação do Anglo-Árabe global, com sede na França. Modificações no regulamento brasileiro, pautado no regulamento francês, estão sendo realizadas para adaptá-lo às condições internacionais. Dessa forma, serão admitidos animais com porcentagem acima de 75% de sangue Árabe, bem como de sangue Inglês 'Anglo-Árabe de Complemento'. Isso ampliará as possibilidades genéticas da raça, visando enriquecer ainda mais as possibilidades atléticas de nossos Anglo-Árabes.



TOM MA (CAMPEÃO NACIONAL 2006)

## APARTAÇÃO

# Útil para a lida do campo

*A ANCA (Associação Nacional do Cavalo de Apartação) é uma entidade de classe fundada em 1989 e tem como objetivo promover e regulamentar campeonatos em nível nacional para apresentação do cavalo de Apartação.*

Os eventos da ANCA (Associação Nacional do Cavalo de Apartação) vêm crescendo a cada ano em número de inscrições e de pessoas interessadas em ingressar no mercado do cavalo, seja como criador, proprietário, competidor ou treinador, das mais diversas regiões do Brasil e das mais diversas raças de animais (Quarto de Milha, Cisnudo, Paint Horse, Apaloxa e outras).

Nosso público são os proprietários de haras, fazendas, treinadores, criadores de cavalos e os apaixonados pelo esporte, de diversas regiões do País.

Atualmente, podemos dizer, que houve uma grande invasão de profissionais liberais, como médicos, dentistas, procuradores do Estado e empresários de todo o Brasil, apaixonados pela apartação e que buscam na modalidade o equilíbrio entre a vida atribulada do dia-a-dia e o lazer, uma verdadeira válvula de escape para o estresse.

Nossos eventos são realizados em diversas cidades do território nacional e em sua grande maioria no Estado de São Paulo. O campeonato nacional é realizado anualmente.

Neste ano, no período de julho de 2007 a junho de 2008, estamos realizando a 19ª edição do Campeonato Nacional.

Serão sete etapas, além de mais três importantes campeonatos, em etapa única, que são o Super Stakes, o Derby e o campeonato mais importante da indústria do cavalo, o Potro do Futuro.

No campeonato do ano passado, realizado na Fazenda Barrinha (Cova Café), em Espírito Santo do Pinhal (SP), nos dias 08, 09 e 10 de julho, foram distribuídos quatro carros 0 km, seis motos 0 km, mais selas em couro, além de prêmios em dinheiro, atingindo cifra de aproximadamente R\$ 174.000,00 em um único evento.

O Campeonato Potro do Futuro, realizado em julho de 2007, atingiu número ainda superior, ou seja, em torno de R\$ 200.000,00.

Nesses eventos, nossos associados, bem como seus familiares, deslocam-se das mais diversas regiões do País para assistir e também para competir, pois temos diversas categorias. São elas:

- Non Pro (para os competidores não profissionais que, em sua grande maioria, são os criadores e os proprietários dos animais)
- Amador (proprietários e filhos)
- Jovem (até 18 anos)
- Feminina
- Principiante (são os iniciantes no esporte)
- Aberta (para os treinadores profissionais)

O julgamento do campeonato é feito por juizes norte-americanos credenciados pela NCHA (National Cutting Horse Association) e também por juizes brasileiros credenciados pela nossa associação.

Atualmente, a ANCA realiza cursos ministrados pelos juizes do quadro da NCHA, para capacitação e reciclagem dos juizes brasileiros.

Em 2004, quatro juizes brasileiros, de nossa associação, foram convidados a participar das competições do World Championship Futurity, em Fort Worth (Texas), nos Estados Unidos, onde também se realiza competição de apartação, pela associação norte-americana NCHA e com expressiva premiação.

Muitos de nossos associados e diretores também comparecem nos Estados Unidos para assistir às competições e trazer novas ideias para incrementar os nossos campeonatos.

Além das competições, temos os leilões oficiais de animais, que podem ser realizados em todo o território nacional e em sua grande maioria transmitidos ao vivo pelos canais de televisão.

Os campeonatos de apartação são divulgados nos mais diversos meios de comunicação, como jornais, televisão e revistas. Temos, ainda, uma revista de edição própria com tiragem de 5.000 exemplares distribuídos gratuitamente para todo o território nacional.

**O que é apartação?** – O cavalo de Apartação é muito útil em um rancho ou fazenda, pois no trabalho diário se faz necessário

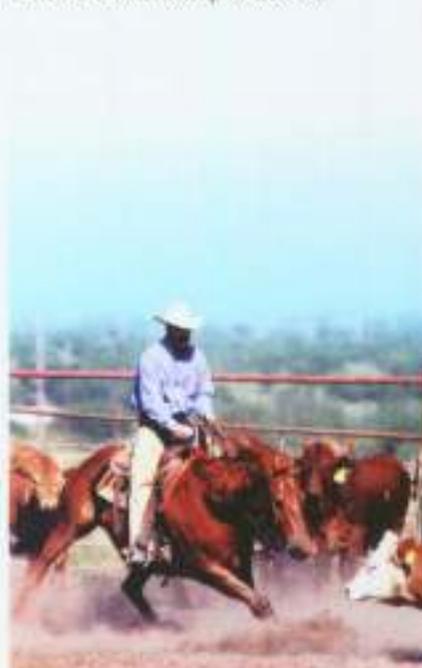
à execução de tarefas, como manejo do gado. Um exemplo é apartar do rebanho um animal que está doente para ser tratado, medicado ou para outra finalidade.

Essa necessidade ficou evidente, bem como a utilização de animais que, no exercício de suas funções, as façam com competência. Entretanto, em uma competição e campeonatos, as regras se fazem necessárias para o correto julgamento do cavalo e para o melhor entendimento de como deve ser um cavalo de Apartação.

Hoje, no Brasil, temos excelentes produtos e linhagens consagradas no nosso país e no exterior, que vêm se destacando e obtendo resultados e premiações.

Há, também, enorme interesse de proprietários de haras e fazendas na aquisição desses animais nos leilões realizados pela nossa associação e surgem novos criatórios no Brasil do cavalo de Apartação.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DO CAVALO DE APARTAÇÃO (ANCA)



## APPALOOSA

# Uma das raças mais bonitas e versáteis do mundo

*A relação do homem com os cavalos é muito antiga. No caso da raça Appaloosa, o estreitamento desse relacionamento tem uma história muito bonita, marcada por batalhas e luta por sobrevivência, tendo como palco o território norte-americano.*

Quando os colonizadores começaram a estabelecer seus ranchos e implantar a pecuária no Oeste norte-americano, a captura de cavalos selvagens para utilização nas atividades do dia-a-dia tornou-se um fator preponderante para a vida daquelas pessoas.

Os animais La Palouse, que sempre foram cobiçados pelo homem branco, passaram a ser disputados, principalmente quando foram estabelecidas as rotas comerciais entre o Sul e o Norte dos Estados Unidos. Dessa forma, passou a ser necessário percorrer longas distâncias a cavalo. Foi, então, que surgiram as batalhas entre os colonizadores americanos e os povos indígenas, e a vida destes passou a sofrer grandes mudanças.

Em 1877, em um histórico confronto entre os índios da tribo Nez Perce e a cavalaria americana, os animais La Palouse serviram de montaria de um povo inteiro em uma rota de fuga, que percorreu mais de dois mil quilômetros. Quando os Nez Perce se renderam em Montana – Estado norte-americano situado na fronteira com o Canadá –, os cavalos que sobreviveram aos ataques foram distribuídos entre os soldados.

Nesse período, as nações indígenas entraram em processo de decadência e sua exclusão em reservas, ocorrida a partir do início do século 20, quase provocou a extinção da população equina, especialmente daqueles cavalos pintados. Depois, veio o advento da motorização agrícola e o cavalo foi colocado em segundo plano.

Entretanto, rancheiros, criadores, descendentes dos Nez Perce e leigos apaixonados pelos La Palouse fundaram, na década de 30, o Appaloosa Horse Club (APHC), entidade que tinha como objetivo maior preservar a história da raça e garantir o seu desenvolvimento.

Entre as metas da APHC estava a utili-

zação dos cavalos para a prática de esportes e para o lazer. Esse movimento foi fundamental para o renascimento da raça Appaloosa. O desafio, então, era a seleção de animais fortes, ágeis e cotajosos, mas que também tivessem a capacidade de transmitir geneticamente a pelagem exótica típica da raça.

No programa de seleção estabelecido a partir dos anos 1930, foram feitas infusões de sangue de cavalos das raças Árabe, Puro Sangue Inglês e, predominantemente, do Quarto de Milha. Destes cruzamentos, nasceu um tipo de cavalo mais elevado, com musculatura vigorosa, proporcionando-lhe força e velocidade, que são atributos muito apreciados pelos norte-americanos. Somado a isso, temos ainda as características únicas, como a pelagem pintada, os cascos rajados, a pele malhada e a esclerótica branca – membrana que reveste o globo ocular.

Nas décadas seguintes, os Appaloosa começaram a desenvolver aptidões para diferentes provas equestres, como apuração, rédeas, laço de bezerro, laço em dupla baseadas na lida dos ranchos, além de baliza e tambor, entre outras.

A partir da década de 1950, os animais Appaloosa romperam as fronteiras dos Estados Unidos e se estabeleceram em outros países e continentes. Atualmente, a raça está presente no Canadá, Venezuela, Austrália, Alemanha, Itália, Espanha, Israel e Brasil, onde chegou há três décadas, se expandiu a partir do Estado de São Paulo e já se consagra como o segundo maior plantel mundial, com cerca de 30 mil animais.

**Características raciais** – O cavalo Appaloosa é um animal ile sela, portanto, muito útil e versátil em trabalhos rurais e com gado, além de ter grande habilidade em velocidade a curtas distâncias. Conheça a seguir algumas características que definem a raça.

**Aparência:** animal de porte médio, expressando resistência, agilidade e tranquilidade. Quando não está em trabalho, deve conservar-se calmo, mantendo a própria força sob controle. Na posição em estação, mantém-se reunido, apoiado sobre os quartos pés, podendo partir rapidamente em qualquer direção.

**Pelagem:** O Appaloosa pode apresentar pelagem alazã, alazã tosca, baía de alazã, palomina, baía, preta, zaina, castanha, sordilva, rosilha, lobuira, podendo ter ou não variação na pelagem. Variações na pelagem:

**Leopardo** - Animal branco, com manchas ou pintas da pelagem básica em todo o corpo, inclusive na cabeça, pescoço e membros.

**Manta** - Área branca sólida, geralmente sobre a região dos quartos, mas sem se limitar sobre a trossa. Na manta, normalmente encontram-se pintas ou manchas da pelagem básica.

**Pintas ou manchas** - Pontos brancos geralmente sobre a região dos quartos, mas sem se limitar nesta região, podendo conter pintas da pelagem básica.

**Nevado** - Animal que apresenta mistura de pelos brancos e pelos da cor básica geralmente sobre área dos quartos, podendo se estender por todo o corpo. Assemelha-se a flocos de neve caídos sobre a pelagem básica.

**Pele:** A pele despigmentada é uma característica importante para o animal Appaloosa, sendo indicativo básico e decisivo na raça. Tem a aparência mesclada, de área pigmentada e não pigmentada, diferente da pele cor-de-rosa. Esta pele mesclada pode ser encontrada em várias partes do corpo. Além do focinho, pode estar presente na região anal, no perineo, nos genitais e no úbere das fêmeas.

**Andamento:** Harmonioso em teia, natural, baixo. O pé é levantado levemente e recolhido de uma só vez no solo, constituindo-se no trote de campo.

**Altura:** São animais cuja altura média é de 1,50 m.

**Peso:** 500 kg, em média.

**Caixa:** Pequena e leve, com fronte ampla e de perfil retilíneo. As faces, também denominadas ganachas, são cheias, grandes e musculosas. Vistas de lado são chatas, discretamente convexas e abertas de dentro para fora quando vistas de frente, o que proporciona ser bem mais largas que a garganta. Dessa forma, a flexão da cabeça é muito acentuada, permitindo grande obediência às rédeas.

**Orelhas:** Pequenas, alertas, bem distanciadas entre si e com boa movimentação.

**Olhos:** Grandes. Pelo fato de o animal ter a fronte ampla, os olhos ficam bem afastados, permitindo vasto campo visual para frente e para trás. A área ocular que rodeia a córnea (esclerótica branca) é mais evidente que em outras raças. Nos outros animais, a esclerótica branca é visível se ocorrer movimento do globo ocular para os lados, para cima, para baixo e se a pálpebra for levantada.

**Tronco:** Da cernelha ao lombo, deve ser curto e bem musculoso, não selado, especialmente nos animais de lida. Isso permite mudanças rápidas de direção e grande resistência ao peso do cavaleiro e aos arremessos. De perfil, é aceitável o declive gradual de 50° a 80° da garupa à base da cernelha. O vérice da cernelha

e a junção do lombo com a garupa devem estar aproximadamente no mesmo nível.

**Cascos:** De tamanho médio, formato aproximadamente semicircular, com talões bem afastados, sem desvios. Somente o animal Appaloosa terá cascos com listras verticais claras e escuras bem pronunciadas e nitidamente definidas em membros sem calçamentos.

**Cavalo Appaloosa no Brasil** - No início da década de 1970, chegou ao Brasil o primeiro exemplar da raça Appaloosa. Foi trazido ao pé de uma égua Quarto de Milha em uma importação feita pelo criador paulista Carlos Raul Consonni. Mas coube a outro criador, Jorge Rudney Atalla, de Jaú (SP), o mérito de ter o registro número 1 da raça no País: Comanche's Double, importado em 1975.

Atalla acabou sendo o cicérone de vários criadores em viagens para os Estados Unidos, em visitas a diversos haras selecionadores da raça. As viagens renderam as primeiras importações e o desejo de fundar uma entidade própria. Em 27 de novembro de 1977, foi criada a Associação Brasileira de Criadores de Cavalos Appaloosa (ABCCAppaloosa), reconhecida pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento.

O *stud-book* contava, inicialmente, com 45 animais, principalmente de origem importada. Dois anos depois, o número de produtos

já havia triplicado e, na década seguinte, a raça havia conquistado várias regiões do País.

No momento, a prioridade está em promover cruzamentos direcionados a animais Quarto de Milha e Puro Sangue Inglês, além de colaborar para o incremento da raça pelo uso de sêmen e embriões nacionais e importados.

Atualmente, a raça Appaloosa conta com mais de 2 mil criadores e proprietários espalhados por todas as regiões do País, além de contabilizar o segundo maior plantel do mundo: mais de 25 mil animais, presentes em maior número nos Estados de São Paulo, Paraná, Rio Grande do Sul, Minas Gerais, Bahia, Goiás e no Distrito Federal.

Todos os fatores já expostos fazem da raça Appaloosa sucesso atual entre as raças equínas no Brasil. As provas da ABCCAppaloosa estão cada vez mais repletas e as características únicas da raça, que reúne beleza e versatilidade, estão atraindo novos associados nas mais diversas partes do País. Além disso, a raça está com preços convidativos, fazendo do cavalo Appaloosa um dos melhores negócios do mercado.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRIADORES DE CAVALOS APPALOOSA (ABCCAPPALOOSA)



## ÁRABE

## Cavalo belo e funcional

*Reza a lenda que o cavalo Árabe foi criado quando Alah disse ao Vento Sul: "Transforma-te em carne sólida, pois de ti farei uma nova criatura, para a honra do teu sagrado senhor".*

As modernas raças de cavalos que conhecemos são frutos de seleção recente, cada qual tentando se especializar em uma das áreas do esporte, trabalho ou lazer.

O Puro Sangue Árabe é o único cavalo que reúne em suas características a possibilidade de realizar bem todas essas funções.

Por quê? A vida das tribos dos beduínos, há milhares de anos no interior do deserto da Arábia, é a chave para entender essa qualidade do cavalo Árabe.

Povos nômades e guerreiros, os beduínos procuravam por um animal que os ajudasse em sua luta contra a inclemência do deserto e lhes conferisse poder nas batalhas.

Foram necessários mais de três milênios de seleção para se chegar ao cavalo de guerra do deserto: o cavalo Árabe, capaz de resistir a prolongados períodos de trabalho intenso com o mínimo de cuidado e alimentação. Essas qualidades persistem em seu fenótipo

e são reconhecidas até hoje, em competições nos Estados Unidos e na Europa.

No Brasil, o Puro Sangue Árabe destaca-se sempre nas primeiras colocações. No trabalho da fazenda, os criadores se surpreendem com a produtividade diária do Árabe, capaz de pronta recuperação após um dia inteiro de atividade.

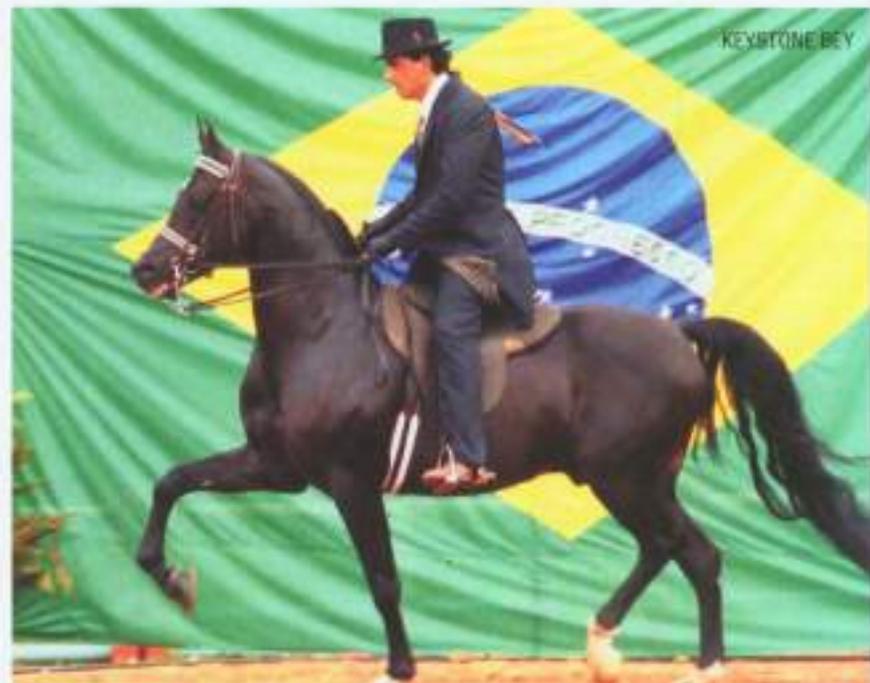
**Versatilidade e coragem** – No tempo de um cavalo Árabe, o beduíno era capaz de qualquer proeza. Foi por essa razão que os muçulmanos invadiram Portugal e Espanha no século VIII e as cavalarias das Cruzadas foram dominadas em Jerusalém, na Idade Média. O cavalo já não tem a mesma importância nas batalhas, mas do tórrido deserto o beduíno legou às gerações futuras um cavalo ágil, veloz, que não conhece barreiras nem perigos. Em nossos dias, o cavalo Árabe entusiasma multidões nas corridas dos hipódromos do Egito, da Polônia e da Rússia. Encanta o público norte-americano nas difíceis provas de

montaria. Auxilia o peão australiano na lida do gado, emociona os brasileiros nas provas de Concurso Completo de Equitação, Hipismo Rural, Clássico, Copa Rédeas, Laço, Turfe, Vaquejada e tantas outras. O cavalo Árabe adapta-se com facilidade a qualquer terreno, qualquer clima e qualquer tipo de trabalho.

**Inteligência e docilidade** – O beduíno mantinha o cavalo em sua tenda como se fosse um membro da família. Para isso, era necessário que o animal tivesse inteligência para respeitar o seu senhor e espírito para enfrentar qualquer exigência. Essa é uma das virtudes mais admiradas no cavalo Árabe: a capacidade de aprender e respeitar sem ser subserviente. A inteligência e a dedicação ao homem sempre foram características que os Árabes procuraram selecionar em seus cavalos. Hoje, tanto como montaria para crianças, instrumento de trabalho em fazenda ou pela habilidade em uma pista de prova qualquer, o cavalo Árabe mostra-se imbatível no sentido de aprender com facilidade e obedecer a seu dono.

**Beleza e elegância** – A beleza em um cavalo não é apenas um requisito estético. Ela deve obrigatoriamente estar associada à função do animal. A harmonia e a proporção que fazem o cavalo Árabe ser tão admirado são requisitos fundamentais na conformação de um cavalo com capacidade para atender às mais diversas funções. Além disso, o "tipo Árabe" alcançou seu apogeu biológico há dois mil anos e, a partir de então, o que os nossos criadores fazem é preservar a pureza e a força desse sangue, fonte de qualidades generosamente doadas a praticamente todas as raças modernas que conhecemos hoje.

**Prepotência genética** – Os três mil anos de seleção e aprimoramento do cavalo Árabe proporcionaram-lhe um poder genético incomparável. A partir da Idade Média, ganâhos Árabe foram exportados para quase todas as partes do mundo, dando origem a outras raças e regenerando plantas inúmeras de cavalos.



*Aproxima-te,  
Espera a bruma dissipar-se e aproxima-te  
ma-se beduíno.  
Sou o presente que a ti, Homem do  
Deserto, Alah enviou.*

*Árabe nasci, filho do Vento Sul que  
sopra por entre as palmeiras e açosta  
as dunas de areia.  
Meu nome é Husan – O Cavalo.  
Serei, para ti e todos os homens, a consi-  
tação de Sua grandeza e Unidade.*

*Terás, em mim, o companheiro fiel e  
inseparável;  
Teu irmão nas longas e solitárias noites  
do deserto.  
E, quando das frias madrugadas,  
acbeiga-te a mim,  
partilharei contigo o calor de meu corpo.*

*Porém, acustela-te.  
Meu amor por ti não é feito de subserviência.  
É preciso que me tenhas amor e que disso  
eu me aperceba.*

*Se assim for, serão minhas as tuas vontades.  
Tuas lutas serão minhas lutas.*

*Tens inimigos, os meus.  
Terás, em mim, a coragem do leão e força  
do tigre.*

*A teu comando lutarei até a minha morte,  
se assim quiseres.*

*Mas se achares prudente a fuga, a teu ser-  
viço estarão o salto do gamo  
e a velocidade da pantera.*

*Alah deu-me, ainda, do lobo o furo e, da  
coruja, os olhos para a noite;  
de modo que, quando cansado da viagem  
ou batalha, necessitares dormir,  
estarei velando, atento aos perigos que  
possam cercar-te.*

*Nos dias de glória, desfilarás comigo e  
serás um príncipe entre os homens,  
Pois na harmonia de minhas formas,  
tegu a graça do cervo  
e a altivez da águia.*

*E, por fim, deixarei a ti e a todos os  
teus descendentes, através dos tempos,  
meus filhos e os filhos de meus filhos,  
a fim de perpetuar o presente que, so-  
mente a ti, Homem do Deserto,  
Alah designou.*

Assim, nasceram o Puro Sangue Inglês, o Orloff, o cavalo de Sela Francês, o Ainet, o Trackener, o Hanoverano e o Quarto de Milha, só para citar os mais conhecidos. Até hoje o sangue Árabe ainda é utilizado para melhorar raças, transferindo refinamento, resistência, inteligência e tantas outras qualidades.

Uma das funções mais importantes do reprodutor Árabe no Brasil é a regeneração de cavalos de trabalho e esportes a partir da mestiçagem. Criações do interior de São Paulo, Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso do Sul têm conseguido verdadeiros milagres ao colocarem o sangue Árabe em suas equadas.



**BRASILEIRO DE HIPISMO****Tem os esportes no sangue**

*A Associação Brasileira de Criadores de Cavalos de Hipismo (ABCCH) nasceu da firme determinação de um grupo de amantes do hipismo, que se uniram em torno de um ideal comum: criar e desenvolver uma raça de cavalos com aptidão para os esportes hípicos.*

Partindo de animais rigorosamente selecionados, já existentes no País, os fundadores definiram como raças formadoras, nacionais e estrangeiras, aquelas que comprovadamente eram reconhecidas como altamente dotadas para os esportes equestres.

Fundada em 9 de julho de 1977, foi no mesmo ano reconhecida e elevada à condição de entidade delegada do Ministério da Agricultura, responsável pela administração do Serviço de Registro Genealógico, também conhecido como *stud-book*.

Sem fins lucrativos, a ABCCH está encarregada de promover, segundo os padrões estabelecidos, o desenvolvimento da criação do cavalo Brasileiro de Hipismo, tradicionalmente conhecido como BH, buscando no cruzamento entre raças formadoras um animal de boa estrutura e conformação, além de grande aptidão para o esporte.

Ao longo dos seus 30 anos, a entidade já foi presidida pelos criadores Enio Monte, Victor Henrique Foroni, Caio Laís Figueiredo, Benedito Nicotero Filho, Vittorio Sichelre, Wolfgang Franz José Sauer, Gilberto de Souza Biojone Filho e Luiz Alberto dal Canale. Enio Monte voltou a assumir a presidência da ABCCH a partir de 2002.

**Situação Atual** – Atualmente, a ABCCH conta com aproximadamente 250 associados e mais de 20 mil animais registrados, entre BH e raças formadoras, distribuídos por todo o País, principalmente no Estado de São Paulo, onde está localizado o seu maior plantel.

Com seu incessante trabalho de fomento, a entidade nacional conseguiu elevar o nome da raça ao topo das premiações, como foi o caso das medalhas de bronze alcançadas pela Equipe Brasileira de Hipismo nas Olimpíadas de Atlanta (1996) e de Sydney (2000), além das três medalhas de ouro por equipe

em Jogos Pan-Americanos, quando o cavalo BH sempre esteve presente.

Colhendo os frutos de um trabalho sério e efetivo, a associação continua se empenhando na divulgação da raça, orientando e incentivando os cruzamentos de alto valor genético e incorporando novas técnicas de reprodução e tratamento, na busca constante de um cavalo nacional que possa atuar com perfeição nas diversas modalidades do esporte equestre.

Para difundir e aprimorar a raça, a ABCCH promove vários eventos, entre eles a Aprovação de Garanhões, que consiste de julgamentos de morfologia, andamentos e salto em liberdade, o Campeonato Brasileiro de Cavalos Novos, no qual 95% dos exemplares são animais BH, as seletivas para o Campeonato Mundial de Cavalos Novos, disputado em Lanaken (Bélgica), além do concorridíssimo Ranking do Cavalo BH, que distribui significativa premiação.



## BRETÃO

# A força física é seu diferencial

*A origem da raça Bretão remonta aos anos de 1830 na França, mais precisamente na região da Bretanha (Noroeste francês). O livro genealógico iniciou-se em 1909 e hoje é controlado pelo Syndicat des Eleveurs du Cheval Breton.*

O Bretão teve como raças formadoras as raças Suffolk (inglesa), Ardennes e Percheron (francesas), que foram sendo cruzadas com éguas nativas de médio e grande porte do Noroeste da França e que, após anos de seleção, conseguiram um padrão que se dividia em três tipos: Trait, Postier e Petit Breton, sendo que hoje o tipo mais difundido é o Trait.

O Bretão foi trazido para o Brasil pelo Exército, que precisava do animal para puxar os equipamentos de artilharia. As primeiras importações ocorreram em 1927, pelo Estado de São Paulo. Entre 1932 e 1956, o Exército Brasileiro importou perto de cem reprodutores para as Coudelarias de Todiçquera (PR), Rincão (RS), Pouso Alegre (MG) e Campo Grande (MS).

A partir dos programas de expansão da raça, muitos governos estaduais e criadores particulares receberam, por empréstimo, garanhões do Exército para cruzar com as éguas Bretão e éguas comuns (as éguas puras eram adquiridas em leilões realizados pelo Exército).

Com a desativação da maioria das coudelarias do Exército na década de 1970, devido à chegada da mecanização, o já reduzido rebanho centralizado em Todiçquera (PR) foi vendido em leilão e algumas dezenas de criadores paraenses cuidaram de sua preservação.

Novos produtos foram adquiridos ou emprestados para cruzamentos, o que ajudou a aumentar o plantel paulista, que ganhou mais três fêmeas e um garanhão importados da França, em 1976, e outros seis animais, em 1983. Os produtos foram sendo comercializados em leilões anuais e comprados por criadores de todos os Estados, mas principalmente de São Paulo e Minas Gerais.

Outras importações foram feitas ao longo dos anos, melhorando muito a qualidade dos animais, tendo hoje o Brasil o segundo maior plantel da raça, perdendo somente para a França, com exemplares dignos de constar de qualquer plantel mundial.

A ABCCB foi fundada em 1982, em Curitiba (PR), onde funcionou até 1995,

quando foi transferida para Jaguariúna (SP) e, posteriormente, para Amparo (SP), onde funciona até hoje.

Atualmente, a ABCCB tem registrado em seus livros em torno de 2.000 animais, entre puros de origem e mestiços, e conta com cerca de 150 criadores e proprietários, concentrados nas regiões de São Paulo, Rio de Janeiro, Paraná e Minas Gerais, já tendo alguns criadores no Sul, Centro-Oeste, Norte e Nordeste do País.

É uma das raças preferidas dos pequenos e médios agricultores e é muito usada para puxar carroças e implementos agrícolas. Sua capacidade de tração é surpreendente, sendo capaz de tracionar sobre rodas, bem treinado e alimentado, até quatro vezes seu próprio peso, o que significa até 4.000 kg. Em provas de arrasto na França, tem-se o recorde de 1.940 kg de tração diretamente no chão.

A criação destes cavalos é extremamente simples, já que são criados em regime de campo, devido à sua rusticidade. Tanto nas baias como nos campos, se alimentam de capim e a complementação se faz com suplemento mineral, podendo ser acrescida pequena quantidade de ração granulada, proporcionalmente em menor quantidade que para as outras raças. Enquanto em outras raças normalmente se oferece 1 kg de ração para cada 100 kg de peso vivo do cavalo, a estes animais bastam 0,5 kg a 0,8 kg para cada 100 kg de peso vivo.

Uma excelente característica da raça é que as fêmeas são excelentes produtoras de leite, podendo chegar a 35 litros diários, sendo então muito procuradas como amas de leite e receptoras de embrião.

O cavalo Bretão no Brasil é muito utilizado para artilhagem, sela, trabalho florestal, potência, ama de leite e receptora de embrião.

### Padrão Oficial da Raça

O Bretão é um cavalo de tração de porte médio, brevelíneo, com temperamento dócil e de fácil manejo.

**Cabeça:** Quadrada de tamanho médio,

fronte larga, chanfro largo e reto, às vezes levemente côncavo, olhos vivos, orelhas pequenas, narinas amplas, garraças pouco volumosas.

**Pescoço:** Forte, curto, de formato piramidal, de inserção baixa com o tronco, ligeiramente rodado, com crineira abundante e freqüentemente dupla.

**Tronco:** Cilíndrico, amplo, com bom arqueamento de costelas. Peito largo, forte e musculoso. Cernelha forte e pouco pronunciada. Espáduas musculosas e inclinadas. Dorso e lombo curtos, largos, retos e fortes. Garupa larga, dupla e ligeiramente inclinada. Cauda com implantação regular. Linha ventral próxima do chão.

**Membros:** Fortes, bem aprumados, com articulações amplas e resistentes. Canelas curtas e secas, com sólida ossatura. Quatrelas pouco inclinadas, bolotas largas com presença de pelos na região posterior e na coroa dos cascos. Antebraços e coxas musculosos e possantes. Jarretes largos bem alinhados e de angulação ampla. Cascos grandes e fortes.

**Pelagens:** Alazã e castanha e suas variações, incluindo a rosilha, não sendo admitidas tordilha, pampa e albita.

**Altura:** Mínima de 1,52 m para machos e 1,47 m para fêmeas, podendo chegar a 1,70 m.

**Peso:** Média de 650 kg para fêmeas e 850 kg para os machos, podendo chegar a 1.100 kg.

**Andamento:** Trote, com movimentação ampla e desenvolvida.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRIADORES DO CAVALO BRETÃO (ABCCB)



## CAMPEIRO

## O marchador das Araucárias

*A região das Araucárias, que abrange principalmente o planalto catarinense, planalto do Rio Grande do Sul e campos gerais do Paraná, serviu de berço para o surgimento do cavalo Campeiro.*

O Campeiro é, provavelmente, originário dos animais trazidos durante a expedição espanhola de Alvar Nuñez Cabeza de Vaca, nomeado Governador Geral do Paraguai, que, em 1541, desembarcou na Ilha de Santa Catarina e seguiu por terra até Assunção, atual capital do Paraguai, transportando soldados, serventes, além de 46 cavalos de origem ibérica e alguns bovinos.

Durante a expedição, alguns animais foram deixados para trás ou extraviados, dando início à formação das primeiras manadas de equinos do Sul do Brasil.

O primeiro relato oficial da presença de equinos vivendo livremente em Santa Catarina ocorreu em 1728, por Francisco de Souza e Farias, quando da abertura do Caminho dos Conventos. Em 1731, Cristóvão Pereira de Abreu também registrou a presença de

animais no planalto catarinense, agregando alguns à sua tropa e dando início à domesticação desses cavalos.

Segundo estudiosos e historiadores, foram trazidos animais de sangue lusitano pelas expedições de Bandeirantes ao Sul do Brasil nos séculos XVII e XVIII. Posteriormente, as guerras que envolveram a região do planalto catarinense no século XIX foram responsáveis pela introdução de mais equinos na região.

A partir do processo de seleção natural, enfrentando ambiente hostil com acentuadas variações de temperatura, altitudes acima de 900 metros e alimentando-se exclusivamente de vegetação nativa, surgiu a chamada raça Velha ou Peludo.

Em meados do século XIX, formaram-se grandes fazendas de pecuária na região onde hoje se situa o município de Curitiba.

Dentre os pioneiros, destaca-se o Coronel Henrique Paes de Almeida Sênior, que iniciou a seleção de cavalos Campeiros, com o aprimoramento dos Peludos.

Os animais eram utilizados para os serviços do campo, na lida com o gado e como meio de transporte e tração, devendo apresentar rusticidade, resistência e docilidade. A necessidade de transportar longas distâncias em caminhos difíceis e picadas precárias levou à seleção dos animais que apresentavam maior resistência e, sobretudo, a característica da marcha, proporcionando conforto ao cavaleiro.

Em 1976, Ivadi de Almeida, beneto do Coronel Henrique Paes de Almeida Sênior, juntamente com Ony Coninck, Ivens Arruda Ortigari, Acir de Almeida Gaudêncio e Lauro Antônio Costa, importante criador e estudioso do assunto, preocupados com a necessidade real de preservar a continuidade da raça, lideraram a fundação da Associação Brasileira dos Criadores de Cavalos Campeiros (ABRACCC).

A raça foi oficializada pelo Ministério da Agricultura em 1985, após detalhada vistoria. A partir de então, foi credenciado seu Livro de Registro (*Herdbook*) e se instituiu o Serviço de Registro Genealógico Oficial.

**Características do cavalo Campeiro**

**Altura de cernelha (AC):** mínima de 1,42 m em machos e 1,40 m para fêmeas; máxima de 1,54 m e 1,52 m, respectivamente.

**Peso:** médio de 418 kg.

**Andamento:** marcha em quatro tempos, sem *é*, após desincêntricos, proporcionando trações suaves e conforto ao cavaleiro. Pelagens principais: castanho, baio e tordilho em todas suas variações. Não são aceitos animais albinos (gázo) e pampa.

**Cabeça:** fronte retilínea e subconvexa. Chanfro retilíneo a subcôncavo. Orelhas medianas e ativas. Olhos vivos.

**Pescoço:** delicado, mais comprido do que a cabeça, com implantação ao tronco bem definida, o que proporciona facilidade e leveza nos giros.



**Tronco:** forte, com costelas arqueadas, trazendo boa estabilidade à montaria e ao cavaleiro.

**Garupa:** ampla e suavemente inclinada, permitindo fácil arranque e sair imediatamente do also para o galope.

**Membros:** fortes e delgados, bem aprumados.

**Aptidões:** animal de sela e tração ligeira, pela característica de seu andamento é indicado para passeio e lazer em longos percursos. Rústico e de grande resistência física para trabalho no campo. Apresenta bom desempenho em esportes rurais, principalmente em disputas de laço. Chama a atenção pela inteligência, docilidade e destreza.

**Relatos de um idealizador** – Em sua sala, rodeado por inúmeros troféus e homenagens acumulados durante os longos anos a serviço da equinocultura brasileira, Ivadi de Almeida, 85 anos, simpático e disposto pecuarista, amigo pessoal do fundador da Tortuga, Fabiano Fabiani, e cliente desde os tempos em que os pedidos tinham de ser telegrafados para São Paulo, relata com entusiasmo a história da raça.

Na juventude, foi tropeiro e domador de mulas, que eram levadas para comercializar em Sorocaba (SP). Nas horas de folga, rabiscava em uma caderneta as qualidades que um bom cavalo deveria possuir. Mais tarde, reunindo-se com um grupo de aficionados por cavalos e criadores da região, foram eleitas as características desta nova raça.

Por ser um dos idealizadores da raça define este animal, afirmando: "o cavalo Campeiro é um cavalo do campo e para o campo...".

**A origem do nome** – Em reunião com outros criadores, o próprio Ivadi listou 11 nomes que lhe pareciam adequados à raça. Ao ler a primeira sugestão, argumentou: "eu sugiro primeiramente o nome Campeiro, pois, todos nós somos homens do campo e necessitamos de um cavalo Campeiro!". Por unanimidade este foi o nome eleito e nem sequer foram lidas as demais sugestões.

**Marcação** – Entre outras histórias, conta que foram levados a Brasília, Distrito Federal, em 1984, um lote de 10 éguas da raça Campeiro, durante a XX Enccod – Semana do Cavalo, na Granja do Torro, para que o então Presidente da República, General João Batista Figueiredo, realizasse a marcação a fogo do primeiro exemplar da raça. Infelizmente, isso não ocorreu, pois o presidente encontrava-se acamado em função de acidente ocorrido durante montaria.

Grande parte dos criatórios da raça encontra-se atualmente na região do planalto serrano, a maioria no município de Caribonox (SC), sede da Associação de Criadores,

hoje presidida por Beatriz de Almeida Moraes, descendente da família Almeida, que há cinco gerações dedica-se à criação da raça.

Que o futuro reserve a estes belos cavalos o merecido reconhecimento da equinocultura nacional, pois são animais forjados pela rusticidade do meio. E que as próximas gerações continuem a cultivar os ideais de seus ancestrais, preservando esta raça que traz no nome Campeiro a própria definição dos homens desta região.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DOS  
CRIADORES DE CAVALOS CAMPEIROS  
(ABRACCC)



## CAMPOLINA

## Resistente e excelente para marchas

*A raça Campolina tem sua origem no amor, no orgulho e na determinação de um homem: Cassiano Antônio da Silva Campolina, nascido em 10 de julho de 1836, em São Brás do Suaçuá, ex-distrito de Entre Rios de Minas, na região do Campo das Vertentes (MG).*

Cassiano Campolina, desde jovem, revelou seu gosto por cavalos, certamente influenciado pelas cavalcadas e disputas entre mouros e cristãos, que aconteciam na então cidade de Queluz, hoje Conselheiro Lafayete.

O objetivo desse pioneiro era formar cavalos de grande porte, ágeis, resistentes e de boa aparência, usados como montaria dos dragões da milícia real ou destinados à formação de parelhas utilizadas na tração de bondes na cidade do Rio de Janeiro, razão pela qual Cassiano dedicava-se à seleção de animais com aquelas características.

Em 1870, Antônio Cruz, seu amigo, presenteou-lhe com uma égua nacional de bom tipo, cruzada com um cavalo Andaluz, que fora dado por D. Pedro II a Mariano Procópio. Dessa cruz, nasceu um potro que recebeu o nome de Monarca.

Monarca tornou-se garanhão da Fazenda do Tanque, sendo considerado o pilar da raça, hoje denominada Campolina, em homenagem ao seu iniciador.

Monarca padrou o plantel de Cassiano por muitos anos e de sua linhagem Andaluza sucederam Monarca II, Monarca III, Leviano, Predileto, Baiando, Pope, Nobre e muitas fêmeas.

Campolina fez cruzar suas éguas com Menelick, caralo de sangue Anglo-Normando, de porte desenvolvido e linhas bonitas. Dessa linhagem, sucederam Bonaparte, Odele I e Odele II.

Em 1904, Cassiano Campolina faleceu. O seu trabalho de seleção, que já contava com mais de 30 anos, poderia ter sido interrompido não fosse o interesse e o entusiasmo pelo cavalo que conseguiu transmitir aos seus amigos.

Em testamento, passou para o seu particular amigo, Joaquim Pacheco de Resende, a Fazenda do Tanque e todo o seu plantel de equídeos, condicionando o pagamento de 250 contos de réis, quantia que se destinou à construção de um hospital de caridade, em

Entre Rios de Minas, para cuja finalidade havia legado seus bens em dinheiro. Comprada a Fazenda do Tanque, foi construído o hospital, que se chama Cassiano Campolina e que vem prestando inestimáveis serviços à região.

Em decorrência do negócio, Joaquim Pacheco de Resende, amigo dos mais ligados a Cassiano Campolina, assumia não apenas a responsabilidade da transação, mas, principalmente, o compromisso de dar prosseguimento ao apaixonado trabalho de seleção de cavalos. Homem perspicaz, Resende verificou que o tipo de animal que vinha sendo formado por Cassiano Campolina preenchia os requisitos de porte, robustez e vivacidade, indispensáveis às disputas e ao transporte de carruagens, mas faltava-lhe o andamento cómodo, necessário ao seu aproveitamento para viagem e passeios. Suas principais experiências consistiram em empregar um garanhão marchador e dois garanhões Puro Sangue Inglês, buscando um tipo mais delicado. O cavalo Marchador foi adquirido do Coronel Gabriel Andrade, que o obtivera de José Ferreira Leite. Os PSI foram de São Lourenço e Carlito. Suas experiências, no entanto, não duraram muito, pois veio a falecer em 1911, ficando com o seu filho mais velho, Joaquim Resende, a responsabilidade maior de prosseguir o trabalho iniciado por Cassiano Campolina.

Joaquim Resende deu continuidade às experiências introduzidas por seu pai, conservando as fêmeas de boa linhagem, filhas de PSI, e usando como garanhões Monarca III e Baiando, da linhagem Monarca e Caruso e Andaluz e Tapi, da linhagem Gólias, todos marchadores.

Na década de 1920, decorridos 50 anos de trabalho, a seleção continuava à base de Andaluz, com choques de Anglo-Normando, PSI e Marchador. Joaquim Resende, que então usava o garanhão Predileto da linhagem Monarca, pôde tirar duas importantes conclusões: a primeira, que o plantel não tinha

comportamento uniforme quanto ao andar. Constatava-se a presença de animais marchadores, outros com andadura e uma parte com trote. Por exemplo, as éguas de andadura, quando cruzadas com PSI, produziam filhas trotonas. A segunda era que uma parcela apresentava defeitos de exterior, especialmente exagero na convexidade da cabeça, inclinação da garupa e arreamento de quartelas.

Com base nessas observações, ele passou a orientar as coberturas de acordo com o tipo e o andamento. Adquiriu o garanhão Farol, Puro Sangue Inglês, de tipo muito bonito, destacando-se entre suas qualidades a perfeição da cabeça, da garupa e dos aprumos. Ele foi usado nas éguas de andadura e naquelas com defeitos de exterior. As éguas marchadeiras ou trotonas, que não apresentavam aqueles defeitos, continuaram sendo cobertas com reprodutores da linhagem Monarca, Predileto, Baiando, Pope e Nobre, marchadores. Todos os machos filhos de Farol PSI foram eliminados e as fêmeas de boa linhagem, conservadas.

Em meados da década de 1930, como na linhagem Monarca predominava a pelagem tordilha e havia manifesta preferência pelas pelagens baía e alazã, Joaquim Resende cuidou de adquirir um reprodutor baía alazão, puro marchador e de bom tipo: Otelo. Esse reprodutor imprimiu a nova pelagem em 50% do plantel.

A raça Campolina, naqueles 70 anos, vinha sendo formada graças ao interesse dos criadores, cada um se orientando conforme suas preferências e interpretações. Tornava-se necessário disciplinar e definir um padrão para que todos os criadores convergissem seus esforços para o objetivo comum – a raça Campolina.

A essa altura, o número de interessados e estudiosos do assunto não era pequeno, cabendo a Paulo Rocha Lagoa, Claudino Pereira da Fonseca Neto e Edgard Bittencourt a iniciativa de organizar o serviço de registro

genealógico, a cargo do Consórcio Profissional Cooperativo dos Criadores do Cavallo Campolina, cuja sede em Barbacena (MG). O plantão estabelecido passou a ser posto de apoio dos criadores, todos se orientando no sentido de conduzir seus plantões para as características oficializadas.

Joaquim Resende reexaminou o seu plantel e concluiu que devia cruzar algumas de suas éguas bem caracterizadas com um reprodutor, marchador excepcional, de bom tipo, especialmente, cabeça e aprumos. Foi-lhe oferecido Rio Verde, de propriedade de seu particular amigo Coronel Gabriel de Andrade, que, por sua vez, o adquiriu de José Carneiro.

A experiência foi feliz, pois da égua Predileta nasceu Rex, notável raçador, de grande porte, extraordinário de marcha, que reforçou estas características do plantel.

O consórcio já não atendia à necessidade dos criadores, o que os levou, em 1951, a fundar a Associação Brasileira dos Criadores do Cavallo Campolina (ABCCC), com sede em Belo Horizonte. Esta associação reformulou os padrões estabelecidos pelo consórcio, o que foi bem aceito por todos.

A Fazenda do Tarique não foi o único núcleo na formação da raça Campolina. Criadores de outras regiões também se interessaram pelo trabalho. Entre eles, o Coronel Gabriel Andrade, em Passa Tempo, teve presença marcante desde os primeiros tempos. Foi sucedido pelos seus filhos, notadamente Bolívar de Andrade.

Com o decorrer dos anos, cresceu o interesse pela criação de Campolina e, com ele, o mercado. A ABCCC conta com a inscrição de centenas de criadores de Minas Gerais e

outros Estados e com expressivo número de animais registrados.

Esta é a trajetória do cavallo Campolina, o grande marchador, um animal de porte grande e delicado, cabeça seca, perfil subconvexo para retilíneo, olhos vivos, orelhas médias, tendendo para longas, pescoço musculoso e rodado, tendendo para comprido, crina farta e sedosa, garupa ampla e longa, suavemente inclinada, anca arredondada e cauda de inserção baixa.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA  
DOS CRIADORES DO CAVALLO  
CAMPOLINA (ABCCC)



ROLLS ROYCE DA CONCEIÇÃO

## CRIOULO

# O 'Pequeno Grande Cavalo das Américas'

*O cavalo Crioulo descende dos cavalos Andaluzes e Lusitanos trazidos para a América pelos colonizadores no século XVI. Estes tinham sangue dos cavalos berberes, vindos do Norte da África com os muçulmanos (mourros), que dominaram a Península Ibérica por oito séculos.*

O criador e historiador da raça Crioula, Floriano Aguiar Chagas, revela que descendentes desses cavalos são os atuais Mustangs, dos Estados Unidos, o Mesteño, do México, o Paso Fino, do Peru, o Morochuca, da Bolívia, e o Crioulo, criado no Paraguai, Uruguai, Argentina, Chile e Brasil.

Ainda na primeira metade do Século XVI, foram espalhados cavalos ibéricos pela Costa Atlântica da América do Sul. Eram fundamentais como único meio de transporte terrestre, para as guerras e para os serviços nas estâncias, relata Floriano. Segundo ele, espalharam-se cavalos mansos por todos os quadrantes do continente e, passados os anos, as tropilhas de cavalos domesticados aumentaram. Alguns foram abandonados e muitos fugiram, se dispersaram e, em liberdade, se multiplicaram. Conforme estudo de Floriano, a maior proliferação desses animais deu-se nas imensas e férteis planícies do Cone Sul do continente americano, formando grandes rebanhos selvagens.

Muitos desses cavalos selvagens foram cair nas mãos dos indígenas, que se tornaram exímios cavaleiros e, nas suas andanças, espalharam e mesclaram essas cavalhadas. E assim formou-se a raça Crioula que, em consequência das condições de sua própria formação, pela seleção natural, com o aperfeiçoamento fisiológico e sobrevivência dos mais aptos, tem características muito especiais.

O superintendente do Serviço de Registro Genealógico da ABCCC, Gilberto Loureiro de Souza, explica que esta seleção natural foz no cavalo Crioulo a condição de suportar tanto as altas como as baixas temperaturas, viver, procriar e ter longevidade, alicerçado somente nas condições ambientais. Segundo ele, tais aspectos de enorme importância tornam o cavalo Crioulo inigualável.

Já no início do Século XX, grupos de criadores, adeptos da seleção do cavalo Crioulo, organizaram-se no sentido de criar e ordenar parâmetros seletivos para a formação de

uma base de animais, ou seja, o embrião do standard racial. Após estes primeiros passos, formaram-se comissões para eleger os animais aptos a pertencer ao grupo-base, relata Lourei-



no de Souza. Essas comissões se deslocaram por diversas regiões do Estado gaúcho, onde havia populações expressivas de cavalos.

Esses homens do cavalo, um grupo de 22 agropecuaristas gaúchos, resolveram fundar a Associação de Criadores de Cavalos Crioulos, o que ocorreu em 28 de fevereiro de 1932, em Bagé (RS). Posteriormente, a entidade passou a se denominar Associação Brasileira de Criadores de Cavalos Crioulos (ABCCC) e ganhou sede definitiva em Pelotas (RS). A partir de outubro de 2006, Henrique Marim Teixeira assumiu a presidência da ABCCC.

**Crioulo ganha terreno** – A maior concentração de criadores de equinos da raça Crioula está localizada no município de Bagé. Porém, o maior número de animais da raça se situa em Uruguaiana, ambos no Rio Grande do Sul. Em praticamente todos os municípios gaúchos existem criadores de Crioulo, muitos motivados pelo grande vínculo que a raça tem com as tradições gaúchas. Nos últimos anos, passou a ser questão de *status* montar um Crioulo nas centenas de rodeios promovidos pelos Centros de Tradições Gaúchas (CTGs). E, ainda, nessa tendência nacional, houve expressivo crescimento dos chamados usuários de cavalos, muitas vezes profissionais liberais moradores nos grandes centros urbanos.

O maior volume de animais registrados encontra-se no Rio Grande do Sul. São 157.930 animais ou 85,93% do total. O segundo maior rebanho se situa no Paraná (8.376 cabeças), seguido de perto por Santa Catarina, com 7.865. Logo depois está São Paulo, com 5.063 animais; Mato Grosso do Sul, com 1.314, e Rio de Janeiro, com 781 animais. O rebanho de animais registrados está localizado ainda na Bahia, Ceará, Distrito Federal, Espírito Santo, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rondônia, Sergipe e Tocantins.

**Crescimento e provas** – Com o crescimento da raça surgem as provas funcionais aliadas às amostras morfológicas. As exigências impostas nas funcionais tiveram o poder e a capacidade de direcionar a tendência e o futuro da raça, analisa Gilberto Loureiro de Souza. Emerge no meio criatório o denominado cavalo ideal, mesclando as características morfológicas adequadas, temperamento ajustado e carga genética funcional compatível com as solicitações. As provas que no dia de hoje atestam a capacidade e versatilidade da raça são Freio de Ouro, Marchas de Resistência, Paleteada, Laço, Chique, Enduro, Cavalgada e Rédeas, entre outras.

O resultado da seleção natural, pela qual

passou o cavalo Crioulo, é ter se tornado um animal extremamente rústico, que vive no campo, a descoberto, podendo se alimentar exclusivamente em regime de pasto, sem necessidade de suplementação e medicamentos. O cavalo Crioulo é muito utilizado no trabalho de campo, na lida com o gado, em todo o Cone Sul, por sua comodidade e resistência.

Pela rusticidade e pela fertilidade, vinda de sua excelente saúde, o cavalo Crioulo tem custo de manutenção bastante baixo, o que torna sua criação acessível ao proprietário de qualquer área de terra, até mesmo o sítio, segmento que vem crescendo bastante nos últimos tempos.

**Criadores unidos** – A Associação Brasileira de Criadores de Cavalos Crioulos (ABCCC), com sede em Pelotas (RS), congrega os criadores da raça Crioula e tem a responsabilidade pelo seu rumo. Atualmente, é responsável pela ABCCC dar atendimento a 2.187 sócios, em rebanho de 183.798 equinos vivos espalhados por 19 Estados brasileiros e três países (Uruguai, Argentina e Chile). O número de animais registrados no *stud-book* brasileiro é de 246.000 cavalos, o que a coloca entre as maiores entidades do gênero do País. Existem no Brasil 60 núcleos de criadores e três associações estaduais (São Paulo, Paraná e Santa Catarina). O quadro de técnicos da ABCCC é formado por 18 profissionais, que atendem todo o Brasil. Além dos sócios, o Setor de Registro Genealógico da entidade contabiliza 7.826 criadores e 16.279 proprietários, totalizando 24.105 pessoas que utilizam os serviços da ABCCC.

O primeiro esboço do que hoje é o Freio de Ouro ocorreu em 1977, na 1ª Exposição Funcional de Jaguarão (RS), mostra modesta, mais ou menos improvisada, com número reduzido de participantes, mas grande sucesso.

Naquele momento, os criadores de cavalos Crioulos verificaram que o desenvolvimento da raça passava pela promoção de provas funcionais. Até então, demonstrações desse tipo não faziam parte do calendário oficial da raça, existindo apenas julgamentos morfológicos.

Em 1980, a 3ª Funcional conseguiu atrair a atenção do País inteiro, sendo visitada pelo então presidente da República, General João Batista Figueiredo, aficionado por cavalos. No ano do cinquentenário da Associação Brasileira de Criadores de Cavalos Crioulos, em 1982, o então presidente da entidade, Gilberto Azambuja Centeno, oficializou a prova campeira, que seria realizada durante a Expointer. O Freio de Ouro foi inspirado nas exposições funcionais de Jaguarão, que pas-

sou a ser uma etapa classificatória tal como Pelotas e Bagé. No ano seguinte, Uruguaiana também passou a integrar a lista.

No primeiro ano, com as três classificatórias, participaram 12 animais, competindo, sem distinção de gênero. O primeiro campeão foi Irajá Tapambá, filho de La Invernada Hornero (consagrado reprodutor da raça), e Preciosa dos Cinco Salsos, do criador Oswaldo Pons, um dos grandes crioulistas de todos os tempos. A partir daí, firmava-se o Freio de Ouro, como o grande acontecimento da maior raça de equinos do Rio Grande do Sul.

Em 1983, a prova do Freio de Ouro foi batizada com o nome de Roberto Bastos Tellechea, homenagem póstuma a esse incentivador da raça Crioula. Em 1990, houve outra grande perda, com o falecimento do veterinário Flávio Bastos Tellechea. Em reconhecimento, a prova Freio de Ouro levou o nome dos dois irmãos: Flávio e Roberto Bastos Tellechea.

Desde o início até hoje, ocorreram mudanças devido ao crescimento dos adeptos da raça. O que antes eram somente quatro etapas classificatórias e uma final transformou-se em mais de 50 etapas Credenciadoras, 11 Classificatórias no Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e São Paulo e duas Internacionais, além da grande final em Esteio. Outra mudança foi a divisão em categorias de machos e fêmeas a partir de 1994.

## ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRIADORES DE CAVALOS CRIOULOS (ABCCC)

### FREIO DE OURO, A MAIOR PROVA

O Freio de Ouro é a maior prova da raça Crioula. Nesta prova, que une qualidades morfológicas e funcionais, podem ser comprovadas as habilidades de cavalo e ginete, reproduzindo nas pistas de provas os trabalhos do dia-a-dia no campo. Nas etapas da prova são testadas a doma, a resistência, a docilidade, a aptidão e a coragens, que formam o perfil funcional do cavalo Crioulo. Considerada a maior e mais popular prova da raça Crioula, o Freio de Ouro costuma reunir à volta das pistas público superior a 15.000 pessoas.

## JUMENTO NORDESTINO

# Relevantes serviços prestados

*Luiz Gonzaga, o 'Rei do Baião', um dos nomes mais importantes da música popular brasileira, em feliz inspiração, cantou "O jumento é nosso irmão", justíssima homenagem a este animal que faz parte da paisagem brasileira, principalmente dos sertões nordestinos.*

Os jumentos estão entre os primeiros animais domesticados pelo homem. Ainda hoje, podemos encontrar jumentos em estado selvagem na Índia, no Irã, no Nepal, na Mongólia e na África.

Segundo o eminente pesquisador Otávio Domingues, no período neolítico, período crítico da domesticação das espécies na Europa, não se observa a presença do jumento, nem nas palafitas nem nos depósitos de fósseis da Dinamarca e da Escandinávia. Mas o jumento

selvagem, em citação do mesmo autor, foi encontrado nos altiplanos do Tibet, na Núbia e na Etiópia, onde ele é abundante.

Quanto à domesticação do jumento, prevalece a ideia de que o jumento, embora de utilização posterior à do cavalo na Europa, teria sido utilizado mais remotamente na África e na Ásia.

A partir da viagem de Abraão ao Egito, o jumento é citado em cada página do Livro de Gênesis, enquanto, sobre o cavalo, só há

referência na época de José. Não há como determinar quando, onde e como ocorreu o cruzamento de jumento com a égua ou do cavalo com a jumentina. A mais antiga referência sobre jumentos e muiates está em Gênesis, Cap. 36, Vers. 24: "Anã, filho de Zibeão apascentava jumentos no deserto de Edom". No original hebraico, os burros eram designados pelo nome de 'Hayemin'. Bastante conhecida é a passagem bíblica, relatada pelos evangelistas Mateus, Marcos, Lucas e João, sobre



a "entrada triunfal de Jesus em Jerusalém", montado em um jumentinho.

O Jumento Nordestino, também conhecido por jegue ou jerico, é um dos animais domésticos que, certamente ao longo dos séculos, vem prestando relevantes serviços ao homem nordestino. Sua origem mais provável é que seja descendente dos jumentos norte-africanos e que tenham vivido nas ilhas portuguesas, antes de chegarem ao Brasil. Admite-se que Martin Afonso de Souza, em 1534, os tenha trazido da Ilha da Madeira e das Ilhas Canárias para São Vicente. Depois, Tomé de Souza trouxe para a Bahia, em 1549, jumentos de Cabo Verde.

O Jumento Nordestino sempre esteve presente em todas as atividades de natureza econômica, social e cultural do Nordeste brasileiro, desde os primórdios da colonização. Participou, duramente, do desbravamento e da ocupação da terra e da instalação das propriedades do litoral ao sertão nordestino. Da mesma forma, ajudou a construir estradas, redes telegráficas, ferrovias, açúcares e grande parte das habitações do meio rural e das cidades da região Nordeste.

O jegue é para o Nordeste o mesmo que o camelo é para o árabe ou para o beduíno do deserto. Aliás, durante o segundo reinado, o Imperador Dom Pedro II importou camelos para substituir jegues no Nordeste brasileiro. A maioria dos animais morreu e o bom e velho jegue continuou firme, forte e rígido, como principal meio de transporte e de trabalho do sertão. Apesar de toda essa relação afetiva, o jegue vem sofrendo, nos

últimos tempos, forte discriminação, sendo tido como indesejável em várias localidades, além de ter sua população reduzida significativamente, reflexo do abate indiscriminado desses animais para fins industriais, que vem ocorrendo há mais de vinte anos, o que levou diversas entidades e organizações – tendo à frente a Associação Brasileira dos Criadores do Jumento Nordestino – a somarem esforços no sentido de preservar este animal, considerado por muitos o animal-símbolo do Nordeste brasileiro.

## Padrão Racial do Jumento Nordestino

### 1. Aparência Geral

**Pelagem:** pêlo-de-rato, preta, ruão e ruça, permitindo-se a ocorrência de ligeiras variações de tonalidades, presença de "faixa crucial" e "listra de burro", exceto para a pelagem preta.

**Altura:** para machos e fêmeas, mínimo de 1 metro, na cernelha.

**Porte:** médios; tronco relativamente longo, mais ou menos proporcional à altura da cernelha.

**Constituição:** delgada, mediana e de condição sadia.

**Qualidade:** ossatura seca e resistente, tendões delicados, pele de pigmentação escura e pêlos finos.

**Temperamento:** dócil.

**Aptidão:** carga, tração e montaria.

### 2. Cabeça e Pescoço

**Cabeça:** de tamanho médio, seca, de comprimento mais ou menos proporcional ao pescoço e despontada para o focinho.

**Perfil:** retilíneo ou ligeiramente subcôncavo.

**Orelhas:** grandes, firmes, bem implanta-

das e bem dirigidas, de largura média.

**Boca:** de abertura média, lábios finos, móveis, firmes e justapostos.

**Narinas:** grandes, largas e flexíveis.

**Pescoço:** médio, bem inserido e proporcional à cabeça; crinas ralas e finas.

### 3. Tronco

**Cernelha:** definida, suave (não proeminente), musculosa e de preferência ao nível da garupa.

**Peito:** medianamente largo e profundo, boa musculatura e sem saliência óssea.

**Dorso-lombo:** relativamente longo, reto e revestido com boa musculatura.

**Costelas:** fortes e separadas, conferindo boa amplitude torácica.

**Ancas:** largas, simétricas e musculosas.

**Garupa:** larga e bem inserida ao lombo da mesma altura ou mais alta que a cernelha.

**Cauda:** curta e bem inserida, pêlos reduzidos, inserção média.

**Órgãos genitais:** de aparência perfeita.

### 4. Membros

**Espáduas:** médias, destacadas e oblíquas.

**Braços:** médios, com ligeira cobertura muscular e bem articulados.

**Antebraços:** médios, retilíneos e com cobertura muscular delgada.

**Joelhos:** grandes resistentes, secos e na mesma direção do antebraço.

**Jarretes:** secos, lisos e bem apertados.

**Coxas e pernas:** medianas, cheias e musculosas.

**Boletos:** médios, definidos e bem articulados.

**Quartelas:** médias, oblíquas e fortes.

### 5. Andamentos: quaisquer.

### 6. Desclassificação:

**Pelagem:** albinóide e com presença de zebruras.

**Cabeça:** curta, perfil excessivamente convexilíneo ou côncavo, presença de prognatismo e agratismo.

**Orelhas:** mal inseridas e dirigidas (cabanas).

**Lábios:** relaxamento das comissuras labiais (belfo).

**Pescoço:** (de cisne) e cançado.

**Linha dorso-lombar:** concavilínea (selada); ocorrência de lordose e sífoide.

**Membros:** taras ósseas ou defeitos graves de aprumos.



## JUMENTO PÊGA

## Resistente e necessário

*Nos séculos XVIII e XIX, a produção de muares era necessária para a indústria da mineração. Eram usados, em especial, para vencer as grandes distâncias rumo à Corte, manter a convivência entre as populações do campo e da cidade, suprir as necessidades básicas das famílias e transportar a produção das fazendas. Portanto, natural que se estabelecesse, nos vales mineiros, a criação de animais para produção de muares.*

Esses jumentos seriam preferencialmente de procedência ibérica, pois naquela época o fornecimento natural de animais nessa área seria desta origem.

Estudando-se os jumentos selecionados pelos criadores mineiros, suas características nos levam à hipótese de que seu tronco étnico originário é o *Equus asinus africanus africanus* (jumento Nubiano ou Egípcio), do qual muito se aproxima.

A raça Egípcia é aquela que se acha mais próxima do jumento Pêga (mineiro) e pelo menos dois são os pontos de contato que revelam sua proximidade genética: a ocorrência de pelagem branca, frequente no jumento Egípcio, que nenhuma outra variedade de jumento apresenta, seja do *Equus asinus africanus* ou do *Equus asinus europaeus*; e a presença de sinais como estrela e extremidades brancas, encontradas no jumento Egípcio.

Na Fazenda do Curtume, município de Entre Rios de Minas, o padre Manoel Maria Torquato de Almeida, pastor de almas do Arcebispo de Mariana, iniciou em 1810 criação de jumentos. Utilizou alta mestiçagem entre as raças italiana e egípcia e posterior seleção dos melhores animais, que resultou na criação de uma raça de grande importância para a pecuária nacional.

Em 1847, o padre Torquato vendeu ao Coronel Eduardo José de Resende, proprietá-

rio da Fazenda do Engenho Grande dos Cataguases, município de Lagoa Dourada, dois machos e sete fêmeas de seus selecionados jumentos, já famosos na região.

O Coronel Eduardo continuou o trabalho de melhoramento da raça com os mesmos carinho e entusiasmo do seu precursor, dedicando especial atenção à padronização do seu grupo de animais. Podemos considerar este o início da formação da raça Pêga.

O nome Pêga tem origem no aparelho formado por duas argolas de ferro, firmando algemas, com o qual os senhores prendiam pelos tornozelos os escravos fugitivos. Os jumentos que deram origem à raça eram marcados a fogo pelo seu proprietário, com marca figurando aquele aparelho.

A Associação Brasileira dos Criadores do Jumento Pêga (ABCJ Pêga), criada em 15 de agosto de 1947, com sede em Belo Horizonte, tem por objetivos principais manter o registro genealógico, realizado com incontestável cunho de seriedade e veracidade, e promover a expansão da raça.

**Características do jumento Pêga** – O jumento Pêga apresenta pelagens características, sendo as mais comuns: pêlo de tito, nuá, ruça e miúilha, sempre com presença de faixa crucial e lista de burro. A cabeça é de formato trapézoidal,

descarnada, com perfil de retílineo a levemente convexo, despontada para o focinho, orelhas médias a longas, paralelas com boa mobilidade.

O andamento é sua principal característica, que transmite aos muares marcha de triplíce apoio, natural, espontânea, inerte, picada ou lúida, com deslocamentos alternados dos hipedes em lateral e diagonal.

A altura mínima exigida para registro é de 1,25 m (machos) e 1,20 m (fêmeas), com idade mínima de três anos.

Atualmente, se registram animais de boa caracterização nas categorias de livro aberto (genealogia oficialmente desconhecida) e livro fechado.

É a principal raça de jumentos utilizada em cruzamentos com as diversas raças de equinos do Brasil, para produção de muares destinados para sela, em virtude da necessidade crescente de animais de resistência comprovada, que sejam ácidos para o desempenho dos serviços nas vastas fazendas brasileiras. É também, usado para os enduros de regularidade e resistência, para cavalgadas e participação em concursos de marcha amplamente difundidos em várias regiões do País.

Com a crescente valorização dos muares, a ABCJ Pêga passou a normatizar o controle de genealogia dos muares, a partir da homologação do Ministério da Agricultura. Atualmente, são aproximadamente 4.000 cabeças de muares controlados no Brasil.

A população de jumentos encontra-se distribuída por quase todos os Estados brasileiros (veja quadro).

A exposição nacional da raça ocorre em Belo Horizonte (MG), sempre na primeira semana de junho. Realizam-se concursos de marcha de jumentos e muares, avaliação morfofuncional, provas funcionais e concursos de marcha.

## RIVALDO NUNES DA COSTA

Médico veterinário  
Presidente do Conselho Deliberativo  
Técnicos da ABCJPêga

CENTAURO DA TARUMÁ,  
DE LUIS FELIPE HADDAD



## NÚMERO DE CRIADORES E ANIMAIS POR ESTADO

ESTADO	CRIADORES	NÚMERO DE ANIMAIS REGISTRADOS
MG	816	8.273
SP	295	478
BA	246	4.009
RJ	103	374
ES	47	264
GO	46	620
MS	40	564
PR	50	586
PE	41	551

## LAVRADEIRO

# Cavalo para as condições de Roraima

*Soltos pelos campos, os cavalos Lavradeiros, também chamados de cavalos selvagens de Roraima, carregam consigo informações ainda não decifradas pela ciência e que poderão ser úteis no futuro para melhoramento genético.*

Os Lavradeiros têm esse nome por se encontrarem na região de savanas ou lavrados, ao Norte de Roraima. Possivelmente, são descendentes de raças Andaluza, Lanitana e Berberi, trazidas da Península Ibérica e introduzidas no Brasil pelos colonizadores.

Os cavalos foram levados para Roraima por fazendeiros para manejar gado em condições de pecuária extensiva, em fazendas que não tinham cercas. Por não ser alvo de interesse econômico, a maioria dos equínos era deixada solta no lavrado e apenas os machos mais fortes eram domados e usados como cavalos de sela.

Os animais soltos foram se adaptando às adversidades da região, como clima, excesso e déficit hídrico, baixo valor nutritivo das pastagens, ocorrência de pragas e doenças e longas caminhadas à procura de pastos mais tenros e de água. Assim, mantiveram-se por vários anos adaptando-se ao lavrado e multiplicaram-se isolados por barreiras naturais, como as serras a Norte e a Oeste de Roraima,

os rios a Leste e a Floresta Amazônica ao Sul. Dessa interação com a natureza e da seleção natural, ao longo de várias gerações por mais de 200 anos, formou-se a raça nativa chamada de Lavradeiro. As informações são apresentadas pelo médico veterinário da Embrapa Roraima, Ramayana Menezes Braga, autor do livro 'Cavalo Lavradeiro em Roraima - aspectos históricos, ecológicos e de conservação'.

Esses animais não têm o porte de seus ancestrais. São menores e com pernas mais finas, porém são mais resistentes, pois durante o período seco andam grandes distâncias para encontrar água e, na época das chuvas, ficam até quatro meses com as patas imersas na água. Daí ficarem conhecidos como 'pé duro' pela resistência dos seus cascos. E, apesar das condições hostis na oferta de alimento e de água, eles ainda apresentam energia para correr em velocidade pelos campos. Diante disso, um dos interesses da Embrapa Roraima é pesquisar a produção e a composição botânica da pastagem nativa, fonte de alimentação do Lavradeiro.

Outra característica a ser investigada pela pesquisa é o fato de que esses animais, mesmo apresentando resultado positivo em exame sorológico para anemia infecciosa equina (AIE), grave doença infecciosa de cavalos, não manifestam os sintomas, o que leva a crer que sejam resistentes à doença. Porém, segundo Ramayana Menezes Braga, há necessidade de estudos epidemiológicos e laboratoriais mais profundos e detalhados para se tirar alguma conclusão sobre o comportamento dessa doença nos Lavradeiros. Todas essas questões fazem parte de estudo mais amplo, proposto pelo pesquisador da Embrapa Roraima, sobre dinâmica populacional, adaptabilidade e caracterização genética dos cavalos Lavradeiros de Roraima.

Não se sabe exatamente qual a população de Lavradeiros. Em 1996, levantamento feito

pela Embrapa Roraima e pela Fundação Dalmo Giacometti contabilizou cerca de 1.680 cavalos típicos Lavradeiros. Entretanto, essa população representava apenas 15% dos equínos em condições de criação extensiva no lavrado. Vem ocorrendo a redução da presença do típico Lavradeiro para dar lugar a animais mestiços, resultantes da introdução, desde a década de 1930, de animais reprodutores de outras raças, como Mangalarga, Campolina, Puro Sangue Inglês e Quarto de Milha, para cruzamento com éguas Lavradeiras, com a finalidade de aumentar o porte dos animais.

Mas alguns passos foram dados para a conservação da raça. A Embrapa Roraima comprou 30 desses animais para conservação *in situ* (animais vivos em ambiente natural) e os mantém em uma fazenda no município de Amajari (RR). Além disso, realiza paralelamente ações para conservação *ex situ* (amostras de materiais biológicos armazenadas em condições artificiais), como a conservação de sêmen dos animais nos laboratórios da Embrapa Recursos Genéticos, em Brasília.

Para o pesquisador Ramayana Braga, o Lavradeiro pode ser comparado a uma 'caixa preta', onde existe uma série de informações genéticas, selecionadas e guardadas, que o homem ainda não conseguiu decifrar em sua plenitude. Por isso, é importante dar prosseguimento e aprofundar as pesquisas sobre os cavalos Lavradeiros que, por diversos motivos, permaneceram em estado ou condição selvagem e que, por meio da seleção natural, constituiram-se em fonte de informações para o conhecimento científico.



## MANGALARGA

## De sela por excelência

*Com esta denominação, tornou-se famosa uma população equina, no Sul de Minas Gerais, limítrofe com São Paulo, na primeira década do século XIX. Membros da família Junqueira, responsáveis por essa criação, mudam para o Estado de São Paulo, levando suas montarias.*

A famosa raça de equinos logo contagiou os paulistas, que adotaram e a disseminaram por todo o Estado de São Paulo e pelos Estados vizinhos. Traçar o histórico da raça Mangalarga equivale a narrar a história da família Junqueira. Foram eles os forjadores da raça e os seus primeiros criadores. O início da seleção da raça Mangalarga deu-se em 1812, na Fazenda Campo Alegre, em Baependi, hoje município de Cruzília, onde o Barão de Alfenas instalou-se. Conta-se que, nessa data, teria o barão recebido de presente do príncipe D. João VI um cavalo Alter, que passou a ser usado como garanhão em suas éguas. Os animais oriundos desses acasalamentos constituíram-se nos formadores da raça Mangalarga.

Provavelmente, foi Napoleão Bonaparte, ao invadir Portugal, obrigando D. João VI a mudar-se com a Corte para o Brasil, quem primeiro contribuiu para a formação da raça. Com D. João VI, vieram também os melhores espécimes da raça Alter, da Coudelaria Real de Alter do Chão. O principal formador do cavalo Mangalarga é o cavalo Alter de

Portugal. Entretanto, no início do século passado, muitos criadores introduziram, esporadicamente, no Mangalarga, as raças Árabe, Anglo-Árabe, Puro Sangue Inglês e American Saddle Horse. Não somos nem a favor nem contra o que foi feito. O fato é que hoje já dispomos de número elevado de cavalos de alto valor zootécnico, que nada perdem para outras raças estrangeiras. Portanto, não nos cabe mais analisar o caminho seguido para consegui-los. Somos, no entanto, virtualmente contra cruzamentos com outras raças exóticas, no pé em que estamos. Muito pouco temos a ganhar com elas, uma vez que temos mais de 100 anos de seleção de marcha trotada, resistência e rusticidade a arriscar.

**Associação: fundação e histórico** - Como foi dito, o cavalo Mangalarga foi trazido do Sul de Minas Gerais para São Paulo por volta de 1812. Entretanto, desde a sua introdução em terras bandeirantes até a fundação da Associação Brasileira de Criadores de Cavalos da Raça Mangalarga (ABCCRM), cada criador orientava-se pelos seus próprios critérios,

agindo isoladamente, constituindo-se em energias dispersas. Em 1928, o zootecnista Paulo de Lima Corrêa, a partir de profundo estudo, lançou as bases da caracterização do cavalo Mangalarga. Entusiasmado com a dedicação do técnico, os criadores paulistas Celso Torquato Junqueira e Renato Junqueira Neto reuniram um grupo de criadores com a finalidade de definir os critérios a ser usados na seleção.

A comissão organizadora, de dez membros, ficou assim constituída: Eduardo Rabston, Gabriel Jorge Franco, Paulo de Lima Corrêa, Augusto de Oliveira Lopes, Celso Torquato Junqueira, Renato Junqueira Neto, Humberto S. Pereira Lima, Saulo Junqueira Franco, Antônio Uchoa Filho e Antônio Junqueira Franco.

Esta comissão, a partir de sucessivas reuniões, elaborou o anteprojeto do estatuto, que seria apresentado à Assembleia Geral, convocada para a fundação da associação dos criadores. Em 25 de setembro de 1934, na cidade de São Paulo, às 15 horas, na sede da Associação Herdbook Caracas, à Av. Água Branca, 53, instalou-se a assembleia, especialmente convocada com a finalidade de se fundar o registro genealógico do cavalo Mangalarga, sendo eleita a primeira diretoria, que ficou assim formada:

**Presidente:** Renato Junqueira Neto; **1º Vice-Presidente:** Eduardo Rabston; **2º Vice-Presidente:** Gabriel Jorge Franco; **1º Secretário:** Augusto de Oliveira Lopes; **2º Secretário:** Otto Stephan; **Tesoureiro:** Celso Torquato Junqueira.

Posteriormente, a ACCRMangalarga passou a chamar-se Associação Brasileira de Criadores de Cavalos da Raça Mangalarga, sendo-lhe delegada, por Ato do Ministério da Agricultura, a atribuição de efetuar o registro genealógico da raça, segundo o padrão então existente, baseado na elite dos animais daquela época. Daquele tempo para cá, a ABCCRM vem imprimindo orientações para o melhoramento da raça Mangalarga, objetivando enquadrá-la no conceito atual do moderno



cavalo de trabalho e esporte, mantendo-se fiel às características peculiares à raça, principalmente no que se refere ao seu andamento característico, a marcha diagonal.

#### Morfologia

**Frente leve, com pescoço bem dirigido e descarnado:** proporciona facilidade de movimentos, jogando o centro da massa do cavalo mais cavalheiro para trás, permitindo maior facilidade de engajamento dos posteriores.

**Paleta inclinada e comprida:** a boa inclinação e o comprimento da paleta trazem muitas vantagens ao cavalo de sela, entre elas maior capacidade torácica; boa passagem de cilha e cernelha mais atrasada, que proporciona posição ideal ao cavaleiro.

Tronco forte, com linha dorso-lombar retilínea e paralela à linha do solo. Costelas amplas e bem arqueadas dão ao cavaleiro segurança ao montar. O lombo curto e a boa cobertura de rim têm como vantagens o não ressenhimento do animal quando exigido em trabalhos pesados e o peito amplo e profundo

propicia boa musculatura e boa saída de braço. A linha dorso-lombar retilínea proporciona distribuição uniforme na aderência entre o lombo do animal e o suadouro do arreio.

**Garupa forte ampla e comprida:** por ser esta a região do cavalo que reúne grande parte de sua capacidade motora, não é sem razão que se diz que no cavalo de sela o motor é atrás. As arrancadas rápidas, qualidades muito procuradas no cavalo de sela, dependem principalmente do trem posterior.

A garupa comprida, ampla e forte, com coxas bem musculadas e bem descidas constitui-se no motor que arranca a massa no momento de partida.

**Membros fortes, bem estruturados e bem aprumados, com articulações grandes e tendões nitidos:** qualidades imprescindíveis à qualquer cavalo de sela, tanto no trabalho quanto no esporte. Para bem desempenhar suas funções, o cavalo depende em primeiro lugar dos seus locomotores.

**Marcha diagonal** – Característica da raça

Mangalarga, constitui-se no andamento diagonal hipedal de dois tempos. Diferencia-se do trote porque tem tempo ínfimo de suspensão entre os apoios, o mínimo necessário para que se processe a troca dos mesmos. Vem dessa particularidade o passo arrim.

**Comodidade** – A seleção do Mangalarga sempre deu importância à comodidade de seus andamentos. Salientamos que o animal deve ter comodidade em suas três modalidades de andamento: passo, marcha trotada e galope.

Para a ABCCRM, a comodidade é o resultado da somatória de qualidades do animal e, para ser cómodo, o cavalo necessita possuir boa conformação, bons andamentos e bom temperamento.

Essas qualidades são encontradas no cavalo Mangalarga, por excelência, o cavalo de sela.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA  
DE CRIADORES DE CAVALOS  
DA RAÇA MANGALARGA  
(ABCCRM)



## MANGALARGA MARCHADOR

# Alia o prazer de cavalgar à resistência

*Tipicamente brasileira, a raça Mangalarga Marchador surgiu há mais de 200 anos na Comarca do Rio das Mortes, no Sul de Minas Gerais, a partir do cruzamento de cavalos da raça Alter, trazidos da Coudelaria de Alter do Chão, em Portugal, com outros cavalos selecionados pelos criadores daquela região mineira.*

A base de formação dos cavalos Alter é a raça espanhola Andaluza, cuja origem étnica vem de cavalos nativos da Península Ibérica, germânicos e berberes. Os cruzamentos dessas raças deram origem a animais de porte elegante, beleza plástica, temperamento dócil e próprios para a montaria.

Os primeiros exemplares da raça Alter chegaram ao Brasil em 1808, com D. João VI, que se transferiu para a Colônia com a família real. Os cavalos dessa raça eram muito valorizados em Portugal e a família real investia em coudelarias (haras) para o seu aprimoramento. A Coudelaria de Alter foi criada em 1748 por D. João V e viveu momentos de glória durante o século XVIII, formando animais bastante procurados por príncipes e nobres europeus para as atividades de lazer e serviço.

Minas Gerais já se destacava como centro criador de equinos desde o século XVIII e a chegada dos cavalos da raça Alter veio aprimorar ainda mais os seus criatórios. A Comarca do Rio das Mortes tinha potencial de ouro muito baixo, mas chamou a atenção dos colonizadores por causa das suas boas condições para criação dos animais. Havia água em abundância e a vegetação era constituída de matas, capões e ervas pardacentas, adequadas para a produção de forragem.

O Mangalarga Marchador teve como berço a Fazenda Campo Alegre, no Sul de Minas Gerais. Ela pertencia a Gabriel Francisco Junqueira, o Barão de Alfenas, a quem é atribuída a responsabilidade pela formação da raça. A fazenda era herança de seu pai, João Francisco Junqueira. Outro fazendeiro importante na história do Mangalarga Marchador foi José Frausino Junqueira, sobrinho de Gabriel Junqueira. Exímio caçador de veados, José Frausino aprendeu a valorizar os cavalos

marchadores por ser resistentes e ágeis para transportá-los em suas longas jornadas.

Há várias versões para o nome Mangalarga Marchador, mas a mais consistente está relacionada à Fazenda Mangalarga, localizada em Pari do Alferes, no Rio de Janeiro. O nome da fazenda era o mesmo de uma serra que existia na região. Seu proprietário era um rico fazendeiro que, impressionado com os cavalos da família Junqueira, adquiriu alguns exemplares para os passeios elegantes realizados no Rio de Janeiro. Quando alguém se interessava pelos animais, ele indicava as fazendas do Sul de Minas Gerais. As pessoas procuravam os fazendeiros perguntando pelos cavalos da Fazenda Mangalarga e esta referência se transformou em nome. Já o nome Marchador foi acrescentado pelo fato de alguns daqueles cavalos terem a função de marchar em vez de trotar.

**Principais características** – A marcha é a principal função do Mangalarga Marchador, que é distinta das outras encontradas nos demais marchadores do mundo. A marcha, que é o passo acelerado, se caracteriza por transportar o cavaleiro de maneira cômoda,

pois não transmite nele os impactos ocorridos com os animais de trote.

Durante a marcha, o Mangalarga Marchador descreve no ar um semicírculo com os membros anteriores e usa os posteriores como alavanca para ter impulso. Marchando, ele alterna os apoios nos sentidos diagonal e lateral, sempre suavizados por um tempo intermediário, o triplice apoio, momento em que três membros do Mangalarga Marchador tocam o solo ao mesmo tempo.

O andamento genuíno do Mangalarga Marchador é acompanhado de outras importantes características.

**Temperamento ativo e dócil:** pode ser montado por pessoas de qualquer faixa etária e nível de equitação;

**Resistência:** grande capacidade para percorrer longas distâncias e enfrentar desafios naturais;

**Inteligência:** seu adestramento é fácil e rápido em relação a outras raças de sela;

**Rusticidade:** opção de se criar somente em regime de pasto, diminuindo o custo de produção e a manutenção, facilitando seu manejo. A rusticidade é observada também na facilidade de adaptação a quaisquer terrenos e climas, como tropical, temperado ou frio.

Alguns dados de morfologia também são importantes para se reconhecer o Mangalarga Marchador. Ele é leve, mas não deixa de ser forte e musculoso. O conjunto de frente mostra leveza, com a cabeça triangular e o pescoço piramidal. O tronco é forte, com costelas bem arqueadas. Nos membros, os tendões são vigorosos e bem delineados. É um cavalo mediano, com altura mínima de 1,47 m e máxima de 1,57 m, sendo 1,52 metro a altura ideal.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DOS CRIADORES DO CAVALO MANGALARGA MARCHADOR



ZINABRE-DA-OGAR  
DE HARAS EAO E'TOP

## MARAJÓARA

### Essencialmente rústico

*Em 1681, em virtude do êxito inicial da pecuária emergente em Marajó, por provisão de 27 de outubro, cumprida no ano seguinte, foram trasladados os bovinos, então objeto de desavenças por devastarem roças das cercanias de Belém, para os campos da Ilha Grande de Joannes, depois chamada de Marajó.*

Esse gado vacum e cavalar era oriundo de pequenos plantéis trazidos de Cabo Verde, como relata Moreira Baena em seus Ensaios Coreográficos sobre o Pará. Foram, assim, de procedência lusitana os primeiros cavalos introduzidos na hoje Ilha do Marajó. Como Cabo Verde pertencia a Portugal, é de se supor que esses cavalos possuíam sangue de cavalos Árabe, precursores do Alter Real e do Andaluz.

Embora, na nova condição de ambiente fossem submetidos a ecossistema inteiramente diverso, com duas estações bem definidas: uma hostil, porque superúmida, que se alternava com uma estação sem chuvas, encontraram condições de se aclimatar e, depois, adaptaram-se definitivamente.

A grande quantidade de mosquitos hematófagos e o atoleiro da estação chuvosa, que lhes eram decididamente adversos, foram compensados pela ocorrência de farta variedade de pastagens, que lhes permitiu adequado balançamento alimentar, escolhendo entre mais de 150 variedades de gramíneas e de cerca de 40 leguminosas forrageiras, nativas das extensas planúrias dos campos marajoaras.

Os campos, sem o constrangimento de cercas, muitas vezes permite que se veja a linha do horizonte delimitando o céu e a pradaria, em chão admiravelmente plano. Nesse ambiente, desenvolveu-se rapidamente o rebanho cavalar. O crescimento do plantel foi além das necessidades locais de montaria, sendo que, depois de algum tempo, boa parte desses animais adquiriu a condição de cavalos em esta-

do semi-selvagem, dispensando os cuidados e atuando-se além do controle do homem.

Assim, não mais os trabalhos do homem, mas a perpetuação da espécie dominou o comportamento daqueles livres eqüinos.

Existia, ainda, em fazendas da Ilha Caviana, integrante do grande arquipélago do Marajó, um notável rebanho composto de milhares de cavalos que corriam incansavelmente nos campos.

Em ambos os cenários, as éguas podiam galopar pelos campos sem fim e mostravam surpreendente fecundidade. Nos primeiros dias, a égua parida afastava-se do lote, protegendo a cria. Em seguida, o garanhão a obrigava a correr, tregida a dente, para reuni-la ao lote. Só sobreviveriam os potrinhos nascidos mais fortes e crias de éguas de destacada aptidão materna. Nessa condição de vida, os garanhões não eram escolhidos pelo homem. Estabelecia-se a seleção natural do mais apto.

Adquiriu, assim, o rebanho cavalar Marajoara uma aclimação completa, vencendo os obstáculos e aproveitando as vantagens do ecossistema. Com isso, a proliferação foi tal que há notícias de que, há cerca de 150 anos, o arquipélago do Marajó possuía algo em torno de 1 milhão de cabeças. Mesmo que se trate de estimativa aproximada, era tal o número de cavalos pastando que começou a faltar forrageira para o gado bovino. O presidente da Província, atendendo-se aos apelos dos criadores locais, buscou solução para o problema na contratação de empresas estrangeiras, uma belga, uma francesa e uma inglesa para procederem ao abate de éguas das quais se aproveitavam os couros e as crinas. A redução foi tão grande que não sobreviveram mais de 100 mil animais, havendo áreas onde a devastação foi quase total, como nos municípios de Soure e Salvaterra, que, para reposição dos seus plantéis, passaram a receber animais da Ilha Caviana, onde o rebanho cavalar Marajoara também muito progredira, em condições muito semelhantes às existentes na ilha principal.

#### Padrão da raça

**Pelagem:** Qualquer pelagem, exceto pampa e albina

**Altura:** Macho: mínima 1,35 m; máxima 1,56 m

**Fêmea:** mínima 1,30 m; máxima 1,50 m

**Forma:** porte médio, bem proporcional e de musculatura bem definida

**Constituição:** forte

**Temperamento:** enérgico, vivo e ativo

**Andamento:** trote

**Aptidão:** cavalo de serviço

**Cabeça:** harmônica em relação ao pescoço, tamanho moderado, aparência seca

**Perfil:** subconvexo com tendência ao retílineo

**Olbos:** vivos e expressivos

**Orelhas:** de tamanho proporcional, medianas e bem implantadas

**Lábios:** móveis finos, firmes e justapostos

**Narinas:** grandes e flexíveis

**Pescoço:** mediano de comprimento, inserção bem definida

**Cernelhas:** bem definidas

**Peito:** profundo e amplo

**Costelas:** arqueadas, proporcionando boa amplitude torácica

**Tórax:** amplo e profundo

**Dorso-Lombo:** curtos, proporcional e bem sustentado

**Garupa:** harmoniosamente inserida na região lombar e suavemente inclinada, de comprimento médio, e de altura não superior à cernelha

**Ancas:** suavemente inclinadas

**Cauda:** de boa inserção, bem implantada e dirigida

**Órgãos genitais externos:** bem conformados

**Membros:** esbeltas bem proporcionadas e oblíquas, braços médios e de boa cobertura muscular, antebraços de comprimento médio e musculosos, joelhos retos e bem suportados, coxas musculosas, jarretes secos e lisos, canelas secas; boletos definidos e bem suportados; quartelas médias e fortes; cascos médios, arredondados, de preferência presos

**Andamento:** trote em todas as suas modalidades, andamento com apoio bipodal diagonalizado

#### Defeitos desqualificantes

**Perfil:** excessivamente convexilíneo (scarreirado)

**Pelagem:** albina e pampa

**Orelhas:** mal implantadas ou mal dirigidas (cabana)

**Lábios:** com relaxamento, caídos

**Andamentos:** qualquer outro que não o trote em todas as suas modalidades



## MINI-HORSE

# Um cavalo em miniatura

*O Mini-Horse é uma raça de tripla aptidão. Serve tanto para sela como para tração ou, simplesmente, como animal de estimação. Sua docilidade e pequena estatura fazem dele um brinquedo vivo.*

Suas principais peculiaridades são: pequenos espaços para mantê-los, seu baixo custo de criação, seu porte diminuto, resistência e rusticidade. Sua conformação é a de um cavalo em miniatura, que deve ser bem estruturado, musculoso e proporcional ao seu tamanho. Deve sempre mostrar leveza, ter bom equilíbrio e muita elegância. Ele exerce atração forte tanto nas crianças quanto nos adultos. Seu porte diminuto desperta ternura e grande fascínio, motivos pelos quais tem lugar garantido como animal de estimação. Sua docilidade e pequena estatura facilitam a vida pelas crianças, que o aceitam de imediato. E, para tê-lo, não é preciso muito espaço, nem muito dinheiro para sua manutenção. Resistente e rústico, pode ser criado até em quin-

tal, dormindo ao relento, não requerendo muitos cuidados, pois dificilmente adoece.

**Origem** – A palavra Pônei não significa uma raça de cavalo, mas, sim, identifica um grupo de eqüinos de baixa estatura. Existem mais de 100 raças de Pôneis diferentes, criadas em todo o mundo. Cada raça tem um tipo físico, algumas com conformação mais leve, ossaturas mais delicadas, elegantes e, conseqüentemente, indicadas para sela. Outras raças são mais robustas e musculosas, são as indicadas para tração. Ou, ainda, existem raças de dupla aptidão, ideais para tração e boas para montaria.

A raça Mini-Horse é uma delas e tem sua origem e formação na mestiçagem de várias dessas raças:

**Shetland** – originária do Norte da Escócia (Ilhas Shetland e Orkney), onde existe há mais de 2.000 anos, sendo conhecida no mundo todo e considerada uma das raças mais puras existentes. **Widlo** – tem sua origem no País de Gales, razão pela qual também é conhecido como Pônei Galês da Montanha. Tem aparência aristocrática devido à sua cabeça arredondada e levemente côncava.

**Brasileiro** – raça nacional oriunda do cruzamento de Pôneis de origem bretã, uruguaia e argentina, desenvolvida a partir da década de 1970, e que é atualmente o principal formador do Mini-Horse.

**Miniature Horse** – de origem dos Estados Unidos, é a menor e mais valiosa entre todas as raças pôneis criadas no mundo.



Foi do cruzamento dessas raças ou usando-as como formadoras que o Mini-Horse herdou a força e a baixa estatura, pois consegue levar na sela uma pessoa adulta ou puxar um trole ou charrete sem muito esforço. É, proporcionalmente, bem mais forte que um cavalo grande, porém sem perder a elegância, proporção e delicadeza.

**História** – Tudo começou com o sonho de criar pôneis mais modernos, elegantes, de menor estatura e mais atrativos ao consumidor brasileiro. Foi justamente para atender esse desejo que passou-se a desenvolver um animal que pudesse ser diferente de qualquer outro similar, visto até então. Desse sonho, que hoje é uma realidade, surgiu a raça Mini-Horse.

A Associação Brasileira dos Criadores de Mini-Horse foi fundada em novembro de 2002. A ABCMH tem sede no Parque de Exposições Dr. Fernando Cruz Fimentel, em Avaré (SP). É gerenciada por um Conselho Administrativo, composto por criadores de diversas regiões do País, o que a torna participativa, dinâmica e com muita clareza nos seus entendimentos.

#### Ficha técnica

**Aparência:** de força e calma. Em trabalho, deve ser ágil, tranquilo e sempre sob o controle do cavaleiro. Parado, deve se manter apoiado nas quatro patas, para que sempre esteja pronto para partir em qualquer direção.

**Porte:** pequeno, equilibrado e proporcional, devendo ter no máximo 0,98 m de altura (fêmeas) e 0,93 m de altura (machos), sempre medidos na cernelha, aos 36 meses de idade ou mais.

**Temperamento:** dócil, ativo e inteligente, o que o faz ágil e ao mesmo tempo manso. Tratado adequadamente, torna-se um perfeito animal de estimação.

**Andamento:** trote harmonioso em todas as suas modalidades, de preferência o de ação reta,

progressiva, regular, firme e com reações suaves. Embora não seja o ideal, admite-se a marcha. Caso seja andadura, deve ser descartado.

**Pelagem:** admitem-se todos os tipos de pelagem e suas variedades, exceto a Albina, sendo as de cores exóticas as mais procuradas. Seu pelo deve ser sedoso, brilhante e macio.

**Finalidade:** podem ser utilizados para montaria (passeios, provas, concursos etc), para tração (trole, carrocinha, charrete etc), sendo domados a partir de 24 meses de idade ou simplesmente como animal de estimação. Para montaria, os animais com andamento suave e de estrutura leve são os mais indicados. Os com mais de 90 cm de altura podem ser aproveitados por mais tempo pelas crianças e os que possuam trote firme e com ação reta, tenham estrutura forte e boa musculatura são os ideais para tração. Potros só estão mansos após os 5/6 meses (desmama), quando devem ser acostumados ao cabresto. É bom salientar que garanhões não servem, em geral, como animais de montaria, apesar de existirem garanhões comportados e montados por cavaleiros bem jovens.

**Longevidade:** estima-se que vivam em média 24 anos, sendo que existem casos de éguas e garanhões que procriam além desta idade.

**Reprodução:** são muito precoces, pois têm vida reprodutiva a partir dos 24 meses, quando principalmente as fêmeas devem estar com boa estrutura corpórea e musculatura adequada. Geralmente, produzem um potro em cada primavera, após período de gestação de cerca de 325 dias. A égua tem leite muito rico, amamentando o filhote até os 5/6 meses de idade, época da desmama. Após o parto, a égua apresenta cio em alguns dias (cio do potro) e, regularmente, tem o seu período de fecundação a cada 21 dias. A estação de monta pode ser feita a campo ou controlada. Quando a campo, deve ser no período de setembro a março; se controlada, a qualquer época do ano.

**Saúde:** é muito difícil um Mini-Horse ficar doente. Porém, ao constatar ferimentos ou suspeitas de doenças, consulte um médico veterinário para orientação e tratamento. O Mini-Horse, em seu estado normal, tem os olhos vivos, as orelhas sempre empinadas, sua pelagem é macia, brilhante e sedosa. Tem bom apetite, demonstra curiosidade por tudo ao seu redor e sua pele é flexível. A temperatura do Mini-Horse pode variar de acordo com sua alimentação, estado físico ou idade. Porém, quando está em repouso ela deve oscilar entre 37,5°C e 38,5°C em animais adultos. Sua frequência cardíaca também pode variar: quanto mais jovem for o animal, mais

rápido será o seu batimento, sendo o normal de 34 a 40 batidas por minuto. Já sua frequência respiratória pode variar entre 10 a 14 movimentos por minuto, em animais adultos e em repouso.

**Cuidados:** limpar e aparar os cascos periodicamente, vermifugar a cada 90/120 dias todo o plantel, consultar o médico veterinário sobre as vacinas necessárias, combater os carrapatos e outros parasitas, dar banho quando preciso, escovar, se possível diariamente, fazer o tolete da crina, cauda e orelhas regularmente. Ter sempre água limpa à vontade, volumoso fresco e de boa qualidade, concentrado bem balanceado e sal mineral o ano todo. Um Mini-Horse bem cuidado dá prestígio ao seu dono, compensa todo o trabalho e as despesas de alimentação, uma vez que sua aparência é a de um animal bonito e feliz.

**Instalações:** as cocheiras podem ser construídas de tijolos, de concreto, de pedra ou de madeira, e devem ser cobertas de telha de barro, que guardam menos calor. Podem ser instalações rústicas, simples e de custo modesto; porém, funcionais e espaçosas. O piso deve ser áspero para evitar que o animal escorregue e com leve inclinação para facilitar escoamento de água, além de ser mais alto que a área externa, para facilitar a drenagem e evitar alagamento. A cocheira deve ter boa claridade e ser bem ventilada, de maneira a propiciar sempre ar fresco aos animais. Os cochos e bebedouros devem ser firmes e a altura, compatível à do animal, deve ter grade para o feno e um pequeno saibro. O piso pode ser revestido com tapete (borracha) próprio para equinos. Também pode ser forrado com capim seco ou maravalha para evitar umidade e deve ser limpo diariamente. Piquetes devem ser com gramíneas adequadas a equinos e podem variar de tamanho conforme sua finalidade: exercício, sol, pastoreio, maternidade etc. Demais instalações, como farmácia, depósito de rações, escritório, picadeira, lavador e outras benfeitorias, podem ser feitos a critério ou necessidade de cada criatório.



## PAINT HORSE

## A aposta colhe frutos

*Os associados estão colhendo os bons resultados de 12 anos de Associação Brasileira dos Criadores do Cavalo Paint, em Bauru, interior de São Paulo. O que começou tímido, como um grande ponto de interrogação, cresceu, fortaleceu-se e, hoje, é uma das maiores certezas do cenário equino brasileiro. Hoje, a ABC Paint comemora a força da raça Paint.*

No início, a grande preocupação da Associação Brasileira dos Criadores do Cavalo Paint era mostrar que a raça podia se firmar entre as que existem há muito mais tempo no mercado brasileiro. Hoje em dia, os criadores já entenderam que o Paint Horse é o único animal que reúne as características de pelagem exótica com a versatilidade nas provas. O resultado: as melhores médias em leilões e grande quantidade de competidores nas provas.

Mas, como se prova que a raça é forte e tem tudo para liderar o mercado brasileiro no futuro? A resposta é simples: pelos números. E, como diz o velho ditado: "contra fatos não há argumentos".

Mas, de onde vem o Paint Horse? Lembra-se da história do patinho feio que, por fim, se torna um cisne real? Pois bem, se você quando criança ouviu essa história vai ver que existe grande similaridade com o Paint Horse. A raça já foi descartada por muitos criadores por ser pintada. Hoje em dia, essa mesma característica dá o nome ao Paint Horse, que já é o primeiro em preço e o terceiro em criação nos Estados Unidos. No Brasil, é um dos campeões de importação e o número de associados da Associação Brasileira dos Criadores do Cavalo Paint (ABC Paint) cresce geometricamente. A projeção que a raça ganhou nos últimos cinco anos acompanha sua valoriza-

ção no mercado de equinos. O principal fato de tamanho sucesso? O próprio cavalo.

O Paint é derivado do Quarto de Milha, que também tem origem norte-americana. Ele é o resultado do cruzamento do Puro Sangue Inglês com o chamado Mustang americano, que era o cavalo nativo e selvagem dos Estados Unidos. A colonização feita pela Inglaterra levou para o país os cavalos ingleses.

Os cavalos, além da funcionalidade, também eram usados para a diversão naquela época. Nas corridas de 400 metros, o filho do cruzamento do cavalo inglês com o nativo americano era o melhor. Por isso, ele ganhou o nome de Quarto de Milha. Com a muscu-



larura do Mustang e o sangue do PSI, o QM ganhou os Estados Unidos, indo para o mercado e gerando os mais diversos cruzamentos. Por sua vez, acompanhando as regras do *trial-horse* do PSI, o QM passou a discriminar o cavalo com manchas, classificado como 'Artigo 53'. Essa regra desprezava animais que tivessem qualquer mancha branca acima de 5 centímetros quadrados no corpo, acima do joelho do animal ou entre o canto da orelha e o canto da boca. Eles, então, não podiam reproduzir e eram expurgados da raça. Sim, uma das raças mais valorizadas do planeta já teve seus dias de 'patinho feio'.

Segundo estimativas da American Paint Horse Association, cerca de 20% dos cruzamentos de QM resultam em um cavalo pintado, o que significa universo aproximado de mais de 300 mil animais Paint só nos Estados Unidos.

**Volta por cima** - Demorou muito tempo, mas no início da década de 60 os norte-americanos notaram que tinham em mãos um cavalo extremamente versátil, dócil e com a vantagem da pelagem. Ou seja, em outras palavras, um 'Quarto de Milha exótico'. Iniciava, assim, a época do Paint Horse começar a ser encarado como negócio viável.

Em 1962, foi fundada a American Paint Horse Association, que reúne aproximadamente mais de 50 mil criadores. Nestes 45 anos de fundação, a APHA desenvolveu sistema moderno de seleção genética, que permitiu rápido crescimento da raça e, o que é melhor, com alto grau de refinamento.

Assim como nos Estados Unidos, a aceitação no Brasil não foi fácil. Quando os primeiros Paint desembarcaram no País, há mais ou menos 15 anos, eles eram encarados mais como *hobby*, algo bonito para estar no haras do que como raça que gera negócios, propriamente dita.

Os primeiros importadores estavam em Brasília, onde fundaram a associação, e outros poucos espalhados pelo País. Um deles era o atual presidente da entidade, Orlando Lamônica Júnior, que, após visita à American Paint Horse, vislumbrou o mesmo sucesso do cavalo aqui no Brasil.

O grande problema era a distância. Brasília está afastada dos grandes centros criadores de equinos e não despertaria a atenção dos proprietários de outras raças pelo Paint Horse. A solução foi mudar a sede e reinaugurá-la em Bauri, interior de São Paulo, em 1995.

Solucionado o problema do local, veio o principal desafio. Como tornar uma raça nacional e viável economicamente com apenas algumas dezenas de cavalos no País? A solução foi deixar que a própria raça mostrasse

sua força. Em outras palavras, divulgar o potencial do Paint Horse.

Para tanto, foi realizado em 1995, em Bauri, no mês de novembro, o I Campeonato Nacional de Conformação. A pista mostrava a realidade da raça: apenas 12 cavalos. A partir de então, a associação passou a participar de exposições e feiras em diversas partes do País. Promoveu também dois rodeios, em 1996, visando popularizar o nome Paint Horse.

Com essa movimentação, os criadores de outras raças começaram a perder o preconceito contra a raça. Muitos achavam o cavalo apenas bonito, mas com pouca ou nenhuma função. Com a exploração das qualidades do Paint, o crescimento foi geométrico.

Essas qualidades são: combinação única de versatilidade, onde se destaca em quase todas as provas funcionais existentes; docilidade, característica fundamental para esportes como cavalgada e *hobby* familiar; e, o seu principal diferencial, a pelagem exótica. A cor do pelo e o padrão fazem do Paint Horse um cavalo único, valorizando qualquer haras. Cada Paint tem combinação particular de branco em qualquer outra cor dos equinos. As manchas podem ser de qualquer forma ou tamanho e podem ser localizadas virtualmente em qualquer lugar do corpo do animal. Essas características, funcionais e de beleza, fazem do cavalo pintado um investimento seguro e certo no mercado.

Uma das provas do crescimento e aceitação do Paint Horse está na quantidade de registros anuais de animais. Além disso, em 2000, após sistema progressivo, o Livro e o Registro foram fechados, afinando cada vez mais a quantidade de animais puros. Anualmente, de todo o plantel, 99,4% são puros e apenas 0,6% são mestiços. Assim, o criador que deseja iniciar o plantel já tem em mente que compensa ter animais puros e selecionados.

**Crescimento nacional** - A distribuição do Paint em todo o País continua firme. No início, havia Paint apenas em São Paulo, no Distrito Federal e no Paraná. Hoje, todos os Estados brasileiros contam com criatórios da raça. A divisão geográfica está assim: São Paulo lidera com 46% do mercado nacional; seguido do Paraná, com 8,4%. O Distrito Federal detém 7,9% dos animais; logo após vêm Minas Gerais, com 4,9%, e Mato Grosso do Sul com 3,9%. Na mesma situação está Goiás, também com 3,9%. Os demais Estados aglomeram 25% dos animais Paint.

A tendência é cada vez esse número dissipar mais para as outras capitais. Porém, a expectativa da ABC Paint é de longo prazo, uma vez que mesmo nos Estados onde existe

grande concentração de animais, percebe-se, ainda, grande espaço para crescimento.

**Importação e exportação** - Outro indicativo da força da raça Paint está nos números de importação. Os investimentos feitos por criadores brasileiros para trazer animais de ponta do criatório norte-americano provam que a raça está muito bem. Entre todas as raças equínas, a Paint é a que mais importa. Sendo que essa posição de liderança vem sendo mantida há anos.

Por sua vez, não devemos olhar apenas para os números. A qualidade dos animais importados é que salta aos olhos. Não vamos elencar os animais para não cometer injustiça, mas se pode dizer que, hoje, o País possui uma das melhores genéticas do mundo. É claro que não estamos falando da opinião de todos os juizes e membros da American Paint Horse Association que já estiveram no Brasil.

Até bem pouco tempo atrás, a grande maioria dos destuaques que desembarcavam no Brasil era animais de confirmação. Hoje, a tendência mudou. A grande maioria é de animais de trabalho, resultando em rápido crescimento na qualidade das nossas provas funcionais.

Esse investimento brasileiro também já dá frutos. Vários animais já foram exportados para os países do Mercosul e até para a África.

**ABC Paint** - A sede da Associação Brasileira dos Criadores do Cavalo Paint está localizada em Bauri, interior de São Paulo. Instalada em terreno com mais de 500 metros quadrados, a sede é uma das mais bonitas e funcionais do mundo equino brasileiro.

Bauri é considerada a cidade ideal para a localização da sede nacional da ABC Paint. Ela está localizada em uma das principais regiões de cavalos Paint e Quarto de Milha do País e possui um dos mais completos parques de exposições e provas do Brasil. Os destaques ficam por conta das pistas e das mais de 300 haças de alvenaria. Detalhe: o parque localiza-se ao lado da sede da Paint Horse.

## PAMPA

# Cavalo para serviço, lazer e esporte

*A Associação Brasileira dos Criadores do Cavalo Pampa (ABCPAMPA) foi fundada em 2 de maio de 1993, pelo estudioso criador de cavalos Márcio de Andrade e colaboradores. À exceção da raça Piquira, em todas as outras raças nacionais a pelagem pampa vinha sendo sistemática e deliberadamente discriminada nas exposições.*

Era injustiça e contra-senso, pois a beleza dessa pelagem sempre foi de gosto universal, em todas as épocas, sendo que nos Estados Unidos já coexistiam três associações de cavalos pampas: Pinto, a mais antiga; Paint Horse, a de maior crescimento na época e a mais nova delas; e a de Pampas de sela, denominada Sportel Saddle Horse Association.

Como o Paint Horse havia sido introduzido no Brasil, corria-se o risco de se perder significativo número de éguas pampas, que poderiam ser aproveitadas como éguas-base pelo registro genealógico daquela entidade. Outro fator relevante foi a criação de três outras associações norte-americanas com base na pelagem: Appalóosa, Palomino e Albino. Toda esta conjuntura sinalizava positivamente para a fundação da ABCPAMPA.

**Dificuldades iniciais** – Dentre as dificuldades iniciais que antecederam a fundação da ABCPAMPA, vale a pena citar a necessidade de definição técnica elucidativa da variedade de pelagens pampas de ocorrência nas raças brasileiras. Além do mais, predominavam diversas terminologias regionais. A fixação da pelagem não seria problema devido à dominância genética da pelagem pampa padrão. Outra dúvida foi em relação ao andamento. Aceitar somente a marcha em suas variedades ou o trote convencional também?

Para acomodar essa situação, foram criados inicialmente dois padrões raciais, conhecidos como Pampa SL (Serviço e Lazer) e Pampa SE (Serviço e Esporte). O primeiro com ideal de marcha bem definido – a legítima 'marcha de centro', e o segundo, podendo aceitar a marcha trotada ou o trote convencional.

**Características** – Na raça Pampa, a condição de controle genealógico é exercida pela ABCPAMPA. A condição de características

funcionais em comum é trilhada pelas várias provas oficiais obrigatórias em todas as exposições. A característica ou características morfológicas são buscadas pela referência do padrão oficial que norteia os criadores e são marcadas, entre outras coisas, principalmente pelas malhas ou manchas brancas de pelagem conjugada de todos. A razoável fixidez na herdabilidade da ou das características em comum é representada pelo nascimento de 75%, ou mais, de crias com a pelagem pampa. A ABCPAMPA não registra animais descendentes do Quarto de Milha, a fim de não descaracterizar o tipo morfológico do Pampa nacional.

**Origem** – No Brasil, não há registro de data precisa da primeira introdução de animais Pampas, mas se acredita que a pelagem

foi introduzida por meio de poucos cavalos de origem berbere, trazidos pelos colonizadores portugueses e, principalmente, pelos cavalos holandeses, quando da invasão de Pernambuco. Com estas raças, também foi introduzido no Brasil um tipo de andamento naturalmente marchado, razão pela qual o Pampa brasileiro apresenta, além de suas belíssimas variedades de pelagem, outro relevante fator diferencial de mercado: a marcha. Esta característica funcional qualifica o cavalo Pampa nacional como um equino ideal para o lazer – passeios, turismo equestre, cavalgadas, enduros de regularidade. No mercado internacional, um Pampa marchador é uma 'jóia' de inestimável valor e raridade.

A origem do nome pampa vem de meados do século XIX, quando o Brigadeiro Rafael Tobias de Aguiar, após campanha na revolta da província de Sorocaba, interior de São Paulo, marchou com o seu exército para o Rio Grande do Sul, onde aderiu à Revolta dos Farrapos. A maioria dos soldados montava cavalos Pampas, inicialmente conhecidos no Sul como Tobiasianos. Quando do retorno a São Paulo, esses cavalos passaram a ser gradualmente conhecidos no resto do País como os cavalos dos 'pampas'.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DOS CRIADORES DO CAVALO PAMPA (ABCPAMPA)



## PANTANEIRO

# O cavalo do paraíso ecológico

*Traçar o histórico da raça Pantaneira equivale a narrar a história do homem não apenas no Pantanal, mas em todo o Estado de Mato Grosso. Juntos, o homem, o Pantanal e próprio cavalo Pantaneiro, formaram um elo fundamental à denominação, ao desenvolvimento e à formação da raça.*

Antes da fundação da Associação Brasileira de Criadores de Cavalo Pantaneiro (ABCCP), esse cavalo era conhecido também pelos nomes de Poconeano (do Poconé), Mimosano (dos campos de capim Mimoso) e Bahiano (da campina Bahia), segundo a região do Mato Grosso onde viviam.

No fundo, representavam a mesma raça, adaptada ao longo de quase quatro séculos a ambiente de grandes variações de temperatura e umidade e sobrevivendo em terrenos alagadiços e pantanosos, dos quais, aliás, provém seu nome oficial (Beck, 1985).

Definir a região que se consagrou chamar de Pantanal é assunto complexo e extenso, fugindo em parte do objetivo desta matéria. Contudo, podemos afirmar que apesar dos percalços enfrentados pela crise econômica que abate a região, devido às grandes enchentes, custos da produção, diminuição das áreas de pastagens, o Pantanal é, sem dúvida, o maior paraíso ecológico do mundo!

Existem diversas hipóteses quanto à chegada do cavalo Pantaneiro à região. Segundo Estevão Corrêa Filho, derivou-se do Crioulo argentino, trazido por Pedro Mendonça, entre

1537 e 1541. Cavalcante Proença diz que sua entrada se deu pela expedição de 'Cabeça de Vaca', em 1543. Por fim, diz-se também que tudo começou com a descoberta do ouro em Mato Grosso, em 1717, pelos Bandeirantes, mudando o curso da história completamente. Originaram-se vilarejos e cidades como Livramento, Poconé, Cáceres, Santo Antônio de Leverger e Barão de Melgaço, constituídas oficialmente em 1781 (Almeida e Lima, 1959).

Quando desbravaram o interior do Centro-Oeste, os Bandeirantes foram confrontados pelos espanhóis e índios (Almeida e Lima, 1959). Esses exploradores foram muitas vezes forçados a ser bravos e selvagens com os índios, especialmente com três tribos: Guaiçupó, Paiguá e Guaicuru.

Os Guaicurus, também conhecidos com índios cavaleiros, moravam na margem do rio Paraguai e, tendo aprendido a domesticar os cavalos com os espanhóis, começaram a usá-los com incomparável habilidade. Segundo Goulart (1964), foram grandes disseminadores dos animais na região.

O primeiro estudo sobre a raça Pantaneira foi realizado por Otávio Domingos, em abril de 1957, quando publicou trabalho com o título 'Contribuição ao Estudo do Cavalo Pantaneiro', estudou a população equina do Pantanal e, juntamente, com os criadores de Poconé, estabeleceu padrão provisório da raça. Concluíram, também, que havia necessidade da implantação de projeto para a compra e a criação de um lote de 100 equinos Pantaneiros, entre eles 92 fêmeas e 8 machos, visando a preservação e o melhoramento zootécnico da raça. Surgiu, assim, a Associação Brasileira de Criadores de Cavalo Pantaneiro (ABCCP). No dia 29 de abril de 1972, foi eleito por aclamação a 1ª Diretoria da ABCCP.

Em julho de 1972, na cidade de Campo Grande (MS), durante a VII Exposição Nacional de Equídeos e Concursos diversos, registraram-se os primeiros animais da raça. O primeiro garanhão foi Rei do Paiol, de propriedade de Joaquim da Cunha Fontes. O segundo garanhão registrado foi Segredo do São Gonçalo, de Guilherme de Arruda. O terceiro foi o animal Perilampo do São Rafael, de Luís Carlos e Fernando C. R. A. As primeiras fêmeas foram Mulata de Ponce de Arruda, Gaúcha de Ponce de Arruda e Marreca de Ponce de Arruda.

A constante pressão dos inimigos naturais, como a onça pintada, deu ao cavalo Pantaneiro um instinto certamente mais apurado que o de outras raças (Beck, 1985).

O cavalo Pantaneiro é um animal de ses-



viço por excelência e com finalidades definidas, como trabalho, esporte e lazer, sendo de porte médio, ossatura resistente, com linhas harmoniosas, pele e pêlos finos, temperamento ativo e musculatura bem distribuída.

É um cavalo rústico, dócil, cômodo, funcional, bem proporcionado e, devido à sua adaptação na maior área alagável do mundo, é insubstituível em relação a qualquer outra raça.

A altura mínima para fêmeas é de 1,35 m e, para machos, de 1,40 m, sendo o preferencial de 1,40 m (fêmeas) e 1,45 m (machos).

A cabeça deve ter tamanho médio, proporcional ao pescoço, de perfil retilíneo ao ligeiramente convexo na região do chanfro, olhos médios e vivos, expressivos e com pálpebras finas. As orelhas com tamanho proporcional, bem implantadas e móveis.

O pescoço deve ser de comprimento médio, harmoniosamente ligado à cabeça, oblíquo e de bordos retilíneos. Tronco longo, sendo o comprimento maior que duas vezes e meia o comprimento da cabeça, de seção transversal a elíptica ao nível da cernelha ou cilhadosouro.

A garupa bem ligada ao lombo, de horizontal a suavemente inclinada de comprimento médio, e cauda com inserção mediana,

bem implantada, com sabugo curto e firme, com crinas secas e sedosas, mantendo-se de preferência retesada quando em movimento. Com relação à pelagem, o padrão exclui apenas a Albina.

O seu valor genético é notável ao longo dos anos e a raça vem se desenvolvendo cada vez mais, o que fez com que, atualmente, fosse reconhecido como excelente animal para competições, pela participação em provas de laço, enduro, cavalgadas tradicionais, como as que ocorrem em Poconé (MT) e também em Campo Grande (MS); e a brilhante participação, em 2006, de Jacaguay da Vaz Castelo, de propriedade de Fernando César Bacchi de Araújo, da Fazenda São Bento da Marajóvára (MS). Jacaguay disputou com diversas raças a prova nacional de rédeas, sendo o Grande Campeão Nacional na prova aberta Light.

Vale ressaltar com ênfase a enorme contribuição e o constante zelo do médico veterinário Joaquim Augusto da Silva com a raça do cavalo Pantaneiro, que diariamente enfrenta e ainda enfrenta imenso leque de dificuldades e necessidades, as quais só um homem com força de vontade, amor ao trabalho e garra para vencer poderia transpô-las. Temho certeza que dele partiu o melhor fomento, preser-

vação e melhoria da raça.

É importante reconhecer a importância do cavalo Pantaneiro, chamado, hoje, de 'Guardião do Pantanal'. Entre outras singularidades, que fazem dele um animal único, dispensa instalações caras, alimenta-se de vegetação nativa e pastagens naturais, faz todos os tipos de serviço, além de, como todo animal de raça reconhecida e registrada, conta com toda estrutura de apoio dispensada pela ABCCP. A entidade é, hoje, presidida pelo também criador e apaixonado pela raça, Gilson Gonçalo de Arruda.

Todas essas evidências me fazem concordar com Almir Ribeiro de Moraes, grande criador e selecionador da região de Marajó, que assim se expressou: "O futuro não me pertence, mas, se assim o fosse, eu jamais deixaria que se cruzasse raça alguma com esta maravilha rústica que é o Pantaneiro, o cavalo ideal para as lidas do campo".

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRIADORES DE CAVALO PANTANEIRO (ABCCP)



## PIQUIRA

# Ideal para pequenas propriedades

*O cavalo Piquira tem origem no Sul do Estado de Minas Gerais, região do Campo das Vertentes, e no Triângulo Mineiro, espalhando-se por Goiás, Bahia e demais Estados do Nordeste. Hoje em dia, está difundido em todo o Brasil.*

O Piquira era criado sem diretrizes uniformes, até que em 1970 foi constituída, em Belo Horizonte, a Associação Brasileira dos Criadores de Cavalo Piquira e Pônei, que, a partir de 1978, passou a denominar-se Associação Brasileira dos Criadores de Cavalo Pônei. A raça Piquira foi formada a partir de cruzamento de várias naturezas, assim relacionadas:

Miscigenação das raças eqüinas introduzidas durante a colonização do Brasil, com raças nativas de pequeno porte;

Produtos que seleção da raça Pônei Brasileiro modificaram a morfologia, o porte e a dinâmica de locomoção;

Grupos de indivíduos que sofreram pro-

cesso de atrofia por consangüinidade estreita, alimentação, clima e outros fatores

- Produtos oriundos de evolução natural, que, por circunstâncias de clima, alimentação e seleção funcional, chegaram a um tipo que consideramos ideal à composição desta raça. Não possuem origem exclusiva de regiões áridas do sertão, como querem alguns, quando os chamam, impropriamente, de 'caatingueiros'. Esses espécimes foram identificados em regiões diversas e com padrões bastante próximos.

O Piquira é um cavalo tipo sela que se iguala em qualidade às tradicionais raças, que se locomovem em triplice apoio, sendo o menor marchador geneticamente selecionado. Também é indicado para a iniciação de

crianças na equitação, podendo também ser montado por adultos e usado na tração leve. Versátil, o Piquira pode ser utilizado em todas as modalidades, típicas, como o salto, provas funcionais, cavalgadas e concursos de marcha. Pelo seu pequeno porte, grande rusticidade e resistência ao esforço físico, docilidade, fácil manejo e, sobretudo por ser marchador, o Piquira é o preferido na lida da fazenda, trabalhando com rapidez e agilidade em ladeiras, trilhas de gado, cerrados e capoeiras.

Muito conhecido como 'cavalo da porta', para qualquer eventualidade, sempre disposto e paciente, o Piquira transporta o seu cavaleiro com segurança, mesmo nos terrenos mais pedregosos, íngremes ou escorregadios. É um cavalo eumétrico, ágil, de bom temperamento, dócil, com proporções equilibradas entre a altura da cernelha e o comprimento do corpo, ativo e de frente leve, com angulações dos membros que favoreçam a boa liberdade de movimentos ao passo, em marcha e ao galope.

Hoje, já com o padrão racial aperfeiçoado, sua altura não pode ultrapassar 1,30 m para machos e 1,28 m para fêmeas, sendo a estatura ideal 1,22 m (machos) e 1,20 m (fêmeas). Esse pequenino cavalo exibe aparência leve, linhas harmoniosas, estrutura e musculatura proporcionais, ossatura seca e proporcional, pele fina, pêlos finos e sedosos. O seu temperamento é ativo e dócil. Possui cabeça de forma triangular, com orelhas pequenas, móveis, paralelas, bem implantadas e dirigi-

NATIVA DO PEQUIRA



das para o alto. Frente larga e plana. Perfil retilíneo, admitindo-se o ligeiramente concavilíneo ou convexilíneo. Ganachas definidas e afastadas. Olhos afastados, vivos e expressivos, com pálpebras finas. Narinas amplas e flexíveis. Seu pescoço tem forma piramidal, com inserção harmoniosa no tronco, no terço superior do peito com crinas farras e sedosas. Cernelha bem definida, longa, musculosa, proporcionando boa direção à borda dorsal do pescoço. Peno de musculatura proporcional, profunda, amplo e não saliente. Costelas longas, arqueadas, proporcionando boa amplitude e profundidade torácicas equivalendo à distância do esterno ao solo. Dorso de comprimento médio, reto, bem ligado e com boa cobertura muscular. Lombo curto, reto, largo e com boa cobertura muscular e bem ligado ao dorso e à garupa. Ancas afastadas, simétricas e musculadas. Garupa de altura igual ou inferior à da cernelha; longa, com musculatura proporcional, ligada harmoniosamente ao lombo e suavemente inclinada. Cauda de inserção média, bem implantada, com cerdas finas e sedosas. Órgãos genitais de aparência perfeita. Espáduas longas, oblíquas, definidas, largas e musculadas. Braços médios, oblíquos, musculosos e bem articulados. Antebraços longos, com direção vertical e de musculatura bem definida. Joelhos largos, retos e secos, bem articulados e na mesma direção do antebraço. Coxas musculosas e bem inseridas. Pernas fortes, longas, apertadas, bem arti-

culadas e com musculatura definida. Jarretes secos, firmes, lisos, bem articulados e apertados. Canelas retas, secas, curtas, verticais, com tendões fortes e bem delineados. Boletos arredondados, definidos e bem articulados. Quartelas médias, oblíquas e fortes. Cascos arredondadas, sólidos, íntegros, sola côncava e rianilha elástica. Seu andamento compreende a marcha batida ou picada, bem articulada e cômoda, equilibrada, de bom rendimento, regular e com bom estilo. Admitem-se todas as pragas e suas variações.

#### Desclassificações

**Pele:** albinóide (gázeo)

**Olhos:** deficiência de pigmentação da íris (albinóide)

**Temperamento:** vícios e taras consideradas graves e transmissíveis

**Orelhas:** mal implantadas (acabanadas)

**Perfil:** convexilíneo ou concavilíneo

**Boca:** relaxamento das comissuras labiais (belfo), arcadas dentárias assimétricas – prognatismo superior: acima de 1/3 mesa dentária; prognatismo inferior: em qualquer grau

**Pescoço:** curvado ou excessivamente rodado

**Dorso-lombo:** concavilíneo (lundose ou selado); convexilíneo (cifose ou dorso de carpa); desvio lateral da coluna vertebral (escoliose)

**Garupa:** de altura superior à da cernelha, acima de 2 cm (menço)

**Membros:** taras ósseas congênicas, hereditárias e defeitos graves de aprumos

**Sistema genital:** criptoquidismo uni ou bilateral (runcolho); anorquidismo (ausência dos testículos); assimetria acentuada dos testículos; anomalias congênicas do sistema genital das fêmeas

#### Andamento: trote

É o cavalo ideal para pequenas propriedades por ser menor, ocupar menos espaço e consumir menos alimentos. O cavalo Piquira é, no Brasil, o cavalo da garotada. Não há montaria que se iguale a essa destinação imitar de iniciar, hoje, os cavaleiros do atronhã e despertar vocações para o campo, pois o Piquira é o único cancel que reúne extrema facilidade de condução, aliada à marcha cômoda, com rara beleza e com aquela proporcionalidade que deve existir entre o porte do cavaleiro mirim e o de sua montaria.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DOS CRIADORES DE CAVALO PÔNEI



BEIJA-FLOR DO PEQUIRA

## PÔNEI BRASILEIRO

### Força e resistência

*Antigamente, o uso da tração animal era indispensável ao homem. O serviço de extração mineral nas grutas exigia cavalos fortes, porém bem pequenos e que suportassem pesadas cargas pelos longos, íngremes e estreitos túneis das minas. Com estes atributos básicos foram selecionados os primeiros pôneis da raça Pônei Brasileiro.*

Os pôneis da raça Pônei Brasileiro descendem dos Shetland, da Escócia, dos Falabella, da Argentina, além de alguma influência de animais oriundos do Paraguai e do Uruguai.

Hoje, já com o padrão racial aperfeiçoado, sua altura não pode ultrapassar 100 cm (machos) e 110 cm (fêmeas), sendo a estatura ideal 0,90 m. Este pequenino cavalo exibe formas lapidadas, como convém a todo equino de dupla aptidão – sela e tração leve. Possui cabeça de forma triangular com orelhas pequenas e bem implantadas, olhos vivos e expressivos, narinas delicadas, abertas e flexíveis. Seu pescoço sem comprimento e musculatura proporcionais com crinas fartas e sedosas. Tronco forte e compacto, com dorso-lombo curto, reto e forte, garupa bem musculada, de forma arredondada e harmoniosamente ligada ao lombo. Membros pro-

porcionais, fortes e bem apurados. Admite todas as pelagens e suas variações.

O Pônei Brasileiro é um cavalo destinado à iniciação das crianças na equitação, podendo ser usado também em tração leve. É um equino eumétrico, ágil, de bom temperamento para o serviço, dócil, com proporção equilibrada entre a altura da cernelha e o comprimento do corpo. Frente alta e leve, bem apurado e com angulações de membros que favoreçam a boa liberdade de movimentos ao passo, ao trote e ao galope.

#### Desclassificações

**Pele:** albinóide (gázeo)

**Olhos:** deficiência de pigmentação da íris (albinoidismo)

**Temperamento:** vícios e taras consideradas graves e transmissíveis

**Orelhas:** mal implantadas (acabanadas)

**Perfil:** convexilíneo

**Boca:** relaxamento das comissuras labiais (belfô); arcadas dentárias assimétricas – prognatismo superior; acima de  $\frac{1}{2}$  mesa dentária; prognatismo inferior; em qualquer grau

**Pescoço:** cangado ou invertido

**Dorso-lombo:** concavilíneo (lordose ou selado); convexilíneo (cifose ou dorso de carpa); desvio lateral da coluna vertebral (escoliose)

**Garupa:** de altura superior à da cernelha, acima de 2 cm (menso)

**Membros:** taras ósseas congênitas, hereditárias e defeitos graves de aprumos

**Sistema genital:** criptoquidismo – uni ou bilateral (roncolho); anorquidismo (ausência dos testículos); assimetria acentuada dos testículos; anomalias congênitas do sistema genital das fêmeas;

**Andamento:** andadura

ORLIDE DOS COQUEINOS



## PURO SANGUE INGLÊS

# Puro por natureza

*A raça Puro Sangue Inglês (Puro Sangue de Corrida) foi formada ou estabelecida na Inglaterra, por volta de 1730, durante o reinado de Charles II. Tive como base alguns garanhões Árabe ou Berberisco, destacando-se entre eles Darley Arabian, Birley Turk e Godolphin Barb, que foram cruzados com éguas nativas das Ilhas Britânicas, já impregnadas de sangue árabe como resultado da entrada de animais dessas raças, vindos em invasões anteriores.*

Foram fundamentalmente importantes 30 éguas denominadas Royal Blood Mares, selecionadas meticulosamente e pertencentes, como diz o seu nome, ao Haras Real. Sem dúvida alguma, o meticuloso espírito inglês foi fundamental na anotação e na observação dos primeiros animais produzidos e, graças a isso, foi efetuada rigorosa e objetiva seleção nos primórdios da raça. Remonta ao ano 1704 os primeiros produtos registrados e constantes do *stud-book* inglês (*General Stud-book*).

Foi esta raça selecionada evidentemente com o objetivo de disputar corridas que eram, naquela época, de longa distância, se comparadas às atuais. A rigorosa seleção, anteriormente

citada, e a ginástica funcional, naturalmente advinda das competições e das preparações, fizeram do Puro Sangue Inglês um animal extremamente bem desenvolvido no sentido de poderosa estrutura óssea e muscular, aliadas à grande agilidade e saúde geral.

Fixando-se durante cerca de 270 anos essas características com objetivos fundamentalmente funcionais, é, hoje, o PSI um animal de características absolutamente definidas, podendo ser considerado zootecnicamente como raça pura.

Mercê de suas qualidades de destreza e vigor, de sua perfeição física e de grande precocidade, tem o Puro Sangue Inglês desempenha-

do em todo o mundo o papel de melhorador de raças fisicamente inferiores, produzindo excelentes mestiços para esporte, tração leve e, em determinada época, excelente cavalos para fins militares, inclusive combate.

Para ser aceito como puro, o PSI deve apresentar oito gerações de animais puros registrados em *stud-book* oficiais.

O registro, o pedigree e o certificado de origem, emitido por *stud-book* são documentos aceitáveis e reconhecidos em todo o mundo, o que dá a esta raça a condição de pureza e reconhecimento universal.

Origens da raça – As origens do cavalo PSI perdem-se nos tempos, quando as corri-

COMANDANTE XARÁ



das constituíam-se em divertimento dos senhores de terra (*land lords*), cujas atividades em suas fazendas isoladas não lhes permitiam maiores perspectivas de passar os domingos e feriados de maneira mais alegre. Essas corridas tiveram importância tal que o rei Henrique VIII as oficializou e criou lei especiais de proteção aos eqüinos.

Cada um dos milhões de cavalos Puro Sangue Inglês, espalhados pelo mundo hoje em dia, deve suas origens a um grupo relativamente pequeno de criadores britânicos. É impossível afirmar com exatidão quando o Puro Sangue Inglês desenvolveu-se, mas sabe-se que, entre 1600 e 1750, reprodutores orientais, árabes, berberes e turcos foram importados com o propósito de incrementar a velocidade dos cavalos utilizados para o popular esporte das corridas, sendo que três ganhões tornaram-se famosos por sua contribuição na formação da raça: Darley Arabian, Godolphin Barb e Byerley Turk. Eles, incorporados à reprodução em diferentes épocas, mediante intensa consanguinidade, produziram o moderno cavalo Puro Sangue Inglês, chegando-se aos seus descendentes: Eclipse (ramo de Darley Arabian), Matchem (ramo de Godolphin Arabian) e Herod (ramo de Byerley Turk), cuja atuação na criação constituiu-se no ponto de partida básico da raça.

O primeiro a chegar foi o turco Byerley, nascido em 1680, e deve seu nome a seu proprietário, um tal Coronel Byerley, que o havia aerebatado aos turcos durante batalha de Buda (Hungria). Ao longo de vários anos, serviu-se daquele animal como seu cavalo de guerra e, mais tarde, quando se retirou da vida militar, em 1690, o destinou à reprodução.

Os potros nascidos diretamente de Byerley alcançaram pouco renome, mas um bisneto seria o cavalo King Herod, ou simplesmente Herod, de imenso valor, nascido em 1758, criado pelo Duque de Cumberland, terceiro filho do rei Georges II, importante criador de cavalos em Newmarket e Hanover.

Darley Arabian nasceu em Aleppo (Síria) em 1700 e foi importado no reinado de Ana (1702-1714), tendo sido adquirido por um irmão de John Brewer Darley e foi para a Inglaterra, onde serviu éguas de pouco valor. Entretanto, Darley Arabian, na sua primeira geração de descendentes, produziu, em 1715, Flying Childers, o primeiro grande cavalo de corridas na plena acepção do termo, invicto em suas atuações, e por meio do irmão deste último, Bartler's Childers, converteu-se no tataravô de Eclipse, possivelmente o cavalo de corrida mais famoso de todos os tempos.

A origem do terceiro ganhão fundador

do cavalo Puro Sangue Inglês, o árabe/berbere Godolphin Barb é, ainda, mais obscura que a dos outros dois anteriores e há diferentes versões sobre sua origem. Uma delas é que o seu nome era Shami, nascido por volta de 1724 e que integrava um lote de oito cavalos que o Bey de Tunis obsequiou a Luís XIV da França, em 1731. Quando já contava cinco anos, foi levado da França para a Inglaterra, onde, segundo afirma o seu importador, Edward Coke, o descobriu puxando carroça de areia e água pelas ruas de Paris. Outra história da sua origem dá conta de que teria sido roubado e levado para a Inglaterra, sendo alojado na mesma área de Land Godolphin. Hogoólin recusou-se fazer a monta na égua Roxana, que havia sido recentemente adquirida pelo haras e, para não perder a oportunidade, foi então destinada a Shami. Deste serviço, nasceu Lath (1733), um dos melhores cavalos do seu tempo. A terceira versão é de que teria sido comprado por Mr. Coke, que o deu a Roger Williams, dono da cafeteria St. James. Coke o teria comprado por três libras de um carroceiro em Paris. Williams o presenteou, então, a Lord Godolphin, e passou a servir no seu haras, vindo a morrer neste estabelecimento em 1753.

Guilherme E. Hermsdorff, em seu livro *Eqüídeos*, cita pesquisas realizadas pelo australiano Bruce Love em que o pesquisador considera que a genealogia do Puro Sangue Inglês tem por base 50 éguas que formam outras tantas famílias distintas, donde teriam se originado todos os cavalos de corrida, dos quais não se encontra um deles que não tenha em suas veias uma certa dose de sangue daqueles três ganhões, fundadores da raça.

Os produtos destes cruzamentos eram significativamente bem menores que a vasta maioria de animais Puro Sangue Inglês de hoje. O grande Eclipse, descendente macho da quinta geração de Darley Arabian, nascido em 5 de abril de 1764, no dia de eclipse solar, daí o seu nome. Criado pelo Duque de Cumberland, William Augustus (Cranborne Lodge Stud), foi considerado a estrela do Puro Sangue Inglês. Era filho de Marske e Spileta, excepcionalmente alto, com 1,68 m, talvez o mais notável cavalo de corridas da história. Eclipse começou a correr em 1769, com cinco anos de idade, ganhou 11 King's Plates, provas que se corriam em etapas de 6.400 m, e os jóqueis iam com 76 kg. Eclipse foi invencível, ganhando as 26 corridas que disputou, sem nunca ter sido chicoteado ou incitado durante as disputas.

Uma das mais célebres frases dos anais das pistas de corridas britânicas: "Primeiro

Eclipse, depois nenhum outro", foi criada pelo seu proprietário, um irlandês de fama duvidosa, chamado Dennis O'Kelly, quando lhe pediam previsões sobre o resultado de sua primeira carreira. Naqueles dias, um cavalo derrotado por 220 m não se classificava oficialmente e quando Eclipse ultrapassou seus rivais no primeiro quarto de distância, o temerário pronunciamento de O'Kelly revelou-se acertado. Eclipse possuía na anca uma mancha escura que transmitia aos seus descendentes e, cogita-se que, hoje em dia, cavalos alazões com manchas escuras na pelagem sejam da linhagem de Eclipse. Uma cólica foi a causa da morte de Eclipse, em 1789.

No decorrer do tempo, o cavalo Puro Sangue Inglês espalhou-se pelo mundo e, por via de consequência, foram criados *stud-books* em vários países.

Na América do Norte, desprovida de eqüinos até a chegada dos colonos europeus, as corridas datam dos primeiros tempos coloniais, quando eram praticadas em vastas pistas de um quarto de milha, abertas em plena mata, e desfrutaram de breve popularidade. Após a independência dos Estados Unidos, muitos cavalos foram importados, entre eles Bull Rock (Darley Arabian), considerado o primeiro PSI importado da Grã-Bretanha, em 1730, com 21 anos de idade, por Samuel Gist. Por volta de 1750, houve a importação de 338 cavalos Puro Sangue Inglês, destacando-se os nomes de Monkey, Janus e Fearnought.

Outras importações foram feitas e os haras espalharam-se pelo continente norte-americano. Vários cavalos PSI destacaram-se naquele país.

Merece citação especial o cavalo Man O'War, que venceu 20 das 21 corridas de que participou. Sua última corrida foi em 1920. Posteriormente, tornou-se atração turística como ganhão, tendo sido eleito o 'Cavalo do Século' pelos norte-americanos. Outro destaque foi Count Fleet, 'Tríplice Coroado' de 1943, que venceu o Belmont Stakes por 25 corpos na corrida final de sua campanha. Deve, ainda, ser citado Native Dancer, o 'Fantasma Cinza', que venceu 21 corridas das 22 que disputou e sua atuação na reprodução traduziu-se num marco da criação mundial: Kelso — único cavalo eleito 'Cavalo do Ano' por cinco vezes consecutivas, reinando de 1960 a 1964. Secretariat, 'Tríplice Coroado' foi outro cavalo de justificado renome, tendo vencido o Belmont Stakes por 31 corpos em recorde mundial, tornando-se verdadeira lenda do turf norte-americano.

A partir de sua participação em corridas por diversos países, o Puro Sangue Inglês tem dado mostras de indiscutível capacidade de

adaptação. A criação de exemplares de qualidade superior exige clima temperado e uniforme, como o que caracteriza certas regiões da Europa, América do Norte, Argentina, Austrália, Nova Zelândia, Japão, Sudeste e Sul do Brasil e, em menor escala, na África do Sul.

**PSI no Brasil** – No Brasil, segundo dados de entrada da raça, o primeiro produto importado no ventre chamado Moema, ocorreu em 1871, filio da égua Hyeroglyphic, na Fazenda do Côrrego Rico, na ainda província de Minas Gerais; e Brasil, em 1874, ambos de criação e propriedade do conselheiro José Calmon Nogueira Vale da Gama, constituindo-se no primeiro criador e importador brasileiro da raça. O primeiro PSI que veio diretamente para corridas foi Zephirus, importado da Argentina e que nasceu na Inglaterra, em 1861, e em 1864 foi exportado para a Argentina. No Brasil, foi ganhador clássico no antigo Prado Fluminense, importado também por José Calmon, que importou ainda a égua francesa Mobilise, a ganhadora do primeiro GP Jockey Club no Prado Fluminense, em 1875. O cavalo Brasil foi um corredor sem muito brilho. Seus descendentes não conseguiram atravessar duas gerações.

De 1825 a 1851, ocasionalmente no Rio de Janeiro, aconteciam corridas à moda inglesa, como se anunciava na época. A partir de 16 de julho de 1868, com a fundação do Jockey Club e a instalação do Prado Fluminense, as corridas ganharam organização e, finalmente, programação que se aproximava do modelo europeu. Ambos eram abastecidos por cavalos que vinham do Rio Grande do Sul, São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais.

O Jockey Club Brasileiro foi fundado em 16 de julho de 1868 por cidadãos interessados em corridas de cavalo, entre os quais o conde de

Herzberg, o major Suckow, Costa Ferraz e Henrique Possolo. Em 6 de março de 1885, surgiu o 'Derby Club', tendo em sua presidência Paulo de Frontin. Foi instalado em uma grande área onde, hoje, se situa o Estádio Mário Filho, o Maracanã. O Derby Club fundiu-se com o Jockey Club em 1932, tendo o seu Prado localizado no bairro da Gávea. Em 6 de agosto de 1933, foi realizado o 1º Grande Prêmio Brasil, tendo sido vencedor o cavalo Moscoró.

O Jockey Club de São Paulo foi fundado em 14 de março de 1875, com o nome de Club de Corridas Paulistano, contando com 73 sócios e capital de 9 contos e 990 mil réis. A primeira corrida aconteceu em 29 de outubro de 1876, no hipódromo da Moóca, na rua Bresser. Somente mais tarde, em 25 de janeiro de 1941, foi inaugurado o atual hipódromo da Cidade Jardim.

De um encontro que reuniu no salão do Club Paulista, na antiga rua do Rosário, ilustres representantes da sociedade paulistana da época, o nome de Rafael Aguiar Pires de Barros se sobressaiu como idealizador do Clube de Corridas Paulistano. A ata dessa reunião foi redigida por Antônio da Silva Prado, neto do Barão de Iguaçu e filho de Dona Veridiana – o futuro Conselheiro Antônio Prado. Com direito a banda de música e a presença de numeroso público, os dois cavalos inscritos na primeira corrida, Macaco e Republicano, inauguraram as raíes instaladas nas colinas da Moóca, em 29 de outubro de 1876. Republicano era o favorito, mas Macaco levou o primeiro prêmio da Província.

Atravessando diversos períodos de importância para o Estado e para o País, como a Abolição dos Escravos, a Proclamação da República e, mais tarde, as Revoluções de 24, 30 e 32, o Jockey Club sofreu algumas suspensões de suas corridas, mas, mesmo as-

sim, foi se firmando como protagonista da história da cidade de São Paulo. Foi de lá, também, que em 28 de abril de 1912 levantou vôo o aeroplano pilotado por Eida Chaves quando tentou, pela primeira vez, fazer o percurso Rio-São Paulo via aérea. Já em 1920 passou a ter a capacidade de abrigar 2.800 espectadores e, em 1923, foi criado o Grande Prêmio São Paulo, até hoje uma das disputas mais importantes do turfe brasileiro.

A atual fase do Jockey começou em dezembro 1940, com a última disputa realizada no Prado da Moóca, vencida pelo cavalo Xocoró. Em 25 de Janeiro de 1941, foi inaugurado, do outro lado da cidade, o novo e moderno hipódromo de Cidade Jardim. A sede social do clube, no entanto, sempre esteve próxima ao seu local de origem. Da rua do Rosário mudou-se para a rua São Bento, depois para a rua 15 de Novembro, Praça Antônio Prado e, finalmente, nos anos 60, para a rua Boa Vista, 280.

Hoje, o Jockey Club de São Paulo abriga cerca de 1.500 animais Puro Sangue Inglês de corrida, mais os 500 cavalos alojados nos centros de treinamento e que ajudam a formar os programas de corridas. O hipódromo conta com quatro pistas, uma de grama com 2.119 metros, e outra de areia, com 1.993 metros de volta fechada, utilizadas para corridas oficiais. Além disso, há mais duas pistas auxiliares de areia, para treinos.

**Altura:** média entre 1,62 m, sendo possível mínimo de 1,44 m e máximo de 1,75 m.

**Pelagem:** castanha, alazã ou tordilha, de preferência uniforme.

**Andadura:** trote

**Porte:** médio para grande

**Cabeça:** perfil reto ou levemente ondulado, olhos grandes, orelhas médias, narinas elípticas

**Temperamento:** corajoso, ativo e valente

**Aptidões:** corridas planas ou com obstáculos de média distância, salto, adestramento e CCE. O PSI é conhecido por ser um cavalo de corrida.

Os equinos da raça Puro Sangue de Corrida, além dos traços distintivos e particulares de sua identificação, distinguem-se ao por meio de cores de pelagens básicas a seguir enumeradas:

- 1) **Alazão:** alazão, alazão tostado ou alazão ruão
- 2) **Castanho:** castanho, castanho claro, castanho escuro ou castanho pinhão
- 3) **Preto**
- 4) **Tordilho:** tordilho, tordilho escuro, tordilho vinagre ou tordilho rosilho

ASSOCIAÇÃO DOS CRIADORES E PROPRIETÁRIOS DE CAVALO DE CORRIDA DO PARANÁ



## PURO SANGUE LUSITANO

### Versátil e funcional

*Desde tempos muito remotos, a região que compreende os territórios português e espanhol contou com a presença de um distinto e nobre cavalo, que já era considerado o mais apto para a guerra mesmo antes da Era Cristã.*

Milhares de anos depois, com a raça já bem definida e selecionada por criteriosos criadores, o Puro Sangue Lusitano começou a ser criado oficialmente no Brasil em meados da década de 1970. É evidente que houve muitos exemplares de cavalos PSL em território nacional antes dessa data. O fato é que, com a chegada de plantel tão numeroso e de tanta qualidade, a raça estava definitivamente firmada no Brasil a partir de então.

Quando o pecuarista Toni Pereira foi a Portugal e se apaixonou pelo cavalo Broquel, Puro Sangue Lusitano, a história da raça no Brasil começou a ser escrita em letras garrafais. Em 1973, Toni desembarcou com o garanhão, a fêmea Dinâmica e o potro ao pé Orjavo. Com seu entusiasmo, Toni contagiou alguns criadores, que passaram a admirar aquela, até então, não muito conhecida raça de cavalos.

Com o auge da Revolução dos Cravos, em

1974, surgiu o risco da perda de grande parte do plantel cuidadosamente selecionado em terras portuguesas. Para salvaguardar a seleção feita, Toni Pereira e outros criadores fretaram um avião e trouxeram para o Brasil lote de mais de 20 exemplares do PSL. Cortejava, aí, a criação do cavalo Puro Sangue Lusitano no Brasil.

No ano seguinte, com a fundação da Associação Brasileira de Criadores do Cavalo Puro Sangue Lusitano (ABPSL), a raça ganhou força e não parou mais de se desenvolver em nosso país.

Atualmente, o Brasil conta com mais de 10 mil cavalos Lusitanos registrados e ostenta o status de um dos maiores exportadores mundiais do animal, ajudando a raça a conquistar reconhecimento internacional. Em Portugal, berço natural da raça, também existem animais nascidos no Brasil, mas Estados Unidos e México são os maiores compradores de nossos Lusitanos.

Hoje, aproximadamente 350 criadores estão registrados na ABPSL, trabalhando pelo aprimoramento genético e manutenção do padrão racial do Puro Sangue Lusitano, preocupados em criar animais versáteis, com funcionalidade e aptidão esportiva.

Cavalos de estatura média, perfil convexo ou subconvexo, leves, porém fortes, dóceis, rústicos, extremamente inteligentes e de bom temperamento, os Lusitanos criados no Brasil têm se destacado nos esportes hípicos, especialmente no adestramento e na equitação de trabalho.

Nos últimos anos, cerca de 70% dos conjuntos nacionais inscritos em provas de adestramento são formados por cavalos PSL. Claro que, junto a esta expressiva participação nas competições, vieram excelentes resultados, indicação de que a raça pode e deve crescer ainda mais na modalidade que representa mais fortemente a equitação clássica.

Na equitação de trabalho, prova que utiliza hábitos locais da equitação na lida do campo, os cavalos Lusitanos também têm alcançado destaque especial e ajudado a modalidade a se popularizar no Brasil. No Campeonato Brasileiro de Equitação de Trabalho 2006, o Puro Sangue Lusitano venceu nada menos que sete das oito categorias disputadas.

Em 2007, o cavalo Lusitano obteve outras importantes conquistas. Com a posse do novo presidente da ABPSL, Luís Ernânio de Moraes, e o apoio de criadores e associados em ver a raça com maior destaque nos cenários hípicos nacional e internacional, o PSL trabalha para garantir a imediata participação olímpica em Pequim 2008.



## PURUCA

# Pônei marajoara

*A Associação Brasileira dos Criadores de Puruca foi fundada em 14 de outubro de 1986 por mais de 60 criadores, que se reuniram na sede de sua co-irmã, a ABCCR Marajoara, situada à Avenida Almirante Barroso, 5.386, com o propósito de preservar o material genético existente no Arquipélago de Marajó e que, segundo Cláudio Mendonça Dias, em seu artigo 'O Poney em Marajó', teria se originado de importação feita pelo pecuarista Pedro Leite Chermont, em meados da década de 1880.*

Foram importados nove animais, sendo três ternos, que vieram de Bois de Boulogne, na França, para a Fazenda Curuçá, em Marajó. Tratava-se de pôneis da raça Shetland, portadores de registro genealógico, que receberam a denominação que, carinhosamente os identifica: Puruca.

Ficando a Fazenda Curuçá em área de grande concentração de cavalos, os pôneis ali se proliferaram e influenciaram a criação de cavalo da região da hafia dos rios Anabiá e Anari. Valentes e prolíferos, sua aptidão para competir com o cavalo Marajoara, no seu habitat, vindos da Europa, como vieram, pode ser explicada pelos antecedentes desse pequeno solípede da Mongólia Central, utilizados pelos assírios por suas características de vigor e docilidade.

Em 1º de março de 1997, o presidente da Associação Brasileira dos Criadores de Puruca assinou a mensagem de apresentação do Estatuto e Regulamento da raça, do qual extraímos o seguinte trecho:

"O sonho que nos acompanha desde a infância se realizou. A Associação Brasileira dos Criadores de Puruca é, hoje, realidade. Com a dose exata de amor, obstinação e, sobretudo, lealdade aos legados que outrora um pioneiro da estatura de Pedro Leite Chermont brindou-nos importando os três ternos da raça Shetland da região francesa Bois de Boulogne, que deram origem ao nosso Pônei Marajoara, hoje legítimo".

Tais animais, ao invés de sofrerem absorção por cruzamento com o cavalo Marajoara, resistiram às diversas tentativas de eliminação, por ser bastante prolíferos e, então, formaram um fenótipo ímpar, que imediatamente atraiu a atenção das crianças e dos vaqueiros locais.

Ainda conforme afirmativa de Cláudio Dias, no artigo citado acima: "Na constituição do animal de sela, seus mestiços mostraram evi-

dente valor. Pessoalmente, cavalgamos um mestiço pônei, pela primeira vez, na Fazenda Monte Alegre, no município de Muana, ainda em 1929. Foi elogiado pela habilidade no serviço de aparação, que fez com perfeição. Só que o dogo foi injusto, porque a mim foi dirigido. O cavalo fez tudo, apesar da inexperiência do vaqueiro. Somente agora transfo o dogo com imperdoável atraso ao justo metecedor".

Nesse documento, a diretoria da Associação Brasileira dos Criadores de Puruca faz dupla homenagem: ao Puruca, hoje com identidade própria de uma nova raça, e a Cláudio Dias, que com a sua calma característica certamente estaria a dar largos de alegria por esse momento vitorioso cujos primeiros passos são de sua autoria.

### Padrão da raça

**Pelagem:** qualquer pelagem, exceto pampa e albina

**Altura:** macho – mínima 1,10 m; máxima 1,18 m; fêmea – mínima 1,00 m; máxima 1,16 m

**Forma:** porte pequeno, bem proporcional e de musculatura bem definida, principalmente a espádua

**Constituição:** forte

**Temperamento:** energético, vivo, ativo e dócil

**Andamentos:** trote

**Aptidão:** cavalo de serviço e passeio

**Cabeça:** harmônica em relação ao pescoço, tamanho moderado, larga, aparência seca e bem implantada

**Perfil:** convexilíneo com tendência ao retilíneo

**Olhos:** grandes, vivos e expressivos

**Orelhas:** de tamanho proporcional, pequenas a medianas e bem implantadas

**Lábios:** móveis finos, firmes e justapostos

**Pescoço:** mediano de comprimento, musculoso, bem inserido, piramidal e na base superior arredondada (tendendo a rodar)

**Crina:** abundante (farta) e larga

**Cernelha:** baixa (larga), bem implantada, com altura não superior à altura da garupa

**Peito:** profundo e largo

**Costela:** arqueadas, proporcionando boa amplitude torácica

**Tórax:** largo e profundo

**Dorso-lombo:** firme, curto, proporcional e bem sustentado

**Garupa:** longa, larga sem proeminência no sacro, boa cobertura muscular, harmoniosamente inserida na região lombar e suavemente inclinada, e de altura não superior à cernelha

**Anca:** suavemente inclinada

**Cauda:** de inserção baixa, bem inserida e dirigida, larga na base, com pêlos abundantes

**Órgãos genitais:** bem definidos e bem conformados

**Membros:** espáduas bem pronunciadas, fortes, musculosas e oblíquas. Braços pequenos, bem articulados e de boa cobertura muscular. Antebraços pequenos e musculosos. Coxas musculosas. Jarretes secos e lisos. Canelas secas, retas, descarnadas, com tendões fortes, boletos definidos e bem articulados. Quartelas pequenas e bem suportadas. Cascos pequenos, arredondados, sólidos, fortes, não encastelados e, de preferência, escuros

**Andamento:** trone em todas as suas modalidades, andamento de apoio bipedal diagonalizado

### ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRIADORES DE PURUCA



## QUARTO DE MILHA

# A primeira raça da América

*Ela surgiu nos Estados Unidos por volta de 1600. Os primeiros animais que a originaram foram trazidos da Arábia e da Turquia à América do Norte pelos exploradores e comerciantes espanhóis. Os garanhões eram cruzados com éguas que vieram da Inglaterra, em 1611. Os cruzamentos produziram cavalos compactos, com músculos fortes, podendo correr distâncias curtas mais rapidamente do que nenhuma outra raça.*

Com a lida no campo, no desbravamento do Oeste norte-americano, o cavalo foi se especializando no trabalho com o gado. Nos finais de semana, os colonizadores divertiam-se, promovendo corridas nas ruas das vilas e pelas estradas dos campos, perto das plantações, com distância de um quarto de milha (402 metros), originando o nome do cavalo.

Em 15 de março de 1940, foi fundada a American Quarter Horse Association (AQHA), em Colleege Station, no Texas. Em 1946, a AQHA transferiu-se para Amarillo, no mesmo Estado, onde se encontra até hoje, tornando-se a maior associação de criadores do mundo, com cerca de 340 mil sócios e mais de 4,2 milhões de cavalos registrados, divididos em 43 países, representando 52% dos eqüinos em todo o mundo (dados até o final de 2002).

**Quarto de Milha no Brasil** – Tudo começou em 1955, quando a Swift-King Ranch (SKR) importou seis animais dos Estados Unidos para o Brasil, vindos de sua matriz norte-americana, a famosa King Ranch, no Texas, a maior fazenda dos EUA.

A medida que vários pecuaristas, banqueiros e homens de negócio tiveram a oportunidade de conhecer os animais Quarto de Milha, pressionavam a SKR para lhes vender alguns exemplares. A companhia atendeu a poucos criadores, vendendo número reduzido de potros.

Em agosto de 1969, foi fundada a Associação Brasileira de Criadores de Cavalo Quarto de Milha (ABQM), no Parque da Água Branca, em São Paulo, onde se encontra atualmente.

Hoje, o plantel brasileiro é composto, segundo dados fornecidos pelo *stud-book* da ABQM, por 309.000 animais registrados, com 46,9 mil criadores e proprietários cadastrados, espalhados por todos os estados brasi-

leiros (dados de 2006).

**Qualidade da raça** – O Quarto de Milha tem extrema docilidade, conseguindo partidas rápidas, paradas bruscas, grande capacidade de mudar de direção e enorme habilidade de girar sobre si mesmo. É adaptável a qualquer situação, transformando-se em instrumento de força, transporte e difícil de ser derrotado em provas eqüestres, além de melhorador de plantel. Considerado o cavalo mais versátil do mundo, é usado nas modalidades de conformação, trabalho e corrida.

**Padrão racial** – Sua aparência denota força e tranquilidade. Quando não trabalhando, deve se conservar calmo, mantendo a própria força sob controle. Admite-se que a pelagem do QM possa ser alazã, alazã tostada, baía, baía amarelha ou palomina, castanha, rosilha, tordilha, lobuna, preta e zaina. Não serão admitidos, para registro, animais pampas, pintados e brancos, em todas as suas variações. O andamento é harmonioso, em reta, natural, baixo. O pé levantado livremente e recolocado de uma só vez no solo, constituindo-se no trote de campo. São cavalos robustos e muito musculosos, medindo, em média, 1,50 m de altura e pesando cerca de 500 kg. Possui cabeça pequena e leve, de ângulo de 45°. Faces cheias, grandes, muito musculosas, redondas e chatas, vistas de lado, discretamente convexas e abertas de dentro para fora, vistas de frente, o que proporciona ganachas bem mais largas que a garganta.

Dessa forma, a flexão da cabeça é muito acentuada, permitindo grande obediência às rédeas. Sua fronte é ampla e as orelhas pequenas, alertas, bem distanciadas entre si. Os olhos são grandes e, devido ao fato de a testa ser larga, bem afastados entre si, permitindo amplo campo visual, tanto para frente como para trás, ao mesmo tempo, com o mesmo olho. Suas nari-

nas são grandes e a boca pouco profunda, permitindo grande sensibilidade às embocaduras. Seu focinho é pequeno e o pescoço apresenta comprimento médio, devendo ser inscrito no tronco em ângulo de 45°, porém bem destacado do mesmo. Somente a junção entre o pescoço e a garganta deve ser gradual.

O bordo inferior do pescoço é comparativamente reto e deve se destacar nitidamente do tronco, assegurando flexibilidade; o bordo superior é reto quando o cavalo está com a cabeça na posição normal. A garganta é estreita, permitindo grande obediência às rédeas. Sua musculatura é bem pronunciada, tanto vista de lado como de cima. As fêmeas têm pescoço proporcionalmente mais longo, garganta mais estreita e desenvolvimento muscular menor. O Quarto de Milha, quando em trabalho, mantém a cabeça baixa, podendo, assim, usá-la melhor e permite ao cavaleiro perfeita visão sobre ela. O tronco da cernelha ao lombo deve ser curto e bem musculado; não 'selado', especialmente nos animais de lida. Isso permite mudanças rápidas de direção e grande resistência ao peso do cavaleiro e arreamentos. De perfil, é aceitável o declive gradual de 5° a 8° da garupa à base da cernelha. O vértice da cernelha e a junção do lombo com a garupa devem estar aproximadamente no mesmo nível. A cernelha é bem definida e o dorso bem musculado, ao lado das vértebras e, visto de perfil, com muita discreta inclinação de trás para frente. Tendo aparência semichata, o arreamento comum deve cobrir toda essa área. O lombo é curto, com musculatura acentuadamente forte. A garupa é longa, discretamente inclinada, para permitir ao animal manter os posteriores normalmente embaixo da massa (engajamento natural). O peito é profundo e amplo.

Visto de perfil, deve ultrapassar nitida-

mente a linha dos antebraços, estreitando-se, porém, no ponto superior da curvatura, de forma a diferenciar-se nitidamente do pescoço. Visto de frente, a interaxila tem forma de "V" invertido, devido à desenvolvida musculatura dos braços e antebraços. O tórax é amplo com costelas largas, próximas, inclinadas, elásticas. O cilhadoiro deve ser bem mais baixo que o codilho. Membros anteriores: a espádua deve ter ângulo de aproximadamente 45°, denotando equilíbrio e permitindo a absorção dos choques transmitidos pelos membros. Os braços são musculosos, interna e externamente. Nos antebraços, o prolongamento da musculatura interna dos braços proporciona ao bando inferior do peito, quando visto de frente, a forma de "V" invertido, dando ao cavalo a aparência atlética e saudável. Externamente, a musculatura do antebraço também é pronunciada. O comprimento do antebraço é um terço a um quarto maior que a canela. Os joelhos, vistos de

frente, são cheios, grandes e redondos; vistos de perfil, retos e sem desvios. As canelas são curtas. Vistas de lado, são chatas, seguindo prumo do joelho ao boleto; vistas de frente, igualmente sem desvios. As quartelas devem apresentar comprimento médio, limpas, em ângulo de 45°, idêntico ao da espádua, e continuam pelos cascos com a mesma inclinação. Os cascos, de tamanho médio, formato aproximadamente semicircular, com talões bem alastados, sem desvios.

Membros posteriores: coxas longas, largas, planas, poderosas, bem conformadas, fortemente musculadas, mais largas que a garupa. A recoberta por musculatura bem destacada, poderosa. As pernas muito musculosas. Essencialmente importante, é o desenvolvimento muscular homogêneo, tanto externo quanto internamente. Os jarretes são baixos. Por trás, são largos limpos, apurados; de perfil, largos, poderosos, estendendo-se em reta até os boleros. As canelas mais largas, discretamente

mais longas e mais grossas que as anteriores. De lado, são chatas. São convenientes canelas mais curtas, tornando o jarrete mais próximo do solo, permitindo voltas rápidas e paradas curtas. As quartelas devem ser discretamente mais fortes que as anteriores, porém com a mesma inclinação. Os cascos são menores que os anteriores, oblongos. A cauda é medianamente inserida, elegante com pêlos grossos. Obviamente, toda a estrutura, o arranjo, bem como o desenvolvimento ósseo e muscular do animal devem ser levados em consideração. Ainda assim, atenção especial deve ser dada ao trem posterior, uma vez que dele depende, basicamente, os atributos peculiares do Quarto de Milha: partida rápida, velocidade, paradas curtas e voltas rápidas.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA  
DE CRIADORES DE CAVALO  
QUARTO DE MILHA (ABQM)



## TROTADOR

# O corredor atrelado

*A raça American Trotter ou Trotador Americano tem sua origem nos Estados Unidos, sendo resultante do cruzamento de um cavalo PSI com éguas comuns há cerca de 200 anos. O esporte de corrida com cavalo atrelado é praticado ao redor do mundo, estando presente em quase todos os continentes.*

No Brasil, os primeiros registros de animais da raça remontam a 1940, com a criação do *stud-book* brasileiro, sendo que, a partir de 1944, as corridas passaram a ser realizadas no antigo Hipódromo de Vila Guilherme, na cidade de São Paulo. Até 2005, ano do fechamento do Prado de Trote, a Sociedade Paulista de Trote (SPT) era a única entidade regulamentada para a prática das corridas atreladas no Brasil. Desde o seu fechamento não existem mais corridas oficiais.

O controle e os registros dos animais da raça são responsabilidades da Associação Brasileira dos Criadores do Cavalo Trotador

(ABCCT), órgão regulamentado pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento para esse fim, sendo que detém os livros de registros já com mais de meio século de história.

A raça mantém em seus registros a condição de livro aberto, condição que confere a todos os produtos nascidos de um garanhão puro e oficialmente registrado o certificado de pedigree. Por ser de livro aberto, podem ser registrados os animais que detêm pelo menos meio-sangue da raça e, nesta condição, desfrutam de todas as possibilidades quanto à vida esportiva e, no caso das fêmeas, da reprodutiva.

Como padrão para a raça, são aceitos ani-

mais de diversas pelagens, no caso de animais mestiços, e nas pelagens básicas castanha e seus derivados e alazão. São animais fortes, musculosos, geralmente dóceis ao trato, com altura variando de 1,50 m a 1,60 m, e apresentam como andadura a movimentação de bipede lateral, no caso dos marchadores, e de bipede diagonal, no caso dos trotadores.

No Brasil, a raça encontra-se distribuída por diversos Estados, dentre eles São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Rio Grande do Sul, sendo que no Estado de São Paulo localiza-se o maior plantel.

A ABCCT disponibiliza aos seus sócios informações sobre a raça, serviços de registros, dúvidas quanto ao estudo de pedigree e outros serviços em geral. A ABCCT e a SPT, atualmente, trabalham em conjunto pela valorização da raça, dos animais e do esporte.

Em 2005, houve a compra de terreno para a futura construção do novo hipódromo, conquista esta que atenderá aos anseios de seus associados e aficionados do esporte atrelado. As obras encontram-se em sua fase inicial e é desejo de ambas as diretorias poder realizar as corridas novamente em futuro breve.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DOS CRIADORES DO CAVALO TROTADOR E SOCIEDADE PAULISTA DE TROTE





**TODAS AS RAÇAS  
TÊM ALGO EM  
COMUM:**

**KROMIUM**  
A MAIS MODERNA  
TECNOLOGIA EM  
SUPLEMENTAÇÃO  
MINERAL PARA  
EQÜÍDEOS



EXCLUSIVIDADE TORTUGA  
PARA PRODUTORES BRASILEIROS

- Aumento da resistência imunológica;
- Melhora do desempenho animal;
- Diminuição dos problemas ortopédicos;
- Melhora da fertilidade.



Ligue: 0800 011 62 62 | [www.tortuga.com.br](http://www.tortuga.com.br)